UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES - EACH
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM TURISMO

FLÁVIO DAIJI KISHIGAMI

**Políticas públicas: lazer e turismo como instrumento de inserção social
de travestis e transexuais em vulnerabilidade social.**

SÃO PAULO
2020

FLÁVIO DAIJI KISHIGAMI

Políticas públicas: lazer e turismo como instrumento de inserção social de
travestis e transexuais em vulnerabilidade social.

Versão corrigida

Dissertação apresentada à
Escola de Artes, Ciências e
Humanidades da Universidade
de São Paulo como parte dos
requisitos para obtenção do
título de Mestre em Ciências
pelo programa de pós-
graduação em Turismo.

Versão corrigida contendo as
alterações solicitadas pela
comissão julgadora em
08/11/2019. A versão original
encontra-se em acervo
reservado na Biblioteca da
EACH/USP e na Biblioteca
Digital de Teses e Dissertações
da USP (BDTD), de acordo
com a Resolução CoPGr 6018,
de 13 de outubro de 2011.

Área de Concentração:
Desenvolvimento do Turismo.

Orientador:
Prof. Dr. Edmur Antonio Stoppa

SÃO PAULO

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

CRB 8 - 4936

Kishigami, Flávio Daiji

Políticas públicas: lazer e turismo como instrumento de inserção social de travestis e transexuais em vulnerabilidade social / Flávio Daiji Kishigami ; orientador, Edmur Antonio Stoppa. – 2020.

229 f : il.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Turismo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo em 2019.

Versão corrigida

1. Lazer - Aspectos sociais - São Paulo (SP). 2. Políticas públicas. 3. Inclusão social. 4. Travestis. 5. Transexualidade. 6. Vulnerabilidade. I. Stoppa, Edmur Antonio, orient. II. Título.

CDD 22.ed. – 306.48120981611

Nome: KISHIGAMI, Flávio Daiji

Título: Políticas públicas: lazer e turismo como instrumento de inserção social de travestis e transexuais em vulnerabilidade social.

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo programa de pós-graduação em Turismo.

Área de concentração:
Desenvolvimento do Turismo.

Aprovado em: 08/11/ 2019.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Roselene Crepaldi
Universidade Anhembi Morumbi

Prof. Dr. Marcelo Vilela de Almeida
Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades

Prof. Dr. Ricardo Ricci Uvinha
Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades

Aos meus amados avós (in memoriam), Fumio e Yassuko
(que adotou o nome de Diná), camponeses imigrantes
que sonhavam em ver o neto na universidade.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente ao meu companheiro Victor pelo total apoio, carinho e amor durante todo esse processo de desenvolvimento da pesquisa, seu companheirismo e paciência tornaram esse trabalho possível.

Declaro meu amor a minha família por todo o suporte emocional que recebi.

Um agradecimento especial a uma amiga que o mestrado me proporcionou: Ana Rosa Proença. Uma pessoa para além da vida acadêmica, toda minha gratidão por seu apoio e ajuda nessa trajetória, assim como minha querida amiga, homemate e companheira de trabalho, Taís Matheus, que me ofereceu toda a sorte de assistência.

Obrigado amigos! Juliana, Thiago, Carlos, Kelma, Maíra, Rafael e Tadeu.

Reconheço o apoio financeiro dado pelo IFSP, através do afastamento remunerado para participação de programa de pós-graduação *stricto sensu* de duração de 24 meses, me permitindo manter o foco e dedicação

Agradecimentos ao técnico de biblioteca, Sidinei, um profissional que vai além das suas funções, sempre muito prestativo e solícito, mais um amigo que surge nesse caminho da vida acadêmica.

Ao orientador Stoppa, a professora Crepaldi e ao professor Uvinha, meu muito obrigado pelas orientações e indicações tão importantes que me auxiliaram no desenvolvimento deste trabalho final.

Agradeço imensamente a todos os funcionários da CAE Florescer, pela atenção, disponibilidade e carinho, assim como todas as meninas atendidas que me permitiram vivenciar e participar das atividades e ações realizadas pela instituição.

Para as meninas que me cederam as entrevistas só posso dizer: OBRIGADO, de coração! Desejo tudo de mais maravilhoso na vida de vocês, que todos os obstáculos sejam superados, vocês são um exemplo de mulheres guerreiras. Espero que esse trabalho possa de alguma forma contribuir para diminuir o abismo social que aflige as travestis e transexuais brasileiras e dê visibilidade para a luta travada cotidianamente por esse grupo social.

RESUMO

KISHIGAMI, Flávio Daiji. **Políticas públicas:** lazer e turismo como instrumento de inserção social de travestis e transexuais em vulnerabilidade social. 2020. 229 p. Dissertação (Mestre em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Versão corrigida.

Em São Paulo, durante a gestão do prefeito Fernando Haddad (2013-2016), foram criadas algumas políticas públicas voltadas para atender travestis e transexuais em situação de vulnerabilidade social. Essas mulheres travestis e transexuais possuem uma narrativa histórica construída de forma violenta e permeada pela exclusão que muitas vezes se inicia ainda na infância pela expulsão de casa pelos pais, não tendo acesso à educação formal, saúde e lazer. Como consequência, a prostituição de rua torna-se uma das poucas alternativas de sobrevivência. É muito comum dentro desse contexto de marginalidade, o consumo e o vício de drogas lícitas e ilícitas. Em 2016, surgiu o abrigo Centro de Acolhida Especial (CAE) Florescer, que, além do acolhimento, moradia e alimentação, se utiliza de atividades de lazer e turismo, sob uma perspectiva social e de uma ação educacional não-formal, tornando as práticas em uma ferramenta de inserção social, promovendo inúmeras intervenções e saídas que podem ocorrer também através de parcerias com outras políticas públicas, voluntariado ou até mesmo com a iniciativa privada. Atividades culturais, passeios por espaços de lazer e turismo na cidade, festas e eventos sediados no próprio ambiente do centro de acolhida são algumas das opções oferecidas para as mulheres abrigadas. Para compreendê-la, adotou-se uma metodologia qualitativa, de caráter exploratório, utilizando-se de pesquisa bibliográfica, documental e empírica, empregando como instrumentos de coleta o campo de observação, a entrevista semiestruturada e a entrevista centrada. Como proposta, este estudo identificou que e como as ações de lazer e turismo podem se tornar um dispositivo de inclusão social de um grupo tão marginalizado. Como resultado, constatou-se que essas vivências propiciam interações entre as atendidas com os espaços da cidade e com pessoas fora do universo da prostituição travesti. Essas interações causam estranhamento, podem gerar desconforto e conflitos, mas isso resulta em uma movimentação afetiva e experimentações e nesse processo, o efeito é a construção de uma autoestima e a sensação de pertencimento ao espaço da cidade e a sociedade, que é o princípio da consciência cidadã e que concebe uma perspectiva de um futuro, instigando a busca pelo estudo e emprego formal e a autonomia financeira.

Palavras-chave: Lazer. Turismo. Inserção social. Travesti. Transexual.

ABSTRACT

KISHIGAMI, Flávio Daiji. **Public policies:** leisure and tourism as an instrument of social insertion of transvestites and transsexuals in social vulnerability. 2020. 229 p. Dissertation (Master of Science) - School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2019. Corrected version.

In São Paulo, during the administration of Mayor Fernando Haddad (2013-2016), some public policies were created to address transvestites and transsexuals in socially vulnerable situations. These transvestite and transgender women have a historical narrative built violently and permeated by the exclusion that often begins in childhood by expulsion from home by their parents, not having access to formal education, health and leisure. Consequently, street prostitution becomes one of the few survival alternatives. It is very common, within this context of marginality, the consumption and addiction of licit and illicit drugs. In 2016, the Shelter Center of Special Reception (CAE) Florescer emerged, which, in addition to shelter, housing and food, uses leisure activities and tourism, from a social perspective and a non-formal educational action, making the practices in a social insertion tool, promoting numerous interventions and results that can also occur through partnerships with other public policies, volunteering or even with private initiative. Cultural activities, sightseeing and leisure in the city, parties and events hosted in the very atmosphere of the host center are some of the options offered to sheltered women. To understand it, an exploratory qualitative methodology was adopted, using bibliographic, documentary and empirical research, using as observation instruments the field of observation, the semi-structured interview and the focused interview. The proposal of this study identified which and how leisure and tourism actions can become a social inclusion device for such a marginalized group. As a result, it was found that these experiences provide interactions among those served with the city spaces and with people outside the universe of transvestite prostitution. These interactions cause strangeness, can lead to discomfort and conflict, but this results in affective movement and experimentation, and in this process, the effect is the construction of a self-esteem and the sense of belonging to the city space and society, which is the principle of citizen consciousness and that conceives a perspective of a future, instigating the search for study and formal employment and financial.

Keywords: Leisure. Tourism. Social insertion. Transvestite. Transsexual.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Análise por triangulação de métodos...	33
Figura 2. Infográfico da expressão sexual e afetiva humana...	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais

ATRAS – Associação de Travestis e Transformistas de Salvador

BAME – Black, Asian and Minority Ethnic

CAE – Centro de Acolhida Especial

CEDESP – Centro de Desenvolvimento Social e Produtivo para Adolescentes, Jovens e Adultos

CENTRO POP – Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua

CID – Classificação Internacional de Doenças

CJ – Centro para Juventude

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

CRATOD – Centro de referência de álcool, tabaco e outras drogas

CRD - Centro de Referência em Diversidade

CROPH – Coordenação Regional das Obras de Promoção Humana

CTA – Centro Temporário de Acolhimento

DEGRAN – Departamento da Polícia Civil da Grande São Paulo

EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo

ETEC – Escolas Técnicas Estaduais

GGB – Grupo Gay da Bahia

GLS – Gays, Lésbicas e simpatizantes

GTT – Grupo Técnico Temático

IFSP – Instituto Federal de São Paulo

LGBT – Lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros

LGBTI – Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais

LGBTIQ – Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, intersexuais e queers.

MTur – Ministério do Turismo

NAISPD – Núcleo de Apoio à Inclusão Social para Pessoas com Deficiência

OMS – Organização Mundial da Saúde

OMT – Organização Mundial do Turismo

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SESC – Serviço Social do Comércio

SMADS – Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social

SMDHC – Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania

TGEu – Transgender Europe

TT – Travestis e transexuais

UNAS – Associações dos Moradores de Heliópolis e Região

SUMÁRIO

1 Introdução.....	13
2 Procedimentos metodológicos	26
2.1. Forma de abordagem do estudo e Método	26
2.2 Amostra	29
2.3 Procedimentos técnicos	30
2.4 Análise dos dados	31
3 Grupo estudado: sexo biológico, corporalidade e sexualidade	36
3.1 Gênero e sexualidade além do binarismo	41
4 Desigualdades no acesso ao lazer e turismo no Brasil.....	54
4.1 Turismo e lazer mercantilizados.....	57
4.2 Lazer e turismo como prática social e de educação não-formal.....	62
5 Campo de observação: CAE Florescer	71
5.1 Dificuldade de campo: idealização da vulnerabilidade trans	75
5.2 Responsabilidade psicoemocional e Psicopatologias	82
5.3 Inserção do pesquisador: racismo amarelo na comunidade LGBTI	88
5.4 Atividades de lazer e turismo na CAE Florescer	94
5.4.1 Atividades de autopromoção	95
5.4.2 Atividades com baixa participação das conviventes.....	102
5.4.3 Atividades com participação expressiva das conviventes	111
6 Considerações Finais	120
Referências	131
APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	137
APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA CENTRADA	138
APÊNDICE C – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	139
APÊNDICE D – ENTREVISTAS REALIZADAS	140
ANEXO A – PLANO DE AÇÃO DA CAE FLORESCER	208
ANEXO B – AUTORIZAÇÃO PLATAFORMA BRASIL	225
ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	229

1 Introdução

O Grupo Gay da Bahia (GGB) não foi o primeiro grupo de luta LGBT que surgiu no país, mas é o mais antigo em funcionamento ininterrupto, possuindo uma importância histórica no Brasil e na América Latina. Nasceu em 29 de fevereiro de 1980 no apartamento de um dos seus fundadores, o professor Luiz Mott, atualmente aposentado como titular da Universidade Federal da Bahia (UFBA), no bairro da Federação em Salvador - BA, contando com a presença de 17 gays, e foi a primeira ONG brasileira a adotar a palavra *gay* como identidade. Mais tarde, por mais de um ano, o grupo começou a se reunir todos os domingos na sede do *Grupo Anarquista Inimigo do Rei*, espaço cedido por outros 3 fundadores anarquistas do GGB, e dessa relação o resultado foi uma influência na ideologia e na forma de atuação do grupo.

Segundo Mott (2018), durante os 39 anos de existência do grupo, foram cumpridos os quatro objetivos estatutários do GGB (2018, p. 213):

1. Defender os interesses da comunidade homossexual (LGBT) da Bahia e do Brasil, denunciando todas as expressões de homofobia, lutando contra qualquer forma de preconceito e discriminação contra as minorias sexuais;
2. Divulgar informações corretas sobre a homossexualidade e transexualidade, desconstruindo o complô do silêncio contra o “amor que não ousa dizer o nome”, propondo um discurso alternativo científica e politicamente correto, lutando contra comportamentos, atitudes e práticas que inviabilizam o exercício da cidadania plena da população LGBT.
3. Trabalhar na prevenção do HIV/Aids e apoio aos soropositivos junto à nossa comunidade e outros grupos vulneráveis à epidemia;
4. Conscientizar o maior número de LGBT da necessidade urgente de lutar por nossos plenos direitos de cidadania, fazendo cumprir a Constituição Federal que garante tratamento igualitário a todos os brasileiros. Por defender tais bandeiras, o GGB é carinhosamente chamado em Salvador de “Sindicato dos Gays”.

A palavra *gay* era utilizada nos anos 80 como um conceito guarda-chuva o que, segundo o professor Luiz Mott (2018), corresponderia a sigla LGBT de hoje. Durante esse período, lésbicas, transformistas e travestis se auto denominavam gays, como por exemplo as cantoras Marina Silva (mulher cis) e Rogéria (travesti). Isso, na prática, significava que as pautas e lutas

encabeçadas pelo grupo foram além das questões reivindicadas pelos homossexuais masculinos, apesar da nomenclatura, e no ano de 1993 o GGB fundou o *Grupo Lésbico da Bahia*, que se tornou o grupo mais duradouro na história brasileira da luta lésbica.

Ao lado da comunidade trans, o GGB colaborou intensivamente na libertação das travestis presas injustamente e no acesso ao atendimento médico e aos exames de DST das travestis que viviam nos cortiços no velho Pelourinho. Com o desenvolvimento dessa relação, em 1995, o GGB fundou a Associação de Travestis e Transformistas de Salvador (ATRAS). Também em conjunto com a comunidade trans, introduziu no Brasil o uso do feminino para se referir a esse grupo social, e de acordo com o professor Luiz Mott, essa ação foi inspirada e influenciada pelas atuações das trans argentinas. A Editora GGB publicou uma obra pioneira, a “*Transexualidade, o corpo em mutação*” (COUTO, 1999), que continha informações relevantes sobre o tema, além do levantamento dos serviços públicos de transgenitalização em território nacional, algo até então inédito.

A importância do GGB para a história do movimento LGBT no Brasil também percorreu por diversas intersecções, já que fundou inúmeras ONGs com significativa importância para produção de material de divulgação e matéria jornalística: Quimbanda Dudu (grupo homossexual afro-brasileiro), Associação de Pais e Mães Homossexuais, Secretariado Latino-americano de Grupos Homossexuais, Centro de Estudo da Homossexualidade, Associação Cristã Homossexual do Brasil, Grupo Ateísta Latino-americano, Associação Postal/Filatélica Gay do Brasil, Associação de Profissionais do Sexo da Bahia, além de fundar o Fórum Baiano de ONGs/Aids em 1999 e o Fórum Baiano de ONGs Homossexuais em 2004, ambos em funcionamento até o presente, além de participar ativamente da fundação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos de Curitiba em 1995.

Em 1982, foi produzido o primeiro Boletim do GGB, e já nessa primeira edição foi divulgada a “*Pesquisa sobre Homossexuais assassinados no Brasil*”, revelando desde então essa faceta da violência anti-homossexual do Brasil – e que é atualizada anualmente. Mais recentemente, ampliou-se o banco de dados adicionando também informações sobre suicídio da comunidade LGBT e

heterossexuais confundidos com homossexuais ou que morreram defendendo vítimas da LGBTfobia.

Esse levantamento do número de assassinatos da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, e mais atualmente de heterossexuais vítimas de homofobia, realizado há 37 anos pelo GGB, tornou-se a referência mais importante na luta contra a LGBTfobia no Brasil, pois explicita sua faceta mais dolorosa. Constatou-se que o ano de 2016 foi o período em que ocorreu o maior número de homicídios: foram 347 óbitos no total, colocando o Brasil como o país campeão no número de mortes de LGBTI's do mundo. O estado de São Paulo liderou a lista, registrando 49 assassinatos em 2016. No entanto, o próprio GGB ressalta que os números são subnotificados, já que faltam estatísticas oficiais.

A ONG internacional *Transgender Europe* (TGEu) também aponta para a mesma direção. Seu relatório afirma que o Brasil é o país onde mais se mata travestis e transexuais no mundo. Em seis anos – entre janeiro de 2008 e abril de 2013 – foram 486 mortes, quatro vezes mais que o México, o segundo colocado entre os países com mais casos registrados.

Essa ONG afirma, também, que esses dados são subnotificados pela dificuldade de contabilizar os crimes, além dos registros como os boletins de ocorrência, por exemplo, que identificam a vítima como “homem com roupas de mulher”. Esse monitoramento da TGEu, ainda, não contabiliza casos como o assassinato do vendedor Luiz Carlos Ruas de 54 anos, na estação de metrô Parque Dom Pedro II em São Paulo, na noite de 25 de dezembro de 2016, após defender uma travesti que estava sendo agredida.

Segundo a TGEu, uma das explicações para esses altos índices de violência no Brasil é o obstáculo de encontrar um emprego formal no mercado de trabalho, produzindo uma realidade onde a população de travestis e transexuais (TT) tem como única opção de renda a prostituição de rua. Outros dados de diferentes instituições confirmam essa situação, como a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), que realizou uma estimativa com base nos dados colhidos nas diversas regionais da organização, indicando que 90% das pessoas atendidas acabam por recorrer a esse trabalho em pelo menos um período da vida.

A resposta para essas questões durante a gestão do então prefeito Fernando Haddad (2013-2016) foi a criação de três políticas públicas voltadas para atender a população TT. Duas delas surgem sob a tutela da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC) por meio da Coordenação de políticas LGBTI:

1 – O Transcidadania (2014), que tem como objetivo promover a cidadania oferecendo condições para trajetórias de recuperação de oportunidades de vida para travestis e transexuais que estão em situação de vulnerabilidade social através de transferência de renda condicionadas à realização de atividades pertencentes à conclusão da escolaridade básica. Fernando Haddad, sobre o Transcidadania no prefácio do Transcidadania – Práticas e Trajetórias de um Programa Transformador, de 2017, da autoria de Concilio, Amaral e Silveira (Org.):

Destinado a olhar para pessoas que foram excluídas de casa, da escola, do mercado de trabalho, muitas excluídas de tudo isso simultaneamente, o Programa nos ensinou que, quando se abre uma oportunidade para as pessoas concluírem sua educação formal, retomarem o seu lugar na sociedade, nos espaços públicos, elevando a consciência cidadã, as pessoas agarram essa oportunidade. Tal iniciativa nos ensinou que é possível mudar a vida das pessoas com um investimento tão pequeno, comparado com a dimensão da cidade de São Paulo, frente ao preço, humano e financeiro, que é o descaso de deixá-las à própria sorte.

2 – Os Centros de Cidadania LGBTI, que prestam atendimento gratuito e especializado à população LGBTI e possuem como meta desenvolver ações permanentes de combate à homofobia e respeito à diversidade sexual e atuam a partir de dois eixos:

- a) Defesa dos Direitos Humanos: com atendimento a vítimas de violência, preconceito e discriminação junto a uma prestação de apoio jurídico, psicológico e de serviço social, além de acompanhamento para realização de boletins de ocorrência;

- b) Promoção da Cidadania LGBTI: suporte e apoio aos serviços públicos municipais através da mediação de conflitos, além de palestras e sensibilização dos servidores públicos. Há também a realização de eventos nas sedes fixas e móveis que vão desde debates e palestras até festas e shows com *drag queens*.

A sede da Região Central (Arouche) foi inaugurada em 2015 e as sedes da Zona Sul (Santo Amaro), Zona Leste (São Miguel Paulista) e Zona Norte (Parada Inglesa), em 2016. Além das sedes fixas, existem quatro Unidades Móveis de Cidadania LGBTI que percorrem a cidade de São Paulo levando os serviços para outras áreas na tentativa de tornar essa política pública mais acessível.

3 – Em março de 2016, a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS), por meio da Rede Socioassistencial¹, cria a terceira política pública ao abrir o Centro de Acolhida Especial (CAE) Florescer para atender a população TT em situação de rua. O Centro de Acolhida possui 30 leitos e proporciona três refeições diárias, mas também oferece encaminhamentos para conferência de documentos pessoais, acesso à saúde e atividades de lazer e cultura tendo em vista a reinserção social.

A CAE Florescer, assim como os Centros de Cidadania LGBTI, realizam em seus espaços as atividades de lazer e cultura com o objetivo de desenvolvimento pessoal e social das pessoas LGBTI's socialmente excluídas e vulneráveis, em especial a população TT, a partir da construção de uma consciência cidadã. Além disso, a proposta da CAE Florescer é ser mediadora dos acessos aos espaços de lazer e turismo da cidade de São Paulo por parte das mulheres travestis e transexuais, realizando excursões a casas de shows, ao Hopi Hari e ao Teatro Oficina, por exemplo.

¹ Política social constituída por um conjunto de serviços, programas, projetos e benefícios que compõem o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e são prestados diretamente ao cidadão ou por meio de convênios com organizações sem fins lucrativos. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/rede_socioassistencial/index.php?p=3200> Acesso em: julho/2018.

Em setembro de 2017, houve a contratação de uma nova psicóloga para trabalhar diretamente com as TT's abrigadas na CAE Florescer, intensificando ainda mais o trabalho de acesso dessas mulheres aos espaços públicos de lazer e turismo, diversificando as opções ao incluir a Pinacoteca, o teatro municipal, os cinemas, outras opções de peças de teatro, além dos Centros Culturais.

Essas três políticas públicas não pertencem às mesmas Secretarias – enquanto o CAE Florescer responde à SMADS, a SMDHC é responsável pelo Transcidadania e os Centros de Cidadania LGBTI –, no entanto, há uma comunicação e uma articulação entre essas ações. Uma mulher travesti ou transexual pode ser atendida pelos três programas ao mesmo tempo: por exemplo, uma travesti ou uma transexual que chega ao Centro de Acolhimento Especial Florescer pode ser encaminhada para a Transcidadania e logo mais ser atendida pelo Centro de Cidadania LGBTI móvel que se desloca até a porta do abrigo.

Ao falar de resgate social desse grupo vulnerabilizado, não é possível pensar nessas atividades e ações de forma isolada e, sim, de uma atuação coordenada. O lazer, o acesso aos espaços turísticos e a educação formal são instrumentos que estão intrinsecamente conectados na formação de uma identidade cidadã, estimulando um pensamento crítico e resultando na ocupação dos espaços públicos por esse grupo que, por quase nenhuma opção de trabalho, acaba por ocupar apenas as esquinas da prostituição, conforme indicou os dados da ANTRA.

De acordo com Stoppa (2005), o lazer possui em si um duplo aspecto educativo, visto que a educação pelo e para o lazer deve ser entendida como uma forma de desenvolvimento de ações que procurem incorporar o desenvolvimento pessoal e social, além do descanso e divertimento, já que a participação cultural pode resultar em reivindicação social e, por consequência, o exercício da cidadania.

As ações da CAE Florescer voltadas para o acesso ao lazer e aos espaços turísticos de São Paulo, assim como os eventos culturais promovidos pelos Centros de Cidadania LGBTI's, coordenados ou não com o Transcidadania, podem ser identificadas como uma prática do turismo sob uma perspectiva cidadã, concepção discorrida por Gastal e Moesch (2007) que

considera o turismo como uma atividade que envolve processos de estranhamento, isto é, ao realizar a prática turística a pessoa se confronta com o inédito, com a novidade e acaba por experienciar processos de mobilização subjetiva o que resulta em um novo olhar, um novo pensamento e uma ressignificação sob várias perspectivas: do ambiente, da vivência naquele momento e também de experiências passadas.

Por vulnerabilidade se compreende neste presente estudo o conceito de Kaztman (1999), que se baseia na concepção de vulnerabilidades como resultado de duas variáveis, sendo a primeira a estrutura de oportunidades e a segunda, a capacidade dos lugares.

A estrutura de oportunidades é o arranjo entre o mercado, a sociedade e o Estado: o mercado representa a estrutura ocupacional e os empregos, enquanto a sociedade simboliza o “capital social”, ou seja, as relações interpessoais que constituem o apoio mútuo produzidas nas organizações familiares, religiosas e étnicas, por exemplo. Já o Estado compreende as políticas de bem-estar e a estruturas de representação de demandas e interesses, como é o caso dos conselhos comunitários.

A definição de capacidade de lugares, segundo Kaztman (1999), é a ideia dos territórios como espaços de sobrevivência, onde se observa o acesso às condições de moradia, sanitárias, transportes e serviços públicos, o que implica de forma direta na diferenciação social às informações e oportunidades. Ainda segundo o autor, a situação de vulnerabilidade de um determinado grupo também sofre influência de um contexto histórico.

O contato com a população TT em situação de vulnerabilidade por parte do pesquisador surge em 2016 quando este se voluntaria para ministrar o curso de Informática Básica para a população de travestis e transexuais no Centro de Cidadania LGBTI Laura Vermont, localizado no bairro de São Miguel Paulista. Anteriormente, em março do mesmo ano, o pesquisador realizou um trabalho sobre machismo e LGBTfobia no Colégio São Luís que contou com a presença da arquiteta Magô Tonhon, mulher trans, convidada para realizar uma palestra sobre transfobia com os alunos do período noturno.

Em 25 de maio de 2017, o pesquisador organizou o evento “Combate a LGBTfobia” no Centro de Referência de Formação Profissional e Tecnológica São Miguel Paulista do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), convidando a

travesti Amanda Marfree, que fez parte da primeira turma atendida pelo programa Transcidadania, para palestrar.

Por atuar como professor voluntário do Cursinho Popular das Escolas técnicas estaduais (ETEC) Heliópolis por anos, surgiu uma convivência e trocas sobre a questão das pessoas trans periféricas com a travesti Gerô Barbosa, moradora do bairro educador (Heliópolis) e uma das lideranças da frente de desenvolvimento LGBT da União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região (UNAS) e também coordenadora do Centro LGBTI Zona Sul, localizado no bairro de Santo Amaro.

No entanto, a principal motivação para produzir este estudo surge durante uma pesquisa para a disciplina TUR5010-1/4: Investigação em Turismo (segundo semestre de 2017), juntamente com a mestranda Ana Rosa Proença e o Prof. Dr. Ricardo Ricci Uvinha, que tinha como meta o envio do resumo para submissão do Congresso Mundial de Lazer 2018 e também para a elaboração de um artigo original completo para a revista “*Gender, Work & Organization*” editado por Deborah Kerfoot, Ida Sabelis and Alison Pullen.

Um dos trabalhos de campo para a realização destas atividades foi em um evento no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), unidade Santana, que discutia o acesso das travestis e transexuais nos espaços de educação. Lá estavam presentes a gestão da CAE Florescer, mulheres travestis abrigadas e a articuladora social Aline Marques do Centro de Cidadania LGBTI Luana Barbosa dos Reis, no bairro da Parada Inglesa, que também foi uma das atendidas do programa Transcidadania. O contato com esse grupo permitiu uma aproximação com o trabalho ainda em formação da CAE Florescer, que desde seu início utiliza a prática do lazer e do turismo como resgate do público TT em situação de vulnerabilidade social.

Segundo Cheibub (2015), é necessário compreender política pública como um conjunto de ações executadas e/ou propostas pelo Estado com a finalidade de mobilizar as escalas federais, estaduais e municipais, objetivando a garantia dos direitos sociais a todos os cidadãos, pois o Estado é o principal responsável na investida de diminuição das desigualdades sociais, proporcionando condições mínimas de sobrevivência aos seus cidadãos.

Assim, o presente estudo tem como problema entender como é o desenvolvimento de políticas públicas para a população TT da cidade de São

Paulo, em especial as relacionadas ao lazer e turismo, enquanto movimento que possa permitir a reinserção social das pessoas atendidas no programa.

É inserido nesse contexto que este estudo tem como objetivo geral investigar de que forma a prática do lazer e do turismo da CAE Florescer e suas relações com as demais políticas sociais, pode ser um instrumento de inserção social das travestis e transexuais atendidas/abrigadas. Enquanto objetivos específicos:

- a) identificar quais as ações de lazer e turismo foram desenvolvidas como um instrumento de resgate e inserção social das TT's vulnerabilizadas.
- b) analisar quais são os elementos pedagógicos e sociais pensados e desenvolvidos dentro das diferentes ações de lazer e turismo elaboradas pela CAE Florescer.
- c) subsidiar a discussão do lazer e o turismo, enquanto inserção social, sob a perspectiva do grupo atendido, discutindo os possíveis avanços e limites das ações desenvolvidas.

O não acesso à educação formal é sempre uma constante nas falas das travestis e transexuais atendidas pelas políticas públicas municipais e isso ocorre por inúmeras razões, mas com destaque para a transfobia no espaço escolar, e as atividades de lazer e acesso aos espaços de turismo promovidas pela CAE Florescer tornam-se uma ferramenta de uma educação não formal que pode em algum grau resgatar essas vivências e promover conhecimentos que foram negados a esse grupo social.

A importância dessa pesquisa também reside na urgência do registro das práticas dessas políticas públicas tão específicas que se utilizam do lazer e do acesso aos espaços turísticos como forma de resgate da vulnerabilidade e que ainda estão sendo elaboradas, já que a CAE Florescer que se utiliza dessas atividades nasce apenas em 2016. O Brasil se encontra em um momento de grandes mudanças políticas, econômicas e sociais que não contemplam grupos subalternizados, e como consequência há um grande risco do sucateamento ou até mesmo do encerramento desses projetos.

Este presente estudo está inserido na linha de pesquisa de Conhecimento e Tendências², que tem como objetivo a contribuição de reflexões sobre o desenvolvimento do turismo, partindo da produção de conhecimentos que tenham relação com a realidade turística, e contribuirá para a academia gerando um aporte teórico para pesquisadores que têm interesse em acessar trabalhos sobre lazer e turismo abordados sob uma perspectiva social, como instrumento de uma educação não formal, para resgate da vulnerabilidade social da população de travestis e transexuais atendidas pelos programas sociais do município de São Paulo, em especial, o inovador trabalho da CAE Florescer.

Sob a perspectiva social a contribuição deste estudo encontra-se na afirmação de Stoppa (2005, p. 27):

“[...] o desenvolvimento de políticas públicas na área do lazer é fundamental como forma de estimular a criticidade e a criatividade, de tal maneira que as pessoas possam superar as diversas barreiras encontradas no cotidiano, que limitam a efetiva participação não só nas vivências de lazer, mas na sociedade de uma forma geral.”

Ao observar a realização da prática do lazer e do turismo por parte das TT's, promovida pelas políticas públicas fomentadas pela Prefeitura de São Paulo, compreende-se que o fazer turismo é também um fenômeno social, e contribuirá para a área do Turismo mostrando que as atividades turísticas também podem ser uma possibilidade de práticas educacionais e socioculturais com a meta de desenvolver socialmente um indivíduo ou um grupo em situação vulnerável. Nessa direção, pode colaborar na formação de profissionais da área de turismo, lazer, educação, psicologia e assistência social que atuam em áreas e com grupos sociais vulneráveis.

Por se tratar de um grupo com características e necessidades sociais particulares, é indispensável o subsídio ou financiamento para a sobrevivência das políticas públicas que promovem a prática do lazer e do turismo. Dissertar sobre essas políticas públicas, especialmente sobre a CAE Florescer, é discorrer sobre as ações de lazer e turismo sob uma perspectiva social.

² Disponível em: <<http://www5.each.usp.br/linha-de-pesquisa/>>. Acesso em: julho/2018.

Conveniente ressaltar que esta investigação científica permitiu uma visão do turismo e lazer sob uma concepção social, do ponto de vista das travestis e transexuais que são ou que foram atendidas pela CAE Florescer. As entrevistas com as profissionais e ex-atendidas da casa de acolhida e as observações de campo das atividades promovidas resultaram na constatação de que a prática do lazer e o acesso aos espaços turísticos proporcionam novas possibilidades de vivência, como se novas oportunidades surgissem para uma nova existência, fora do contexto da vulnerabilidade social.

É necessário pontuar algumas questões importantes: a denominação empregada para se referir às mulheres travestis e transexuais que utilizam ou utilizaram os serviços da CAE Florescer pode variar de “atendidas”, a “conviventes” e “TT’s”, termos que apareceram bastante durante a pesquisa. Internamente o grupo também faz uso de “meninas”, mas por ser uma expressão bastante abrangente, não foi empregada nesse estudo. Outra consideração importante é sobre a identificação das participantes da pesquisa, que não serão identificadas por nome, apenas pela profissão ou ocupação, incluindo as trabalhadoras da casa de acolhida. Optou-se também por utilizar o feminino neste trabalho em consideração às mulheres travestis e transexuais, mas também como uma forma de romper, mesmo que em uma escala micro, com a imposição do uso do gênero masculino na escrita das pesquisas científicas.

Outra decisão importante é a de transcrever fielmente as falas das ex-conviventes quando utilizadas na dissertação, essa decisão é resultado de uma reflexão do quanto essas mulheres travestis e transexuais foram silenciadas, não ouvidas e corrigir ou amenizar os discursos produzidos por elas, seria a continuidade, a reprodução dessa invisibilidade social.

As observações de campo ocorreram entre 5 de dezembro de 2018 até 16 de março de 2019 e resultam em 25 atividades examinadas, além de dedicar atenção na dinâmica das pessoas envolvidas, antes e depois das ações desenvolvidas pela e com a CAE Florescer.

Esta presente dissertação está dividida em quatro partes que pretendem se aprofundar nas reflexões levantadas na introdução. O segundo capítulo aborda os procedimentos e instrumentos metodológicos adotados; o terceiro capítulo versa sobre o grupo social tratado neste estudo, através de conceitos

e dados produzidos por especialistas na área de estudos de gênero, sexualidade e antropologia, além da própria visão das travestis e transexuais atendidas pelas políticas públicas – utilizando as entrevistas realizadas – já que não é um tema recorrente nos estudos de turismo.

O quarto capítulo discute sobre as desigualdades no acesso ao lazer e turismo no Brasil, sob recortes de gênero, raça e classe social, abordando dados levantados por estudos na área. Em outras sessões do capítulo são debatidas de forma crítica as concepções que o lazer e turismo podem se apresentar: sob a tutela do mercado, que é seletivo e excludente, e sob a perspectiva de uma prática social e de um espaço da educação não-formal. Todas essas análises estão permeadas pelos pontos de vista e vivência das travestis e transexuais que foram atendidas pela CAE Florescer e experienciaram ambas as formas como as práticas de lazer e turismo se manifestam.

O quinto capítulo refere-se as observações feitas em campo, apresentando de forma minuciosa a CAE Florescer, suas propostas e suas práticas. Nas três primeiras sessões do capítulo, são discutidas as dificuldades e inconvenientes encontradas durante o desenvolvimento do campo de observação e, também, de algumas tentativas frustradas de realização de entrevista.

As quatro últimas sessões do capítulo 5 analisam as atividades de lazer e turismo observadas durante o campo, descrevendo-as e classificando-as de acordo com a natureza da ação. Relata as atividades promovidas pela CAE Florescer ou em parceria com outras instituições e revelam o quanto o planejamento, a intencionalidade e a preocupação pedagógica dessas ações são tão importantes quanto a sua execução. Vivenciar e experienciar um lazer e um turismo transformador, como um exercício de cidadania perpassa por uma preocupação por parte dos agentes fomentadores desse trabalho, não se trata de algo espontâneo.

Nas considerações finais, serão expostas as discussões e reflexões sobre os possíveis cenários do lazer e do turismo enquanto inserção social, sob a perspectiva das mulheres travestis e transexuais atendidas pela política pública, apresentando seus possíveis avanços e limites. Ao concluir esta pesquisa, observando e acompanhando essas práticas com as atendidas da

CAE Florescer e entrevistando funcionárias e ex-conviventes que hoje superaram uma situação de extrema vulnerabilidade social, é possível afirmar que o acesso e ocupação dos espaços de lazer e turismo das áreas urbanas está diretamente relacionada a sua condição social e a prática da cidadania, pois se apropriar desses espaços é a possibilidade de conquistar capital cultural e social, algo historicamente negado a uma grande parcela da sociedade brasileira, incluindo as mulheres travestis e transexuais estudadas nessa pesquisa.

Ainda neste mesmo capítulo, serão apresentadas as limitações desse estudo, pois quanto maior o tempo dedicado à observação do campo e as entrevistas, muitas questões eram respondidas enquanto outras surgiam, comprovando que ainda há muito o que se pesquisar.

2 Procedimentos Metodológicos

Este capítulo delinea os procedimentos metodológicos utilizados para atingir as finalidades desta pesquisa, salientando que a metodologia não tem um fim em si mesma, é apenas um meio que possibilita alcançar um objetivo intelectual específico (JUPIASSU, 1985).

2.1 Forma de abordagem do estudo e Método

Enquanto metodologia, este presente estudo foi elaborado por intermédio da combinação de pesquisa bibliográfica, documental e empírica, introduzindo o presente pesquisador no grupo investigado.

O trabalho de campo teve como objetivo observar a prática do lazer e do turismo promovidas pela CAE Florescer direcionada para as travestis e transexuais abrigadas e em situação de vulnerabilidade social. A relevância da pesquisa consiste em abordar esse grupo social como sujeitos de conhecimento e não apenas como geradores de dados.

Segundo Alves (2011), pesquisar é uma atividade abrangente e complexa, que ultrapassa a simples observação e a realização de cálculos, pois é necessário ser capaz de problematizar uma realidade e identificar fatores que influenciam na sua existência. Para ele,

Em se tratando de conhecimento do turismo, significa trabalhar com atores e sujeitos sociais inseridos no processo de produção e não apenas no produto transmitido sob forma de narração para aquele que apre(e)nde; este deve ser visto como aquele que, em suas relações sociais, é capaz de construir novos conhecimentos. É trabalhar com os sujeitos inseridos nas diversas esferas do social de forma que eles entendam, vivenciem e participem do processo de conhecimento. (ALVES, 2011, p. 611)

Para instrumentalização da pesquisa, foram adotadas as seguintes técnicas:

i) Pesquisa bibliográfica: levantamento de estudos relativos ao lazer e ao turismo no Brasil e obras relacionadas a corporalidade e a sexualidade. Pesquisas que se debruçaram na análise e entendimento do turismo e lazer sob uma perspectiva social, educativa e cultural e com um viés crítico.

Segundo Gil (1991), a vantagem da pesquisa bibliográfica é permitir um maior alcance do fenômeno estudado, principalmente se o problema da pesquisa possui dados geograficamente dispersos. “Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários” (GIL, 1991, pág. 50).

ii) Pesquisa documental: tratamento analítico dos documentos relativos à CAE Florescer que possuem relação direta com as ações de lazer e turismo voltadas para as travestis e transexuais abrigadas em situação de vulnerabilidade, elaboradas de acordo com o objetivo da pesquisa (GIL, 1991).

iii) para a pesquisa empírica:

a) Campo de observação (THIOLLENT, 1987): a delimitação de observação empírica está diretamente relacionada com o quadro de atuação da CAE Florescer e abrange uma comunidade geograficamente concentrada na instituição.

A construção da amostra de observação da população de travestis e transexuais em condições sociais vulneráveis se deu por meio da valorização de critérios da representatividade qualitativa (Thiollent, 1987), ou seja, se deu por processos quantitativos, uma amostragem controlada, as travestis e transexuais atendidas pela CAE Florescer e que participaram das atividades propostas e por critérios qualitativos, interpretativamente controlados, as travestis e transexuais em situação de vulnerabilidade social e que foram acolhidas por esta política pública específica.

b) Entrevista semiestruturada (ROSA E ARNOLDI, 2006): dialogou com as profissionais que estão diretamente ligadas ao desenvolvimento e a prática das ações de lazer e turismo social atreladas às políticas públicas direcionadas às TT's vulneráveis, em específico o gerente de serviços, a assistente social e a psicóloga da CAE Florescer.

Segundo Rosa e Arnoldi (2006), a entrevista semiestruturada deve necessariamente ter questões formuladas de maneira que possibilite o entrevistado discorrer e verbalizar seus pensamentos, tendências e reflexões sobre o assunto abordado. Por ter profundidade e subjetividade, a entrevista semiestruturada direciona o entrevistador

e o entrevistado a um relacionamento recíproco e de confiabilidade. Exige um roteiro de tópicos referentes ao tema inquirido, seguindo uma elaboração flexível, sendo que a sequência e os detalhes se desenvolvem de acordo com os discursos do entrevistado e da dinâmica que deve ocorrer de forma espontânea.

- c) Entrevista centrada (THIOLLENT, 1987): investigou as experiências e vivências das mulheres travestis ou transexuais que foram envolvidas nas práticas de lazer e turismo promovidas pela CAE Florescer – mas que também podem ou não ter acessado outra ou outras políticas públicas voltadas para o público LGBT – e que encontra-se economicamente autônoma e não dependam mais da moradia na casa de acolhida especial.

Segundo Thiollent (1987), na coleta de dados através de questionários e entrevistas, é colocada a questão do papel atribuído aos elementos explicativos para alcançar as informações necessárias. Deve-se considerar esses elementos como orientadores das respostas para que estas não sejam conclusivas e permitam à entrevistada uma reflexão pessoal ou coletiva das situações vivenciadas e observadas. Essas pessoas foram escolhidas em função de sua representatividade social dentro da situação estudada. Foram realizadas oito entrevistas com ex-conviventes da casa de acolhida, que antes viviam em situação de vulnerabilidade social e que hoje se encontram em uma autonomia total ou parcial – parcial porque, muitas vezes, essas mulheres travestis/transexuais ainda dependem de atendimento de outras políticas públicas, como uma república social que acolhe pessoas que já estão com emprego ou que têm condições de pagar uma taxa mínima pra permanência até se estruturar e poder pagar um aluguel. Das oito entrevistadas, uma trabalha como agente administrativa na área de saúde, duas trabalham como agente de saúde, uma realiza trabalhos na área de artes (teatro, performances, curta metragem e clipes), outra é auxiliar de limpeza em uma clínica de recuperação de dependentes de álcool e drogas, uma é líder de equipe numa loja de sorvetes importados,

uma trabalhou como auxiliar administrativo de RH (recém demitida) e uma faz parte de um coletivo de artes, mas ainda realiza alguns trabalhos de prostituição para complementação de renda. O número de mulheres travestis e transexuais entrevistadas para esta presente pesquisa foi limitada às dificuldades encontradas para localizá-las, já que muitas das ex-atendidas pela CAE Florescer retornam às suas cidades de origem, além de outras questões que serão apresentadas posteriormente.

2.2 Amostra

A amostra possui duas características:

- i) não-probabilística: amostragem em que há uma escolha deliberada dos elementos da amostra e que depende dos critérios e julgamento do pesquisador (OLIVEIRA, 2001).
- ii) Intencional: dentro de uma determinada população, um subgrupo é selecionado. Em relação às entrevistas semiestruturadas, foram escolhidos os profissionais que estão diretamente ligados ao planejamento e execução das práticas de lazer e turismo da CAE Florescer; já em relação às entrevistas centradas, mulheres travestis ou transexuais que outrora estiveram em situação de vulnerabilidade e hoje se encontram inseridas no mercado formal de trabalho, com autonomia financeira e usufruíram das atividades de lazer e dos espaços turísticos viabilizadas através das ações da casa de acolhida.

É importante ressaltar que a comunidade está aberta para o pesquisador, tanto às mulheres travestis e transexuais atendidas, quanto às trabalhadoras das políticas públicas que abarcam o lazer e o turismo social. Para Rosa e Arnoldi (2006)

[...] **a confiabilidade** (grifo das autoras) é um aspecto relevante da Entrevista, sendo responsável, em grande parte, pela validação dos dados coletados. O maior enfoque, nesse âmbito, deverá centrar-se na cordialidade que conduzirá a uma inter-relação de confiança. Ocorrendo o contrário, a Entrevista

estará, consequentemente, fadada ao insucesso. (ROSA E ARNOLDI, 2006, p.22)

Considerando ultrapassar os obstáculos da confiança para a realização do campo de observação e entrevistas, o pesquisador estabeleceu uma relação próxima com o grupo social realizando trabalho voluntário na CAE Florescer, de outubro de 2017 até agosto de 2018, incluindo a colaboração na organização dos eventos realizados no espaço do abrigo, limpeza do local, auxílio nos ensaios das apresentações realizadas com as TT's atendidas, servir petiscos aos convidados e até mesmo resgatar uma das abrigadas na área conhecida como Cracolândia como parte deste processo.

No dia 9 de dezembro de 2017, foi realizado o espetáculo Divas Florescer, no teatro Oficina, onde as TT's amparadas pela CAE Florescer realizaram um espetáculo de dublagem com o intuito de arrecadar dinheiro. O presente pesquisador trabalhou durante o evento recebendo convidados e durante os ensaios, como fotógrafo.

O trabalho de voluntário muitas vezes demandou de uma longa permanência no espaço do centro de acolhida; quando isso ocorreu, o almoço e o jantar do pesquisador foram realizados no espaço em companhia das conviventes e das funcionárias, resultando em uma grande proximidade com o grupo estudado.

2.3 Procedimentos técnicos

Conforme Valles (2002), a preparação para a entrevista, tempo que precede o encontro entre entrevistador e entrevistado, é de grande importância para que a interação entre ambos seja fluída e, assim, facilitar o processo de obtenção das informações.

Após o início da entrevista, pouco pode ser feito para que haja uma alteração na relação entre o entrevistador e o entrevistado e, consequentemente, no fluxo de informações coletados, segundo Gorden (1975). A relevância do fluxo informativo só tem validade e confiabilidade dependendo da interação entre entrevistado e entrevistador. É necessário selecionar entrevistados com capacidade e com disposição de fornecer

informações relevantes, além de selecionar os entrevistados com melhor relação com o entrevistador.

É preciso também optar pelo melhor lugar e melhor delimitação de tempo para a realização da entrevista. Através do diálogo, que muitas vezes pode se tornar um monólogo, o pesquisador consegue alcançar o conhecimento da vivência do entrevistado.

Devido ao trabalho como voluntário na CAE Florescer, todas essas questões relacionadas a aproximação, confiança e interação entre entrevistadas e entrevistador se cumpriram.

Tanto as entrevistas semiestruturadas quanto as entrevistas centradas seguirão os seguintes procedimentos:

- O local e horário foram definidos pela pessoa entrevistada.
- O tema foi definido pelo pesquisador.
- A entrevista foi dirigida pelo pesquisador através de roteiro estabelecido, com perguntas flexíveis que pudessem ser refeitas, caso necessário.
- As perguntas para os funcionários da CAE Florescer objetivavam compreender de que forma as ações de lazer e turismo desenvolvidas pela política pública foram pensadas/planejadas como um instrumento de resgate e inserção social. Além disso, procuraram interrogar também sobre os elementos pensados e desenvolvidos durante essas práticas.
- As perguntas para as ex-conviventes tiveram como objetivo compreender sob a perspectiva da pessoa atendida pela política pública, de que forma as práticas de lazer e turismo oferecidas pela CAE Florescer auxiliaram no processo de resgate social.
- Caso a pessoa entrevistada estivesse cansada, seria marcado um novo dia para a entrevista.
- Foram evitados questionamentos duplos, interrupções, demonstrações de discordância com a entrevistada e induções nas respostas.

2.4 Análise dos dados

A triangulação de métodos pode ser utilizada para três procedimentos analíticos: 1 – avaliação aplicada a programas, projetos, disciplinas, entre outros.; 2 – coleta de dados e 3 – análise de informações coletadas.

O que interessa a este estudo é a análise de dados coletados e, para tal, a técnica de triangulação prevê dois momentos distintos que se articulam dialeticamente, contribuindo para uma percepção de completude em relação ao objeto de estudo e uma uniformidade entre aspectos teóricos e empíricos. Essa articulação acaba por produzir um caráter de cientificidade à pesquisa.

O primeiro momento se refere à preparação dos dados coletados por intermédio de procedimentos estabelecidos, representados por etapas que objetivam à organização e tratamento das entrevistas/narrações.

O segundo momento é analítico e as informações devem ser “contextualizadas, criticadas, comparadas e trianguladas” (GOMES et al., 2010, p. 185) e esta análise exige uma reflexão, segundo Minayo (2010), sobre:

- i) a percepção que os sujeitos produzem sobre determinada realidade;
- ii) os processos que permeiam as relações estabelecidas no interior dessa estrutura, e, para isso, é necessário empregar autores que se dedicam a pesquisar sobre tais processos;
- iii) as estruturas que permeiam a vida em sociedade.

Resumindo, a triangulação de métodos está pautada na preparação do material coletado e na articulação de três perspectivas para a realização da análise em si. Uma perspectiva advém das narrativas das entrevistadas, a segunda perspectiva abrange uma concatenação com os autores que estudam o tema abordado pela pesquisa e a terceira perspectiva compreende a análise de conjuntura, um contexto social mais amplo da realidade, como mostra a Figura 1.

Figura 1 – Análise por triangulação de métodos

Fonte: Kishigami (2018)

Quando a Triangulação de métodos é utilizada para análise qualitativa das informações em estudos, esse procedimento é dividido em três partes cada uma, chamadas de **processo interpretativo**.

Primeiro processo interpretativo:

A preparação dessa fase do processo interpretativo deve ser realizada, primeiramente, mediante “uma valorização fenomênica e técnica dos dados primários, em si mesmos e à exaustão” (GOMES et al., 2010, p. 185), e sua organização deve ocorrer em três etapas:

- i) Preparação e agrupamento dos dados: deve-se transcrever as entrevistas com atenção, considerando a entonação de voz, os silêncios, as ênfases em palavras/expressões entre outras observações que o pesquisador julgar importante. Durante as transcrições, é preciso apontar aquilo que é considerado significativo na narrativa, nos dados qualitativos identificados e que tenham relação com o eixo estruturador da pesquisa. Após este processo, é necessário organizar a narrativa.

- ii) Avaliação de sua qualidade: deve-se avaliar a qualidade dos dados coletados, e essa etapa é considerada uma pré-análise. Os objetivos da pesquisa devem ser retomados para iniciar uma discussão das categorias estabelecidas.
- iii) Elaboração de categorias de análise: as narrativas e dados qualitativos levantados devem ser trabalhados para refletir, contextualizar, exemplificar e elucidar os diversos aspectos do estudo. Os dados qualitativos devem ser tratados para averiguar se há sustentação para as conclusões.

Segundo processo interpretativo

Neste processo interpretativo, é preciso realizar uma “análise contextualizada e triangulada dos dados”, objetivando “à reconstrução teórica da realidade” (GOMES et al., 2010, p. 199), que também é dividido em três etapas:

- i) A primeira etapa desse segundo processo é caracterizada por uma leitura aprofundada do material selecionado de forma a “impregnar-se pelo conteúdo a fim de alcançar uma visão do conjunto e ao mesmo tempo apreender as particularidades presentes nessa totalidade parcial” (GOMES et al., 2010, p. 205), ou seja, o tema problematizado na pesquisa contextualizado com a realidade mais ampla. Conceber indagações contribui para essa análise, como similaridades nas narrativas ou disparidades resultantes de uma diversidade de contexto decorrente da origem da informação ou, por exemplo, questionar se as narrativas têm relação entre si. Essas indagações quando respondidas, permitem que se possa partir para a “busca de um quadro mais sintético e mais nítido de temáticas ou eixos orientadores da interpretação” (GOMES et al., 2010, p. 207).
- ii) A segunda etapa, do segundo processo, o material resultante da primeira etapa deve ser fundamentado na interlocução com os autores que produzem conhecimento na área pesquisada, pois a “meta é a busca de sentidos das falas e das ações para alcançar

a compreensão ou explicação para além dos limites do que é descrito e analisado” (GOMES et al., 2010, p. 202).

- iii) Nessa terceira etapa, que é chamada de “ápice da interpretação”, faz-se necessário trabalhar com questões amplas que “articulam modelos subjacentes às ideias” (GOMES et al., 2010, p. 207). É necessário contextualizar o objeto de estudo com a conjuntura macro da sociedade, assim como a influência da realidade macro no espaço particular do grupo ou pessoa pesquisada, com o cuidado de observar que informações normatizadas/naturalizadas na sociedade podem influenciar as informações e relatos coletados. O contexto na qual as informações foram produzidas também deve ser analisado.

Terceiro processo interpretativo

Neste último processo interpretativo, é necessário efetuar uma interpretação das interpretações, que é a realização de uma construção-síntese por intermédio da articulação entre os dados empíricos, os autores e a análise da conjuntura. Trata-se de uma ação dialética, pois o conhecimento local produz uma investigação que permite uma percepção de uma realidade mais ampla.

A escolha pela Análise por Triangulação de Métodos permite que o objeto de estudo seja analisado sob diferentes perspectivas e complementado com uma abundância de pontos de vistas das mais diversas áreas do conhecimento o tema deste presente trabalho, produzindo uma consistência nas conclusões.

Ao finalizar o capítulo metodológico é importante salientar que a presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa – Plataforma Brasil, parecer 3.074873 e CAAE 03962818 1 0000 5393 – na data de 11 de dezembro de 2018.

Grupo estudado: sexo biológico, corporalidade e sexualidade.

Antes de debater propriamente sobre a prática de lazer e turismo das mulheres trans, travestis e transexuais atendidas pelas políticas públicas do município de São Paulo, é elucidativa uma exposição sobre a corporalidade e sexualidade humana, já que não é um tema recorrente nos estudos de turismo.

Este presente trabalho não tem a pretensão de gerar um debate ou elaborar novos conhecimentos específicos na área dos estudos de gênero e sexualidade, ao contrário, reconhece a necessidade de compreender os conteúdos produzidos nesse campo da ciência para dar suporte na análise das ações elaboradas no município de São Paulo que tem inserido esse grupo social nos espaços de lazer e turismo da cidade.

Parte significativa da bibliografia utilizada neste capítulo – que tem como proposta apresentar e debater a respeito da sexualidade e corporalidade na sociedade – é originária da Pedagogia da sexualidade, uma escolha intencional com o propósito de conciliar esse arcabouço teórico com os conceitos do lazer e turismo, uma vez que ambos dialogam com o conceito de espaço e educação: considerando a escola como o espaço da educação formal e escolarização, enquanto o espaço do lazer e turismo como lugar da educação não formal.

Neste capítulo, fragmentos das entrevistas realizadas estarão presentes para corroborar com os autores, mas os resultados mais significativos serão apresentados apenas posteriormente.

É importante deixar claro que esses espaços de educação, sejam eles formais ou não formais, estão inseridos dentro de uma lógica da reprodução social das diferenças simbólicas. E uma das primeiras diferenciações se dá pelo sexo biológico.

Vivemos em uma sociedade marcada por um binarismo de gênero, uma polarização que é definida pela genitália. Isso é perceptível antes mesmo do nascimento, em que o sexo biológico de uma criança gera inúmeras expectativas nos pais e familiares próximos: a preparação do enxoval – azul para meninos e rosa para meninas – e a compra dos brinquedos que são “adequados” para cada sexo. Meninas ganham bonecas e a versão em miniatura de fogões, geladeiras e vassouras, enquanto os meninos são

presenteados com super-heróis, bolas e miniaturas de carros de corridas e caminhões.

A escola, o primeiro lugar de socialização da criança, além do núcleo familiar, apenas reforça esses estereótipos quando, por exemplo, formam filas separadas de meninas e meninos e dividem os esportes que cada indivíduo pode praticar de acordo com o sexo biológico durante a aula de Educação Física.

Louro (1997) afirma que essas diferenças entre homens e mulheres se aprofundam por meio da educação porque as suas representações são desiguais. Desde muito cedo, aprendemos que quem efetivamente faz História são os homens (na sua maioria brancos) e as mulheres nunca são personagens de luta, são no máximo “inspiradoras” de ação.

Uma pesquisa sobre meninas e matemática de Valerie Walkerdine (1995, p. 214) relata que as expectativas das professoras e professores é do fracasso das alunas em frente ao sucesso dos alunos. Quando ocorria a inversão desse resultado esperado, surgiam justificativas por parte do corpo docente: meninas vão bem porque são esforçadas e tinham bom comportamento, e o resultado ruim por parte dos meninos é explicado pela dificuldade de se concentrar mesmo sendo “brilhantes”.

No espaço escolar, assim como na sociedade em geral, ter o protagonismo e ter potencial é uma característica masculina. Mas afinal, o que de biológico existe nesse discurso?

Para compreender o sexo biológico sob uma perspectiva da ciência médica, será exposta a categorização de Sutter (1993); ela esclarece em sua obra que o sexo biológico é resultado da harmonia de inúmeros fatores que contribuem para a sua formação.

- i) Sexo genético: também conhecido como sexo cromossômico, é o que define o sexo através da constituição cromossômica. Esse processo de distinção sexual tem início no processo de fecundação. O cromossomo sexual “X” presente no óvulo irá se conectar com o cromossomo sexual do espermatozoide, que pode ser “X” ou “Y”. A formação “XX” resultará em um ser mulher, enquanto a formação “XY” resultará em um indivíduo homem.

O cariótipo (conjunto de cromossomos) humano é constituído por 22 pares de cromossomos somáticos (responsáveis por nossas características físicas e psicológicas herdadas dos nossos progenitores) e 2 pares de cromossomos sexuais, totalizando 46 cromossomos.

No entanto, existem alterações cromossômicas que desorganizam essa norma, como por exemplo, a Síndrome de Turner, descoberta por Henry Turner no ano de 1938, na qual um cromossomo X é ausente ou parcialmente ausente que acomete somente mulheres. As meninas portadoras da síndrome possuem baixa estatura, além de apresentarem uma puberdade deficiente, malformações das gônadas e infertilidade.

Já a Síndrome de Klinefelter só afeta homens. Trata-se de uma síndrome causada por uma cópia extra do cromossomo X (XXY). Por conta da presença de mais de um cromossomo feminino responsável pela determinação do sexo, pessoas portadoras da síndrome apresentam baixos níveis de testosterona, o que acarreta um menor desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários masculinos, como pelos corporais e faciais, além do desenvolvimento das mamas. Há também uma deficiência funcional dos testículos, que causa uma produção ínfima — às vezes quase nula — de espermatozoides.

Existem muitas outras alterações cromossômicas, no entanto, esses dois exemplos acima já demonstram que a determinação do sexo pela genética não pode ser definida unicamente pela oposição de “XX” e “XY”.

- ii) Sexo gonático: é aquele que se refere ao sistema reprodutor humano, basicamente os testículos e os ovários, também chamado de gônadas.

No entanto, pessoas intersexuais são indivíduos que possuem tecidos testiculares e ovulares ao mesmo tempo. Em grande parte dos casos, esses tecidos estão presentes em duas gônadas mistas que levam o nome de ovotéstis. Outras formas de intersexualidade podem existir como, por exemplo, o que a medicina nomeia de pseudo-hermafroditismo, que causa

masculinização nas genitálias femininas e feminilização nas genitálias masculinas.

É importante ressaltar que os movimentos sociais têm lutado para que a nomenclatura hermafrodita não seja mais utilizada para designar pessoas intersexuais e que o termo seja apenas empregado para denominar espécies animais que possuam os dois sexos como as minhocas e os caramujos. Um exemplo evidente dessa manifestação está na reportagem³ do jornal “El País” do dia 18 de setembro de 2016 sob o título “Sou intersexual, não hermafrodita”.

Observando as questões acima, percebe-se que também não é possível universalizar a definição de sexo gonático a partir da oposição do sistema reprodutor masculino em relação ao sistema reprodutor feminino, assim como ocorre no sexo genético.

- iii) Sexo somático ou genital: O sexo genital é determinado a partir das estruturas das genitálias, tanto interna quanto externamente. No homem, Sutter (1993) “a estrutura interna da genitália é composta pelas vesículas seminais, canais diferentes e próstata”; nas mulheres, aparecem o útero, as trompas de falópio e o terço interno da vagina.”

Como já foi explanado anteriormente, fatores genéticos e/ou fatores endócrinos podem resultar no desenvolvimento de uma genitália ambígua, além de produzir outras características de dimorfismo sexual como aspecto da face, voz, membros, pelos e formato de partes do corpo que não se encaixam no padrão binário homem-mulher.

- iv) Normatização do sexo biológico: Segundo o artigo *Designação sexual em crianças intersexo: uma breve análise dos casos de “genitália ambígua”*, de Guimarães e Barboza (2014), por muitos anos, no Brasil e no mundo, as cirurgias de designação sexual eram

³ Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/17/estilo/1474075855_705641.html>. Acesso em: agosto de 2018.

práticas consagradas em crianças recém-nascidas que possuíam a genitália ambígua.

Até meados da década de 1950, segundo os autores, a intervenção cirúrgica de designação de gênero era baseada na predominância das gônadas, ou seja, a observação da anatomia interna era decisiva para a atribuição do seu sexo. A aparência genital não tinha tanta importância até então. Entretanto, esse modelo de ajuste cirúrgico não conseguia harmonizar com outras esferas da vivência das pessoas que passaram pelo procedimento: grande parte delas tinham um desarranjo de identidade sexual e papel de gênero.

Um caso famoso de tentativa de resignação sexual é o caso do bebê Bruce Reimer, nascido em 1967 em Winnipeg, Canadá, que aos oito meses de idade, ao realizar uma cirurgia de circuncisão, teve seu pênis totalmente carbonizado. A solução encontrada pela equipe médica e por um psicólogo do hospital Universitário John Hopkins, onde a tragédia ocorreu, foi a realização da cirurgia de resignação sexual e a mudança da família para uma nova cidade onde ninguém conhecesse a história. O bebê foi registrado como Brenda Reimer.

O caso foi relatado nos anais da medicina como um grande sucesso. No entanto, Brenda jamais aceitou o papel de gênero que lhe foi imposto. Aos 14 anos de idade, ela tomou conhecimento do seu histórico clínico e tentou de todas as formas reverter seu gênero. Adotou o nome David Reimer e se submeteu a inúmeras cirurgias genitais e ao tratamento hormonal para restituir sua condição masculina. Não encontrando resultado, David se suicidou em 2004 aos 37 anos de idade.

No artigo, há referências sobre revelações de pessoas que passaram pela cirurgia de ressignificação genital que resultou em intenso sofrimento físico, psíquico, insensibilidade genital, desajuste social e baixa autoestima. Todas protestam pela interrupção da cirurgia compulsória para o tratamento de genitália ambígua, exceto em caso de risco de vida e comprometimento funcional. Um relato que respalda essas declarações é de Hida Vilorio, que foi diagnosticada desde criança como portadora de genitália ambígua, mas sem

passar por qualquer intervenção, o que gerou uma relação positiva sobre seu corpo e sobre sua identidade.

Examinando esse estudo, compreende-se que o entendimento do que é sexo biológico sofreu e sofre interferência dessa concepção binária do corpo humano, o que pode levar a não inclusão dessas pessoas que não se encaixam nesse padrão estabelecido, aos espaços e práticas de lazer, turismo e educação formal. Não há levantamentos precisos de quantas pessoas intersexuais existem – o próprio censo do IBGE nos permite apenas duas respostas: masculino e feminino.

Para responder à questão que trouxe essa temática ao trabalho, as diferenças entre os sexos – que vão além do homem e mulher – são definidos pelos genes e determinam as gônadas, as genitálias e os caracteres sexuais secundários. Nenhuma dessas características tem alguma relação com a capacidade de realização ou competência intelectual.

3.1 Gênero e sexualidade além do binarismo

“Diferentes, não desiguais – a questão de gênero na escola”, das autoras Lins, Machado e Escoura (2017), a explicação para a desigualdade de oportunidades e tratamento dado para homens e mulheres está na construção do conceito de gênero, que, diferente do sexo biológico, tem sua estrutura calcada na cultura:

Gênero, como compreendemos, é um dispositivo cultural, construído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino. É um operador que cria sentido para as diferenças percebidas em nossos corpos e articula pessoas, emoções, práticas e coisas dentro de uma estrutura de poder. (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2017, p. 10).

Esses padrões de gênero impostos na sociedade desempenham uma força sobre o cotidiano das pessoas, criando expectativas de como elas devem agir, pensar e gostar. É uma força que engessa as possibilidades da vivência humana, chamadas de normas de gênero.

Esses estereótipos de gênero que determinam a forma de existir dos corpos tentam validar suas justificativas nas diferenças biológicas para assim legitimar essa imposição e naturalizar os preconceitos.

Dentro dessa dinâmica, a sociedade reproduz a ideia, por exemplo, de que matemática é coisa de homem, enquanto arte é coisa de mulher, assim como os esportes pertencem à esfera masculina, informação também constatada por Mayor e Isayama (2017) no trabalho “O lazer do brasileiro, sob o recorte da categoria sexo, estado civil e escolaridade”.

Essas normas limitantes, além de fixar as pessoas em estereótipos sociais, são o alicerce para gerar a desigualdade de gênero, situação onde há relações de poder, privilégio e hierarquia social criada a partir das diferenças entre o que é masculino e o que é feminino. Essas desigualdades se manifestam na forma de desvalorização salarial, repressões, discriminações e violências.

A objetificação do corpo feminino também faz parte desse processo, e na atividade turística, Kajihara (2010) analisou o fenômeno com seu trabalho “*A imagem do Brasil no exterior - Análise do material de divulgação oficial da Embratur, desde 1966 até 2008*”.

Ela afirma que essa imagem já estava sendo gerada desde o Brasil Colônia quando os europeus descreviam o país como um paraíso exótico, farto de lindas índias seminuas. No entanto, a imagem estereotipada do país do carnaval, alegria e mulheres bonitas se consolidou na década de 1930 com o desenvolvimento da comunicação de massa.

Ainda segundo Kajihara (2010), já durante o período da ditadura militar, a Embratur foi utilizada como um dispositivo para encobrir as torturas e repressões que ocorriam, retratando o Brasil como um país harmonioso, com um povo alegre e hospitaleiro. As imagens produzidas com o objetivo de mostrar no exterior uma realidade nacional idealizada sempre envolviam carnaval e mulheres sensuais trajadas apenas de biquínis. Muitos desses materiais anunciavam os principais atrativos turísticos brasileiros ao lado de uma mulher nativa e, regularmente, elas eram figuras centrais dessas publicações – frequentemente sem contexto algum –, dando a ideia que o corpo feminino era um produto dentro de um pacote turístico e que poderia ser consumido em qualquer parte do território nacional.

A divulgação da mulher brasileira como uma mercadoria depreciou sua representação no imaginário internacional. Ela é vista como fácil, como expõe o artigo do jornalista Italiano Giovanni Bufa em 1981 “Rio. as Metas excitantes de inverno⁴”, publicado durante o período de inverno na Europa, sugerindo a fuga dos europeus para o Brasil em busca de realizar suas fantasias, na revista Tutto Turismo sob o título de capa: “É fácil encontrar companhia, as mulheres brasileiras não se fazem de difícil”.

Além disso, essa atuação da Embratur gerou outros resultados sociais desastrosos: o turismo sexual infantil. Segundo dados da Organização Mundial do Turismo (OMT), o Brasil, a Tailândia e as Filipinas são responsáveis por 10% do total de crianças e adolescentes explorados sexualmente no mundo.

Essa situação se repete em 2019 quando a Embratur anuncia nova marca⁵ para promoção internacional com o slogan “Visit and Love us”, que segundo o site oficial do Ministério significa um convite para os estrangeiros se encantarem com o país, mas que na realidade possui uma elevada conotação sexual, já que utiliza a palavra “love” no imperativo.

No turismo sexual, as predileções físicas das mulheres, além das preferências comportamentais associadas a uma determinada cultura, tornam-se em um atrativo turístico, pois esse desejo será decisivo para a viagem, que pode ser para a Ásia – representada por mulheres graciosas e subalternas – ou para a América Latina – com mulheres de erotismo explosivo.

Nesse contexto, a concepção da imagem da mulher brasileira é fundamentada numa construção racista e sexista: negras ou “mulatas” com corpos provocantes, picantes, sedutoras, imersas em permanente transe carnal (SOARES DO BEM, 2005).

Segundo Lins, Machado e Escoura (2017), todas essas questões têm incitado historicamente as lutas e movimentos reivindicatórios por igualdade⁶, e

⁴ BUFFA, Giovanni. Rio. Lê mete eccitanti d’inverno. [Rio metas excitantes de inverno]. Tutto Turismo, Milão: Ed. Domus, nov. 1981, ano V n.11.

⁵ Disponível em: < http://www.embratur.gov.br/piembratur-new/opencms/salaImprensa/noticias/arquivos/Embratur_desenvolve_nova_marca_para_promocao_internacional_.html>. Acesso em: julho de 2019.

⁶ A obra trata das três ondas feministas: a primeira onda, que se inicia no final do séc. XIX com as sufragistas; a segunda onda, que começa nos anos de 1960 contra a as limitações das condições de vida e trabalho da mulher; e a terceira onda, que surge na década de 1990 e se estende até hoje. As feministas dessa geração de debatem como a desigualdade de gênero se cruza com outras desigualdades, como raça, orientação sexual e classe social.

combater as hierarquias de gênero não significa anular as diferenças entre as pessoas, mas, sim, garantir que essas distinções não sejam um instrumento para instituir relações de poder e injustiças.

Não pertencer a uma categoria de sexo biológico e gênero que corresponde ao sexo e papel de gênero protagonista imposto pela sociedade coloca esse indivíduo numa situação de discriminação e até mesmo opressão. Os estudos levantados nessa presente pesquisa até o momento demonstraram que o sexo biológico feminino e intersexual está em situação de desprivilegio social, assim como o gênero feminino. Com isso, tem-se a impressão de que há uma associação direta da genitália (sexo biológico) ao gênero: vagina-feminino/pênis – masculino. Contudo, a identidade e a expressão de gênero não são necessariamente uma continuidade do corpo físico.

Para compreender essas identidades os termos cisgeneridade e transgeneridade surgem para designar pessoas que têm o sexo biológico em concordância com o gênero socialmente estabelecido ou não.

A terceira onda feminista levou o movimento a uma pluralidade de debates em relação às questões de gênero, abrindo o leque para vivências dos diferentes grupos de mulheres, acrescentando ao debate da desigualdade de gênero uma articulação com a luta de outras formas de opressão.

Como toda sociedade marcada pelo sexismo tem uma obsessão pelo sexo genital, a associação sexo-gênero torna-se normativa, mas como o gênero é uma construção social e não um dado biológico, outras formas de combinações são possíveis.

Por muito tempo, as pessoas que não se encaixavam dentro desse padrão eram invisíveis. Mesmo o movimento LGBT demorou para reconhecer esse grupo social: no final dos anos 1990, quando surge a Parada do Orgulho Gay, a nomenclatura usada era Gays, Lésbicas e Simpatizantes (GLS), sem qualquer referência a luta das pessoas T. Mas afinal, quem é o público T?

Genericamente, o T representa as pessoas transgêneras que segundo a definição de Lins, Machado e Escoura (2017), p. 70, são

Pessoas cuja identidade de gênero é diferente da esperada para o seu corpo – sujeitos nascidos com pênis que têm comportamentos, sonhos e autoimagens femininas; ou

nascidos com vagina que têm comportamento, sonhos e autoimagem masculinos.

Pensando na etimologia do prefixo *trans* (TREVISAN, 2006), que tem origem no latim, com o significado de “além, através” e exprime o significado de “além de, para além de”, a palavra transgênero (trans + gênero) faz todo o sentido. Transgêneros são pessoas que atravessaram, que foram além do próprio gênero. Na Geografia, por exemplo, a utilização do prefixo *trans* segue a mesma lógica: transamazônica = que atravessa, que vai além da Amazônia e transiberiana = que atravessa, que vai além da Sibéria.

Já as pessoas que possuem consonância do sexo biológico com o gênero estabelecido socialmente são denominadas de *cisgêneras*. A origem do prefixo também vem do latim e significa “do lado de, ao mesmo lado de”, ou seja, uma pessoa cisgênera é aquela que está com sua identidade de gênero *do mesmo lado do* seu sexo biológico, conforme os padrões sociais vigentes. Utilizando novamente uma analogia com a Geografia, o prefixo *cis* é utilizado para designar lugares ao lado de um rio, como a Cisplatina = do lado do rio da Prata (Plata em espanhol) e Cisjordânia = do lado do rio Jordão.

No entanto, as pessoas transgêneras não são um grupo homogêneo, e sob esta nomenclatura existem outras identidades.

- i) Homem trans e mulher trans: Os termos, *homem trans* e *mulher trans* estão bem difundidos porque muitas personalidades midiáticas se assumiram com tais identidades de gênero. O ator Thammy Miranda, filho da famosa cantora Gretchen, é um exemplo de homem trans, enquanto a cartunista Laerte e a modelo Léa T são exemplos de mulheres trans. Essas expressões homens trans e mulheres trans, além da transgeneridade, abarcam também uma identidade de classe, que contemplam um privilégio socioespacial em relação a outros grupos transgêneros; trata-se de pessoas que tiveram acesso à educação formal e aos espaços de cultura e lazer.
- ii) Transexual: Pessoas transexuais são mulheres e homens transgêneros que se submeteram à cirurgia de redesignação sexual, além do tratamento hormonal e acompanhamento psicológico. Entre

as transexuais, a cirurgia é chamada de transgenitalização ou readequação sexual.

Até o dia 18 de junho de 2018, a transexualidade era tratada como doença mental pela Organização Mundial da Saúde (OMS)⁷ através da Classificação Internacional de Doenças (CID) 10, que entendia a transexualidade como “transtorno de identidade de gênero” ou “disforia de gênero. O termo estava no capítulo sobre “transtornos de personalidade e comportamento”, em um subcapítulo chamado “transtornos de identidade de gênero”.

A nova classificação, CID 11, compreende a transexualidade como uma “incongruência de gênero”, compreendida como uma “incongruência acentuada e persistente entre o sexo experimentado pelo indivíduo e o sexo atribuído” e estabelece que o diagnóstico não pode ser realizado antes da puberdade. Essa nova abordagem tem como objetivo não estigmatizar as pessoas transexuais, porém sem perder de vista que essas pessoas necessitam de importantes cuidados médicos⁸.

- iii) Travesti: As pessoas que se identificam como travestis possuem em comum uma história de vida repleta de percalços. De todos os grupos da sigla LGBTI, mesmo entre as pessoas transgêneras, as travestis são as que mais sofrem com a exclusão e estigmatização social. Essa exclusão inicia-se no ambiente familiar pela não aceitação da suposta homossexualidade desse filho – que mais tarde revela-se uma transgeneridade – que é expulso de casa muito jovem, obrigando-os a tornarem-se adultos ao serem acolhidos pelas ruas e ter como única forma de sobrevivência a prostituição.

Muitas vezes, esses filhos expulsos de casa ainda são crianças, e devido à pouca idade e sem recursos para sobreviver, acabam sendo seduzidos por promessas de alguma cafetina. Essas mulheres são travestis

⁷ Nota publicada pela OMS no site oficial. Disponível em: <<http://www.who.int/health-topics/international-classification-of-diseases>>. Acesso: agosto de 2018.

⁸ Disponível em: <<http://www.who.int/health-topics/international-classification-of-diseases>>. Acesso: agosto de 2018.

mais velhas, que tiveram sucesso no trabalho de gerenciar o próprio negócio de prostituição, que inclui também agenciar novas pessoas para aumentar o fluxo de clientes, sempre ávidos por novidade.

A recepção desse novo membro, que mais tarde se transformará em uma trabalhadora do sexo como travesti, inclui moradia, alimentação e vestimentas, além de todo o processo de transformação do corpo, que inclui a compra de perucas, apliques capilares, hormônios e a aplicação de silicone industrial. As responsáveis por esse procedimento são chamadas de *bombadeiras*: não possuem nenhuma formação técnica para realizá-la, mas a confiança em relação a profissional existe e aumenta quanto maior for o tempo de prática. Muitas cafetinas também podem realizar o trabalho como *bombadeiras*.

Todo esse processo foi descrito minuciosamente por Larissa Pelúcio no seu artigo intitulado "*Toda Quebrada na Plástica: Corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas*" (2005). Depois que a transição ocorre, é o momento da travesti recém transformada devolver o que foi investido, trabalhando nas esquinas.

Esse agenciamento por parte das cafetinas ainda é pouco estudado na academia, principalmente pelo perigo que envolve, mas também pela dificuldade de levantar dados e informações. Mesmo as travestis preferem evitar o assunto. Nos oito meses que este pesquisador trabalhou como voluntário na CAE Florescer, muitas mulheres travestis abrigadas apenas diziam "cafetina é babado!" ao ouvirem qualquer assunto relacionado a esse universo, isto é, algo que causa apreensão e medo, mas muitas assumiam que o primeiro trabalho na prostituição e a transformação corporal ocorreram em casa de cafetina. Relatos de represálias, que envolvem espancamentos, deformações faciais e corporais e até mesmo morte, são comuns.

Trata-se de um universo extremamente oculto para a maioria da população, já que a prostituição travesti ocorre em locais e horários específicos, e quando a temática se torna pública, geralmente é estampada em noticiários policiais. O jornal "Diário do Amazonas"⁹ divulgou em 04/07/2017 que "Execução de travesti revela esquema de prostituição - o crime ocorreu

⁹Disponível em:<<http://www.diariodaamazonia.com.br/execucao-de-travesti-revela-esquema-de-prostituicao/>>. Acesso em: agosto de 2018.

dentro de uma central de distribuição dos Correios, próximo ao local onde ela costumava fazer ponto”; o jornal “Correio Braziliense”¹⁰ publicou no dia 26/09/2017 a reportagem com o título “Polícia Civil desarticula organização que traficava travestis para exploração sexual”; e o “Jornal do Tocantins”¹¹ noticiou no dia 07/06/2018 que “Acusada de matar travesti e organizar rede de prostituição em Araguaína é presa em GO – a também travesti Kellyta Rodrigues De Souza, 29 anos, acusada de matar Vitória Castro foi presa em Goiânia por homicídio e outros crimes”.

Larissa Pelúcio, em seu trabalho *“Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo”* (2004), p. 150-151, explicita de forma clara essa dinâmica da vivência travesti.

Nas esquinas, nas madrugadas, elas passeiam seus corpos construídos. Presas a estes espaços liminares não conseguem se inserir de fato na sociedade heterossexual, cristã e patriarcal. Têm grande dificuldade de encontrar emprego fora da prostituição, realidade que as coloca em condições financeiras frágeis.

Também fica evidente que todo esse processo de construção da identidade travesti incorpora profundamente o pertencimento dessas pessoas a uma determinada classe social.

Pois me parece sintomático que a grande maioria das travestis seja proveniente das classes populares e média-baixa, enquanto as transexuais, que se definem a partir de categorias próprias das ciências médicas (psicologia e psiquiatria, principalmente) sejam mais comuns na classe média e média alta. (PELÚCIO, 2004, p. 129).

Barbosa, em sua dissertação de mestrado *“Nomes e Diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual”* (2010), também constatou essa diferença social entre travestis e transexuais. Seu estudo acompanhou por um período de um ano as reuniões voltadas para a população transgênera, que ocorriam quinzenalmente no Centro de Referência em

¹⁰ Disponível em: < <http://blogs.correiobraziliense.com.br/cbpoder/policia-civil-prende-quadrilha-de-trafico-de-pessoas-para-exploracao-sexual/>>. Acesso em: agosto de 2018.

¹¹ Disponível em: <https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/estado/acusada-de-matar-travesti-e-organizar-rede-de-prostitui%C3%A7%C3%A3o-em-aragua%C3%ADna-%C3%A9-presa-em-go-1.1546625>. Acesso em: agosto de 2018.

Diversidade (CRD) em São Paulo. Esses encontros eram constituídos em sua maioria por transexuais, mas havia também algumas travestis.

Essas reuniões, chamadas de *Terças Trans*, tinham uma dinâmica diferente a cada vez que o grupo se encontrava para estimular um debate, que, segundo os organizadores, tinha como intenção a militância e a autoajuda.

O que Barbosa (2010) constatou na fala das transexuais é um discurso que tenta ao máximo distingui-las das travestis, e um argumento que surgia constantemente era de que as transexuais são mulheres, enquanto as travestis são homens por manter o órgão genital masculino e, principalmente, por usá-lo durante o ato sexual.

Essa legitimação se dava com argumentos baseados em concepções médicos-psiquiátricos, com o reconhecimento pelo crivo do diagnóstico; não é suficiente se declarar uma transexual, é necessário convencer uma equipe médica e de psicólogos. Importante ressaltar que esse diagnóstico é expresso pelas especificações do CID 10, aquela que trata a transexualidade como um transtorno mental.

Por possuírem uma ligação íntima com os saberes médicos e psicológicos e terem passado por psicoterapias, as transexuais se colocam em uma posição de distinção em relação às travestis. Muitas falas explicitavam que as travestis, por não desejarem ter uma vagina, não eram tão femininas e nem eram bem resolvidas, pois estavam numa escala inferior de autoconhecimento.

Uma participante transexual disse que não se declarava como travesti porque sofreria, assim, muito mais preconceito por ser associada com a prostituição. Falou também que, por ser tão feminina, as pessoas nem desconfiavam que ela é trans. Segundo Barbosa (2010), a utilização de termos trans/transex/transexual é situacional e se dá como fuga do lugar da marginalidade e prostituição, bem como reivindicar uma feminilidade legítima diferente da feminilidade travesti, que é artificial e beira ao exagero.

Segundo relato das funcionárias do CRD que trabalham na cozinha do local, em um almoço promovido com as transexuais e travestis, o comportamento era diferenciado: enquanto as travestis correram e montaram *pratos de caminhoneiro*, as transexuais foram *finas* e colocaram pouca comida no prato. A real observação dessa narrativa é o fracasso das travestis frente as

transexuais de serem femininas, pois estas possuem comportamento refinado e civilizado

Em uma das reuniões, uma das transexuais cogitou a proibição da participação das travestis alegando que elas são mal-educadas e fazem escândalo. Leite Jr (2008), propôs que a reputação positiva das transexuais é beneficiada, pois é associada a uma “feminilidade burguesa”.

O discurso das entrevistas aponta para a mesma direção, e como demonstração dessa afirmação, alguns trechos serão apresentados. Uma das entrevistadas, ao ser solicitada a dizer sua opinião sobre o termo travesti, uma ex-atendida da CAE Florescer diz “É pejorativo, esculachado, sabe? Eu acho que quando você fala esse nome, uma palavra muito forte que tem uma vulgaridade, muito vulgar, muito... não gosto”. Ela ainda continua:

Porque o travesti tem aquela fama de ser barraqueiro, de ser ladrão, ser drogado. Então esse nome fez aliança, esses defeitos, né? Se aliou com esse nome travesti, então quando você fala travesti, você só consegue ver essa imagem.

Pode-se concluir que a identidade travesti é construída de forma violenta, e, como consequência, impõe a esse grupo social um não acesso à educação formal, ao lazer, à saúde e a sociabilização fora do contexto da prostituição travesti. Mesmo entre os pares da sigla LGBT, muitas vezes não há sonoridade.

Outra entrevistada, que atualmente trabalha em um coletivo de arte, mas que ainda realiza alguns trabalhos na prostituição para complementar sua renda, produziu uma fala a respeito desse encontro entre as pessoas que não vivem na vulnerabilidade e o universo das travestis, que deixa bastante explícito essa situação de desamparo social:

[...] de início pode gerar um desconforto de você estar com uma pessoa de uma outra classe social que fala totalmente diferente de você, que é uma pessoa extremamente egoísta, que nunca sofreu na vida, porque nunca passou fome na vida, que nunca precisou chupar um pau ou dar o cu pra comer uma marmitex, mas eu tive que passar por isso; nem por isso eu vou sair condenando todo mundo ou querendo matar todo mundo porque eu tive que chupar e dar o cu pra poder sobreviver.

É interessante atentar que a CAE Florescer declara que acolhe mulheres travestis e transexuais, mas durante a convivência, foi constatado que as poucas abrigadas que se declaravam transexuais não haviam realizado a cirurgia de transgenitalização e nem ao menos pretendiam realizá-la, além de muitas trabalharem ou chegaram a trabalhar no início da transição como prostitutas.

Como a casa de acolhida representa uma nova oportunidade de se reinventar, ao se denominar como transexual, essa pessoa encontra uma forma de ascensão dentro do universo transgênero, como foi observado.

Ao conhecer a vivência das travestis, fica claro que as políticas públicas voltadas para as TT's criadas durante a gestão do então prefeito Fernando Haddad (2013-2016) eram mais que urgentes, mas ainda insuficientes. Isso fica evidente no discurso da mesma entrevistada quando foi perguntada a opinião dela sobre a política pública:

Nossa, do meu acolhimento? Nossa, mil, mil, mil, mil, mil. Você sabe que eu queria ter conhecido o Florescer com 15 anos de idade? Eu queria ter conhecido o Florescer, mano, com dez anos de idade. Eu queria ter dez anos de idade e minha mãe falar “vai pro Florescer”, porque eu tenho certeza absoluta que eu teria tido outras oportunidades, eu teria com certeza trilhado outros caminhos na minha vida através da cultura, através da arte, através da educação, na verdade esse projeto Florescer não deveria ser só pra meninas com dezoito anos de idade, esse projeto Florescer deveria ser ampliado [...].

Para esta presente pesquisa, cabe esse desafio: o de analisar o lazer e o turismo como uma ferramenta dessas políticas públicas para inserção dessas pessoas, que estão em um contexto de exclusão, em uma sociedade que as objetifica e as estigmatiza.

Além do sexo biológico, da identidade e expressão de gênero outra esfera importante da sexualidade humana é a orientação sexual, que diz respeito ao desejo afetivo e sexual de uma pessoa em relação a outra. O erro mais comum ao tentar definir a orientação sexual de alguém é pensar que a atração se dá pela genitália.

Neste trabalho, foi apresentado que o sexo somático é apenas uma pequena parte que compõe um indivíduo; a constituição do sujeito é formada essencialmente por sua identidade de gênero. Então, o que define a orientação

sexual é o gênero, que produz atração tanto de forma afetiva como sexual, sem considerar a cisgeneridade ou transgeneridade.

Atração pelo gênero oposto = heterossexual

Atração pelo mesmo gênero = homossexual

Atração por ambos os gêneros = bissexual

É importante frisar que existem pessoas que se enquadram na orientação sexual chamada de *assexual*: são pessoas que sentem atração afetiva, porém não possuem atração sexual. A *British Broadcasting Corporation* (BBC) publicou uma série de reportagens sobre o tema: no dia 01/05/2016¹² noticiou “Não tenho desejo de fazer sexo com ninguém, e isso não me incomoda” e no dia seguinte (02/05/2016)¹³, outra matéria sobre assexualidade sob o título “Como é namorar alguém que é assexual?”. No ano de 2017, surgiram mais duas matérias sobre o mesmo assunto: no dia 04/10/2017¹⁴ “Por que não quero ter relações sexuais com o homem que eu amo” e no dia 24/10/2017¹⁵ o artigo intitulado “Ficava feliz quando meu marido tinha casos: assexuais relatam como é viver em sociedade sexualizada”.

A complexidade da formação da identidade humana é entranhada de muitos elementos que mesclam biologia, cultura e padrões sociais. A Figura 2 é um infográfico que resume todas essas expressões da vivência humana discutidas nesse capítulo.

E no lazer e turismo, como tais questões podem ser verificadas no cotidiano das travestis e transexuais? Quais possíveis barreiras podem ser verificadas para as TT's nas vivências de lazer e turismo na cidade de São Paulo? As políticas públicas podem minorar essas desigualdades? Se sim, de que forma? É o que o próximo capítulo desta dissertação discutirá a seguir.

¹² Disponível em:

https://www.bbc.com/portuguese/geral/2016/05/160501_assexuado_depoimento_rm. Acesso em: agosto de 2018.

¹³ Disponível em: <

https://www.bbc.com/portuguese/geral/2016/05/160501_assexuados_relacionamento_rm>.

Acesso em: agosto de 2018.

¹⁴ Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/geral-41487546>>. Acesso em: agosto de 2018.

¹⁵ Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/geral-41720875>>. Acesso em: agosto de 2018.

Os termos que expressam nossa sexualidade/afetividade:

Traduzido por www.eleicoeshoje.com.br

3 Desigualdades no acesso ao lazer e turismo no Brasil

Na Constituição de 1988, o lazer consta como um dos direitos sociais. Título II, Capítulo II:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, **o lazer**, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (Artigo alterado pela Emenda Constitucional nº 90, de 15/09/2015 - DOU 16/09/2015)

Na obra organizada por Stoppa e Isayama “Lazer no Brasil – representações e concretizações das vivências cotidianas” (2017), estão inúmeros estudos que apresentam dados importantes acerca do lazer das brasileiras e brasileiros. Essas informações agrupadas exibem um panorama da desigualdade enquanto ao acesso, à consciência e aos anseios em relação à prática do lazer e do turismo.

O texto do referido estudo, produzido por Soutto Mayor e Isayama intitulado “O lazer do brasileiro, sob o recorte da categoria sexo, estado civil e escolaridade” (2017) averiguou que há poucas pessoas interessadas nas práticas relacionadas às atividades artísticas, manuais, intelectuais e ao ócio como possibilidades de lazer. Segundo os autores, esse resultado pode ser reflexo de uma educação orientada para o pragmatismo profissional, acompanhado das imposições do mercado, além da influência dos princípios da produtividade e, conseqüentemente, da ideia de meritocracia.

Ao observar a categoria sexo, existem significativas diferenças de escolhas, sobretudo quando se trata de atividades físico-esportivas. Os autores conjecturam que esse resultado tem relação íntima com a produção histórica do papel da mulher na sociedade, em que algumas atividades e alguns espaços são destinados apenas aos homens.

A alta repetição da escolha do ócio – 20% entre as mulheres – vai ao encontro com o resultado da pesquisa de Goellner et al. de 2011, realizada em Porto Alegre, em que as respostas femininas sobre suas preferências no tempo livre estavam relacionadas ao espaço do lar. “Ficar deitada” e “não fazer nada” eram escolhas recorrentes, enquanto os homens optaram por um lazer em

espaços fora do ambiente doméstico. O lazer, assim como toda atividade humana, é uma prática que reproduz as diferenças de gênero historicamente construídas pela sociedade.

A investigação de Pedrão e Uvinha, “O lazer do brasileiro: discussão dos dados coletados em escolaridade, renda, classes sociais e cor/raça” (2017), identificou que a classe E opta majoritariamente por atividades ligadas ao ócio. Os autores asseguram que as atividades de lazer escolhidas e praticadas variam de acordo com a classe social, já que as oportunidades e as possibilidades são distintas e, conseqüentemente, a sua forma de apropriação sobre o tempo livre também é desigual.

No que diz respeito à realização da prática turística, esta está diretamente ligada ao grau de escolaridade: o fazer turismo aumenta substancialmente a partir do grupo que possui o ensino médio; o mesmo resultado ocorre em relação ao interesse nas atividades intelectuais e artísticas, que é mais presente nas pessoas com ensino médio e superior (MAYOR E ISAYAMA, 2017).

Um resultado curioso desse mesmo estudo é que 3% dos homens declarados analfabetos têm interesse em atividades intelectuais, o maior percentual entre todos os níveis de instrução, o que, segundo Mayor e Isayama (2017), pode expressar uma vontade de desfrutar de uma prática que não existe em seu cotidiano, pois é um grupo que não detém os códigos básicos de linguagem.

O nível de escolaridade e opções de lazer são fatores diretamente proporcionais. Segundo Pedrão e Uvinha (2017), uma maior escolaridade representa uma maior possibilidade de atividades de lazer. Isso é resultado da relação da educação com a capacidade de identificar e vivenciar as opções de lazer nos espaços, além de oportunizar o reconhecimento e a importância dessas atividades.

A pesquisa de Mayor e Isayama (2017) ainda revelou que o maior desejo das pessoas no seu tempo livre é praticar turismo, independentemente de qualquer categoria e grupo social. Segundo os responsáveis pela pesquisa, é possível que esse resultado seja reflexo da dificuldade econômica e da não disponibilidade de tempo que é necessário para a realização da atividade; já

atividades como reuniões, festas familiares e atividades físico-esportivas são muito mais acessíveis e executadas pelas pessoas pesquisadas.

De acordo com Cruz (2001), as massas não fazem turismo porque não possuem condições materiais (recursos financeiros) e imateriais (tempo) para a realização da atividade, destacando também que parte da população mundial vive abaixo da linha da pobreza, enquanto uma outra parcela vive muito próxima dessa linha. Por conta dessa situação, muitas pessoas acabam envolvidas no turismo apenas como mão de obra barata, colocando o turista e o trabalhador em situações opostas. Como afirma Krippendorf (2000, p.87), “[...] a liberdade e o prazer de um são o fardo e o trabalho do outro”.

Reforçando a afirmação de que o turismo não é para as massas, o texto “O lazer do brasileiro: representações e concretizações nos espaços e equipamentos” (2017), de Gruber e Stoppa, parte da pesquisa acima apontada, concluiu que 79,1% das pessoas entrevistadas nas áreas urbanas gostariam de realizar atividades turísticas; no entanto, sua realização não é concretizada por motivos financeiros para 56% dos entrevistados, e a falta de tempo aparece como resposta para 17,9%. Esse anseio pelo turismo também se observa nas respostas encontradas na zona rural: 76,7% assumiram ter este desejo. A falta de dinheiro é a razão para a não realização da atividade para 53,7% e a falta de tempo, 16,8% para esse grupo.

Tais dados acima confirmam os apontamentos de Krippendorf (2000), que afirma que a possibilidade de praticar turismo é tão restrita que pode ser equiparada a um “bem de posição” (KRIPPENDORF, 2000): é um gerador de prestígio social comparável a um automóvel novo, roupas caras ou um apartamento na praia; além disso, passar as férias em casa descansando não produz nenhum reconhecimento social, nem admiração.

“Diante dessa realidade e da presente sociedade fortemente marcada pelo capitalismo, a renda torna-se fator fundamental para a aquisição de diferentes bens e serviços, que definem, assim, o *status* social de cada indivíduo.” (PEDRÃO E UVINHA, 2017).

Assim, o turismo e o lazer são práticas de diferenciação social, já que uma parcela da sociedade não pode usufruir dessas atividades, ou pior, não possui a consciência da possibilidade da sua realização ou que se trata de um

direito social assegurado pela Constituição. O grande marcador entre quem realiza e quem não realiza é nitidamente a renda, porém o gênero e a escolarização também são significativos.

Mayor e Isayama (2017) salientam que é necessário proporcionar para toda a população o acesso aos bens culturais, quer pela educação ou por políticas públicas, pois isso também significa questionar a forma desequilibrada que o capital cultural está distribuído – já que esta situação está diretamente atrelada a desigual distribuição de renda, no desequilíbrio da ordenação dos lugares culturais na cidade e em uma mobilidade urbana deficiente. Além disso, é necessário estimular as pessoas a exercerem de forma consciente seu direito de escolha, apresentando as possibilidades existentes de lazer na cidade.

A educação, segundo Pedrão e Uvinha (2017), é uma das alternativas para que as práticas e vivências de lazer possam ser exercidas voluntariamente e conscientemente, pois a formação escolar não deve se restringir apenas à qualificação profissional mas, sim, como um agente que expande a compreensão e consciência das pessoas em relação à sociedade e suas contradições. O lazer, por sua vez, possui grande capacidade educativa, agindo como uma ação de intervenção no mundo, produzindo conhecimento e autonomia.

Isso significa que o lazer e o turismo possuem uma capacidade de transformação social, no entanto, essas atividades podem se tornar um lugar de exclusão (PEDRÃO E UVINHA, 2017), se praticada sob uma perspectiva mercantilista.

4.1 Turismo e lazer mercantilizados

Santos (2000) afirma que o consumo é o grande fundamentalismo da globalização e acaba por comandar quase tudo, incluindo o lazer. Ele aponta que a facilidade do acesso ao crédito para o divertimento e viagens é um subordinador do sujeito consumidor, que fica totalmente subjugado às regras da indústria do lazer e das viagens. Mas, como foi exposto neste presente trabalho, a prática não é disponível para todos.

Esse turismo realizado com o predomínio do interesse econômico não considera, nem contabiliza os custos sociais da atividade, os impactos no meio

ambiente e a concentração de renda onde apenas pequenos grupos se beneficiam com a prática (KRIPPENDORF, 2000).

Dentro dessa lógica mercantilizada, os espaços de lazer e turismo são projetados para que exista uma separação entre esses dois sujeitos: o consumidor e as pessoas sem renda suficiente para pagar por essas atividades. Esses lugares são dotados de uma infraestrutura distinta, impossíveis de serem desfrutados pela maioria dos trabalhadores: os preços são inacessíveis, há demonstrações claras que essas pessoas são indesejadas ou se cria até mesmo uma proibição para a entrada dessas pessoas.

Pedrão e Uvinha (2017, p. 42) corroboram com essa perspectiva afirmando que

“Dessa maneira, em um país em que a maior parte dos atrativos de lazer pertence à iniciativa privada, as famílias que possuem menores orçamentos priorizam a saúde, alimentação, educação, entre outras esferas sociais, deixando o lazer, na maioria das vezes, em segundo plano.”

No entanto, o turismo e o lazer são fenômenos socioculturais porque foram construídos historicamente pela ação de sujeitos sociais. Contudo os agentes econômicos tornaram-se hegemônicos com a evolução dos processos capitalistas de produção, promovendo uma natureza dialética nas relações na sociedade, nos discursos teóricos e, conseqüentemente, no exercício dessas atividades. O resultado é a produção de uma imagem de um turismo e um lazer como atividades estritamente econômicas.

Sob a perspectiva economicista, essas vivências são uma das principais atividades econômicas que concentram riquezas, que se apropriam e excluem espaços, o que resulta na exclusão de segmentos da sociedade. Esse cenário e essa lógica não são questionados por haver um imaginário que o setor de turismo seja um grande propulsor econômico, conforme apontam Ash, Turner, 1991, p. 169, abaixo:

Superficialmente, el turismo puede representar certamente todo um caso de términos económicos. Trae consigo valiosísimas divisas, contribuye a equilibrar la balanza de pagos de los países e genera empleo tanto directa como indirectamente.

Outra autora a discutir a atividade turística mercantilizada é Cruz (2001), que afirma que como qualquer outra atividade econômica, o turismo insere no espaço objetos específicos para o seu desenvolvimento e apropria-se de objetos já existentes, mas altera seu significado para atender a nova demanda. A produção e o consumo do que se torna turístico envolve também uma criação e um consumo simbólico dos cenários desses espaços, pois segundo Carlos (1999, p.176) “[...] o espaço do turismo e do lazer são espaços visuais, presos ao mundo das imagens que impõem a redução e o simulacro”.

Werneck e Isayama (2001) expõem esse conceito de forma clara quando afirmam que há uma confusão entre cultura e indústria cultural, dando como exemplo a equiparação de um shopping a um espaço público de lazer. Segundo os autores, a cultura vai além dos espetáculos e manifestações artísticas e está relacionada com a produção humana, mas também com o seu processo, estreitamente ligado aos processos de produção, reprodução e transformação das práticas coletivas.

No outro extremo, a indústria cultural apenas manifesta a possibilidade da reprodução e consumo, difundindo a ideologia do consumismo do lazer, transformando-o em um produto comercializável na forma de bens de consumo e serviços. Esse consumo possui ênfase no espetáculo, como mostra Werneck e Isayama, 2001, p. 55:

“O espetáculo é uma visão de mundo que se objetivou, sendo ao mesmo tempo resultado e o projeto do modo de produção existente, a principal produção da sociedade atual. Não se trata de um suplemento do mundo real, mas de uma decoração que lhe é acrescentada e, sob todas as suas formas particulares – informação, propaganda ou consumo de divertimentos –, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante em nossa realidade.”

Marcellino (2008) reafirma essa análise crítica em torno da indústria cultural quando declara que, no Brasil, investimentos no setor de lazer seguem as leis do mercado, já que as Leis de Incentivo apenas favorecem grandes nomes, impedindo o surgimento de novas propostas e novas ideias. Ele também declara que o lazer não é uma atividade disponível para todos, longe disso, pois existem barreiras socioeconômicas e socioculturais que o tornam inacessível a uma parcela da população.

Marcellino (2008) afirma que a não interferência do Estado, através de políticas públicas, empurraria ainda mais para a marginalidade esses grupos sociais que não possuem recursos para pagar ao mercado do entretenimento, cada vez mais rentável e sofisticados.

As políticas de lazer, ainda segundo Marcellino (2008), não devem ser tratadas como uma política de atividades, que apenas resultam em eventos isolados. O lazer como política pública, apesar das suas especificidades, é intrínseco às questões sociais e, por essa razão, pensar o lazer na cidade é debater sobre redução do tempo de trabalho sem redução de salário, assim como numa política de reordenação do solo urbano, nas moradias e o entorno, nos espaços e equipamentos de lazer e na constituição de quadros de profissionais e de animação sociocultural.

A compreensão de Marcellino em relação ao lazer perpassa pelo espaço urbano e sua forma de ocupação; é nessa ordenação urbana que se produz uma determinada dinâmica socioespacial que permite ou exclui certos grupos sociais de desfrutar a prática do lazer.

A contradição primordial da produção desse espaço capitalista é a produção social se confrontando com a apropriação privada, ou seja, o capital se torna o condutor das vivências humanas porque esse espaço apropriado como mercadoria aliena o indivíduo que o produz e, conseqüentemente, aliena o direito à reprodução da vida em todas as suas dimensões, incluindo o lazer.

No entanto, a cidade só possui sentido no contexto da vida cotidiana das relações humanas e, em razão disso, pode-se afirmar que o espaço urbano é em si uma relação socioespacial, e isso aponta para o espaço como uma categoria de análise para compreensão desses fenômenos sociais. Essas questões existem porque a reprodução capitalista demanda da produção do espaço como uma condição para a sua existência.

O espaço transformado para atender às necessidades do capital destrói as referências urbanas e, conseqüentemente, as identidades sociais, resultando numa produção alienada da cidade (CARLOS 2007). Entretanto, Werneck e Isayama (2001) constataram que as poderosas técnicas da indústria cultural domam seus consumidores a tal ponto que estes são absorvidos por uma ilusão de que o mundo real é um prolongamento contínuo das mercadorias da indústria cultural, alienando-os ao ponto desses consumidores se identificarem

imediatamente com uma realidade virtual. Trata-se também de uma alienação espacial, mas sem a produção física do espaço.

A indústria cultural, além de produzir e aprofundar diferenças socioespaciais e alienação por meio do divertimento, também promove a formação e, principalmente, a conformação das pessoas que o consomem, já que a consciência é substituída pelo conformismo, pela aceitação passiva (WERNECK E ISAYAMA, 2001).

No entanto, essa conjuntura aparentemente desalentadora tem uma saída em si mesma, pois de acordo com Lefebvre (1972), o significado da existência humana ganha sentido e forma apenas na vida cotidiana, através das relações e das trocas. É um fenômeno dinâmico, que transforma e produz novos significados através das mais diferentes formas de apropriação do espaço urbano, na prática das mais diversas atividades – sejam elas produtivas ou não produtivas –, visto que este espaço é um lugar que se reproduz enquanto referência para o sujeito que dela se apropria, produzindo assim uma identidade.

Sob essa perspectiva, o espaço surge como uma condição, meio e produto para uma nova reprodução social, que, segundo Marcellino (2008), resultará em mudanças na forma de pensar e praticar o lazer. O autor exemplifica afirmando que a compreensão de políticas públicas é bastante equivocada, especialmente quando se analisa a questão de políticas setoriais e, mais ainda, quando essa política setorial é o lazer. A tendência predominante é o isolamento, mas para que essas ações sejam efetivas é necessária uma compreensão da totalidade das relações sociais.

Apesar da predominância do capital, o espaço urbano e sua reprodução também são determinados pelas relações sociais, que possuem um significado muito mais amplo e profundo se comparado com a simples produção de mercadorias, pois envolve momentos dependentes e articulados para além da esfera produtiva. Esse cotidiano na sua totalidade compreende os momentos de trabalho, de lazer e da vida privada – envolvendo o plano individual e coletivo (CARLOS, 2007).

Isto é, a cidade é o espaço das relações humanas permeadas de diferenças e conflitos. E é a partir desses contrastes e embates que surge a possibilidade de se pensar uma cidade diferente. É nessa divergência, nessa

realidade contraditória e desigual, que se faz necessário articular uma prática de turismo e lazer com princípios de inclusão.

Na contramão dessa apropriação do espaço urbano pelo capital e, conseqüentemente, das atividades de lazer e turismo que ali ocorrem, o turismo social e o lazer como prática social e educacional são ações que têm como princípio a inserção coletiva como forma de produzir uma consciência cidadã, com ganhos sociais como a diminuição das desigualdades do acesso aos espaços culturais; trata-se de uma concepção para além do mercado.

4.2 Lazer e turismo como prática social e de educação não-formal

Segundo o conceito da OMT (2018), o que se entende por turismo é o deslocamento e as atividades realizadas durante as viagens dentro de um período mínimo de 24h e máximo de um ano, ou seja, há a necessidade de pernoite por parte do sujeito no local visitado. Trata-se de um conceito aceito e utilizado nas pesquisas de turismo, no entanto, não consegue abranger toda a complexidade da prática turística.

Uvinha (2007), no trabalho “Turismo e lazer – Interesses turísticos”, diz que a relação do turismo com o lazer encontra-se em praticamente em todas as produções científicas, independentemente do idioma, visto que o turismo é reconhecido como parte integrante do lazer e uma peça fundamental da contemporaneidade para análise da vida humana.

Para ele, o turismo não deve ser compreendido apenas sob a perspectiva do desenvolvimento econômico, mas, sim, como uma *dimensão humana*, com grande comprometimento com a sociedade e de desfrute de valores que contestem o sistema dominante. A partir dessa interpretação do turismo, há a possibilidade de se valorizar e entender a prática turística como um componente da cultura.

A definição de Falcão (2009, p. 117) sobre turismo está em concordância com a exposição anterior:

Entendido como ato de viajar pela maioria das pessoas, o turismo é, na verdade, uma atividade multidisciplinar que cria relações e situações que combinam educação, saúde, cultura, lazer e meio ambiente, influenciando as condições de vida de indivíduos e comunidades.

Gastal e Moesch (2007) afirmam que o turismo é “um campo de práticas histórico-sociais que pressupõe deslocamento dos sujeitos em tempos e espaços diferentes daqueles do seu cotidiano”, isto é, trata-se de um deslocamento repleto de abstração que produz um distanciamento do que se vive cotidianamente, gerando novos hábitos. É uma prática que desenvolve *estranhamento* (grifo das autoras), pois estimula uma movimentação afetiva no indivíduo independente da distância percorrida, ou seja, é possível realizar turismo na cidade onde se reside.

Nessa perspectiva, o turismo está relacionado com experimentar, viver e conviver – que pode ser uma visita a um local desconhecido ou apreciar um espetáculo –, abarcando atividades que tem menos significado econômico e, sim, um valor de uso e um valor afetivo.

Uma das entrevistadas que hoje trabalha como agente administrativa, mas já viveu como catadora de recicláveis e anteriormente trabalhou na prostituição, é um exemplo de como essa perspectiva de turismo é importante para repensar e reorganizar a prática, já que esse *estranhamento* (grifo das autoras) pode ser um catalizador de uma inserção social e de um resgate da vulnerabilidade social. Uma das perguntas questiona as vivências da pessoa entrevistada nos espaços de lazer e turismo, e a resposta foi “Na verdade, muito pouco, né? Quase não adentrei esses espaços, até por falta de oportunidade mesmo, falta de ter companhia pra ir nesses lugares [...]”.

Ao ser questionada se o acesso aos espaços de lazer e turismo tiveram importância na sua trajetória de mudança de vida, a entrevistada faz o diagnóstico desse processo, que claramente conversa com o conceito de Gastal e Moesch (2007):

É, na verdade a pessoa trans, quando acessa esses lugares, ela começa a ver tudo de um novo jeito, começa a entender que ela pode tá ali, que ela é capaz de tá ali. Na verdade, ela tem que enfrentar o preconceito. Porque sempre vão ter olhares e chacotinhas só pelo fato dela ser trans e estar ali. Mas muda um pouco a visão, sim.

[...] Na verdade, você começa a ter hábitos diferentes, né? Começa a ver que... geralmente as pessoas trans, elas vêm do hábito da noite, né? Têm hábitos que uma pessoa ‘do dia’ que frequenta esses lugares, tem um modo de falar, de se comportar, de se vestir, então você começa a entender que você tá sendo diferente, né? Você não está seguindo os

padrões, né? Apesar de você ser trans, você tem que ter aquela postura, tem que saber se comportar, falar. Então você, frequentando esses lugares, começa a ter essa visão, né? Acho que é isso.

Werneck, Stoppa e Isayama (2001), afirmam que o lazer também é política, e ao produzir ou mesmo estimular a criação de cultura, algumas pessoas e instituições estão enfrentando a lógica homogeneizadora e excludente do capital, coordenada pelas corporações da indústria cultural.

Essa afirmação entra em consonância com a declaração de Milton Santos (2000) que diz que gente junta cria trabalho, cria cultura, que por consequência é produtora de economia. E o resultado desse trabalho coletivo, é a produção de política.

O autor também afirma que o lazer popular é um rebelde às estatísticas, porque produz de baixo para cima emprego através do lazer, sem a dependência das formas organizadas e burocratizadas das sociedades industriais. Essa forma de produzir lazer é espontânea, originária da forma banal da existência, produzida emocionalmente e concebe solidariedade e trabalho.

É nesse país invisível ao mercado, nessa parcela menos favorecida da população, que se encontram as manifestações mais genuínas, representativas e autênticas segundo Santos (2000).

O lazer como prática social, em contraposição ao lazer alienado, além de ter essa legitimidade, pode ser também um veículo de educação, segundo Marcellino (2001), já que possui uma potencialidade para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos: contribui para a compreensão da realidade, o reconhecimento das responsabilidades sociais, através do apuramento de uma sensibilidade pessoal, incentiva o auto aperfeiçoamento com os contatos primários que oportuniza e desenvolve sentimentos de solidariedade.

O sociólogo Renato Requixa (1980) aborda o alto potencial educativo das atividades de lazer, tanto que para todos os técnicos, profissionais e estudiosos da área social, suas práticas são aceitas como essenciais e provocantes pela vasta possibilidade que oferece. Sob esta perspectiva, o lazer não tem apenas o status de bem de consumo, mas recebe toda a atenção de especialistas e pesquisadores, pois propicia novas formas de educação.

Assim, é possível educar pelo lazer, no entanto, é necessário se educar para o lazer, segundo o sociólogo. Requixa (1980) assegura que o próprio exercício do lazer é um excelente impulso educativo para o lazer, ou seja, ao realizar atividades de lazer o indivíduo ou um grupo social estão concomitantemente se educando para próprio lazer. Além disso, ao indicar uma política de lazer, provavelmente seria mais adequado atribuir a nomenclatura *política educacional*, já que assim é possível abarcar outros tempos, outros espaços e outros recursos, transformando o lazer em uma escola para todos, aproveitando o tempo livre dos indivíduos nos mais diversos espaços da cidade.

Uma das falas de uma das entrevistas com uma ex-convivente da CAE Florescer, que hoje trabalha com produções artísticas, contempla a visão de Marcellino (2001) e Requixa (1980):

[...] eu morava na periferia, eu não sabia que existia Pinacoteca, eu não sabia que existia Teatro Municipal, eu não sabia que existia, é, sei lá, o cinema na Avenida Paulista, umas coisas assim que eu não tinha noção de nada... Itaú Cultural, eu não sabia de nada disso, não tinha noção de nada. Foi um choque de cultura pra mim, e eu acho que foi da mesma forma pra essas meninas que vieram da rua, de outras cidades.

Como já foi constatado na obra “Lazer no Brasil – representações e concretizações das vivências cotidianas”, organizada por Stoppa e Isayama (2017), o acesso à cultura e ao lazer não são acessíveis para toda a população, e inúmeras características de um grupo social, como por exemplo, a escolaridade pode influenciar nessa exclusão, permitindo que grande parte da sociedade seja educada pelos meios de comunicação de massa. Quanto a essa questão, Marcellino (2001) reconhece que a educação pelo lazer não tem a capacidade de alterar toda essa estrutura alienante da indústria cultural, no entanto, fornece instrumentos às pessoas para que façam uma leitura crítica dessas mercadorias culturais.

O autor ressalta também o cuidado com atitudes preconceituosas, pois muitas vezes ao pensar a educação pelo lazer, profissionais adotam comportamentos de *missionários* e *exclusivistas*, colocando-se como os

responsáveis pela *nobre tarefa de educar*, reproduzindo às expectativas do poder dominante.

Na obra “Lazer e sociedade” (2008), Marcellino retoma essa preocupação quando diz que a democratização do lazer não deve depender apenas da construção de novos equipamentos específicos, mas também da desmistificação de certos espaços e incentivo à sua utilização, com políticas específicas. Ele exemplifica que em lugares de interesses intelectuais e artísticos, como museus, bibliotecas, galerias de arte e teatro, o acesso por parte de grupos menos favorecidos é dificultado pelo *ar de santuário* e a forma como o poder público mantém e administra esses espaços, que assumem ares de esnobismo.

Para este autor, o lazer como objeto da educação demanda a difusão do seu significado, do esclarecimento da sua importância e do estímulo da participação, além da transmissão de informações que possibilitem seu desenvolvimento e aperfeiçoamento. Isso faria com que as barreiras colocadas pelo preconceito, observado no plano cultural, pudessem ser relativizadas mais facilmente, na proporção que o lazer for compreendido a partir destes valores e funções.

Milton Santos (2000) afirma que a essência desta questão é a própria civilização, pois não se trata apenas de proteger recursos e lugares, mas, sim, de valorizar a essência do ser humano. A partir desses questionamentos, construir um mundo novo, a procura de uma vida plena onde o qualitativo seja dominante. Que o ser humano seja integral. Ele afirma que o lazer pode ser um elemento dessa grande transformação, mas não pode ser considerado um elemento isolado, e, sim, pensá-lo sob um outro modelo que o inclua na humanidade.

A prática do lazer pode ir além, segundo Marcellino (2007) em “Lazer e Cultura”, quando afirma que “[...] no tempo do lazer é que são vivenciadas situações geradoras de valores que poderiam ser chamados de revolucionários”. Isso ocorre, segundo o autor, porque é no lazer que são reivindicadas formas de convivência social mais verdadeiras e espontâneas e a afirmação da individualidade; também é o momento de questionar os valores vigentes, já que no cotidiano há uma estrutura temporal coercitiva.

No depoimento de uma das entrevistadas, que atualmente é auxiliar de limpeza, mas que viveu nas ruas antes do acolhimento da CAE Florescer, é possível observar o que Marcellino chama de revolucionário, ela afirma que o acesso ao lazer e ao turismo tiveram o seguinte efeito na sua vivência:

É... vamos começar pelo chegou. Eu cheguei destruída, né? Eu vou usar esse termo: eu cheguei destruída da destruição porque fora da Casa, sem ter o conhecimento da Casa, do trabalho, das participações e etc., eu estava destruída porque eu estava num mundo perdido, discriminada, né? Muitas das vezes em uso contínuo de várias substâncias e sem expectativa de vida [...] Teve importância pela valorização humana [...] mas teve uma grande importância porque pra mim isso é cultura, cultura é lazer, como todo entretenimento (sic). Aqui na Casa, eu participava de todo entretenimento (sic); entretenimento (sic) que eu mais adorava era o vôlei, sempre tava jogando vôlei com as meninas, a gente sempre se deslocava daqui pro parque, sabe?

O artigo “Políticas Públicas de Turismo e Lazer do Órgão Oficial de Turismo na Cidade de São Paulo- SP”, dos autores Clemente e Stoppa (2018), corrobora com essa visão do lazer como prática social e educacional. A partir dos obstáculos da participação popular na cidadania e de uma democracia que efetive a igualdade de direitos e oportunidades, o lazer assume uma função mais ampla, atrelada a esses problemas sociais, privilegiando o bem-estar e uma melhor qualidade de vida da população, por intermédio de políticas públicas elaboradas de forma associada com a educação e cultura.

Nessa lógica, o turismo, enquanto vivência de lazer, mesmo reconhecendo-se suas outras possibilidades, tem se destacado na valorização cultural e social, circunstância em que a comunidade local deve ser a maior beneficiada, não somente a partir de ganhos econômicos, mas também com melhores condições de vida, de infraestrutura urbana e de vivências de lazer que possam, dentre outros, possibilitar o conhecimento da própria cidade, história e cultura. (CLEMENTE E STOPPA, 2018, p. 358)

“Políticas Públicas de Lazer” (2008), de Marcellino, também aponta para a necessidade de políticas públicas municipais para o lazer, em conjunto com os executivos estaduais e federais. A compreensão abrangente do que é lazer requisita a interdisciplinaridade nas equipes que serão responsáveis por

desenvolver as ações no setor, já que se trata de um campo de interação entre esporte, turismo, artes, cultura, entre outros.

O trabalho integrado em “Políticas Setoriais de Lazer” se faz necessário, segundo Marcellino (2008), dado que o tema é essencialmente transversal, e por consequência um programa de governo deve considerar pelo menos 4 eixos:

- i) A partir de conteúdos culturais – requer trabalho integrado inter-secretarias ou órgãos da chamada área cultural (artes, cultura, esporte, meio ambiente, turismo, patrimônio, etc.);
- ii) A partir dos valores associados ao lazer – requer trabalho integrado inter-secretarias ou órgãos que extrapolem a questão cultural (Educação, Saúde);
- iii) A partir das barreiras para a sua prática – requer trabalho integrado inter-secretarias ou órgãos que também extrapolem a questão cultural (Promoção Social, Transporte, Parques e Jardins);
- iv) A partir das circunstâncias que o cercam – política de reordenação do solo urbano, do tempo (necessidade de relação com o legislativo).

Para o autor, esse programa de governo terá que ser pautado em uma frente dupla de ação, pelo menos em um primeiro momento:

- Ampliar a visão restrita de lazer;
- Buscar a superação do conformismo, pela crítica e criatividade, entre outras coisas, permanecer com os programas de difusão cultural, porém acrescentando novos programas de participação e criação cultural.

Marcellino (2008) ainda apresenta os pilares básicos necessários para que uma política de lazer alcance a população:

1. Respeito e incentivo às manifestações espontâneas da população, partindo delas, e junto a elas, tendo o devido cuidado para que o respeito não signifique “purismos” ou, para usar uma expressão gramscianiana, a partir do “húmus” da cultura do povo – “húmus”

que é a seiva, que alimenta, que faz crescer e florescer, mas que vem da impureza.

2. Trabalho conjunto com grupos organizados (parcerias) buscando autonomia e respeitando-a;
3. Trabalho conjunto com a iniciativa privada, sem abrir mão da participação no processo decisório (parcerias atentas, digamos assim);
4. Trabalho conjunto com outros setores públicos (ONG's) e corporativos (Sistema S, clubes) etc;
5. Trabalhar na perspectiva de regiões metropolitanas – consórcios. É impossível ficar restrito aos âmbitos municipais, inclusive com a série de impactos que políticas de lazer podem trazer para regiões inteiras;
6. Trabalhar com o Estado (plano estadual e federal), o que não significa de forma alguma contribuir para perpetuá-lo ou termos modelos alternativos fixados “a priori” e, menos ainda acreditar que não seja possível a construção de novos modelos inclusive com a nossa ação no plano cultural.

A partir desses conceitos de Marcellino (2008), a respeito de Políticas Públicas de Lazer, as atividades e ações realizadas pela CAE Florescer ou em conjunto com outras políticas públicas voltadas para as TT's no município de São Paulo foram analisadas. É preciso ressaltar que algumas exposições de Marcellino sobre os eixos e pilares acerca das políticas públicas de lazer não se encaixam perfeitamente no objeto de estudo deste presente trabalho, já que o grupo social atendido é extremamente marginalizado, vulnerabilizado e que se encontra na maior cidade da América Latina.

Foi possível perceber que a produção acadêmica que discute lazer e turismo, mesmo sob uma perspectiva crítica e social, abrange grupos sociais desprivilegiados no acesso aos espaços designados a essas práticas, como as mulheres, os pobres, os analfabetos e os negros. No entanto, a pesquisa envolvendo identidade e expressão de gênero no lazer e turismo, em especial no que diz respeito às travestis, é uma temática recente. Tema esse que muito se difere do debate relacionado à orientação sexual, já bastante contemplado,

mesmo que sob um ponto de vista econômico e mercadológico quando, por exemplo, se investiga a importância do *pink money*¹⁶ para o setor hoteleiro.

Mesmo entre os grupos marginalizados que estão representados na sigla LGBTI, existem alguns que estão em situação de maior vulnerabilidade que outros. É importante evidenciar que pessoas transgêneras, em especial as travestis, pertencem à categoria mais marginalizada do movimento e jamais teriam acesso às práticas de lazer e aos espaços turísticos sem o intermédio das políticas públicas específicas, como a CAE Florescer.

¹⁶ Segundo Alves (2019), o *pink money* é uma expressão utilizada pelo mercado para definir o poder de compra da comunidade LGBTI nos mais diversos segmentos: diversão, entretenimento, moda, beleza, construção civil, decoração e turismo.

4 Campo de observação: CAE Florescer

O documento oficial da CAE Florescer, o Plano de Ação, contém as diretrizes das ações e práticas desta política pública e foi redigida para orientar como as atividades da instituição devem ser encaminhadas. Seu início, em março de 2016, torna essa concepção e realização uma referência no acolhimento à população trans em situação de rua, pois, além desse acolhimento, oferece inúmeros serviços, muitos deles idealizados para ocorrerem no próprio espaço da CAE Florescer ou em parcerias com outras políticas públicas, que podem se realizar nos mais diversos locais.

De acordo com o documento, deve-se considerar o princípio da intersetorialidade sob a perspectiva de completude das políticas públicas, já que é necessário articular e fortalecer uma rede que possa promover ações coordenadas e planejadas de acordo com a necessidade de cada uma das abrigadas. A proposição da política pública CAE Florescer é que nenhuma ação isolada tem a capacidade de incorporar a complexidade das necessidades multidimensionais desse grupo social, então se faz necessária a integração das ações da SMADS e de outras Secretarias municipais.

Enquanto a SMADS é responsável por manter financeiramente e fiscalizar o trabalho realizado na CAE Florescer – conforme informação do Plano de Ação, 100% dos recursos financeiros do centro de acolhida especial para mulheres transexuais e travestis é de origem pública –, a execução do projeto está a cargo da Coordenação Regional das Obras de Promoção Humana (CROPH), uma ONG que surge em 27 de abril de 1972, com o objetivo de assessorar e coordenar iniciativas sociais na região norte do município de São Paulo, mas que hoje atua em todo o território municipal. A CROPH é responsável por 37 instituições e atende mais de 16.000 pessoas por mês, nos mais diversos serviços, desde centros de educação infantil, núcleos que realizam atendimentos jurídicos e psicológicos, um restaurante Bom Prato localizado em Santana, até os centros de acolhidas específicos, como os que atendem apenas idosos, mulheres, estrangeiros e a CAE Florescer, por exemplo.

Apesar do financiamento público para a manutenção e continuidade das atividades da CAE Florescer, doações e parcerias com entidades privadas

estão em conformidade ao Estatuto Social¹⁷ da CROPH (artigo 5º, parágrafo segundo):

Para atender suas finalidades, a entidade poderá organizar bazares, promover atividades de custeio beneficentes, articulando-se com o comércio, a indústria, instituições sociais e a população em geral, para a distribuição e venda de bens produzidos ou manufaturados por ser atendidos, ou voluntários, ou arrecadados em parceria com a iniciativa privada, bem como, poderá celebrar convênios, receber subvenções, doações, fazer aplicações financeiras que visem o rendimento do capital da entidade, tudo com a expressa obediência à legislação pertinente, objetivando aumentar a receita, a qual será, única e exclusivamente, direcionada para as finalidades sociais às quais a entidade se propõe.

No entanto, apesar da prática de receber auxílio oriundo de doações de empresas e entidades privadas por parte da CAE Florescer e tal situação estar em conformidade com o estatuto da CROPH, um questionamento pode ser levantado, já que ambos os documentos – o Estatuto Social da CROPH e o Plano de Ação da CAE Florescer – não mencionam se e de que forma esses recursos serão contabilizados e declarados, assim como não expõem como serão aplicados nas atividades da casa. Ainda, não há referência a uma fiscalização do uso desses bens. Essa indagação surgirá em vários momentos da observação participante, por parte de algumas atendidas.

O acolhimento institucional para as mulheres trans, travestis e transexuais em situação de rua ocorre através de um encaminhamento realizado pelo Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centros Pop), submetida à SMADS. Além do Centros Pop, a CAE Florescer mantém uma articulação com outros serviços socioassistenciais, como as unidades de assistência social direta – o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) – ou indireta, que é o caso dos serviços conveniados, além da admissão prioritária aos programas, serviços e benefícios, como por exemplo, o Centro para Juventude (CJ), o Centro de Desenvolvimento Social e Produtivo para Adolescentes, Jovens e Adultos

¹⁷ Disponível em: <
https://drive.google.com/file/d/1MYKjVhzW_wDfHSekKhZYfI9NKPtNqAdJ/view>. Acesso em:
abril de 2019.

(CEDESP), o Núcleo de Apoio à Inclusão Social para Pessoas com Deficiência (NAISPD), bolsa família e renda mínima.

Especificamente na área da Saúde, a parceria encontra-se na rede de saúde e atenção básica e de saúde mental, pois o foco está em afastar as pessoas atendidas do contexto de insegurança e insalubridade na qual estão inseridas, assim como encaminhamento ao pronto atendimento médico e acompanhamento futuro, se necessário, no caso de doenças crônicas. Da mesma maneira, ocorrerá em relação aos transtornos, alcoolismo e vício em drogas. O Plano de Ação da CAE Florescer ainda menciona a articulação com as áreas da Educação, Habitação, Trabalho e Cultura/Esporte/Lazer da prefeitura de São Paulo, no entanto, não apresenta de forma clara como essa colaboração se realizará.

O documento afirma que o desenvolvimento das atividades deve respeitar as características individuais e sociais de cada convivente, promovendo uma convivência pacífica, criando limites para o cuidado com o respeito individual e coletivo resultando em relações sociais harmoniosas, sendo que a efetivação desse exercício deve ocorrer sob uma relação *dinâmica, contínua e dialógica, proporcionando a participação do sujeito na construção de um projeto de vida ético, político e coletivo*. O texto ainda declara que a CAE Florescer deve criar propostas variadas para possibilitar o retorno das mulheres transexuais e travestis ao âmbito sóciofamiliar, afetivo, do trabalho, dos direitos e da cidadania, através da consolidação de vínculos comunitários e sociais.

Uma das formas de realizar esses objetivos se dá por ações de visibilidade e publicidade, pois, conforme diz o Plano de Ação, as campanhas, eventos e intervenções midiáticas têm o poder de evidenciar o trabalho social se trabalhadas em conjunto com os órgãos públicos que apresentam os dados estatísticos e a representatividade desse grupo social vulnerabilizado.

A academia também é citada como uma instituição que pode divulgar o trabalho da CAE Florescer, já que, segundo o texto, por meio de palestras e a abertura do espaço da universidade para a política pública, pode resultar em estratégias e parcerias, sendo referenciadas a área de Psicologia e Assistência Social.

Das várias estratégias elaboradas para a realização das propostas pensadas para a inserção social das atendidas contidas no documento, quatro possuem relação com o objeto de estudo dessa presente pesquisa, pois têm relação direta e indireta com o lazer e a ocupação de espaços turísticos:

- 1 – Oficinas: Despertar o interesse pelo trabalho manual. Estimular o desenvolvimento de habilidades, potencialidades e sociabilidade. Semanais com duração de 2 horas, podem ser coordenadas por um orientador socioeducativo, oficineiro, voluntário ou pela equipe psicossocial.
- 2 – Datas Comemorativas: Comemorar os aniversariantes do mês e/ou datas festivas; buscar elevar a autoestima; propiciar espaço de descontração. Mensais com duração de 4 horas, podem ser coordenadas pela equipe técnica ou orientador socioeducativo.
- 3 – Grupo de Entretenimento/Cinema: Propor espaço para lazer através de atividades esportivas, música, vídeos, jogos e teatro. Semanal com duração de 2 horas, podem ser coordenadas pela equipe técnica ou orientador socioeducativo.
- 4 – Passeios Culturais: Despertar o interesse pelas diversas formas de cultura; visitar pontos turísticos de São Paulo. Realizar a inclusão sociocultural das famílias. Mensais com duração de 3 horas, pela equipe técnica ou orientador socioeducativo.

Os espaços da CAE Florescer onde os eventos e atividades podem ser realizados são três: uma área coberta nos fundos da construção, onde ocorrem a maioria dos eventos; a quadra poliesportiva, que também se localiza nos fundos da instituição, mas não possui cobertura; e a recepção/sala de televisão que é integrada ao pequeno refeitório localizado na entrada da edificação – este espaço possui um inconveniente que impede uma mudança no arranjo dos móveis para uma melhor utilização, já que os dois sofás utilizados para assistir televisão foram executados em concreto e são fixos no chão.

Quanto aos recursos humanos, a casa de acolhida conta com três funcionários com nível superior: um gerente de serviços (administração) e uma psicóloga – ambos em regime CLT e com carga horário de trabalho de 40

horas semanais –, e uma assistente social, que também trabalha em regime CLT com carga de trabalho de 30 horas semanais. A equipe responsável pela orientação socioeducativa conta com oito trabalhadores com ensino médio completo, que trabalham em turnos de 12/36 horas semanais e são divididos em dois grupos de cinco para o período diurno e de três para o período noturno. A equipe formada por trabalhadores com ensino fundamental completo é composta por duas cozinheiras e quatro agentes operacionais para cozinha e limpeza, que também atuam em turnos de 12/36 horas semanais. O número de estagiários da área de psicologia e assistência social, além dos voluntários oriundos das mais diversas áreas, não é pré-estabelecido.

5.1 Dificuldade de campo: idealização da vulnerabilidade trans

Sujeitos pertencentes a grupos sociais marginalizados, no caso deste presente estudo as mulheres travestis e transexuais, são estigmatizados como um receptáculo das ações de outros grupos, tidos como superiores, e não como indivíduos com capacidade de questionar ou quiçá alterar a realidade em que vivem. Essa visão parte de um princípio colonizador: que essas pessoas são incapazes de ter uma percepção da sua própria existência sem a tutela de alguém com maior capacidade cognitiva. Encontrar-se em uma situação de vulnerabilidade não é sinônimo de uma incapacidade intrínseca de pensar e agir, é não ter recursos materiais para fazê-lo.

A realidade historicamente vivida e construída pelas travestis e transexuais não corresponde a essa perspectiva, a começar pela data que marca o Dia do Orgulho LGTBI, que é celebrada em vários países com as Paradas de Orgulho LGBT. O seu nascimento foi com a Revolta de *Stonewall* no dia 27 de junho de 1969, uma sexta-feira, na cidade de Nova Iorque no bairro de *Greenwich Village*, Distrito de *Manhattan*. Segundo a tradução de Simões e Facchini (2009) do livro “*Sexual Politics, Sexual Communities*”, do autor John D’Emilio, pouco antes da meia noite, dois detetives e outros oficiais invadiram um bar na *Christopher Street* com a justificativa de que o estabelecimento atraía “arruaceiros” para a *Sheridan Square*, um cruzamento movimentado no bairro. O local se chamava *Stonewall Inn*, não tinha licença para comercializar bebidas alcólicas, realizava apresentações de *go-go boys* em trajes reduzidos para atrair e divertir o público, além de ter suspeitas de

ligação com o crime organizado, ou seja, estava facilmente na mira das autoridades.

A frequência era de pessoas jovens não-brancas e muitas *drag queens*, sendo que grande parte dessas pessoas viviam longe dali, nos guetos de foragidos que se expandiam nas bordas da cidade. Esse tipo de repressão por parte da polícia era comum em lugares frequentados pela comunidade LGBT, mas nessa operação em especial, as pessoas se rebelaram. Uma multidão começou a se aglomerar no entorno do bar enquanto observavam as pessoas sendo retiradas à força de dentro do estabelecimento pelos policiais, e no instante que o balconista, o segurança e três *drag queens* foram levados por um camburão, esse grupo que estava apenas acompanhando a movimentação começou a assobiar e vaiar.

Logo em seguida, a última cliente que estava dentro do bar foi retirada, uma mulher lésbica, que foi arrastada com dificuldade por um policial para uma viatura, porque, segundo relatos, durante o curto trajeto entre o bar e a porta do automóvel, ela resistiu e lutou bravamente para não ser presa. A cena foi a faísca para o início da revolta: as pessoas começaram a atirar latas, garrafas, moedas e pedras nos policiais, até um parquímetro foi arrancado do chão e usado como arma, e em poucos minutos os revoltosos atearam fogo no bar como forma de acuar a polícia que se viu obrigada a chamar reforços. Sob a liderança de garotos de rua e de travestis porto-riquenhas, que atacavam as fileiras de policiais uniformizados, a rebelião durou a noite inteira.

Connell e Pearse (2015) também fazem referência a Stonewall na obra “*Gênero uma perspectiva Global*” e da mesma forma, afirmam que toda a ação que teve início na noite de 27 de junho de 1969 e adentrou na madrugada do dia 28, foi liderada por transexuais e travestis trabalhadoras do sexo, apesar de historicamente a revolta estar atrelada a um movimento de homens gays. As autoras acreditam que essa ligação – a revolta ser atribuída a homens gays – ocorreu porque a *Libertação Gay*, um grupo de ativistas homens e homossexuais, que tinham uma significativa visibilidade na época, acabaram por se envolver na resistência aos policiais no *Greenwich Village*.

Mulheres trans, travestis e transexuais, assim como qualquer outro grupo social, sofrem pressões externas e internas, o que pode resultar em transformações das relações sociais.

Da mesma forma, no Brasil, as travestis e transexuais protagonizaram resistência até mesmo ao Regime Militar, dentro do contexto da perseguição da comunidade LGBT.

Segundo Ocanha (2014), durante o período da Ditadura Militar, a comunidade LGBT – em todos os seus segmentos – sofreu repressão e produziu resistência. Em 1976, a polícia civil do estado de São Paulo iniciou um estudo de criminologia sobre prostituição masculina e de travestis. Um dos responsáveis por este estudo, o delegado Guido Fonseca relatou na época que o mercado de prostituição homossexual estava em plena expansão, já que havia muitas boates e saunas voltadas para a comunidade. O Jornal *Última Hora* lança a *Coluna do Meio*, escrita pelo jornalista Celso Curi, dedicada ao público homossexual masculino, produzindo material sobre homossexualidade, além de um correio elegante que fez grande sucesso durante seus quase três anos de existência (segundo entrevista realizada por Adriano Sod, no blog *Tudo sobre Eles*¹⁸). No entanto, Celso Curi sofreu perseguição dos órgãos de censura, que resultou em um processo de ofensa à moral e aos bons costumes sob a Lei da Imprensa.

A Coluna do Meio representou um avanço na forma como os homossexuais eram tratados pela grande imprensa, sinalizando que a comunidade LGBT estava conquistando espaços antes inacessíveis e, justamente, por isso houve uma reação por parte do Estado tentando controlar essas conquistas, seja no espaço da comunicação ou no espaço da rua.

No entanto, a Ditadura militar não perseguiu de forma ostensiva e continuada a comunidade LGBT, pois existiam preocupações maiores como a resistência armada e assaltos a banco por parte de organizações de esquerda, o que acarretou num forte policiamento urbano, como a criação em 1969 das Rondas Ostensivas Tobias Aguiar (ROTA) por parte da polícia militar e das Rondas Unificadas do Departamento de Investigações (RUDIS), o Grupo Armado de Repressão a Roubos e Assaltos (GARRA), Rondas Unificadas do Departamento da Grande São Paulo (RUDEGRAN) e as Rondas Unificadas do Departamento de Investigações Criminais (RUDEIC) por parte da polícia civil.

¹⁸ Disponível em: <<https://tseles.wordpress.com/2017/09/25/celso-curi-entrevista/>>. Acesso em: abril de 2019.

No início da década de 1970, a derrota da guerrilha armada faz com que esse aparelho repressivo das rondas se volte para a criminalidade urbana, o que resultou no começo de operações de rondas contra a presença de LGBT's nos espaços públicos. Alguns delegados tornaram-se famosos durante esse período, como Sérgio Paranhos Fleury, responsável por reprimir presos políticos do Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS-SP), e depois deslocou-se para o Departamento de Investigações Criminais (DEIC) e passou a organizar rodas para combater à prostituição de travestis, assim como os delegados Paulo Boncristiniano e José Wilson Richetti, que chefiaram Delegacias Seccionais de Polícia, também saíram do DEOPS-SP para realizar operações de ronda contra a presença de LGBT's nas ruas durante o governo estadual de Paulo Maluf (1979-1982).

Ainda segundo Ocanha (2014), a polícia civil do estado de São Paulo se concentrava em perseguir travestis desde 1976 com base na Portaria 390/76, que autorizava prender todas as travestis da região central do município para a realização de um cadastro com fotos para que juízes avaliassem o grau de periculosidade dos chamados pervertidos. O delegado Guido Fonseca realizou estudos de criminologia envolvendo as travestis, tratando o tema como perversão, e afirmava que havia um crescimento da prostituição travesti no Brasil e no mundo.

Essa percepção, na realidade, foi resultado da popularização da terapia hormonal e o surgimento da cirurgia da mudança de sexo na década de 1970. O tema era tão controverso que o primeiro médico brasileiro a realizar esse tipo de operação em 1971, e que também expôs o assunto no XV Congresso Brasileiro de Urologia, Roberto Farina foi processado pelo Ministério Público por grave lesão corporal no ano de 1975 e condenado a 2 anos de prisão em primeira instância. A disseminação desses tratamentos, além da utilização das próteses mamárias e silicone industrial, possibilitou a construção e desconstrução dos corpos gerando uma visibilidade e exposição das travestis, até então restrita às boates.

A expansão da prostituição travesti se deu por conta da junção de dois fenômenos: o primeiro se refere aos já citados avanços na medicina e o segundo é a expansão da própria malha urbana de São Paulo, que cresceu 37,5% dos anos de 1965 até 1980. Esse crescimento da área urbana de São

Paulo que se deu com a evacuação da elite para bairros planejados e isolados como Alphaville e a construção de condomínios fortificados pela cidade, alterou profundamente o uso e o cotidiano dos espaços públicos, produzindo novos espaços de prostituição.

A década de 1970 também é marcada pelo chamado “desbunde gay” (OCANHA, 2018, p. 153), onde a homossexualidade rompe com o silenciamento e se torna visível no espaço público – com a abertura de boates, saunas e bares especializados – e que teve como resposta o surgimento de rondas de policiamento ostensivo, sob o argumento de combate à prostituição, porém, diversos segmentos LGBT’s sofreram com perseguições e prisões arbitrárias.

O instrumento jurídico utilizado para fundamentar tais ações era o artigo 59 da Lei de Contravenções Penais, conhecida como vadiagem, que tinha como pena a prisão simples que poderia durar de 15 dias a 3 meses. Quando eram abordadas pelas rondas policiais, as travestis eram obrigadas a apresentar o RG, carteira de trabalho e comprovação de renda – acompanhadas de xerocópia – para não serem consideradas vadias, exigências que não eram solicitadas a um cidadão cisgênero, popularizando as prisões que receberam do Estado uma estrutura carcerária para atender essa dinâmica. A situação tornou-se pior com a Lei nº 6416 de 24 de maio de 1977, que proibia o pagamento de fiança para a soltura das pessoas acusadas de vadiagem.

As travestis perseguidas não aceitaram a situação sem resistência. Segundo a advogada Alice Soares, do Centro Acadêmico XI de Agosto, que prestava atendimento gratuito às travestis presas nessas operações, houve uma rebelião no 4º Distrito onde muitas travestis cortaram os pulsos exigindo liberdade. Além desse episódio, ocorreram queimas de colchões e a adoção de uma estratégia: algumas travestis ficavam responsáveis por enfrentar e bater nos policiais para que suas companheiras conseguissem fugir.

O ano de 1980 foi marcado por mais um golpe na comunidade trans: no mês de março, foram produzidas uma série de reportagens pelo jornal *Estado de São Paulo* com o título “*Perigo: a invasão dos travestis*”. Em maio, a Delegacia Seccional do Centro – responsável por todas as delegacias na

região central da cidade – nomeou o delegado José Wilson Richetti como responsável.

Richetti anunciou a Operação Cidade dois dias depois da sua posse, que consistia em blitz surpresas em locais considerados suspeitos e contava com 20 delegados e 100 investigadores disponíveis 24 horas por dia. Essa Operação Cidade durou apenas um dia, mas resultou na prisão de 172 pessoas que, nas palavras do próprio Richetti, eram “homossexuais, prostitutas, travestis e um indivíduo com posse ilegal de arma”, além de um hotel completamente destruído por policiais.

No mesmo mês de maio, o delegado criou outra operação, a Operação Limpeza, que prendeu mais de 700 pessoas – prostitutas, travestis e homossexuais – sob o argumento que teriam envolvimento com marginais e o tráfico de drogas. Apenas dois dias depois, ela passa a se chamar Rondão. A Secretaria de Segurança Pública emitiu uma nota em apoio ao delegado Richetti, assim como deputados do Partido Democrático Social (PDS) – sucessor da antiga ARENA, que era base de apoio do regime militar, o mesmo partido do então governador Paulo Maluf – utilizaram a tribuna para legitimar suas ações.

Durante esse período era comum o apoio às operações policiais por parte de associações comerciais e de moradores no combate à prostituição em áreas onde havia a frequência da comunidade gay, lugares que até então atendiam uma clientela com elevado poder aquisitivo e começaram a ser substituídos por estabelecimentos que atendiam ao público homossexual.

Mais uma vez houve uma reação. Em 6 de junho, às 10 horas da manhã, foi organizada uma manifestação na Praça Júlio Mesquita contra os Rondões, do delegado Richetti, formada por prostitutas e travestis. No dia 13, em frente ao Teatro Municipal, foi realizado um ato público contra a violência policial, com uma carta aberta ao público, assinada por 13 entidades ligadas ao movimento negro, feminista, estudantil e homossexual.

A passagem da Ditadura Militar para a democracia ocorreu com a estereotipação da comunidade LGBT com a prostituição e criminalidade nas ações da polícia, o que permitiu a manutenção das violações dos direitos humanos e na continuidade das rondas. Em 1987, no auge da epidemia de Aids, o prefeito Jânio Quadros lançou a Operação Tarântula, que tinha como

objetivo combater a prostituição travesti. Além do apoio da polícia civil e militar, Jânio utilizou também a Guarda Civil Municipal nas prisões e o Corpo de Bombeiros para atirar jatos d'água nas travestis que estivessem praticando a prostituição.

A operação terminou com a intervenção do Secretário de Segurança da época, Eduardo Muylaerte após encontros com ativistas que denunciavam o assassinato de travestis por parte da GCM¹⁹. No ano seguinte, foi promulgada a Constituição de 1988 e implantada a Defensoria Pública, fazendo com que a contravenção penal de vadiagem perdesse força.

Mesmo hoje, ainda ocorrem ações policiais que perseguem as travestis, como em 5 de outubro de 2017, onde nove travestis que estavam circulando pela Praça da República foram presas pela polícia militar – na liderança do Sargento Pires – sob a alegação de prostituição e desacato. Elas permaneceram detidas durante um dia inteiro para averiguações no 3º Distrito Policial, localizado na Rua Aurora, delegacia que, ironicamente, leva o nome de José Wilson Richetti.

Como é possível observar, a história das travestis e transexuais no Brasil, assim como no mundo, é uma história de luta e de resistência, quase nunca reconhecida. Foram elas que tomaram a frente de muitas das batalhas da comunidade LGBT que resultaram nas conquistas de direitos.

Não reconhecer essa imensa contribuição é colaborar com a marginalização e o silenciamento desse grupo social, pois parte-se do pressuposto que as travestis e transexuais são inaptas para compreender e reagir frente a uma realidade adversa, com perseguições e opressões, mas são elas que sofreram e ainda sofrem as maiores perseguições por parte do Estado e da sociedade.

Entretanto, mesmo reconhecendo esse contexto histórico de luta e resistência por parte das travestis e transexuais, é urgente reparar essa injustiça social. Pesquisar as políticas públicas que surgem tardiamente para atender às demandas básicas das travestis e transexuais, como a CAE

¹⁹ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/01/1951067-sobrevivi-diz-vitima-de-operacao-da-policia-de-caca-a-travestis-ha-31-anos.shtml>>. Acesso em: abril de 2019.

Florescer, faz-se necessário para compreender o processo de construção dessa reparação por parte do Estado, assim como seus resultados.

5.2 Responsabilidade psicoemocional e Psicopatologias

As entrevistas realizadas neste presente trabalho foram realizadas com mulheres trans, travestis e transexuais que passaram pela CAE Florescer e hoje vivem de forma autônoma, sem mais a necessidade do atendimento dessa política pública. Mas, mesmo assim, houve a preocupação de elaborar um questionário que respeitasse psicológica e emocionalmente essas pessoas. As perguntas são abrangentes, sem abordar diretamente as vivências de vulnerabilidade do passado – o trabalho com prostituição de rua, a cafetinagem, as violências vividas das mais variadas naturezas (por parte da família ou Estado, por exemplo), a experiência de morar na rua – dessas mulheres e esses temas apenas seriam abordados se houvesse interesse por parte das entrevistadas.

Se por um lado pode-se idealizar a vulnerabilidade desse grupo social, por outro pode-se incorrer ao erro de simplesmente ignorar as condições emocionais e psicológicas dessas mulheres no momento da entrevista.

Durante a observação de campo, foi possível atentar que um grupo de pesquisadores da USP, de um programa de pós-graduação interdisciplinar, estavam realizando um trabalho audiovisual com as conviventes da CAE Florescer, ou seja, pessoas que ainda estavam em atendimento nessa política pública que acolhe somente mulheres em situação vulnerável estavam realizando seu trabalho sem uma preocupação e cuidado com o estado emocional e psicológico dessas atendidas.

Muitas das mulheres que foram convidadas e aceitaram conceder uma entrevista para a produção desse material audiovisual, dando o seu relato de vida frente às câmeras, tinham sido recém-acolhidas, algumas ainda se encontrando em uma situação de drogadição e sem o acompanhamento do Centro de referência de álcool, tabaco e outras drogas (CRATOD), ou seja, emocionalmente e psicologicamente sensíveis. Nessas entrevistas, foi solicitado para que relatassem em detalhes as várias das violências vividas, desde a expulsão de casa, a exclusão do espaço escolar, as violências experienciadas no trabalho de prostituição, violências decorrentes da transfobia

além da exposição da experiência de morar na rua, sem dar a devida atenção o quanto isso poderia afetar a pessoa entrevistada.

Talvez essas questões deversem ser abordadas apenas com conviventes que tiveram um tempo significativo de atendimento nas políticas públicas direcionadas para pessoas em situação de vulnerabilidade e, conseqüentemente, com maior tempo de acompanhamento médico e psicológico, além do aval da própria psicóloga da CAE Florescer, pois assim teriam maior estabilidade psicoemocional para lidar com essas questões. As mulheres recém-chegadas ainda estão com essas vivências de violência muito presentes na memória. No decorrer da observação de campo, muito das falas da psicóloga, da assistente social e do gerente de serviços em relação a esse trabalho audiovisual era de que as atendidas recém-chegadas que cederam essas entrevistas ficaram emocionalmente abaladas e psicologicamente instáveis, sendo que algumas delas retornam para a Cracolândia em busca de drogas logo após a realização das gravações. Uma das ex-conviventes entrevistadas descreve de forma clara essas situações vividas pelas abrigadas:

[...] o maior ponto negativo na Casa Florescer é que as pessoas, elas vêm visitar a Casa sem conhecimento, então isso fode muito. A psicóloga até tentou fazer um textinho bonitinho falando “olha, trate as pessoas assim, são todas elas, não pergunte do nome civil e tal”, mas meio que ficou em off porque entra e sai pessoa, e nem a psicóloga sabe quando vai entrar e quando vai sair a pessoa. Essa era a coisa mais foda, sabe? Você chegar e a pessoa falar “ah, que não sei o quê”, e todo santo dia você tem que falar “olha, não falo com a minha mãe, fui expulsa de casa, eu me drogo, eu fiz prostituição”. Todo santo dia isso, você falar isso, é meio que chato, cansativo, é, acho que esse é o ponto mais negativo. Não sei se tem a ver com o turismo, acho que tem um pouco a ver por que as pessoas vão visitar a casa, né? Então elas vão como turistas, acho que tem esse aspecto aí.

Todo cientista que se propõe a estudar grupos ou indivíduos humanos deveria ter o compromisso de refletir o quanto o seu trabalho pode afetar as pessoas pesquisadas, em especial pessoas em situação de vulnerabilidade, que é o caso de pessoas que são atendidas pelas políticas públicas oferecidas pela SMADS.

Um centro de acolhida ampara pessoas que viviam nas ruas e uma grande parcela desse grupo também se envolvem com vícios de substâncias lícitas e ilícitas, além de problemas de saúde física e psicológica. Por esse motivo que essas políticas públicas trabalham de forma coordenada e tem o objetivo de auxiliar essas pessoas sob as mais diversas frentes.

De acordo com a própria psicóloga da CAE Florescer, esse início do atendimento/tratamento não é o mais adequado para trazer à tona as memórias de abusos, violências físicas, psicológicas e emocionais, tanto que o atendimento por ela realizado tem como princípio o respeito pelo tempo de cada uma das atendidas. Trabalhar com todas essas questões só vai ocorrer se for da vontade da convivente.

Esse debate, de que forma se deveria abordar pessoas em situação de vulnerabilidade em uma pesquisa, é apresentado no texto “O desafio de revisar aspectos éticos das pesquisas em ciências sociais e humanas: a necessidade de diretrizes específicas” (GUERRIERO E MINAYO, 2013), onde as autoras expõem que a Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) – apesar da existência da Resolução 466/12, mais recente, porém mantém a concepção de pesquisa da Resolução 196/96 –, foi elaborada considerando apenas as pesquisas biomédicas, em detrimento aos estudos sociais empíricos, fazendo com que os termos dessa resolução não sejam aplicáveis nas pesquisas na área de ciências humanas.

Guerriero e Minayo (2013) asseguram que as pesquisas na área das ciências sociais e humanas têm como princípio não tratar os participantes como objeto de estudo, mas, sim, estimular a interação com os pesquisadores, valorizando as observações desses sujeitos em relação às suas experiências cotidianas, ou seja, são atores ativos desse processo de pesquisa, pois, via de regra, essa forma de conhecimento é produzido pela intersubjetividade. O pesquisador não é neutro e por isso há uma preocupação em produzir um estudo sem generalizações, além de considerar os participantes da pesquisa como os primeiros avaliadores do trabalho realizado ao compartilhar o resultado do que foi investigado.

Se não existe uma resolução que contemple as ciências sociais e humanas apresentando diretrizes claras relacionadas aos aspectos éticos de

uma pesquisa na área, que o norteador desse processo seja o mínimo de preocupação e respeito ao grupo social estudado.

Outra situação interessante de relatar, contemplada durante o processo de observação de campo, é a presença no centro de acolhida de atendidas com psicopatologias, sendo que duas conviventes possuíam laudo de transtorno de personalidade borderline, conforme informações da psicóloga da CAE Florescer.

Na obra *“Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais”* (DALGALARRONDO, 2008), os transtornos de personalidade se caracterizam por produzir uma acentuada discrepância no plano do intrapsíquico e nas relações interpessoais, trazendo extremo sofrimento para o indivíduo portador, familiares e pessoas próximas, características que dificilmente se modificam com as experiências durante a vida, pelo contrário, tendem a permanecer estáveis. O transtorno de personalidade borderline faz parte de uma subdivisão desses transtornos.

De forma mais específica, o que caracteriza um transtorno de personalidade, em concordância com a classificação de transtornos mentais, a CID-10, da Organização Mundial da Saúde (OMS), são as seguintes características:

1. Habitualmente se apresentam durante a infância ou adolescência e possuem a tendência de permanecem estáveis.
2. Os comportamentos e ações afetivas se manifestam de forma desarmônica, abrangendo vários aspectos da vida do portador do transtorno: afetividade, controle de impulsos, o modo e a forma de se relacionar interpessoalmente, entre outros.
3. O padrão anômalo de comportamento e de respostas na esfera afetiva e das vontades é permanente e de longa duração.
4. A anormalidade no padrão de comportamento inclui muitos aspectos do psiquismo e da vida social do sujeito, não limitado apenas a um tipo de reação.
5. O padrão de comportamento é mal adaptativo, resultando em uma série de dificuldades para o sujeito e para as pessoas de seu convívio.

6. Não são condições relacionadas diretamente a uma lesão cerebral evidente.
7. O transtorno de personalidade gera sofrimento em algum grau, que se manifesta em forma de angústia, solidão, sensação de fracasso pessoal, dificuldade de relacionamento, por exemplo, mas que para o indivíduo se torna evidente apenas tardiamente na vida.
8. Pode gerar um mau desempenho ocupacional – nos estudos e no trabalho – e/ou social.

Ao analisar o efeito das políticas públicas, não se deve criar grandes expectativas em relação a uma influência positiva nesses indivíduos portadores de transtorno de personalidade. Segundo o “*Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais DCM-5*, produzido pela *American Psychiatric Association* (2014), qualquer ação, atividade ou projeto têm pouco ou nenhum efeito na mudança de comportamento das pessoas portadoras de transtorno de personalidade, pois muitas dessas pessoas conseguem até mesmo ludibriar especialistas. Que fique claro que isso não significa defender a permanência dessas pessoas em uma conjuntura de miséria, mas, sim, pensar em intervenções mais efetivas e específicas de acordo com os especialistas da área.

Ambas as conviventes da CAE Florescer que possuíam diagnóstico de borderline já não estavam recendo o atendimento do centro de acolhida ao final do trabalho de campo. De uma delas não se tinha notícia, o que causava uma certa curiosidade e apreensão entre as pessoas da instituição – conviventes e funcionários –, já que, quando estava sob os cuidados da política pública, essa convivente chegou a mastigar vidro em um momento de raiva. Porém, da outra ex-convivente se soube que estava em processo de destransicionamento por influência de uma igreja evangélica que se declara inclusiva e LGBTI, localizada no bairro da Vila Mariana, através de informações de ex-conviventes que frequentam a CAE Florescer para encontrar as amigas.

A automutilação, ataques de fúria e perturbação da identidade com instabilidade acentuada e persistente fazem parte de um padrão comportamental de pessoas com transtorno de personalidade borderline, além de outras características, como a impulsividade autodestrutiva expressa no

abuso nos gastos e substâncias. As duas ex-atendidas eram adictas, e de uma delas, era abertamente conhecido o descontrole com os gastos, o que lhe causava sérios problemas de convivência: por conta de suas dívidas, que a levou a perder o emprego.

Uma terceira ex-convivente, que, segundo a psicóloga da CAE Florescer, também possuía traços de transtorno de personalidade – sem dispor de laudo – que igualmente criava consideráveis problemas de relacionamento interpessoal, tanto no convívio com as pessoas que ela coabitava na casa de acolhida durante o período que foi atendida, quanto no trabalho formal que conseguiu conquistar enquanto era convivente na política pública. No entanto, o comportamento demonstrado por essa ex-atendida continha traços de um outro tipo de transtorno de personalidade: o transtorno do tipo narcisista.

Segundo o “*Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais DCM-5*”, uma das características do indivíduo portador do transtorno de personalidade narcisista é a necessidade de admiração, com comportamento de grandiosidade. Associada a uma falta de empatia, acredita ser uma pessoa especial e, conseqüentemente, só pode se associar a pessoas e instituições elevadas.

Ainda, carrega um sentimento de possuir direitos e possui atitudes de exploração nas relações interpessoais, tirando vantagens dos outros para atingir os seus fins, pois carece de empatia e demonstra arrogância. São hábeis manipuladores e podem se apresentar como extremamente simpáticos e solícitos caso isso se reverta em benefício próprio. Também triangulam relações, ou seja, criam mentiras sobre terceiros com o intuito de manchar reputações ao mesmo tempo que lapidam sua imagem, numa violência silenciosa (MARTINS, 2009).

Em algumas dessas manifestações de necessidade de admiração e manipulação, essa terceira ex-convivente com traços de transtorno de personalidade envolveu até mesmo o pesquisador deste trabalho de forma involuntária. Ela assegurava para muitas pessoas que foi pedida em casamento e convidada a morar na casa do pesquisador, enquanto para outras pessoas chegou a relatar que sofreu abuso sexual. Por conta de um histórico na produção de inverdades e relatos mirabolantes, contados no período que era atendida pela CAE Florescer, essas histórias não se desenvolveram para

algo maior e se mantiveram na categoria de “mais uma mentira”. No entanto, é preciso salientar que essas falas por parte da ex-convivente continham um potencial para se tornar um problema.

Por questões de ordem psiquiátrica, essas três mulheres foram desconsideradas para ceder entrevistas para esta pesquisa, mesmo que tenham conquistado uma autonomia financeira, através de um trabalho formal.

Ao relatar esses dois casos de transtorno de personalidade borderline, somado a um caso de uma pessoa que possui traços de um outro subtipo de transtorno, equivocadamente pode-se dar a impressão que essas psicopatologias são muito comuns entre as mulheres trans, travestis e transexuais. O que ocorre na realidade, como já foi descrito anteriormente, a CAE Florescer conta com a presença constante de uma psicóloga que acompanha cotidianamente as atendidas, além da articulação da instituição com outras políticas públicas da área de saúde, o que facilita o diagnóstico e um possível tratamento, caso seja do interesse da abrigada.

Esses transtornos estão presentes na sociedade em geral, porém, muitos dos portadores são vistos apenas como pessoas complicadas, difíceis ou de personalidade forte, resultando em um total desconhecimento da condição real desse sujeito, quiçá a busca de um diagnóstico. O “*Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais DCM-5*” aponta que a prevalência do transtorno de personalidade borderline é estimada em torno de 1,6% a 5,9% da população em geral, enquanto 6,2% pode ser a prevalência estatística máxima em relação ao transtorno de personalidade narcísica, por exemplo.

Essas situações particulares descritas em relação às mulheres trans, travestis e transexuais atendidas demonstram a importância de políticas públicas específicas, uma vez que há possibilidade de realizar um acompanhamento psicológico individualizado que atenda efetivamente as necessidades desses sujeitos.

5.3 Inserção do pesquisador: racismo amarelo na comunidade LGBTI

Um apontamento evidenciado durante a primeira banca de qualificação foi a questão étnico-racial do pesquisador na interação com as mulheres trans, travestis e transexuais em situação de vulnerabilidade na CAE Florescer que

seriam observadas e nas entrevistadas que não estavam mais em situação vulnerável, mas que haviam vivenciado essa situação por um significativo ou longo período de sua vida. Segundo o que foi apresentado, os asiáticos são extremamente privilegiados, beneficiados com uma imagem excessivamente positiva e associados a trabalhos de prestígio e com altos salários, ou seja, não sofrem discriminação, e isso resultaria em um impacto muito negativo no emocional das mulheres trans, travestis e transexuais, pois a presença de um pesquisador asiático reforçaria ainda mais essa imagem de exclusão e discriminação da experiência vividas por esse grupo social.

Nesse discurso, percebe-se que a academia acaba, mesmo que sem intenção, reforçando a invisibilidade do racismo amarelo, ao mesmo tempo que combate o racismo negro e indígena, estimulando e produzindo pesquisas e debates sobre o tema, o que resulta em uma grande contradição: como combater a racialização – baseada na ideia do determinismo genético/racial – que legitimou séculos de escravidão, expropriação, exploração e extermínio da população negra e indígena no Brasil se por outro lado se estimulam e se reforçam estereótipos e segregação baseados também na categoria “raça”?

É necessário se atentar ao fato de que os preconceitos e as discriminações se interseccionam, ou seja, para discutir a LGBTfobia de forma integral, é necessário debater também a questão racial. A presença de um pesquisador asiático ao invés de um pesquisador branco nos espaços ocupados por mulheres trans, travestis e transexuais, assim como na relação de entrevistador e entrevistada, tem seus impactos no resultado da pesquisa, no entanto, é imprescindível analisá-los para além do senso comum.

O debate sobre o racismo amarelo no Brasil é ainda novo, praticamente invisível e, consequentemente, a produção científica em torno desse tema ainda engatinha. Entretanto, nos Estados Unidos da América, há uma produção significativa desse conteúdo e pesquisadores de diferentes áreas das humanidades se debruçam sobre assunto. É o caso da historiadora Ellen D. Wu, da Universidade de Indiana, na sua obra *The Color of Success: Asian Americans and the Origins of the Model Minority* (2014), quando apresenta o desenvolvimento da imagem do asiático no imaginário estadunidense. De acordo com Wu, durante o séc. XIX, os asiáticos eram vistos como estrangeiros repulsivos e eram, consequentemente, excluídos socialmente,

tendo de viver segregados e obrigados a suportar leis antimiscigenação e linchamentos, mas com a virada do século, especificamente no pós-guerra, essa imagem foi refinada para a chamada minoria modelo: uma minoria étnica digna, economicamente dinâmica e inofensiva politicamente e não-negra.

A concepção de minoria modelo tornou-se evidente a partir de um artigo publicado na *New York Times Magazine* em 1966, escrito pelo sociólogo William Petersen, que relatava o sucesso dos japoneses nos negócios nos EUA. Muitas histórias de asiáticos de sucesso preencheram os espaços da imprensa estadunidense durante a década de 1960-1970, reforçando o estereótipo do povo dedicado, próspero e, ao mesmo tempo, passivo, o tipo de pessoa que trabalha com afinco sem jamais se queixar.

A historiadora afirma que o mito da minoria modelo é danoso por duas razões em especial: primeiramente, porque a generalização esconde as desigualdades sociais, políticas e ideológicas dos asiáticos que vivem nos EUA e, em segundo, porque esse estereótipo coloca o asiático-americano como definitivamente não-negro, gerando uma polarização entre asiáticos-americanos e afro-americanos. Se os asiáticos, como minoria étnica se esforçaram e chegaram numa posição econômica privilegiada, isso significa que os negros não conseguiram essa posição porque não se esforçaram o suficiente, apontando sua cultura como inferior e omitindo uma longa história de exploração e violências, além de reforçar outro mito: o da meritocracia.

Rosalind Chou, socióloga da Universidade da Geórgia, refuta a ideia de que asiáticos são imunes ao racismo em seu livro *The Myth of the Model Minority: Asian Americans Facing Racism* (2008). Ela baseia seu estudo em entrevistas realizadas em escolas e corporações nos Estados Unidos da América, expondo inúmeras experiências de discriminação racial – segundo Chou, experiência similar aos que os muçulmanos sofrem – e brincadeiras “leves” como, por exemplo, dizer que a Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) é uma universidade dos brancos no meio de asiáticos. Algo similar ocorre no Brasil, com frases “mate um japonês e passe na USP” ou “deveria existir cotas com limites para asiáticos na USP”.

Chou ainda afirma que, sob a perspectiva da sociologia, essas falas refletem a própria definição de racismo, pois se trata de uma diferenciação a partir da raça, que certifica o controle institucionalizado pelos brancos. Ela

declara também que se no passado os asiáticos sofreram com leis de exclusão e participação civil, hoje os asiáticos são alvo de agressões e crimes de ódio.

O racismo amarelo se torna mais pernicioso porque os próprios asiáticos-americanos não se posicionam diante da discriminação e não reportam os incidentes, postura diferente dos afro-americanos que possuem uma longa história de ativismo antirracista, de acordo com a socióloga Eileen O'Brien (2008), da Universidade Saint Leo.

A imagem dos asiáticos-americanos é de um povo tranquilo que não responde a provocações, tornando-os alvos fáceis para insultos, assédios e agressões e o discurso de economicamente privilegiados faz com que a discussão do racismo amarelo se torne invisível. Como resultado, 33% dos estudantes asiáticos-americanos desistem do ensino médio nos Estados Unidos da América, o índice mais elevado do país, com sintomas de depressão, insônia e isolamento social. Os dados do estudo de 2007, realizado pela *American Psychological Association*, corrobora essa realidade: a segunda causa de mortes de asiáticos-americanos entre 15 e 34 anos é o suicídio, tanto que algumas universidades estadunidenses possuem setores dedicados especificamente para asiáticos vítimas de preconceito, afirma O'Brien.

O que não é o caso de Harvard, uma das mais conceituadas universidades do mundo, que está sendo acusada de discriminação em relação aos estudantes asiáticos-americanos no seu processo de seleção/admissão, e a ação civil movida contra a universidade está recebendo o apoio do Departamento de Justiça dos EUA, que investiga o caso.

De acordo com reportagens que datam de 2018²⁰, apesar de bom desempenho em notas e atividades extracurriculares, os alunos asiáticos-americanos recebem notas baixas em quesitos subjetivos como “personalidade positiva”, “simpatia” e “amplamente respeitado”, fazendo com que tenham suas chances de ingresso significativamente reduzidas. Uma reportagem da *New York Times*²¹ assinada por Anemona Hartocolis, traduzida pelo jornalista Luiz Roberto Mendes Gonçalves, da Folha de São Paulo, informa que

²⁰ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-45912209>>; <<https://exame.abril.com.br/mundo/justica-americana-acusa-harvard-de-discriminar-descendentes-de-asiaticos/>>. Acesso em: abril de 2019.

²¹ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/06/asiaticos-acusam-harvard-de-discriminacao-durante-selecao-de-alunos.shtml>>. Acesso em: abril de 2019.

pesquisadores da própria instituição haviam relatado preconceito contra candidatos asiáticos-americanos em um vasto relatório de 2013 que foi ignorado pela Universidade, segundo informações fornecidas pelo Tribunal Federal de Boston. Essa situação deixa claro que asiáticos podem sofrer com discursos e práticas racistas até mesmo de instituições respeitadas e consagradas como Harvard.

Dentro dos espaços LGBTI's, o racismo não é diferente. Mesmo a comunidade como um todo sofrendo com preconceito e a LGBTfobia, a raça é um fato preponderante para o aumento da discriminação. No estudo²² *"LGBT Charity"*, elaborado no Reino Unido em 2018 pela organização *Black, Asian and Minority Ethnic (BAME)*, em parceria com o aplicativo gay internacional *Chappy*, realizada com 500 homens gays britânicos, constatou-se que 7% dos homens brancos se sentiram discriminados racialmente no meio LGBTI enquanto que 35% das pessoas não-brancas experienciaram essa mesma situação, o que significa que homens gays negros, asiáticos e pertencentes a outras minorias étnicas têm cinco vezes mais chance de sofrer discriminação do que um homem gay branco.

Ainda segundo o estudo, essa discriminação tem levado muitas pessoas a um isolamento étnico, gerando grupos minoritários dentro de um grupo já minoritário, pois existe o receio por parte desses grupos que sofrem preconceito de serem hostilizados pessoalmente, assim como ocorre nos meios virtuais. Segundo Ozzy Amir, fundador da BAME LGBT Charity, sob a desculpa de "preferências", as pessoas se sentem confortáveis em serem declaradamente racistas, postando frases como "fora, negros, e fora, asiáticos" que são bastante comuns em aplicativos de paquera.

Amir declara que o resultado não chega a ser surpreendente, mas ajuda a quantificar o problema do racismo na comunidade LGBTI, pois aponta que mais de um terço dos homens gays negros, asiáticos e de outras minorias étnicas já sofreram discriminação, e exibir esses dados à população gay branca pode ajudar a esclarecer o quão endêmico é o problema, já que a segregação BAME gera um ciclo de auto reforço de exclusão e invisibilidade.

²² Disponível em: < <https://chappyapp.com/blog/chappy-s-discrimination-report>>. Acesso em: abril de 2019.

Sam Dumas cofundador do aplicativo *Chappy*, alega que essa auto segregação não é uma solução sustentável para a discriminação e é de responsabilidade da *Chappy*, como um aplicativo de paquera gay, criar um ambiente que não seja rude e abusivo, mas, seguro, divertido e inclusivo. Como resposta, não há mais um filtro de raça para selecionar pretendentes, além da criação da campanha “*Don’t be a DICK*”, que tem como intenção mobilizar respeito a todas as pessoas da comunidade LGBTI, eliminando os abusos online e banindo pessoas racistas. Ele ainda declara que a comunidade sofreu e ainda sofre discriminação, e por isso há um dever em ser proativo na prática de não permitir que pessoas que manifestam atitudes que vão de encontro com uma sociedade aberta que se deseja construir.

De acordo com a bibliografia e as pesquisas apresentadas, o corpo asiático não simboliza o extremo do privilégio social, seja na sociedade em geral, no meio acadêmico ou no meio LGBT, e isso se manifestou durante todo o campo desta presente pesquisa.

É importante salientar que mesmo as trans, travestis e transexuais – atendidas em algum momento pela CAE Florescer – que estão ou estiveram inseridas na realidade da prostituição de rua ou em casa de cafetina, muitas vezes também dentro de uma situação de drogadição, não são meras receptoras do preconceito e discriminação: são pessoas que também produzem e reproduzem esse cenário. Pode-se exemplificar tal situação quando as TT’s utilizam termos como “viadinho”, “bichinha” e “maricona” (termo pejorativo utilizado para se referir a gays idosos) dentro do universo LGBTI ou racial quando empregam os termos “dundi” (do pajubá²³, utilizado de forma pejorativa como sinônimo de homem negro), “japa” e “china”.

Da mesma forma que as mulheres cis, as mulheres trans, as travestis e as transexuais são objetificadas – como os corpos não brancos, sempre de forma mais incisiva os corpos femininos –, esses indivíduos podem não ter uma postura crítica em relação a essa condição imposta e podem objetificar pessoas que estão dentro desse universo não branco e não heterossexual. Ao solicitar uma entrevista com uma ex-convivente da CAE Florescer e que hoje

²³ Linguagem praticada por membros do candomblé, religião de matriz africana que possui em sua base sacerdotal muitos homossexuais e conhecida aceitação da população trans, resultando em grande parte da identidade LGBT (CRUZ E TITO, 2016).

se encontra em um emprego formal, a condição imposta foi a que a entrevista seria concedida apenas no caso do entrevistador ter uma relação sexual com ela sob argumento de que “ela queria experimentar um japa, mesmo sendo gay, para saber se o pau era realmente pequeno”.

Na observação de campo que ocorreu em 30 de janeiro de 2019, no evento *Jantar Trans* que comemorava o dia da visibilidade trans nas dependências da CAE Florescer, uma travesti ex-convivente aproximou-se do pesquisador para dizer algumas palavras e falou em um tom de deboche “*shing ling*, pastel de “flango”, “aligatô”, sayonara”. Quando foi repreendida sob o argumento de que estava fazendo piadas racistas com uma pessoa que ela desconhecia, ela mudou sua postura, se afastou, abraçou uma convivente e berrou: “VOCÊ NÃO TEM O DIREITO DE OFENDER AS TRAVESTIS, TEM QUE APRENDER A RESPEITAR AS MANAS!”.

Interessante notar que em todo o período que o pesquisador esteve presente realizando a observação participante, nenhuma provocação do mesmo tipo ocorreu com voluntários, funcionários ou visitantes brancos. Em compensação, foi observado que visitantes ou voluntários negros recebiam menor ou nenhuma atenção – atividades elaboradas e conduzidas por pessoas negras tinham menor adesão do que as conduzidas que por pessoas brancas – e houve a ocorrência de injúria racial por parte de uma convivente para com um funcionário negro.

Outra observação relevante nessa análise do campo, considerando a questão da intersecção racial, é que os voluntários ou pesquisadores brancos que frequentam a CAE Florescer sempre tinham seu nome, sobrenome e profissão lembrados por grande parte das conviventes. Um pesquisador asiático é denominado apenas como “japa”, e essa situação ocorreu também em alguns momentos com funcionários da casa de acolhida.

5.4 Atividades de lazer e turismo na CAE Florescer

As observações de campo foram realizadas nas atividades e eventos que a CAE Florescer divulgava como cultural, lazer ou passeio, seja pela página oficial do Facebook ou através dos avisos enviados pelo gerente de serviços por aplicativo de mensagem. Durante o período de observação, que foi do dia 5 de dezembro de 2018 até 16 de março de 2019, foram realizados

25 roteiros de observação participante (apêndice C), sendo que a maioria das atividades – 20 no total – ocorreram no próprio espaço da CAE Florescer.

5.4.1 Atividades de autopromoção

Parte das atividades divulgadas como de lazer ou culturais eram, na realidade, ações promovidas por pessoa jurídica ou física com o intuito de autopromoção, o que resgataria o subcapítulo 4.1 com a ideia do lazer e turismo mercantilizados, mas que aqui se manifesta sob uma perspectiva da exploração da imagem das travestis e transexuais atendidas pela CAE Florescer.

As abrigadas por não possuírem renda, não são consumidoras da prática de lazer e turismo, e por se encontrarem inseridas em uma política pública que objetiva um resgate social, não são também um atrativo, um objeto de consumo do turismo sexual. No contexto das atividades de autopromoção, as TT's são apropriadas como agregadoras de capital simbólico para pessoas e corporações.

Essas ações, mesmo não sendo perpetradas pela indústria cultural, acabam por produzir e aprofundar as desigualdades socioespaciais, retomando Werneck e Isayama (2001), já que produzem alienação, conformismo e aceitação por parte das atendidas, pois através do divertimento vazio de sentido – quando há divertimento, como será apresentado a seguir – e distribuição de brindes, se reafirma que a passividade em relação aos acontecimentos e sujeitos e instituições dominantes é o lugar pertencente às travestis e transexuais.

Nessa categoria, estão as ações promovidas pela Nextel, em 17 de dezembro de 2018, e a Inoar Brasil, uma empresa de cosméticos, em 19 de dezembro de 2018. Eram atividades que divulgavam e faziam propaganda da marca, além de investir na tentativa de atrelá-la a uma ação social.

Ambas as corporações distribuíram brindes e ofereceram lanches para as conviventes, uma forma de atrair um grande número das abrigadas a participar. A Nextel deu como presente uma *necessaire* com alguns produtos de higiene pessoal e maquiagem para cada uma das presentes, enquanto a Inoar Brasil doou um kit com produtos para cabelo. Esse chamariz atraiu 18

conviventes para a atividade da Nextel, enquanto a Inoar Brasil cativou 17 atendidas.

A Nextel realizou o que foi chamado de “roda de conversa”, que, a bem da verdade, foi uma apresentação da empresa e uma fala sobre como a corporação está preocupada com as questões sociais, além de uma dinâmica de uma entrevista de emprego, com dicas e informações extremamente genéricas.

A Inoar Brasil distribuiu camisetas pretas com o nome da empresa “Inoar” em dourado para todas as abrigadas e funcionários da CAE Florescer, e a atividade ocorreu na área coberta dos fundos da instituição. Houve uma apresentação de um músico posicionado no centro do espaço, e as pessoas se acomodavam no entorno, sentadas em cadeiras e em bancos de madeira em formato de escada com dois degraus. Em seguida, o próprio músico fez uma fala sobre timidez e o treino de como aprender a falar em público e perguntava para as conviventes se elas eram tímidas ou extrovertidas, como em um programa de auditório. Essa dinâmica de programa de auditório deu o tom de todo o evento.

Quando a mesa de lanche foi aberta, funcionários da Inoar Brasil tiravam muitas fotos com as mulheres atendidas pela CAE Florescer, solicitando que elas sorrissem e mostrassem o kit e a camiseta com o nome da empresa, deixando explícito que o intuito da atividade era a exposição da marca.

Em 15 de janeiro de 2019 ocorreu o chamado “Encontro com M. T.”. A tal M. T. se apresenta como empreendedora, *coach* de carreiras e especialista em recolocação no mercado de trabalho. Segundo as suas próprias palavras, ela produziria um encontro agradável, divertido e lúdico, onde apresentaria diversas formas de como as mulheres trans, travestis e transexuais da CAE Florescer poderiam se inserir no mercado de trabalho da maneira mais rápida e nas melhores empresas.

M. T. iniciou o que chamou de “roda de conversa”, mas, na prática, foi uma espécie de palestra ou workshop onde falava de suas experiências na recolocação de profissionais no mercado de trabalho e de seus contatos em grandes empresas como a Avon. Durante todo o processo, 10 conviventes participaram do início ao fim, realizaram perguntas sobre o mundo corporativo,

em especial como causar boa impressão em uma entrevista de emprego e em uma dinâmica de grupo.

A dinâmica do encontro tinha o tom do empreendedorismo presente em todo o discurso da M. T., que afirmou que as mulheres trans, travestis e transexuais precisam aprender a se mostrar importantes para as grandes corporações, porque, se estiverem bem formadas e com o comportamento adequado, as empresas perceberão que elas devem ser contratadas, assim como ocorre hoje com as pessoas com deficiência física. Segundo a *coach*, as corporações contratam pessoas com deficiência física porque esse grupo social conseguiu com muito esforço mostrar a sua importância e competência, além de terem conscientizado o mundo corporativo de que a presença de deficientes no mercado de trabalho valoriza qualquer marca.

Basicamente, a ideia era que o sucesso ou o fracasso no mundo corporativo por parte das travestis e transexuais da CAE Florescer se dava por responsabilidade unicamente delas. Sempre o pensamento era de que o comportamental influencia no “marketing pessoal”, que é a forma como você se vende, que é importante se manter atualizada, e não ter dinheiro, segundo M.T., não é uma desculpa, porque existem inúmeros cursos online, até mesmo de universidades renomadas como Harvard, e que é preciso fazer uma gestão de tempo. Tempo é dinheiro, disse.

M. T. dominava o conteúdo proposto por ela mesma, que é sobre comportamento no mundo corporativo e gestão de carreira, porém demonstrava um profundo desconhecimento da realidade das conviventes da CAE Florescer, assim como do universo das mulheres trans, travestis e transexuais. A sua atividade na casa estava mais próxima de uma autopromoção com trabalho filantrópico sem qualquer ligação com lazer.

A autopromoção revestida de atividade de lazer ou lúdica esteve presente em mais duas outras atividades da casa de acolhida: as visitas do prefeito Bruno Covas, em 10 de dezembro de 2018, e do cantor Nego do Borel, em 1º de fevereiro de 2019.

Segundo informações da CAE Florescer, a visita do prefeito, empossado em abril do mesmo ano, tinha como propósito mostrar ao poder público as instalações da casa de acolhida e, em seguida, realizar uma roda de conversa com as conviventes, o prefeito e sua equipe para debater as políticas públicas

voltadas para as TT's, acompanhado de um café da manhã preparado pela equipe operacional.

A previsão de início da visita era às 10h30, porém Bruno Covas chegou apenas às 11h34. O pesquisador chegou ao local às 10h e foi proibido de entrar no espaço da CAE Florescer por uma das pessoas da equipe do prefeito que já se encontrava no espaço. A entrada foi liberada apenas após solicitação da Assistente Social. As instalações estavam extremamente limpas e organizadas para receber o prefeito e sua equipe, que permaneceu pouquíssimo tempo na casa de acolhida, retirando-se às 12h07 sem realizar a roda de conversa.

Logo na chegada, o prefeito conversou rapidamente com o gerente de serviços e a assistente social, visitou parte das instalações da instituição, sempre acompanhado de uma grande equipe composta de 26 pessoas, incluindo o Secretário em exercício da SMADS, José Castro. Para se ter uma ideia de comparação, estavam presentes 16 conviventes da casa de acolhida.

O prefeito declinou o café da manhã – havia sanduíches, bolos, biscoitos, frutas, sucos, refrigerantes e café – e finalizou a visita concedendo uma entrevista à imprensa, cercado por sua equipe, seus seguranças e o secretário em exercício da SMADS, além do gerente de serviços da CAE Florescer. Era impossível ouvi-lo ou se aproximar, pois sua equipe impedia. A entrevista durou exatamente 7 minutos e foi acompanhada pelas rádios CBN e Bandeirantes.

Uma das abrigadas, que é cadeirante, revoltou-se com a postura do prefeito e em protesto levantou a camiseta, deixando os seios à mostra e começou a xingá-lo de “vagabundo”. Ela foi retirada às pressas para o fundo das instalações. Nesse mesmo instante, um atendido de um outro albergue próximo, do lado de fora do portão, tirou a camiseta, pendurou-se nas grades da CAE Florescer e ali se pôs a dançar.

Os funcionários da CAE Florescer estavam com a única função de tentar conter manifestações por parte das conviventes, especialmente após o incidente com a abrigada cadeirante, e era nítido o desconforto dos funcionários e abrigadas com toda a situação. Havia uma sensação de frustração da não possibilidade de conversar e apresentar as demandas para o prefeito e sua equipe, porém as falas eram de que o ocorrido era esperado,

pois “políticos são todos assim”. Essa atividade se mostrou apenas como uma plataforma para o então prefeito recém-empossado se mostrar como alguém presente nas políticas públicas do município.

Em 31 de janeiro de 2019, ocorreu o Jantar Trans nas dependências da CAE Florescer, em comemoração ao mês da visibilidade trans. O jantar foi oferecido pela própria CAE Florescer com a participação da igreja evangélica inclusiva da Vila Mariana.

A previsão de início era às 18h, mas ocorreram inúmeros imprevistos, como uma chuva forte que derrubou uma árvore dos fundos da instituição que caiu sobre a grade de proteção da quadra de esportes, destruindo-a. O gerente de serviços chegou atrasado, às 19h16, e muitos dos funcionários da casa não estavam cientes do evento e foram pegos de surpresa. A proposta inicial, segundo o gerente de serviços, era realizar o jantar nos fundos cobertos da CAE Florescer, mas por conta da chuva e do incidente com a árvore, o jantar foi realizado na sala da instituição de forma improvisada.

Todo o evento teve uma atmosfera de culto evangélico, a começar pela abertura: uma fala religiosa sobre amor e solidariedade de Deus, realizada por uma mulher trans, liderança da igreja inclusiva da Vila Mariana, com todos os presentes de mãos dadas. Houve “testemunho de vida” de duas ex-prostitutas travestis que se converteram, momento de oração para a cura da depressão, problemas com a família, mudança de vida para mudar a história das travestis e receber o toque do Espírito Santo. Essa etapa do evento foi finalizada com duas apresentações de dublagem de música gospel, uma realizada por uma fiel da igreja inclusiva, uma mulher trans e pela miss gay São Paulo, uma *drag queen*.

No evento totalizavam 60 pessoas, sendo apenas nove conviventes da CAE Florescer, mas estas participaram de forma entusiasmada, com todas as TT's claramente envolvidas emocionalmente, criando uma relação de salvadora e pecadora/perdida/triste/abandonada entre a liderança da igreja e as TT's presentes. Esse evento ficou marcado por conta da divulgação da igreja inclusiva da Vila Mariana, já que o mês do orgulho trans estava como um pano de fundo do evento.

Uma situação que teve início nas redes sociais acabou por gerar um evento na CAE Florescer, com intenções bastante oportunistas: o cantor Nego

do Borel criou uma polêmica com uma web celebridade, a travesti Luisa Marilac, ao responder um comentário escrito por ela em sua foto na rede social Instagram. Luisa chamou Borel de “gato” e ele respondeu dizendo que ela também “é um homem gato”. O que agravou a situação foi que, semanas antes, Luísa havia comemorado no seu Instagram a conquista da certidão de nascimento reconhecendo sua identidade feminina e Nego do Borel ter produzido o clipe da música *Me solta*, sob um discurso de respeito à diversidade e interpretando uma personagem trans, a Nega da Borelli.

Para contornar a repercussão negativa da comunidade LGBTI, foi organizada uma visita do artista na CAE Florescer em 1º de fevereiro de 2019. Ele chegou no espaço às 17h54, acompanhado de seus seguranças, jornalistas, incluindo uma câmera da Rede TV! e ouviu a história de vida de algumas das conviventes da casa de acolhida, retirando-se às 18h40. Havia seis conviventes participando da visita, visivelmente incomodadas, além de outras que se recusaram a cumprimentá-lo e se trancaram nos quartos. O clima era tenso e desagradável.

O site ObsevatórioG²⁴ escreveu em um trecho de sua notícia: “Visita ao Centro de Acolhida – Antes que fosse tarde demais e o processo já estivesse rolando, Nego do Borel resolveu começar a tomar atitudes sobre o assunto. Na tarde desta sexta-feira (1), o cantor visitou a Casa Florescer. O espaço abriga mulheres transexuais e travestis em situação de vulnerabilidade, na capital de São Paulo. Na ocasião, ele foi acompanhado de Agrepino Magalhães, ativista do movimento LGBTQI+. Em conversa com o site Na Telinha, Agrepino falou sobre o arrependimento de Nego do Borel. ‘Ele errou, todo mundo sabe que errou e feio. Chamar uma pessoa que tem uma identidade de gênero no masculino, sendo que a uma pessoa tem uma identidade de gênero que é feminino, é horrível. Mas eu vejo que ele errou e pediu desculpas e a gente vê na cara dele que ele se arrependeu’, disse.”

Outros sites, incluindo a página oficial da CAE Florescer no Facebook, também publicaram a visita do cantor, mas logo apagaram a notícia de suas

²⁴ Disponível em: < <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2019/02/apos-polemica-com-transfobia-nego-do-borel-visita-casa-de-acolhimento-a-trans-e-travestis>>. Acesso em: abril de 2019.

páginas, pois a repercussão foi extremamente negativa e foi considerada pela comunidade LGBTI como extremamente oportunista.

Outra questão importante é a parceria da CAE Florescer com a ONG Casarão Brasil. Essa parceria desenvolve o Ateliê Transex, que recebe verba da Secretaria de Cultura através de um edital e desenvolve na casa de acolhida atividades e oficinas programadas até o final do ano de 2019, tais como etiqueta social, criação de figurino, artes plásticas, coreografia/performance e maquiagem. Em 28 de fevereiro de 2019, ocorreu a oficina de etiqueta social, com previsão de início às 14h, mas houve um atraso de 50 minutos.

Especificamente nesse dia foi apresentado às conviventes o concurso Miss Transex, exibindo um vídeo promocional de 2017/2018 e em seguida uma fala da professora sobre a preparação das candidatas, com ênfase no comportamento das travestis, de que é necessário adquirir uma finesse para desvincular a imagem de “confusão” desses concursos. Ela também relatou sobre sua experiência na prostituição na Itália nos anos 70 e 80, dizendo o quanto as travestis daquela época eram finas.

Estavam presentes nove conviventes participando da prática, assim como uma ex-convivente que foi convidada a participar da reunião, pois, segundo o Gerente de Serviços, ela tem o perfil para participar do concurso, ou seja, possui os padrões estéticos exigidos. Através das perguntas e da postura das conviventes, foi possível perceber que o concurso Miss Transex foi recebido como uma saída da vulnerabilidade para uma vida de conforto e fama.

O histórico da professora como trabalhadora do sexo, similar ao vivido pelas conviventes, e que hoje possui uma carreira de sucesso no universo de concursos voltados para o público trans, inspirou muito das abrigadas. Nos anos 2000, ela atuou em filmes e revistas pornô, e isso ficou explícito em vários momentos quando as conviventes elogiavam vários desses trabalhos. No entanto, após a saída da professora, foi possível observar reclamações por parte das conviventes em relação a atenção que foi dada, diferenciando-as de acordo com o padrão estético de concurso. Muitas inocentemente diziam que é necessário quebrar estereótipos de beleza em concursos de beleza.

Especificamente esta atividade do Ateliê Transex serviu apenas como divulgação de um concurso de beleza, que claramente não iria contemplar a

grande maioria das conviventes da CAE Florescer, gerando falsas expectativas e frustração.

Essas atividades sem nenhuma proposta pedagógica ou social se tornam um entrave no processo de inserção social das atendidas pela política pública, já que não existe uma preocupação em inseri-las nos espaços públicos ou de socializá-las com pessoas fora do universo travesti/transsexual, mas são ações que as utilizam como um meio para a capitalização simbólica de uma corporação, de uma pessoa ou de um político, com o objetivo de se emparelhar com o conceito de ação/preocupação social/filantrópica.

Muitas vezes a não participação das conviventes da CAE Florescer em algumas atividades indica uma conscientização da proposta dessas ações, tanto que uma das entrevistadas, quando perguntada sobre os aspectos negativos e positivos, respondeu:

Eu participei só daquilo também que eu queria participar, então... foi tudo ótimo! Tinham coisas que, eu acho, na minha visão, eram um pouco, não ia trazer tanta... não ia trazer nenhum retorno praticamente ali, que às vezes acaba sendo desenvolvido. É, eu lembro que eu não participava, participava daquilo que eu queria participar. E foi ótimo.

Essa é a mesma visão de outra ex-convivente em relação a algumas das atividades que ela presenciou durante o período que foi atendida:

Vou falar (risos). Na verdade, né? Aquelas reuniões, aquelas palestras, sempre a mesma lenga-lenga, né? E que se a menina que tá ali sentada, ouvindo, dando ouvido aquela palestra, realmente se ela não tiver um foco, aquelas palestras não acrescenta em nada, né? [...] Mas é isso, se a menina não tiver um foco, um objetivo, aquilo não muda nada na vida dela.

5.4.2 Atividades com baixa participação das conviventes

Algumas atividades de lazer promovidas não receberam uma adesão expressiva por parte das abrigadas da CAE Florescer. São inúmeros os motivos, e alguns serão analisados de forma específica. Mas de forma geral, ações e atividades relacionadas a cultura e debates não são atrativas para a grande maioria das conviventes porque demandam uma bagagem que muitas não possuem, gerando desconforto, desinteresse ou até mesmo um certo

constrangimento, pois, como já mencionado anteriormente, também é necessária uma educação para o lazer (REQUIXA, 1980).

Isso fica evidente na fala da psicóloga, ela diz que um local ou uma atividade muito intelectualizada não consegue atingi-las, pois muitas delas não tem repertório de vocabulário, muitas vezes básico. Durante a entrevista ela mostra um exemplo, a partir da fala de uma das conviventes:

Ah, Luiza, eu não sei, eu não gosto de participar dessas coisas que você leva, esses saraus, essas coisas, porque eu não sei, eu não entendo o que eles estão falando porque me perguntaram esses dias, minhas características. Luiza, eu não sabia o que era característica, eu não sabia que era falar que eu era magra, alta, legal, chata.

Essa situação também aparece nas entrevista com as ex-conviventes, como o trecho abaixo, que exemplifica perfeitamente essa situação:

Eu acho que essa questão do lazer no Florescer é bastante reduzida. Lazer é levar as meninas pra um clube, uma praia, você tá me entendendo? É só espaços culturais; no meu tempo tinha muitas oficinas, tô dando uma sugestão pra melhorar pras meninas distrair, qual o passeio que as meninas têm? Tem bastante oficina na Casa, mas, meu bem, a travesti vive um contexto social, meu amor, que oficina pra ela é coisa de outro mundo, o cara faz um elogio pra ela dentro da casa e ela acha que o cara tá tirando ela porque a vida inteira é só tiração, quando a pessoa te faz um elogio de verdade você vai achar que a pessoa tá te tirando também, então o contexto social que a travesti vive é um contexto social muito diferente de qualquer outra pessoa, e muitas das vezes essa pessoa não é mais uma criança, essa trans, já não é, tipo, não tem mais dez anos de idade, tem opinião própria, mas foi vítima de um sistema maldito, de um terrorismo trans na sua infância, tá ligado? Então como lidar com isso? Depois de adulto? O que fazer com essa trans? Meu amor, ela não vai querer fazer oficina mesmo, ela aprendeu a fumar pedra com 15 anos de idade, foi pra casa de cafetina com 15 anos de idade, tem umas com 13 já tão fazendo chupetinha. Por que quis? Na cabeça de muitos, sim.

Uma atividade com uma proposta interessante foi a final da Copa de Futsal Consultório na Rua, que ocorreu no Ginásio do Complexo Esportivo do Pacaembu, em 12 de dezembro de 2018. Apenas seis abrigadas compareceram.

A atividade foi resultado de uma parceria entre duas secretarias: A Secretaria Municipal de Esportes e Lazer de São Paulo (SEME) e a Secretaria

Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC) em conjunto com o Centro Social Nossa Senhora do Bom Parto – BomPar. Segundo informação do site²⁵ da Prefeitura de São Paulo, o torneio é destinado a pessoas em situação de rua, vulneráveis e dependentes químicos com a intenção de integrar essas pessoas à sociedade por meio do esporte e do lazer, proporcionando um resgate da cidadania.

O jogo final da Copa de Futsal Consultório na Rua teve início às 11h e terminou às 11h45. Às 12h02, começou uma partida de vôlei entre travestis e transexuais moradoras de centros de acolhida que se seguiu até às 12h30. A entrega de medalhas começou às 12h40 e o evento foi finalizado às 13h16.

Quem acompanhou o pequeno grupo de conviventes foi a psicóloga da CAE Florescer, e o tratamento dirigido às conviventes foi respeitoso por parte da organização do evento. O clima era agradável e divertido com a arquibancada tocando samba. Apenas uma situação desagradável ocorreu: uma convivente paquerou um homem que também estava na torcida, na arquibancada, que respondeu “Bolsonaro ganhou a eleição, fica esperta, tudo vai mudar”. Ao ouvir essa frase, a psicóloga conversou com ele, que pediu desculpas.

A baixa adesão por parte das travestis e transexuais da CAE Florescer se deu pela natureza do evento, que era esportiva e especificamente de futebol, uma atividade que não tem relação com o universo das abrigadas. Além disso, Mayor e Isayama (2018) apontam em uma pesquisa que o interesse por esporte como forma de lazer é muito mais presente no público masculino (64%), se comparado ao público feminino (20.6%). Segundo os autores, isso também é resultado de um processo histórico do Brasil, onde se produziu uma diferenciação das atividades de educação física para homens e mulheres, de acordo com a função social esperada dos respectivos gêneros.

Em 15 de dezembro de 2018, aconteceu o debate “Homens Trans em Pauta” na CAE Florescer. Teve como objetivo trazer ao público informações sobre as dificuldades vividas pelo segmento transmasculino em diversas áreas, dentre elas processo transexualizador, acesso à educação, mercado de

²⁵ Disponível em:

<<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/esportes/noticias/?p=266611>>. Acesso em: dezembro de 2018.

trabalho e assistência social, além de tratar das relações sociais e familiares. A realização ocorreu por parte da rede família Stronger (coletivo LGBT periférico) e contou com o apoio da Associação Cultural Social e Educacional Dynamite, da Alternativa L, da Barilla e do Canal Conto de Fadas Moderno, além da CAE Florescer que acolheu o evento.

Antes do debate, a marca Barilla ofereceu macarrão penne ao sugo com queijo ralado, colocados em potes descartáveis com o nome da marca, fazendo com que a área coberta dos fundos da casa de acolhida ficasse relativamente cheia. O debate teve início às 13h e, basicamente, consistiu em três homens trans contando seus relatos de vida e as dificuldades decorrentes de ser um homem trans. O mediador também contou um pouco de sua trajetória e outros homens trans expectadores pediram o microfone para expor alguma situação transfóbica.

Por volta das 15h, a liderança da família Stronger, Elvis Justino, fez uma fala sobre o coletivo. No momento de maior público, havia 41 pessoas, sendo 12 conviventes da CAE Florescer. No decorrer do evento, esse número foi diminuindo e chegou a zero durante o debate.

O evento era focado em homens trans e nas pessoas que tinham algum envolvimento com o coletivo Família Stronger, mas não houve integração com as conviventes da casa de acolhida. Uma pessoa pediu a fala no microfone e disse que as conviventes da casa são muito “temperamentais” e que existe muita “gente lá fora que quer uma vaga”, afirmando que a CAE Florescer não é uma casa de acolhida, mas, sim, “uma casa de experiencição”. Provavelmente esse episódio foi responsável, mesmo que em parte, pelo esvaziamento por parte das conviventes no evento.

O Cineclube é uma atividade da CAE Florescer que ocorria mensalmente e era coordenada por uma voluntária que por motivos pessoais não pode mais realizá-la. Em uma das conversas com a psicóloga, foi acertado que o pesquisador ficaria responsável de apresentar um filme para as conviventes.

Na entrevista cedida pela psicóloga, ela transmitiu uma importante informação: “Até um cinema, por exemplo, se a gente leva pro cinema, tem de ser um cinema de filme nacional porque elas não acompanham legenda, então acho que tem que ter esse cuidado!”. Pensando nisso, em 18 de dezembro de

2018, foi exibido o filme “*Pride*”²⁶, dublado e após o término, a proposta era desenvolver um debate.

Por ser tratar de um tema da comunidade LGBT, houve a impressão que haveria interesse por parte das conviventes em relação ao filme. A exibição teve início às 15h30 na sala de TV da CAE Florescer, e antes da exibição, houve uma explicação sobre o contexto histórico na qual a história era ambientada. Inicialmente houve interesse, mas no decorrer do filme, as pessoas estavam completamente dispersas. O clima agradável inicial se tornou caótico, com muita conversa. Com 2 horas de duração, o final do filme se deu às 17h36; no início havia 12 conviventes e no final, apenas três.

No Teatro da Cia. Pessoal do Faroeste, localizado na Rua do Triunfo, 301/305 – Luz, ocorre o Bate Boca, um encontro com a equipe do teatro, intelectuais e pessoas da comunidade do entorno para discutir temas e talvez produzir material para as próximas peças que serão realizadas no teatro. Segundo o diretor do teatro, Paulo Faria, essa colaboração é importante, pois a Cia. Pessoal do Faroeste é um teatro de grupo que tem como fonte de pesquisa a vida social e política do povo brasileiro por meio de seu imaginário popular e sua cultura, com um olhar especial à cidade de São Paulo, em especial no centro da cidade.

Em 20 de dezembro de 2018, ocorreu um desses encontros, e a CAE Florescer foi convidada a participar. O presente pesquisador chegou ao local por volta das 18h40, pois estava previsto a discussão às 19h; entretanto, as conviventes da CAE Florescer se atrasaram e chegaram no local às 19h48. Segundo a psicóloga que acompanhava o grupo, parte do atraso se deu pela dificuldade de realizar o trajeto com uma abrigada que utiliza cadeiras de rodas.

A primeira fala do encontro foi sobre a situação política atual do país e logo em seguida sobre uma peça de teatro que é ambientada durante o período da Ditadura Militar. Falou-se também sobre resistência, apagamento e

²⁶ Sinopse do filme: No ano de 1984, Margaret Thatcher está no poder e os mineiros estão em greve. Depois do orgulho gay chegar em Londres, um grupo de ativistas gays e lésbicas decide arrecadar dinheiro para enviar às famílias dos mineiros. Mas a União Nacional dos Mineiros parece um pouco constrangida em receber esta ajuda. Os ativistas não perdem o ânimo, decidem entregar a doação pessoalmente e partem em direção ao País de Gales. Assim começa a história improvável de dois grupos que não tinham nenhuma relação, mas se uniram em prol de uma causa. Não é recomendado para menores de 16 anos. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-228499/>>. Acesso em: dezembro de 2018.

o Memorial da Resistência. Surgiu uma discussão que gira em torno da Operação tarântula, já discutida nesse estudo. As conviventes da CAE Florescer participaram de forma mais passiva, observando e ouvindo, mas quando o tema se direcionou para “lugar de fala”, a convivente cadeirante da CAE Florescer participou intensamente.

Havia no total 11 pessoas, sendo que quatro eram mulheres atendidas pela CAE Florescer, além da psicóloga da casa de acolhida. As pessoas envolvidas no Bate Boca são ligadas as artes e/ou a intelectualidade, todos cisgêneros e brancos. O tratamento dado às conviventes por parte da organização foi simpático e acolhedor, a psicóloga apenas acompanhava as conviventes sem intervir, mas sua presença sempre trazia uma segurança para essas mulheres.

O clima era agradável, porém sério devido ao tema discutido. A organização anárquica, diferente dos eventos que ocorrem nas dependências da CAE Florescer, era interessante porque apresentou para as conviventes outras possibilidades de se realizar uma atividade ou um evento. Às 21h03, a atividade foi finalizada.

Em 13 de fevereiro de 2019, foi realizada a transmissão ao vivo de um programa multimídia pela internet do Coletivo Rádio Vírus, nos fundos da CAE Florescer. Foi organizada toda uma estrutura de equipamentos partir da CAE Florescer e estavam presentes três cantoras trans e três pessoas da equipe técnica. Eram pessoas ativas e conhecidas na militância LGBTI da internet

A transmissão teve início às 15h e se tratava de um programa multimídia online que apresenta novas composições de artistas trans. Dentre as apresentações musicais, ocorreram conversas e discussões sobre o universo trans. O programa não incluía a participação de abrigadas da CAE Florescer, o que resultou no baixo número de conviventes que assistiram a transmissão – variou, em média, entre um ou dois, sendo quatro o pico de audiência.

Foi possível perceber que a transmissão ocorreu no espaço da CAE Florescer por uma questão simbólica, no entanto não houve nenhuma preocupação por parte da organização em ter qualquer troca com as conviventes, tanto que o clima entre as abrigadas era de tédio. Era nítido o desconhecimento delas em relação ao que era apresentado, seja música ou debate. Essa falta de vontade de integração também foi percebida quando o

pesquisador foi conversar com as pessoas envolvidas na atividade: uma postura um tanto arrogante, como se fossem artistas consagrados, de difícil acesso.

Ficou claro nessa prática que ter a mesma expressão e identidade de gênero não necessariamente cria uma empatia e estreita relações, pois outras identidades como, por exemplo, a classe social, são essenciais para um entendimento mútuo.

Como já foi descrito, o Ateliê Transex oferece uma variedade de atividades na CAE Florescer, e a maioria das oficinas realizadas não têm a participação expressiva por parte das conviventes da casa de acolhida.

Em 14 de fevereiro de 2019, aconteceu a oficina de criação de figurino, que teve início pontualmente às 14h. A atividade consistia em identificar o estilo (moda) das conviventes. O professor responsável utilizou revistas, tesouras, cola e cartolina para que as conviventes produzissem cartazes que apresentavam o tipo de roupa que elas mais se identificavam.

O professor era um homem jovem, cisgênero e gay, com experiência de trabalho no universo da moda com total domínio do conteúdo proposto e com uma postura gentil e paciente com as atendidas, deixando o clima agradável e produtivo. Havia cinco conviventes participando da prática, mas após o término da atividade foi oferecido um lanche. Aí, mais sete conviventes surgiram, totalizando, portanto, 12 pessoas.

Em 19 de fevereiro de 2019, foi realizada a oficina de pintura, com uma professora também trans. A atividade teve início às 14h e tinha como proposta do dia ensinar as técnicas básicas de desenho para criar efeito de sombra, e a professora responsável utilizou um cavalete, uma tela e carvão para desenho para demonstrar como a atividade deveria ser realizada. Ofereceram às conviventes lápis 6B, papel sulfite, lápis de cor, canetinhas, carvão para desenho, estilete e réguas para a reprodução do desenho elaborado pela professora na tela.

A professora possuía total domínio do conteúdo proposto e teve uma postura gentil e paciente com as conviventes, tornando o ambiente agradável e relaxante, tanto que quem estava presente participou ativamente da produção dos desenhos. Como na oficina anterior, havia cinco abrigadas participando da prática; com o lanche, mais nove pessoas surgiram, aumentando para 14.

Essa oficina de pintura se repetiu em 26 de fevereiro de 2019 com a mesma professora. O início se deu às 14h e mantinha a proposta anterior, que era ensinar técnicas de desenho para produzir sombras e, por isso, os mesmos materiais estavam presentes. O mesmo clima agradável se repetiu, mas o número de participantes caiu para três; com o lanche, surgiram mais 11 conviventes, totalizando 14 pessoas. Em todas as oficinas da Oficina Transex, foi passada presença que precisava ser assinada pelas pessoas presentes, incluindo o pesquisador.

Para o gerente de serviços, muitas das atividades eram uma incógnita para as conviventes recém-chegadas:

[...] Então é tudo muito novo pra algumas que chegam, porque pra uma pessoa que nunca entrou num espaço de cultura ou de lazer, de repente, eu nunca pratiquei uma atividade esportiva, como que é isso pra mim? Remete a se auto reconhecer, então é meio sempre um início de um processo, a gente tá sempre começando, então acho que o principal é assim, você se descobrir, no caso delas se descobrirem nesse outro lugar.

(Gerente de serviços, 2019)

Essas atividades que envolvem artes, ou algum grau de abstração, era uma novidade para muitas delas, que não tiveram acesso aos espaços de educação formal, cultural e lazer. Então, é natural que muitas se furtassem de participar e aparecessem apenas quando foi oferecida comida. Segundo uma ex-moradora da CAE Florescer, o ideal seria oportunizar atividades sem esse viés cultural no início, pois falta repertório social para se relacionar com as pessoas fora do contexto da prostituição.

Então, essa questão que você falou dessas atividades, eu acho que a questão do lazer poderia aumentar, né? Essa questão desse passeio, talvez de levar num SESC pra nadar realmente numa piscina, levar até a praia, não sei como, criar um meio de levar essa menina até a praia, nem que for um bate e volta, num clube, num chalé... será que é demais? Será que as bichas tão querendo muito? Não, não tá, não. Porque essa bicha, essa travesti, essa pessoa, esse ser, não teve o pai, não teve a mãe, não teve a família pra levar pra esses lugares, porque afinal de contas, travesti, meu amor, só serve pra fazer o povo gemer, porque ninguém quer ficar desfilando com as bichas, assim, pra cima e pra baixo, achando bonitinha, ninguém quer, meu amor. E pra fazer um programa é “vai na

frente que eu tô indo atrás” ainda se você for bonita e se tiver paizão, senão não serve, você tá me entendendo?

Isso se mostrou também no período da manhã, no mesmo dia 19 de fevereiro, quando se desenvolveu uma oficina de xilogravura na área externa coberta nos fundos da instituição, em parceria com a Pinacoteca. Segundo o responsável, essa oficina ocorre todas às terças-feiras pela manhã em locais distintos, mas a proposta era se fixar na CAE Florescer. A atividade tem início às 9h30 com os seguintes materiais: papel sulfite, papel colorido, lápis de cor, canetinhas, tesouras, régua e cola. A proposta era recortar os papéis coloridos e em seguida produzir uma colagem no papel sulfite.

No final do trabalho, as pessoas eram convidadas a explicar para todos os presentes o motivo das escolhas das cores e dos formatos na colagem confeccionada. Havia 11 atendidos de outros abrigos próximos, mas apenas duas conviventes da CAE Florescer participando da prática, totalizando 13 participantes, que se retiraram no momento que elas deveriam explicar sua produção.

Em 28 de fevereiro de 2019, foi realizada a oficina de Arteterapia, com a atividade sobre o fortalecimento do nome, com início às 16h. A proposta foi pensada e realizada por um voluntário um homem jovem cis, gay e negro, profissional da educação. Ele disponibilizou papel sulfite e carvão para desenho para que as pessoas presentes escrevessem seus respectivos nomes e desenhassem algo representando esse nome.

Quando todos terminaram seus desenhos, o voluntário explicou o que o nome dele representava em sua vida e como o desenho que ele produziu tinha relação com essa história. Ele solicitou para que todas as pessoas fizessem o mesmo, e as pessoas participaram de forma entusiasmada.

O voluntário tinha total domínio sobre o conteúdo proposto, além do trato extremamente gentil e paciente, criando um clima muito agradável e acolhedor, que finalizou às 17h30.

Apenas quatro conviventes participaram da oficina, além do namorado de uma delas. Entretanto, faz-se necessário fazer uma ressalva: a proposta do dia era que ocorressem duas atividades, uma com início às 14h, com término às 15h45, um intervalo e em seguida a oficina de Arteterapia. No entanto,

ocorreu um atraso por parte da professora do Ateliê Transex, o que pode ter prejudicado a participação nessa oficina, pois muitas conviventes estavam ansiosas para conversar com a professora, que é responsável pela preparação das candidatas para o Miss Transex, ignorando totalmente a segunda atividade do dia.

Outra explicação para a baixa adesão das conviventes nesse tipo de atividade pode ser encontrada na explanação da psicóloga durante a entrevista. Ela conta que em um sarau em que ela acompanhou as conviventes, uma delas começou a chorar. Perguntado o motivo, a resposta foi: “Ai, eu não consigo, eu não consigo conversar com as pessoas [...] pra mim é muito difícil, tá? eu tô insistindo, eu gosto quando você me chama pra ir pra esses lugares”. Trata-se de uma convivente jovem, de 26 anos, mas que está na prostituição desde os 15. De acordo com a análise da psicóloga, é muito difícil para alguém que viveu grande parte da vida apenas sendo valorizada por saber seduzir um homem na rua tentar ter um diálogo com pessoas que não são clientes, nem colegas de profissão.

Essa convivente chamava todos os eventos de “palestras”, e durante o desabafo que ela fez com a psicóloga, disse também: “[...] Eu gosto quando você me chama pra ir nessas palestras, eu gosto quando vem gente na casa, de empresa, e quer conversar com a gente”. Para a profissional, essa dinâmica que a CAE Florescer proporciona é importante porque cria um repertório para que meninas como essa tenham várias pequenas conversas que funcionem como experiências para uma próxima conversa em um outro evento.

Ela diz perceber que muitas das abrigadas têm vontade de interagir com as pessoas dos lugares visitados, mas o que impede é a ausência de capital social, ratificando o debate do subcapítulo 3.1, que as travestis têm como origem as camadas mais pobres da sociedade e que a construção dessa identidade, resultado da exclusão socioespacial pautada na discriminação e preconceito, apenas mantém e até mesmo amplia essa ausência do capital social.

5.4.3 Atividades com participação expressiva das conviventes

As atividades e eventos descritos aqui são os que tiveram um resultado interessante em termos numéricos e qualitativos, pois conseguiram movimentar

um número significativo das conviventes da CAE Florescer, além de estimular a participação por parte delas.

Ao retomar o subcapítulo 4.2 para compreender o êxito dessas ações, Marcelino (2001) fica evidente na situação descrita e analisada abaixo; a presença de uma das abrigadas como uma das responsáveis principais da atividade, torna a circunstância acolhedora para as outras moradoras da CAE Florescer: há uma minimização do risco de falas e posturas preconceituosas e arrogantes no evento, comportamento esperado de pessoas pertencentes à classe dominante.

O II Sarau e roda de conversa da Malfas Ocupação, na Casa Plana, uma livraria, café, estação de trabalho, biblioteca e centro de cursos e estudos, localizado na Rua Fradique Coutinho, 1.139 – Pinheiros, em 5 de dezembro de 2018, e contou com a participação de uma das moradoras da casa de acolhida.

No site²⁷ da livraria continha a seguinte informação: “05/12 19h – Nesta segunda edição do Sarau + Roda de Conversa do Malfas Ocupação vamos receber a historiadora Suzy Muniz, refletindo sobre a ‘Diversidade marginalizada em tempos de retrocesso’. Já a linguista e *YouTuber* Jana Viscardi palestrará sobre ‘Linguagem e feminismos em tempos digitais’. A estrutura do evento é a seguinte: poesia e música na abertura e falas seguidas de discussão. Sarau com participação livre. Todo mundo é bem-vindo.”

O evento começou com atraso de 30 minutos (19h30), pois a distância entre a Casa Plana e a estação de metrô Fradique Coutinho era maior do que a imaginada e houve dificuldades durante o trajeto, já que a convivente cadeirante estava acompanhando o grupo. O espaço era limpo e agradável e o evento ocorreu no térreo, permitindo acessibilidade para pessoas com necessidades especiais.

Conforme publicado no site da Casa Plana, houve as apresentações da Jana Viscardi e da Suzy Muniz. Logo em seguida, o microfone foi aberto para perguntas, mas não houve apresentação de poesia e música. Havia no total 23 pessoas participando do evento, sendo 15 conviventes da CAE Florescer. A organização era composta de mulheres cis, brancas, classe média,

²⁷ Disponível em: < <https://www.casaplana.org/agenda>>. Acesso em: dezembro/2018.

universitárias e feministas militantes. Jana Viscardi é doutora em linguística pela UNICAMP.

Houve a participação de parte das TT's no evento: algumas estavam falando e perguntando ativamente, enquanto outras apenas observavam. Duas atendidas ficaram do lado de fora, na entrada do Casa Plana, e praticamente não se envolveram. A Suzy Muniz é convivente da CAE Florescer – o nome não foi ocultado, já que está exposto no próprio site da Casa Plana – e ela não possui formação em História, apenas o ensino médio, apesar de sempre estar envolvida em movimentos artísticos e de militância.

Ter uma das moradoras da casa de acolhida como protagonista no evento gerou uma sensação de segurança e pertencimento, fazendo com que um grande número das conviventes – metade das abrigadas da CAE Florescer – se deslocassem até a livraria e se sentissem à vontade para participar.

Já em 9 de dezembro de 2019, foi realizado um workshop de dança cigana nas dependências da instituição. O evento teve início às 15h40 com a apresentação de quatro professoras de dança cigana que realizaram três coreografias diferentes e em seguida iniciaram o workshop, onde foram oferecidas saias ciganas para as conviventes vestirem. Não foi necessária a troca de roupa, pois era possível colocá-las sobre o vestuário que cada uma das participantes estava usando no momento, e foram ensinados os giros, os passos e a forma correta de segurar a saia enquanto se executa a dança.

Inicialmente estavam participando dez conviventes, porém, mais tarde chegaram mais três abrigadas em tempos diferentes, e todas participaram ativamente do workshop. Algumas se mostraram extremamente empolgadas com as roupas e a atividade desenvolvida, chegando a solicitar mais eventos como esse.

Uma atividade manual ocorreu em 11 de dezembro de 2018, com a confecção de mandalas. A atividade teve início às 15h com a exposição de artes e fotografias produzidas pelas conviventes em encontros anteriores, enquanto eram disponibilizadas varetas de churrasco e lã colorida. O mesmo voluntário da arte terapia ficou responsável pela exposição, enquanto uma voluntária estava ensinando sobre e como confeccionar uma mandala.

Num primeiro momento, foi posta uma música, e uma atividade de relaxamento e na sequência a voluntária contou origem das mandalas, que,

segundo ela, é uma tradição indígena onde o pai é responsável por produzi-la para o filho ou filha até atingir cinco anos; depois disso, a criança deve aprender a confeccioná-la por conta própria – representa o voto de prosperidade, saúde e alegria, e no idioma uruchó significa “poder de ver e compreender as coisas desconhecidas”.

A voluntária explicou que o formato e as cores da mandala representam os sentimentos da pessoa que o produziu. No início da atividade, havia dez conviventes, mas no decorrer do processo, mais três decidiram participar, totalizando 13 pessoas. Todas as conviventes que se dispuseram a participar produziram sua mandala.

Em 20 de janeiro de 2019, deu-se o ensaio de carnaval no galpão da Sociedade Escola de Samba Imperador do Ipiranga. Av. Carioca, 99 – Ipiranga. Trata-se de uma Escola de Samba do Grupo de Acesso, com um número de pessoas pequeno se comparado com uma Escola de Samba do Grupo Especial. O número aproximado de participantes no barracão era 150 pessoas, sendo dez conviventes da CAE Florescer. O ensaio teve início às 19h40, porém elas foram obrigadas a ir embora às 21h, antes mesmo do final do ensaio, porque o transporte foi disponibilizado pela prefeitura e não poderia prestar o serviço até mais tarde.

O clima do ambiente era agradável, entretanto houve um momento de tensão: duas das conviventes saíram do barracão e adentraram na comunidade próxima em busca de drogas, deixando o gerente de serviços apreensivo. Tirando esse incidente, as atendidas pela instituição participaram ensaiando a coreografia e a letra do samba-enredo da escola.

Foi possível perceber que atividades que envolvam música, dança e atividades manuais que não as expunha individualmente – como falar em público, expor algum pensamento ou sentimento – eram bem aceitas e tinham uma participação significativa por parte das conviventes.

O Projeto “Semente Yoga” na Casa Florescer é uma parceria entre a ONG Veganismo Solidário com a casa de acolhida e oferece semanalmente uma prática de *yoga* seguido de um lanche vegano. Durante o início de janeiro, a prática estava suspensa por conta dos feriados e para que as voluntárias desfrutassem de alguns dias de férias.

A prática de yoga teve início às 16h50 e foi realizada na sala da CAE Florescer. As mesas e cadeiras foram afastadas para que as pessoas pudessem realizar as posições (ásanas). Enquanto uma das voluntárias ficou responsável pela prática, outras seis mulheres da ONG se dirigiram até a cozinha da instituição para preparar um lanche, um pão com carne de soja moída no molho de tomate.

A aula de yoga finalizou às 17h31 e o lanche foi servido. O número de abrigadas não foi expressivo, foram sete conviventes da casa que participaram, mas se mostraram bastante entusiasmadas durante a execução dos ásanas e expressaram muita animação por terem realizado a prática. O tratamento por parte das voluntárias foi extremamente gentil e paciente e todas eram mulheres brancas, jovens e cisgêneras.

Mesmo se tratando de uma atividade física, a prática de yoga não está atrelada ao universo masculino – atividades físicas atreladas ao que é masculino têm uma relação direta com agressividade, competitividade e violência nos mais diversos graus – o que responde em parte, a adesão das travestis e transexuais da CAE Florescer. O fato de apenas mulheres estarem coordenando e executando a yoga também colabora para o sucesso da prática.

Em 25 de janeiro de 2019, foi realizada uma apresentação do Balé da Cidade em homenagem ao aniversário de 464 anos do município de São Paulo, no Teatro Municipal, e a CAE Florescer foi convidada ao evento. Tratava-se de um lugar muito particular no imaginário das conviventes, como um acesso exclusivo, gerando apreensão em algumas e entusiasmo em outras. Muitas ficam com vergonha de ir e declinaram do convite, mas as conviventes que aceitaram foram tomadas por uma preocupação com a vestimenta adequada para o espetáculo. Todas queriam um vestido “finíssimo” e usar uma maquiagem “chique”.

As sete conviventes da CAE Florescer que foram ao Teatro Municipal entraram antes de todos os outros expectadores e foram recepcionadas pelo próprio diretor do balé. O clima era de admiração e encantamento com o espaço e o espetáculo, que terminou às 19h15.

Os relatos das entrevistas sempre colocaram o Teatro Municipal como um local de grande importância nas atividades de visitaçaõ da CAE Florescer, como um marco na vida das atendidas em relação ao acesso aos espaços.

Essa situação é compreensível, já que se trata de um dos locais consagrados como um importante ponto turístico da cidade de São Paulo. A assistente social apresentou um relato de uma situação no espaço:

Teve um dia que nós fomos assistir à peça no teatro municipal, o Quebra Nozes, que foi muito engraçado, muitas diziam “não quero ir” porque elas tinham a vergonha de frequentar, até que conseguimos levar 50% da casa e elas adoraram. E uma coisa que me marcou muito foi nós na escadaria tirando uma foto, e parou o teatro pra ver, e nisso nós começamos a brincar “ah, gente, paramos o teatro” e pra elas foi importante esse momento.

O gerente de serviços também narrou sobre um episódio no Teatro Municipal, mas sem mencionar especificamente qual espetáculo foi visto:

Tem uma experiência de uma menina que, na primeira vez que a gente foi no Teatro Municipal, ela falava tipo assim: “Eu passei várias vezes aqui, mas porque eu dormia aqui na frente, então eu acordava com pessoas me enxotando [...] e hoje eu estou dentro do Teatro Municipal, então era o meu sonho estar passando por este tapete vermelho, subindo essas escadarias”.

Novamente retomando Marcelino (2008) no subcapítulo 4.2, onde o autor afirma que democratizar os espaços e as práticas de lazer, passa também pelo processo de desmistificar esses espaços e essas práticas. Através das políticas promovidas pela CAE Florescer, observou-se que o Teatro Municipal perdeu sua atmosfera de lugar inacessível para esse grupo social para transformar-se num lugar onde elas se sentem à vontade para desfrutar.

Em fevereiro de 2019, no dia 09, realizou-se a 73ª edição do “Sarau Poesia é da hora – Casa Florescer”. Outras edições do Sarau também ocorreram no espaço da instituição e em 2018 contou com a presença do deputado Eduardo Suplicy e da vereadora Soninha Francine.

A reprodução das informações contidas na página da CAE Florescer do Facebook dizia “Salve, salve sarauzeirxs! Bora sarauzar em 2019? Nosso primeiro encontro do ano, tá marcado pra rolar na Casa Florescer, dia 09 de fevereiro às 15h. E quem já foi nos saraus na Casa sabe que o bagueio é louco

e começa sem ter hora pra terminar. Em 2019 queremos continuar esse legado ao lado das nossas irmãzinhas, então... se for chegar, chega na humildade e com respeito e traga suas poesias, músicas, livros, zines, performances, artes no geral porque aqui é habeas mic, só chegar!”

A previsão de início do evento era às 15h, mas deu-se um atraso de 30 minutos com um músico realizando uma apresentação de canto e violão. Depois o microfone foi aberto para as pessoas presentes apresentarem poesia, poema e músicas. Foram várias as apresentações com a participação do público presente.

Uma das conviventes mais antigas do abrigo realizou as primeiras declamações de poesias autorais, e logo em seguida dois jovens homens trans declamaram vários poemas autorais. Um dos rapazes ofereceu seus trabalhos, a venda de bottons personalizados; o outro pediu a palavra ao microfone e disse que vendia sanduíches veganos.

Houve a apresentação de um grupo de flamenco composto por pessoas cisgêneras seguido de dois jovens homens trans do coletivo Transvisão, que apresentaram músicas no estilo RAP e funk. Uma representante do coletivo Mães Pela Diversidade realizou uma fala sobre suas atividades.

Um professor da USP, pertencente a um programa de pós-graduação interdisciplinar e seu orientando, fizeram um discurso em apoio ao movimento trans e afirmaram que a experiência de estar no espaço da CAE Florescer os tornaram menos machistas.

Em sequência, ocorreu a apresentação de dança da Companhia Alpha, composto por homens e mulheres negras, todos cisgêneros, sucedido pela declamação de um poema autoral por uma jovem convivente recém-chegada da CAE Florescer. Houve uma fala dos organizadores do evento, do coletivo Poesia É da Hora, e fechou com uma última apresentação, uma dança do ventre executada por uma convivente da CAE Florescer.

Era forte a presença da comunidade LGBTI na plateia, com ênfase nos homens trans que participaram ativamente do Sarau. No momento de maior lotação havia 50 pessoas, sendo 11 conviventes da CAE Florescer, que participaram como expectadoras. Foi interessante perceber o estranhamento e a curiosidade por parte das conviventes em relação aos homens trans. O sarau finalizou às 18h23.

É possível afirmar que o sarau representou uma atividade que propiciou uma grande troca de conhecimento e de contato com pessoas de outras realidades das conviventes da casa de acolhida. Mesmo com uma participação pequena, apenas duas conviventes se apresentaram, e ficou nítido o interesse por parte das atendidas da instituição em criar relações com as pessoas que estavam no evento.

A última observação deste estudo foi a peça de teatro “Eu te amo”, em 6 de março de 2019, na CAE Florescer, produzido pela ONG Amigos do Grupo Pela Vida, que promove os direitos humanos de pessoas vivendo com HIV/Aids. A peça tratava sobre pessoas HIV+, e após a apresentação foi realizado um debate com todos os presentes.

A peça teve início às 16h e durou 35 minutos. Logo em seguida, houve uma fala por parte do diretor e dos atores – todos homens cisgêneros – da peça, e o microfone foi aberto para a realização de perguntas sobre a encenação.

Todo elenco era composto de homens jovens, cis, heterossexuais e dentro de um padrão estético valorizado: altos, bonitos e fortes. O diretor da peça pediu uma salva de palmas para os atores que realizaram um beijo gay, o que foi um momento um tanto constrangedor, pois a peça foi realizada em uma casa de acolhida que atende travestis e transexuais que cotidianamente enfrentam todo o tipo de preconceito e violência. Ele disse que foi preciso muita coragem realizar a cena, pois ambos são heterossexuais. Nesse contexto, enaltecer um beijo cênico entre dois homens esteticamente aceitos e desejados na sociedade, como uma quebra de paradigmas, soou vergonhoso, especialmente se comparado ao processos vividos pelas mulheres que são atendidas pela CAE Florescer.

Após essa etapa, o microfone estava aberto para outros debates e qualquer manifestação por parte dos presentes. Um homem na casa dos 50 anos de idade, da ONG Amigos do Grupo Pela Vida, iniciou uma discussão sobre políticas públicas voltadas para pessoas portadoras do vírus HIV. Ele afirmava que essas políticas melhoraram muito se comparadas com os anos 1980-1990, o que gerou revolta em um estudante de pós-graduação que afirmava que essa fala diminuía a mobilização de luta por melhoria nas políticas públicas porque dava a equivocada impressão de que tudo estava

perfeito. Muitas pessoas presentes deram depoimentos sobre a descoberta da infecção por parte do HIV.

No momento de maior lotação havia 67 pessoas, e destas 12 eram conviventes da CAE Florescer. A maior parte do público era composta por membros da comunidade LGBTI e pessoas das mais diferentes orientações sexuais portadoras do HIV. O ambiente era de seriedade e por vezes de tristeza por debater tal tema. Muitas conviventes da CAE Florescer relataram no microfone o momento em que descobriram serem portadoras do vírus. A participação das TT's presentes foi grande e a troca entre elas e os outros participantes também.

Curioso constatar que um tema naturalmente doloroso – a descoberta de uma doença que não tem cura e que necessita de tratamento diário –, pode ser um catalizador de relações afetivas e sociais. Que mesmo nessa temática que sofre tantos preconceitos por parte da sociedade seja uma fonte de aproximação entre grupos sociais distintos e um meio de apreensão de conhecimentos.

Ao encerrar este presente capítulo, novamente recupera-se Marcelino (2007) do subcapítulo 4.2: a partir de uma simples peça teatral, com um tema também muito simples, mas que possui uma relação profunda com a realidade das travestis e transexuais abrigadas, fez-se uma revolução. Nesse tempo do lazer, foi permitido uma outra forma de convivência social para além do cotidiano dessas pessoas, que é extremamente excludente e opressor. Questionamentos em torno do preconceito, que nesse momento específico, girava especialmente em torno dos portadores do vírus HIV, produziu trocas sociais autênticas.

Pensado, planejado e executado, o lazer e o turismo, sob uma perspectiva social e educacional, têm a capacidade de valorizar a essência humana, colaborando significativamente na diminuição das desigualdades socioespaciais, como constatado nessas observações de campo.

6 Considerações Finais

Como já apontado no início dessa dissertação, as travestis e transexuais tem a prostituição de rua como seu espaço de existência em uma sociedade que as objetifica e as explora. Grande parte dessas mulheres estão nessas condições porque perderam o vínculo familiar, muitas foram expulsas de casa ainda crianças e, conseqüentemente, mantiveram-se excluídas dos espaços e da socialização para além desse universo. A ausência da família e a impossibilidade do acesso à educação formal, ao lazer, à saúde e ao trabalho formal, muitas vezes, é uma porta de entrada para o vício de drogas lícitas e ilícitas.

Uma das conseqüências dessas condições de vulnerabilidade é que as mulheres travestis e transexuais são atreladas à ideia de criminalidade como se todas oferecessem um perigo para a sociedade. Soma-se a isto a diferenciação de gênero historicamente construída no país, que desemboca no machismo e a objetificação do corpo feminino, algo que observado até na forma como a Embratur divulgou a mulher como parte dos atrativos turísticos no exterior por anos e como resultado temos o Brasil como o lugar com o maior número de homicídios da população trans – assim como de toda a comunidade LGBTI – do planeta.

Neste momento, foi discutida a desigualdade no acesso ao lazer e ao turismo no Brasil, mostrando como os contornos de raça, gênero e classe social são determinantes para definir a oportunidade da prática de lazer, quiçá do turismo, que é abordado neste estudo como uma áfrea em estreita relação com o lazer, mas que se apresenta como um “bem de posição”, já que é uma atividade destinada a uma parcela restrita da população.

Em contrapartida a essa realidade, foram apresentadas políticas públicas sociais no município de São Paulo que atendem a população trans em situação de vulnerabilidade social, criadas durante a gestão do prefeito Fernando Haddad (2013 – 2016) e com forte atuação do Eduardo Suplicy como Secretário de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC). Já o objeto de estudo desta pesquisa, a CAE Florescer, nasce em março de 2016 através da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS), com o serviço de acolhimento, encaminhamento e parceiras com outras políticas

públicas, visando a inserção social dessas mulheres travestis e transexuais socialmente vulneráveis, buscando a ascensão dessas pessoas e a garantia dos seus direitos sociais.

A CAE Florescer dialoga diretamente com o que foi apresentado no subcapítulo teórico 4.2 “Lazer e turismo como prática social e de educação não formal”, que afirma que o trabalho integrado no setor é fundamental, dado a natureza transversal do lazer, exigindo por exemplo, uma integração inter-secretarias além de amplificar o próprio conceito de lazer.

O espaço da CAE Florescer se mostrou muito mais que um simples centro de acolhida, pois para muitas das atendidas, se caracteriza como um ambiente que mais se aproxima do que pode ser considerado uma família, pois é nessa política pública que muitas travestis e transexuais têm as suas primeiras experiências como cidadãs. É nesse espaço que muitas mulheres travestis e transexuais têm sua primeira experiência de lazer e turismo nos espaços públicos da cidade e uma socialização com pessoas que não estão na realidade da vulnerabilidade social. Esse sentimento pode ser compreendido na fala de uma ex-convivente que hoje trabalha como agente de saúde:

O Florescer é um sonho. Eu me emociono de falar do Florescer porque... (choro)... só quem passou por aqui e passou por tudo que a gente passou nessa vida e quando chegou, ah, um espaço de vocês, pra vocês, é uma conquista, porque assim, a gente sempre foi apedrejada pela sociedade, entendeu? Nunca teve esse acolhimento, nunca teve esse carinho. E de repente falava assim, a Casa Florescer é pra travesti e transexual, gente, é uma vitória, até então a gente não se via... a gente era pessoas, ser humano, mas assim, as pessoas muitas vezes faziam a gente se sentir como um lixo, entendeu? Como se não tivesse direito a nada, pior que uma merda na rua. E esse espaço assim, é um sonho realizado.

Esse depoimento indica que as ações de lazer e turismo proporcionadas pela CAE Florescer promovem uma reordenação urbana, já que reestrutura uma dinâmica socioespacial ao incluir um grupo historicamente excluído dessas práticas, contemplando sua dimensão humana e fazendo frente a um sistema dominante. O lazer pode ser uma forma de valorização cultural e social que abre caminho para o conhecimento e gera benefícios para comunidade.

Corroborando essas afirmações, uma das ex-conviventes, que hoje trabalha com artes e que disse que desconhecia muitos dos espaços de lazer na cidade, afirmou que as vivências e experiências nos espaços da cidade permitiu-lhe ter conhecimento dos lazeres e turismos, além dos espaços de educação formal, tanto que ela, durante o período que usufruiu dos serviços da CAE Florescer, conheceu o IFSP e foi aprovada como aluna regular do curso de telecomunicações.

Tais questões levam ao problema da pesquisa, que é compreender o desenvolvimento dessa política pública que se relaciona com as práticas de lazer e turismo, enquanto ação que permite uma inserção ou reinserção social das pessoas atendidas.

O trabalho de campo realizado na e com a CAE Florescer, permitiu a compreensão de inúmeras questões que ocorriam nessa política pública recentemente criada. Durante o período de observação, havia uma grande e intensa frequência de inúmeros pesquisadores e voluntários das mais diversas áreas, e esse encontro de universos tão distintos geraram conflitos, alguns explícitos e outros, nem tanto.

O quinto capítulo desta pesquisa, dividido em quatro partes e os subcapítulos primeiro, segundo e terceiro se debruçam sobre esses conflitos. O primeiro subcapítulo dizendo sobre uma idealização ou romantização do que é ser travesti ou transexual; sendo que muitos pesquisadores acabam se aproximando das conviventes da CAE Florescer através de uma perspectiva de benevolência, com a ideia de que as travestis e transexuais não possuem o menor senso crítico e capacidade de percepção da realidade. Esse ponto de vista também foi observado na opinião de parte da academia, na fala de alguns professores, o que reforça a importância do trabalho de campo e das entrevistas para compreender essa realidade, pois estar em uma situação de vulnerabilidade social não significa uma incapacidade cognitiva ou de mobilização para a luta por direitos, como pode ser observado na história do próprio movimento LGBTI, onde, muitas vezes, as pessoas travestis e transexuais foram as principais protagonistas.

O segundo subcapítulo chama a atenção para algo também observado em campo: os pesquisadores que têm uma postura completamente oposta, os que não têm a menor preocupação emocional com as conviventes do espaço

de acolhida. Aparentemente, essa afirmação pode soar contraditória com a ideia apresentada anteriormente, no entanto, afirmar a força dessas mulheres travestis e transexuais não exclui em absoluto a necessidade de uma postura ética, sensível e humana em relação às pessoas que serão pesquisadas, principalmente as que estão em um momento delicado da vida.

Muitas das atendidas, principalmente as recém-acolhidas, ainda estão extremamente vulneráveis do ponto de vista psicológico e emocional, chegaram de um contexto de inúmeras violências, supressões de direitos e carências materiais. Na ânsia de ter suas curiosidades científicas respondidas, muitos pesquisadores, incluindo professores doutores de universidades públicas, iniciam uma bateria de perguntas diretamente relacionadas a essa vulnerabilidade social, questionando apenas sobre essas violências e carências, tornando o trabalho da equipe da CAE Florescer mais difícil – como se o próprio contexto social das atendidas não fosse o suficiente –, além de desequilibrar ainda mais o psicoemocional já devastado de mulheres que acabaram de iniciar um atendimento psicológico e de assistência social.

Esse mesmo subcapítulo tratou das psicopatologias, em específico os transtornos de personalidade, que foram observados nas conviventes e ex-conviventes da casa de acolhida e que, segundo Dalgallarrondo (2008), têm como características um desarranjo entre a psique e as relações interpessoais da portadora, o que acarreta inúmeros sofrimentos. Muitos desses transtornos tornam a pessoa instável emocionalmente e, por consequência, pouco confiáveis; por esse motivo, optou-se por não entrevistar essas ex-conviventes, tanto as que possuíam laudo como uma que possuía traços de transtorno de personalidade segundo a psicóloga da instituição. Importante novamente salientar sobre a necessidade de um suporte, de uma assistência especializada para essas pessoas.

O terceiro subcapítulo abordou sobre a inserção do pesquisador no campo sob uma perspectiva racial. Por levantar um problema pouco discutido, tanto na academia quanto na sociedade, foi necessário apresentar uma bibliografia estrangeira sobre o tema que tem pouca relevância no Brasil. O racismo amarelo é praticamente desconhecido por aqui, seja porque a discussão não teve eco nos debates raciais nacionais, consequência da urgência das pautas da população negra e indígena, ou pela própria natureza

do racismo amarelo, que é discriminar sob um manto de brincadeira inofensiva ou legitimá-lo sob o pretexto que os asiáticos são privilegiados.

Essa situação de racismo com o pesquisador foi bastante comum, porém não constante, em relação a algumas das pessoas encontradas no campo de observação. Ocorreu com funcionários da política pública, com conviventes e com uma entrevistada em potencial, que realizou uma proposta de troca de sexo pela entrevista, pois segundo os argumentos por ela utilizada, ela tinha curiosidade de saber como era o pênis de um japonês.

Essa situação é bastante interessante para uma reflexão sobre o preconceito. É preciso abandonar discursos panfletários para uma real desconstrução dessa estrutura preconceituosa em que a sociedade brasileira está alicerçada: mesmo sofrendo preconceito e objetificação, uma pessoa pode reproduzir essa realidade mesmo sob um discurso contra a discriminação. A questão aqui colocada não é sobre quem sofre mais ou qual população passou por um período maior de discriminação, mas de desconstruir uma lógica perversa. Da mesma forma, deve-se desconstruir a lógica mercantilizada do acesso ao lazer e turismo, pois o debate não deve girar em torno de quem pode ou não pode realizar a prática – seja por uma questão de classe social, raça, gênero – mas, sim, de desmontar uma estrutura que reproduz desigualdades e democratizar o espaço público e por consequência, a cidadania.

O quarto subcapítulo discorreu das observações de campo em si, das experiências de lazer e turismo vivenciadas pelas travestis e transexuais atendidas pela CAE Florescer, entrelaçado com a visão das ex-conviventes que já passaram por todo esse processo de socialização e alguns diagnósticos podem ser obtidos dessas análises. A primeira é que existe diferentes visões do que é lazer, cultura e entretenimento na gestão da casa de acolhida, e duas se destacam: a psicóloga tem uma perspectiva de inserção das travestis e transexuais nos espaços e atividades culturais e educativos, enquanto para o gerente de serviços toda e qualquer atividade é válida, tanto que nas divulgações das redes sociais, muitas das ações observadas não poderiam nem de longe ser classificadas como lazer, cultura ou turismo.

Essa visão do gerente de serviços muitas vezes abre as portas da CAE Florescer para atividades e ações promovidas com a finalidade de beneficiar

apenas de quem as executa. Grandes corporações, artistas, políticos e pessoas físicas que desejam dedicar seu tempo a uma causa justa, algumas vezes realizam atividades com boas intenções, porém sem o conhecimento da realidade social das atendidas. O resultado muitas vezes é um sentimento de frustração generalizado, sentimento de culpa quando muitas das palestras com uma visão empreendedora culpabiliza as próprias travestis e transexuais por não conseguirem empregos, além de muitas vezes essas atividades, como o Miss Transex, apenas aprofundar e engessar a imagem objetificadas da mulher trans, ou seja, a oportunidade de vislumbrar um novo contexto social se torna uma repetição de tudo que foi vivido nas ruas.

De qualquer forma, como foi discutido, o lazer e o turismo mercantilizados, apenas objetivam o lucro em detrimento do social. Essas atividades se encaixam perfeitamente nessa categoria, já que o objetivo é de alguma forma se capitalizar (economicamente, reduzindo os impostos pela filantropia, ou simbolicamente, criando ou recriando uma imagem/marca com preocupação social) sem pensar ou estimular a cidadania, já que não oportuniza para essas mulheres travestis e transexuais uma vivência do lazer ou promove a apropriação do espaço da cidade através do turismo. É interessante salientar que muitas ex-conviventes perceberam a existência dessas ações e atividades mercantilizadas no espaço da casa de acolhida.

Algumas das atividades observadas deram oportunidade para as abrigadas vivenciarem o espaço da cidade – o direito ao lazer como direito à cidade –, pois, ao se deslocar livremente, o cidadão se apropria desse espaço, tratando-se de uma sociabilidade que não está diretamente ligada ao consumo. Essa mesma perspectiva pode ser observada em muitas das atividades realizadas no espaço da CAE Florescer, já que muitas delas estão fora da lógica do consumo, para serem uma prática da subjetividade humana, de uma conquista e transformação pessoal, expressada de várias formas como a arte.

A experiência de vivenciar o turismo e o debate do direito à cidade é ainda mais difícil quando se trata da população travesti e transexual porque, para a atividade turística, essas mulheres representam uma afronta à estética do espaço e a moral das famílias, estando intrinsicamente ligadas à imagem da prostituição nas esquinas e com permissão de circulação no espaço urbano apenas durante as madrugadas.

Os espaços e equipamentos de lazer e turismo não foram pensados para atender a esse grupo social, essas pessoas não são bem-vindas ou acabam por se tornar um elemento que chama mais atenção do que a atividade que ali se desenvolve. Esse estranhamento que parte das travestis e transexuais têm em relação aos espaços e a sociedade cisgênera, o que as torna turistas cidadãs e, também, ocorre por parte da sociedade cisgênera e dos espaços em relação a esses novos sujeitos turistas. As ações da CAE Florescer acabam por intermediar essa relação de estranhamento mútuo, transformando a forma como as travestis e transexuais são vistas nos espaços públicos, da mesma forma que transforma a visão e a relação que essas mulheres têm com a cidade.

No site do Panrotas especializado e direcionado para o profissional de Turismo, em junho de 2018 foi disponibilizado um vídeo²⁸ onde Amara Moira (mulher trans, escritora, ex-prostituta e doutora em Teoria Literária pela UNICAMP) discorre sobre a dificuldade da pessoa trans em viajar, afirmando que o equipamento turístico não tem o preparo necessário para receber esse grupo social.

Ao analisar esse panorama, é possível concluir que vivenciar a prática de lazer e de turismo promovidas pela CAE Florescer propicia para as travestis e transexuais atendidas uma infinidade de interações com os espaços da cidade e com os habitantes não transgêneros e que não estão em uma situação socialmente vulnerável. Essas interações não necessariamente são harmônicas, pelo contrário, geram desconforto e conflitos, mas ao mesmo tempo têm o poder de desconstruir o imaginário que a sociedade construiu dessas pessoas. Lembrando que o estranhamento gera uma nova forma de olhar para um mesmo objeto, produzindo de forma subjetiva uma nova perspectiva.

Em relação aos objetivos da pesquisa, sendo o objetivo geral investigar de que forma a prática do lazer e do turismo da CAE Florescer e suas relações com as demais políticas sociais, pode ser um instrumento de inserção social das travestis e transexuais atendidas/abrigadas, a conclusão é que o exercício

²⁸ Disponível em: < https://www.panrotas.com.br/gente/reconhecimento/2018/06/voluntariado-e-diversidade-veja-os-novos-videos-do-next-voices_156440.html>. Acesso em: dezembro de 2019.

do lazer e do turismo possibilita a construção de uma autoestima por parte dessas mulheres travestis e transexuais, resultando em uma sensação de pertencimento tanto da cidade quanto da sociedade. A ideia de marginalidade dá lugar a conscientização cidadã e, como consequência, a construção de uma perspectiva de um futuro melhor, gerando um movimento em busca do estudo formal, de uma especialização que em muitos casos resultou em um emprego formal e na autonomia financeira.

Dos objetivos específicos, constatou-se que as atividades que foram desenvolvidas como instrumento de resgate e inserção social são aquelas ligadas ao acesso das travestis e transexuais aos espaços da cidade antes inacessíveis e as ações que promovam trocas sociais genuínas, o que significa práticas que discorram sobre a realidade das TT's: o universo feminino, a vivência de preconceitos e a expressão de sentimentos, por exemplo.

Ao buscar os elementos pedagógicos e sociais pensados e desenvolvidos nas diferentes ações de lazer e turismo elaboradas pela CAE Florescer, eles só foram encontrados quando essas ações eram concebidas pela psicóloga da instituição. É nítido que a maior parte do planejamento não é pensado em inserir esse público na sociedade, mesmo quando há um discurso afirmando essa posição.

Essa situação é muito evidente na fala do gerente de serviços, que afirma nos seus discursos e postagens da rede social da instituição que o propósito de todas as ações é pedagógico, mas não existe uma seleção mínima dessas ações. Foi muito comum observar durante o campo, situações de constrangimento para as atendidas, além de palestras e rodas de conversas com temas e forma de abordagem que nem de longe faziam sentido para elas.

A impressão que se tem é que o importante é ter o calendário da CAE Florescer repleto de eventos para divulgá-los em forma de fotos e vídeos na rede social, pois gera grande visibilidade do trabalho da instituição. O que se percebe nesse movimento é que a visibilidade acaba se tornando um fim.

Ainda sobre os objetivos específicos, existe uma limitação na utilização das atividades de lazer e turismo como um instrumento de inserção social. Ao produzir essa pesquisa, é impossível não reconhecer o quanto o acesso aos espaços da cidade, as atividades de lazer e turismo têm a capacidade de construir uma consciência cidadã, de produzir uma vivência cidadã. Mas a

situação dessas mulheres travestis e transexuais está além dessas ações, porque o preconceito é estrutural e está instalado em todos os espaços, é necessário um trabalho mais efetivo no que concerne a questão de dependência de substâncias lícitas e ilícitas e acompanhamento psicológico e psiquiátrico específicos em muitos casos. Como foi discutido neste trabalho, a construção do corpo e da identidade travesti é permeada de violências e explorações que trazem consequências muitas vezes intransponíveis nesse processo de inserção social.

A educação formal é uma poderosa ferramenta da diminuição da desigualdade social, e como foi observado nessa pesquisa, o não acesso desses espaços por parte dessas mulheres é um entrave na continuidade desse processo de inserção social. O Transcidadania foi um marco importante, mas ainda insuficiente, as políticas públicas que visam essa inserção precisam de uma maior atenção por parte do Estado. O depoimento da uma ex-convivente que conseguiu ingressar no IFSP deixa claro como ainda há muito o que se discutir e transformar nessa área, e provoca um questionamento importante, que é pensar também na permanência desse grupo social nas políticas públicas, para além do acesso:

[...] Dentro da minha sala de aula, eu não me identificava em nada, só tinha menino da minha idade que saíam e iam pra porta do Instituto Federal com seu carro, pra sua casa, pra sua mansão, ou sei lá que bosta, e eu ia a pé pro centro de acolhimento de noite. E os caras me parando na rua porque ali na Avenida do Estado tem um ponto de prostituição, né? Os caras me paravam na rua pensando que eu fazia programa, e era uma situação totalmente diferente, eu me sentia totalmente fora de contexto aqui e eu tentei ficar ao máximo, tentei me sentir confortável ao máximo, mas chegou num nível que parece que o conhecimento deles, mesmo tendo a idade que eu tenho, era totalmente diferente, eles eram muito mais. Eu cresci na periferia, eu estudei em escola pública o tempo todo, o conhecimento que eu tinha em Física era quase nada, porque eu não tinha professor de Física. E os caras chegam manjando e tudo, e você se esforça dez vezes mais, e aí tem material pra comprar, você se inscreve pra programas de auxílio e tal, mas demora pra caralho pra cair o auxílio, metade no ano, você tem que comprar um monte de coisa senão você não ganha nota, e aí não tem como você manter. Não tem como você continuar, você vem, vem, vem, se esforça, mas se você não fazer os trabalhos, não ter o conhecimento mesmo, não tem como você ficar.

Outra limitação dessa política pública é em relação ao número de vagas, que é muito inferior a demanda de travestis e transexuais em situação de vulnerabilidade. O número de mulheres em busca de uma vaga é muito maior do que as trinta vagas oferecidas. Mesmo no universo dos abrigos do município de São Paulo, a CAE Florescer é a única que atende um número tão pequeno de pessoas abrigadas, a maioria desses locais atendem no mínimo algumas centenas de usuários. E não há previsão de ampliação.

A respeito das atividades promovidas, elas precisariam passar por um filtro, limitando as ações que têm como objetivo a capitalização econômica e simbólica por parte de empresas e pessoas sem oferecer algo realmente significativo para as atendidas. Essas mulheres foram abrigadas para serem protegidas da exploração social e da exploração sexual, no entanto, ações dessa natureza são apenas uma variação dessas explorações. Outra possibilidade é permitir a filantropia, mas a concepção da atividade estaria sob os cuidados de uma profissional que tem como princípio a responsabilidade pedagógica.

A formação dos recursos humanos da instituição é essencial para trabalhar com esse grupo social, não basta apenas ter boa vontade, pois a formação tem grande influência nas práticas e ações escolhidas e consequentemente na inserção dessas mulheres travestis e transexuais na sociedade.

Essas atividades de lazer e turismo sob o entendimento de um deslocamento do cotidiano, em um processo de estranhamento, necessita de cuidado e atenção na sua seleção, pois o que se busca é a capitalização da capacidade dos lugares vividos por essas mulheres vulnerabilizadas e não uma submissão, ou pior, uma exploração por parte de pessoas ou instituições, perpetuando uma dinâmica que a instituição CAE Florescer deveria protegê-las.

Como já foi discutido, essas práticas realizadas promovem de forma efetiva uma ressignificação do corpo e da identidade travesti, resultando na inserção social de uma parte significativa dessas mulheres. Como sugestão, resultado da observação e análise do trabalho de campo, um melhor planejamento e maior cuidado nas escolhas das atividades realizadas, trariam consequências muito positivas para as atendidas, já que, como foi discutido,

muito se perde em ações que pouco significa nesse contexto, ou pior, apenas reforçam as desigualdades por elas vividas.

Finalizando, o presente pesquisador se compromete realizar uma devolutiva para a CAE Florescer, enviando uma cópia da pesquisa para a instituição e disponibilizando um tempo para uma reunião a partir da leitura do trabalho, com a intenção de auxiliar no planejamento e escolhas das atividades e passeios, como foi sugerido anteriormente, como forma de retorno e agradecimento às pessoas que tão gentilmente cederam seu tempo e espaço.

Referências

- ALMEIDA, M. V. Turismo Social. In: TRIGO, L. G. G. Análises regionais e globais do turismo brasileiro. São Paulo: Roca, 2005, p.345-355.
- CUNHA, Licínio. *Introdução ao turismo*. Lisboa: Verbo, 2001.
- ALVES, M. F. Olhares cruzados: o Pink Money e o Movimento LGBT. Santa Cruz do Sul, TCC em Comunicação Social, UNISC, 2019. Disponível em : < <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/2490/1/Mateus%20Felipe%20Alves.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2019.
- ALVES, M. L. B. *Reflexões sobre a pesquisa qualitativa aplicada ao turismo*. In: Turismo em Análise, São Paulo: USP, dezembro de 2011, p. 599-613.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais DCM-5. Porto Alegre, 2014.
- ANIBAL, G.; BARBOZA, H. H. Designação sexual em crianças intersexo: uma breve análise dos casos de “genitália ambígua”. In: Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 30(10), out, 2014, p. 2177-2186.
- ASH, John e TURNER, Louis. *La Horda Dorada*. Madrid: Endymion, 1991.
- BARBOSA, B.C. Nomes e Diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual. São Paulo: dissertação de mestrado, USP, 2010.
- BERTAUX, Daniel e BERTAUX-WIAME, Isabelle (1993): “Historias de vida del oficio de panadero”, em MARINAS, José Miguel e SANTAMARINA, Cristina (eds.): La historia oral: métodos y experiencias. Madrid: Debate, pp. 231-250.
- _____, Daniel (2005, or. 1997): Los relatos de vida. Perspectiva etnosociológica. Barcelona: Bellaterra.
- BRASIL, Constituição Federal (Texto compilado até a Emenda Constitucional nº 93 de 08/09/2016). Título II dos Direitos e Garantias Fundamentais, Capítulo II dos Direitos Sociais. Disponível em: < https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_08.09.2016/art_6.asp>. Acesso em: agosto de 2018.
- BRISOLA, E. M. A. E MARCONDES, N. A. V. A História oral enquanto metodologia dentro do universo da pesquisa qualitativa: um foco a partir da análise por triangulação de métodos. In: Revista Ciências Humanas – Unitau, Volume 4, número 1. Taubaté: janeiro -julho de 2011, p. 124-136.
- BUFFA, Giovanni. Rio. Lê mete eccitanti d’inverno. [Rio metas excitantes de inverno]. Tutto Turismo, Milão: Ed. Domus, nov. 1981, ano V n.11.
- CAPONERO, M. C. A imagem do Brasil na Itália: divulgação do patrimônio natural, cultural e antropológico. São Paulo: dissertação de mestrado, USP, 2007.

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: FFLCH, 2007.
- CHEIBUB, B. Lazer, experiência turística, mediação e cidadania: um estudo sobre o projeto Turismo Jovem Cidadão (Sesc-RJ). 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- CHOU, R. E FEAGIN, J. R. *The Myth of the Model Minority: Asian Americans Facing Racism*. Boulder, CO: Paradigm Publishers, 2008.
- CLEMENTE, A. C. F. E STOPPA, E. A. Políticas Públicas de Turismo e Lazer do Órgão Oficial de Turismo na Cidade de São Paulo-SP. In: Rosa dos Ventos turismo e hospitalidade, volume 10, n. 8, 2018, p. 355 – 369.
- CONCILIO, I. L., AMARAL, M., SILVEIRA, P. M. Transcidadania Práticas e Trajetórias de um Programa Transformador. São Paulo: KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, 2017.
- CONNEL, R. E PEARSE, R. *Gênero uma perspectiva global*. São Paulo: nVersos Editora, 2015.
- COUTO, E. S. *Transexualidade o Corpo Em Mutação*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 1999.
- CRUZ, R.C.A. *Introdução à geografia do turismo*. São Paulo: Roca, 2001.
- CRUZ, L. E TITO, R. P. A comunidade LGBT no desdobramento da língua iorubá. Cadernos do CNLF, vol. XX, nº 12 – Sociolinguística, dialetologia e geografia linguística. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016.
- DALGALARRONDO, P. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. São Paulo: Artmed, 2008.
- FALCÃO, C. H. P. Turismo Social. In: BARROS JUNIOR, J. C. Empreendedorismo, trabalho e qualidade de vida na terceira idade. São Paulo: Edicon, 2009, p. 117-140.
- GASTAL, S. ; MOESCH, M. *Turismo, políticas públicas e cidadania*. 1º ed. São Paulo: Aleph, 2007.
- GOELLNER, S. V. et al. Política de esporte e lazer de inclusão social: analisando as categorias de gênero, raça/etnia, idade e pessoas com deficiência. In: Isayama, H. F. et al. (Org.). *Gestão de políticas públicas de esporte e lazer*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. P. 197-209.
- GOMES, R. A Análise de Dados em Pesquisa Qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.) *et al.* *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2004. pp. 67-80.

_____. *et al. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação*. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). *Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de Programas Sociais*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. pp. 185-221.

GORDEN, R. L. *Interviewing : strategy, techniques, and tactics*. Homewood, Ill. Dorsey Press, 1975.

GRUBER, G. V.; STOPPA, E. A. O lazer do brasileiro: representações e concretizações nos espaços e equipamentos. In: Stoppa E. A.; Isayama H. T. (Org.). *O lazer no Brasil – representações e concretizações das vivências cotidianas*. Campinas: Autores Associados, 2017. p. 81 – 94.

GUERRIERO, I. C. Z. E MINAYO, M. C. S. O desafio de revisar aspectos éticos das pesquisas em ciências sociais e humanas: a necessidade de diretrizes específicas. Rio de Janeiro: *Physis* vol.23 – nº 3 – jul./set. 2013.

JUPIASSU, H. *A revolução científica moderna*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

KAJIHARA, Kelly. *A imagem do Brasil no exterior – Análise do material de divulgação oficial da EMBRATUR, desde 1966 até 2008*. Rio de Janeiro: FGV, Observatório de Inovação do Turismo – Revista Acadêmica, Volume V – nº 3 – setembro de 2010.

KAZTMAN, R. et al. (1999). Vulnerabilidad, activos y exclusión social en Argentina y Uruguay. Santiago do Chile, OIT. (Documento de trabalho, pp. 107).

KRIPPENDORF, J. *Sociologia do Turismo - Para uma Nova Compreensão do Lazer e das Viagens*. São Paulo: Aleph, 2000.

LEFEBVRE, H. *La vida cotidiana en el mundo moderno*. Madrid: Alianza editorial, 1972.

LEITE JUNIOR, J. Nossos corpos também mudam: sexo, gênero e invenção da categoria “travesti” e “transexual” no discurso médico científico. São Paulo: Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica, Programa de Doutorado em Ciências Sociais, 2008.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Editoras Vozes, 1997.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. *Florianópolis: Estudos Feministas Florianópolis*, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014.

MAYOR, S. T. S.; ISAYAMA H. T. O lazer do brasileiro: sexo, estado civil e escolaridade. In: Stoppa E. A.; Isayama H. T. (Org.). *O lazer no Brasil – representações e concretizações das vivências cotidianas*. Campinas: Autores Associados, 2017. p. 19 – 36.

MARCELLINO, N. C. Políticas Públicas de lazer. Campinas: Alínea, 2008.

_____. Lazer e Sociedade. Campinas: Alínea, 2008.

_____. Lazer e educação. Campinas: Papirus, 2001.

_____. Lazer e Cultura. Campinas: Alínea, 2007.

MARTINS, A. Uma violência silenciosa: considerações sobre a perversão narcísica. Cad. Psicanál.-CPRJ, Rio de Janeiro, ano 31, n. 22, 2009. p. 37-56.

MINAYO, M. C. S. Introdução. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de Programas Sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. pp. 19-51.

MOTT, L. O imprescindível GGB, Grupo Gay da Bahia. In: GREEN, J. N., QUINALHA, R., CAETANO, M., FERNANDES, M. (Org.). História do Movimento LGBT no Brasil. São Paulo: Alameda, 2018. pp. 211-225.

O'BRIEN, E. The Racial Middle: Latinos and Asian Americans Living Beyond the Racial Divide. New York: New York University Press, 2008.

OCANHA, R. F. Repressão policial aos LGBTs em São Paulo na ditadura civil-militar e a resistência dos movimentos articulados. In: GREEN, J. N., QUINALHA, R., CAETANO, M., FERNANDES, M. (Org.). História do Movimento LGBT no Brasil. São Paulo: Alameda, 2018. pp. 79-90.

_____. As rondas policiais de combate à homossexualidade na cidade de São Paulo (1976-1982). In: GREEN, J. N. E QUINALHA, R. (Org.). Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2014. pp. 149-175.

OLIVEIRA, T. M. V. *Amostragem não Probabilística: Adequação de Situações para uso e Limitações de amostras por Conveniência, Julgamento e Quotas*. In: Administração On Line Volume 2, Número 3, julho/agosto/setembro de 2001. Disponível em: < http://www.fecap.br/adm_online/art23/tania2.htm >. Acesso em: maio de 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. "TSA data around the world". Madrid, 2010. Disponível em: <http://statistics.unwto.org/sites/all/files/pdf/tsa_data.pdf>. Acesso em: maio de 2018.

PEDRÃO, C. C.; UVINHA, R. R. O lazer do brasileiro: discussão dos dados coletados em escolaridade, renda, classes sociais e cor/raça. In: Stoppa E. A.; Isayama H. T. (Org.). O lazer no Brasil – representações e concretizações das vivências cotidianas. Campinas: Autores Associados, 2017. p. 37 – 47.

PELÚCIO, L. M. *"Toda Quebrada na Plástica": Corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas*. In: CAMPOS - REVISTA DE ANTROPOLOGIA V. 6. 2005, p. 97-112.

_____. Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. In: Revista ANTHROPOLÓGICAS, ano 8, volume 15(1), 2004, p. 123-154.

PEREIRO, X. E FERNANDES, F. *Antropologia e Turismo: teorias, métodos e práxis*. In: Pasos – Revista de Turismo y patrimonio Cultural, nº 20, 2018.

REQUIXA, R. Sugestão de diretrizes nacionais para uma política de lazer. São Paulo: SESC, 1980.

ROCHA-COUTINHO, M. L. *A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero*. In: *Estudos de Psicologia*, Rio de Janeiro: 2006, 11(1), 65-69.

ROSA, M. V. F. P. C; ARNOLDI, M. A. G. C. A entrevista na pesquisa qualitativa – mecanismos para validação de resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SANTOS, M. Lazer popular. In: Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC/WLRA, 2000. p. 31 – 37.

SIMÕES, J. A E FACCHINI, R. Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOARES DO BEM, Arim. *A dialética do turismo sexual*. Campinas: Papirus Editora, 2005.

SUTTER, M. J. Determinação e mudança de sexo – Aspectos médico-legais. São Paulo, Ed. RT, 1993.

TREVISAN, R. Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa de Mesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2006.

UVINHA, R. R. Turismo e lazer – Interesses turísticos. In: MARCELLINO, N. C. Lazer e Cultura. Campinas: Alínea, 2007, p. 47 – 64.

VALLES, M. S. Colección Cuadernos Metodológicos Num.32 Entrevistas cualitativas. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2002.

VENTURI, G. E BOKANY, V. (Org.) Diversidade sexual e homofobia no Brasil. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2011.

VIEIRA, H E FRACCAROLI, Y. Violência e dissidências: um breve olhar às experiências de repressão e resistência das travestis durante a ditadura militar e os primeiros anos da democracia. In: GREEN, J. N., QUINALHA, R., CAETANO, M., FERNANDES, M. (Org.). História do Movimento LGBT no Brasil. São Paulo: Alameda, 2018. pp. 357-377.

WALKERDINE, Valerie. O raciocínio em tempos pós-modernos. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 207-226, jul./dez,1995.

WERNECK, C. L. G.; STOPPA E. A.; ISAYAMA H. F. Lazer e mercado. Campinas: Papirus, 2001.

WU, E. D. The Color of Success: Asian Americans and the Origins of the Model Minority. Princeton: Princeton University Press, 2014.

APÊNDICE A Roteiro para entrevista semiestruturada (TRIVIÑOS, 2008) com profissionais ligados à CAE Florescer.

PESQUISA – Políticas públicas: lazer e turismo como instrumento de inserção social de travestis e transexuais em vulnerabilidade social.

RESPONSÁVEL: Flávio Daiji Kishigami

ORIENTADOR: Prof. Dr. Edmur Antonio Stoppa

Questões gerais da entrevistada(o):

Nome:

Nível educacional:

Cargo:

Responsabilidades/demandas/funções atribuídas:

01 - O acesso às atividades e/ou espaços de lazer e turismo por parte das mulheres trans/travestis em situação de vulnerabilidade atendidas pela CAE Florescer foi pensada antes do início das atividades da política pública em 2016?

Se SIM – Quais eram os objetivos, a intenção?

Se NÃO – Quando surgem essas práticas? Por que?

02 - Como são escolhidos as atividades de lazer e os espaços de turismo que são acessados pelas TT's atendidas pela CAE Florescer? Existe um planejamento, uma intencionalidade? Se SIM, qual?

Há preocupação com aspectos pedagógicos no desenvolvimento das ações?

Sim () Em que consiste?

Não () por quê?

03 - Qual avaliação você durante todo esse período em que essas práticas ocorreram na CAE Florescer? Por que?

04 - A partir da questão anterior, quais são os resultados que podem ser apresentados?

05 - Para você essas atividades da CAE Florescer colaboram para mudanças de atitudes das TT's?

Sim () Por quê? Quais?

Não () Por quê?

06 - De todas as práticas, qual ou quais você considera que resultaram positivamente para a vivência das TT's? E qual ou quais você considera negativa?

07 - O acesso ao lazer e aos espaços turísticos têm importância na inserção social das TT's atendidas pelas políticas públicas?

Se sim, de que forma?

Se não, por quê?

08 - Existem limitações dessas práticas enquanto elemento transformador das TT's? e a proposta da CAE Florescer? Se sim, quais?

09 - A descontinuidade de gestão na prefeitura municipal de São Paulo alterou/afetou o desenvolvimento da política pública, em especial a de lazer e turismo da CAE Florescer?

Se sim, de que forma?

APÊNDICE B - Roteiro para entrevista centrada (THIOLLENT, 1987) – com travestis/transexuais que foram atendidas pela CAE Florescer

PESQUISA – Políticas públicas: lazer e turismo como instrumento de inserção social de travestis e transexuais em vulnerabilidade social.

RESPONSÁVEL: Flávio Daiji Kishigami

ORIENTADOR: Prof. Dr. Edmur Antonio Stoppa

Informações gerais da entrevistada:

Nome

Data e local de nascimento

Endereço de residência

Estado civil

Ocupação atual

Ocupação anterior

Nível educacional

01 - Como você se define (sexualidade/corporalidade)

02 - As relações com as políticas públicas voltadas para as TT's.

03 - O acesso a essa(s) política(s) pública(s)?

(Como você chegou na CAE Florescer? Você ainda é atendida por outra política pública direcionada para a população trans/travesti? Qual/Quais?)

04 - Suas vivências nos espaços de lazer e turismo da cidade.

05 - Suas experiências vivenciadas dentro dessas políticas públicas? (Os Lugares visitados, as atividades realizadas. Como foram essas experiências? O que trouxe de experiências positivas e negativas usufruir desses locais como uma turista?)

06 - Os acessos aos espaços de lazer e turismo (importância na sua trajetória de mudança de vida? De que forma?)

07 - Sua visão como atendida da CAE Florescer

08 - Aspectos positivos e negativos nessas atividades

APENDICE C – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

PESQUISA – Políticas públicas: lazer e turismo como instrumento de inserção social de travestis e transexuais em vulnerabilidade social.

RESPONSÁVEL: Flávio Daiji Kishigami

ORIENTADOR: Prof. Dr. Edmur Antonio Stoppa

Observação Participante realizada em ____ / ____ / ____.

Aspectos relevantes a serem observados:

1. Funcionamento do Espaço:

- Organização do espaço físico, limpeza;
- Acessibilidade para pessoas com necessidades especiais;
- O horário e chegada e saída das pessoas;
- O dia e horário das atividades;
- O processo de controle de frequência;
- A forma de planejamento das atividades;

2. Atividades Oferecidas:

- Conteúdos desenvolvidos;
- Características da atividade;
- Materiais utilizados;
- Quantidade de pessoas;
- Duração;

3. Atuação dos envolvidos:

- Participam na atividade proposta;
- Possibilidades de sugestões;
- Características da participação dos envolvidos;

4. Relação Agente Social X Abrigada;

- O acolhimento das abrigadas;
- O tratamento pessoal das abrigadas;
- Domínio do conteúdo desenvolvido por parte do agente social;
- Possibilidades de sugestões;

5. Clima geral das atividades

- Clima agradável, divertido;
- Clima produtivo, poucas alterações frente ao planejamento;
- Clima tenso, hostil, ou desagradável;
- Participação das TT's é grande ou pequena;

6. Outros.

APÊNDICE D – ENTREVISTAS REALIZADAS

Cargo: Assistente social.

Nível educacional: Pós-graduada em políticas públicas e assistência social e graduada em assistência social.

Responsabilidades/demandas/funções atribuídas: Responsabilidade totalmente com as conviventes, tudo que envolve as conviventes. Escola, saúde, documentos, encaminhamentos.

01 - O acesso às atividades e/ou espaços de lazer e turismo por parte das mulheres trans/travestis em situação de vulnerabilidade atendidas pela CAE Florescer foi pensada antes do início das atividades da política pública em 2016?

Sempre foi pensado, desde que a casa abriu. Porque assim, a população trans no contexto geral sempre foram muito excluídas né? Então a gente começou a trabalhar elas no momento que elas têm direitos e deveres também, porque pelos menos o público que eu trabalho tem muito esse negócio de eu vou fazer e acontecer, porque a grande maioria delas foi expulsa de casa entre 13 e 15 anos, então quando elas vão para a prostituição não é porque querer é porque é o único meio de sobreviver. Então muitas vezes é o que eu falo pra elas: vocês têm que tirar a rua que existe dentro de vocês, vocês não precisam mais disso. Teve um dia que nós fomos assistir à peça no teatro municipal, o Quebra Nozes, que foi muito engraçado, muitas diziam “não quero ir” porque elas tinham a vergonha de frequentar, até que conseguimos levar 50% da casa e elas adoraram e uma coisa que me marcou muito foi nós na escadaria tirando uma foto e parou o teatro, pra ver, e nisso nós começamos a brincar “ah, gente paramos o teatro” e pra elas foi importante esse momento. E hoje a gente já não tem mais essa dificuldade de levar elas.

Quais eram os objetivos, a intenção? Era esse processo de socialização...

Elas mesmo se socializar, que elas não precisavam viver no mundo trans, vamos dizer assim, que ela têm o direito e devem participar de qualquer espaço dentro do Brasil, que o espaço não é pro mundo cis, o espaço é pro ser humano.

02 - Como são escolhidas as atividades de lazer e os espaços de turismo que são acessados pelas TT's atendidas pela CAE Florescer? Existe um planejamento, uma intencionalidade? Se SIM, qual?

No começo até existia, hoje não, hoje é aleatório. Vamos? Vamos... Vocês querem ir? Vamos. Que nem hoje, As meninas frequentam... o... como que chama aqui em cima, aqui na Aloísio, que queimou há pouco tempo...

... a Pinacoteca?

A Pinacoteca! Então todos os espaços, hoje elas frequentam. Porque as vezes não era só a sociedade que tinha esse pré-conceito, elas também tinham medo, tinham receio e isso foi se quebrando com o tempo.

E no começo tinha algum planejamento de que lugar seria melhor pra elas ou...

Não! A gente nunca pensou desse jeito, tanto que no começo a equipe toda acompanhava. A gente acompanhava com medo de sofrer algum pré-conceito ou até mesmo elas, às vezes não saberem lidar com determinada situação, como elas vem daquele negócio “eu vou fazer e acontecer” a gente teve que trabalhar elas no contexto geral.

03 - Qual avaliação você durante todo esse período em que essas práticas ocorreram na CAE Florescer? Por quê?

Olha, vou falar pra você que hoje a gente pode dar um nove, um dez. Essas meninas, falo das meninas que eu atendo, tá? Elas, como que eu posso dizer? Antigamente elas tinham medo, tinham receio de frequentar, e hoje isso já não existe. Tudo bem, foi um trabalho de formiguinha, que foi uma coisa... foi uma coisa que assim... convencia uma, depois iam as duas, e assim foi indo. No decorrer de quase três anos pra gente conseguir isso. Fácil não foi, mas hoje eu acho que pode dar um dez, porque se quebrou muita coisa, né? nesse meio tempo. Se quebrou o medo delas, não vou dizer 100% que isso não tenho como, hoje dependendo do lugar que a gente vai o pessoal já não fica olhando torto, com ar de curiosidade ou com ar de preconceito, não sei te dizer a palavra correta. Então você percebe que teve um grande avanço. Não ideal, não como deveria ser, mas já teve um grande avanço.

04 - A partir da questão anterior, quais são os resultados que podem ser apresentados?

Hoje nós temos... a casa abriu no dia 01 de maio de 2016, hoje não vou lembrar pontual, mas 30% saiu pra autonomia, pra sua própria casa, trabalhando tudo no mercado formal, então por aí você vê que é um resultado grande no contexto... estou falando no contexto que eu meio que respondi atrás, de frequentar espaço público, e até

mesmo do contexto de pré-conceito, porque antigamente as empresas não davam chance, era muito difícil você colocar uma menina trans no mercado de trabalho CLT e hoje a gente consegue, aqui na casa eu tenho mais umas três ou quatro trabalhando, tudo CLT. Então você vê elas estão tomando os espaços delas, devagar, mas tá caminhando.

Isso tem a ver com elas se apropriarem e poderem acessar os espaços

E a reeducação, né? Uma ressocialização, entre aspas, porque assim, no momento que você sai de uma vida de garota de programa, que você tem que ser hostil, você tem que brigar pra poder que se defender, então você também tem que trabalhar essa pessoa, mostrar pra ela que não precisa mais, que ela tem uma equipe que ela pode contar. Então teve todo o processo no decorrer desses anos.

05 - Para você essas atividades da CAE Florescer colaboram para mudanças de atitudes das TT's? Se Sim: por quê? Quais. Se NÃO, por quê?

Sim, porque elas começam também se socializar, muitas delas têm medo de socializar pelo que já passou nas avenidas, e quando elas veem que elas podem contar com o apoio de outras pessoas, então isso conta muito.

06 - De todas as práticas, qual ou quais você considera que resultaram positivamente para a vivência das TT's? E qual ou quais você considera negativa?

Eu acho que não tem uma negativa dependendo do ponto de vista que você tem. Porque o que dá certo a gente aproveita e o que não dá certo a gente aproveita também. Porque a gente começa a trabalhar de uma outra maneira. E explicar vendo os pontos que não deu certo, trazendo elas também para uma reflexão e mostrar a necessidade disso não dar certo. Porque às vezes a gente aprendo com o não como a gente aprende com o sim. Então você tem que ver todo o contexto do que não dá certo pra você poder trabalhar em cima disso, então falo que pra mim nada não dá certo, tudo dá certo. A gente consegue trabalhar com as coisas negativas, porque dependendo da situação, tá deu errado, mas o que você vai fazer pra melhorar? Você não gostou? Por que você não gostou? Se tiver outra você não vai por quê? Então você começa a trabalhar porque muitas vezes é curiosidade, só que as curiosidades às vezes acaba prejudicando não só elas como a gente também, né?

Como assim, a curiosidade?

Vou em tal lugar. Você não vai gostar. Mas eu quero ir pra conhecer. Aí vai e fica isolada porque também não é aquela coisa, um exemplo básico. A curiosidade às vezes é melhor não ter, né? Mas tudo é produtivo, nada é jogado fora.

Então você acha que atem alguns espaços ainda não é adequado para inserção dessas meninas...

Não que não seja adequado. Às vezes elas não vão se sentir bem. E não são todas, são algumas. Por quê? Pelo contexto de ter fragmentado muito cedo a relação familiar, às vezes é um espaço que vai trazer isso muito à tona e vai mexer muito com ela, isso é um pequeno exemplo. Mexeu com ela, como eu vou trabalhar com isso? Eu já tinha noção que aquilo não ia dar certo, porque eu acompanho elas, mas aí ela tem que ir. Ela vai se machucar, sabemos, dependendo do contexto desse espaço, só que ela tem que ver isso pra ela, a gente não pode falar “não vai que não vai fazer bem” elas têm que experimentar, porque aí não é questão de só o pré-conceito, tem muita coisa que vai muito mais além do que o pré-conceito da sociedade.. muitas vezes a gente vê alguma menina aqui...época de Natal. Você vê várias chorando, porque é a saudade da família, a vontade de ter o que nunca teve, aquela coisa não tive mas gostaria de ter, então floresce muita coisa principalmente época festiva, então tudo isso é muito louco, a gente tem que ver cada uma no seu contexto pra poder trabalhar cada uma no seu contexto.

07 - O acesso ao lazer e aos espaços turísticos têm importância na inserção social das TT's atendidas pelas políticas públicas? Se SIM, de que forma? Se NÃO, por quê?

Sim, totalmente. É a socialização, delas mesmo, não falo nem da sociedade, eu falo delas. Porque elas já foram tão apedrejadas no contexto geral, que a gente tem que derrubar uma muralha pra começar a construir outra casa, então elas tem que ver que esse bicho de sete cabeças não existe, tá existe, sabemos que o preconceito tá muito enraizado, mas elas também que ver que..., como que posso te dizer? Existe por um lado, mas não existe por outro. Porque elas não vão ser apedrejadas, não vai ser xingadas, vai existir aquele negócio da pessoa olhar torto, por causa das políticas que temos hoje... então assim, tudo é uma coisa que vai entrelaçando na outra pra chegar onde estamos chegando.

Que seria?

Aceitação, vamos dizer assim. Porque nem todo mundo concorda, nem todo mundo aceita, mas... não falei ao contrário. Nem todo mundo concorda, mas são obrigados a

respeitar, nem todo mundo gosta, mas são obrigados a respeitar, é o mínimo que a sociedade deve, não só para as meninas trans, mas pra sociedade no contexto geral, porque nós temos os negros, os baianos, temos... tudo tem preconceito. Ninguém é obrigado a gostar de ninguém, mas é obrigado a respeitar e ponto.

08 - Existem limitações dessas práticas enquanto elemento transformador das TT's? e a proposta da CAE Florescer? Se SIM, quais?

As limitações na grande maioria das vezes é ter condições financeiras para levá-las em determinados espaços. Porque assim, às vezes a gente consegue, às vezes não, então... porque nem sempre você consegue tudo que você quer. Que nem hoje, conseguimos inseri-las no curso de corte e costura, na liga de samba do estado de São Paulo, pelo SENAI, só que hoje mesmo eu tive uma confusão com o pessoal da condução, então assim, as limitações são maior parte desse pressuposto, mais por esse lado mesmo. Mas não porque assim... quando tem alguma... que nem o Quebra Nozes... o Teatro Municipal, quem o convite foi os Direitos Humanos.

Mas você acha que essa prática, por exemplo, de inserir essas meninas nesses espaços de lazer, espaços de turismo, ela insere socialmente até que ponto? Acho que essa era mais a questão.

Olha, até olharem torto, por isso que eu te falei muito, frisei muitas vezes, que a gente também tem que trabalhar elas. Porque muitas vezes a gente acaba... por elas terem sofrido muita... muita coisa negativa, ser apedrejada, apontada, no contexto geral, então às vezes não é que elas não aceitam, mas é o jeito de defesa delas, então a gente às vezes tem que socializá-las. Não... é tipo assim, tiro você da rua, mas agora tenho que tirar a rua de você, você não precisa mais disso. É bem por aí.

Só uma coisa: o que você acha que poderia auxiliar nesse processo de inserção completa?

Isso é um trabalho longo, porque tem muitos anos pra elas ficarem assim. E não adianta porque isso também tem uma coisa psicológica, tem um monte de contexto, então isso é um trabalho multidisciplinar e não é um trabalho de um mês, é um trabalho longo. Por isso que aqui eu falo que eu não trabalho com tempo, porque se eu trabalhar com tempo eu vou excluí-las mais uma vez e a intenção não é trabalhar com tempo, é trabalhar todas essas demandas que elas trazem, que muitas vezes a sociedade não vê, mas foi a sociedade que criou porque não deram o mercado de trabalho, muitas vezes muitas nem estudaram porque não tiveram chance porque foram expulsas de casa muito cedo, então

a sociedade meio que criou, mas a sociedade não vê o que ocasionou tudo isso. Então nenhuma delas... o público que eu atendo, temos as trans que tem um patamar de vida, mas que acaba sendo que é uma outra situação, nunca passaram pelo contexto delas, então, do que elas passaram, então não posso falar por esse público, eu tô falando pelo público que eu atendo. Então elas chegam muito fragmentadas, então cabe a nós profissionais, junto com elas, o tempo de escuta, traçar não só um plano com elas, mas traçar comigo mesmo e com a psicóloga, muitas vezes como quebrar essa armadura pra gente poder chegar onde quer, porque eu sou assistente social tem lugar, tem pontos que eu não posso chegar porque eu não vou saber depois contornar a situação. Então eu vou muito devagar pra chegar, obter o que eu quero, às vezes eu consigo, na grande maioria.

09 - A descontinuidade de gestão na prefeitura municipal de São Paulo alterou/afetou o desenvolvimento da política pública, em especial a de lazer e turismo da CAE Florescer? Se SIM, de que forma?

Para nós ainda não. Para nós ainda não.

E na gestão Haddad...

Também não. Porque nós pegamos a gestão do Haddad no final, aí veio o Dória. Afetar nós aqui, literalmente, se eu falar que afetou eu estou mentindo, não sei agora o que vai virar, porque agora que São Paulo tá voltando a funcionar de fato, mas ainda não sentimos nada em cima disso. Aqui, Florescer, tô falando pela Casa Florescer.

Cargo: Gerente de serviços.

Nível educacional: Formado em administração e especialização em gestão de pessoas.

Responsabilidades/demandas/funções atribuídas: Partindo do pressuposto do que vem estabelecido seria mais a questão administrativa, articulação com a rede e contato não só com as moradoras que são vinculadas ao serviço, ao equipamento social, como direcionamento e capacitação pros funcionários, mas eu sou uma pessoa hiperativa então procuro estar participando de vários outros processos, tentando na medida do possível participar das oficinas, dos passeios, uma interlocução maior com os parceiros, que são coisas que eu acho que corresponde a toda equipe, né? Acho que todo mundo tem que ter a mesma fala, mas de certa forma eu executo isso que é uma coisa que eu fui... eu acostumei a lidar com essa parte, eu nunca fui uma pessoa “prostata” dentro da minha atuação de 22 anos de rede, assim, eu sempre quis fazer algo um pouco diferente, então quando eu vim pra ser gestor, é o gestor que passou por vários setores, seja uma portaria, seja uma oficina e tem uma certa visão e isso me faz bem estar participando na medida do possível.

01 - O acesso às atividades e/ou espaços de lazer e turismo por parte das mulheres trans/travestis em situação de vulnerabilidade atendidas pela CAE Florescer foi pensada antes do início das atividades da política pública em 2016? Se SIM, quais eram os objetivos, a intenção? Se NÃO, quando surgem essas práticas? Por quê?

Sim, porque de fato eu acho que isso, quando eu faço um breve... “remember” da minha trajetória eu acho que a articulação da rede ela é essencial numa política meio transversal, independente da sua assistência, eu acho que tem cultura, lazer, esportes, saúde, trabalho, moradia, educação e aí quando você pensa um pouco enquanto lazer é que você consegue tirar essas pessoas desse território, então é uma estratégia, se torna uma ferramenta que você consegue trazer um ponto positivo pra sua parte interna quando se desenvolve aqui dentro, então são coisas que são pré estabelecidas, mas aí diante do contexto de cada um da equipe, então quando pensou no serviço, acho que assim, a gente já estabeleceu que o foco com a cultura e o lazer seria essencial, que até funciona como uma forma de antiestresse e de você conhecer um pouco mais a história do Brasil, a história de São Paulo, a história de você mesmo e conhecer, reaprender a se conhecer, sabe?

Ah, então os objetivos e as intenções eram justamente esses, as meninas...

Começarem a acessar os outros espaços que lhe eram negados. Então o que eu digo, se eu ficasse focado só numa questão pautada na questão de saúde, ligada muito em DST e hiv, ia com elas muito mais fechada, eu acho que pautada na educação pra quem teve “n” problemas quando teve vínculo com a escola, que muitas ainda não tiveram, dependendo da situação, então, acho que é um processo, são processos gradativos né? De aproximação com esses outros territórios, que começam a emergir os desejos.

02 - Como são escolhidas as atividades de lazer e os espaços de turismo que são acessados pelas TT's atendidas pela CAE Florescer? Existe um planejamento, uma intencionalidade? Se SIM, qual?

Então, o que a gente tinha mais próximo era o museu de Arte Sacra, que isso foi no início em 2016 e depois começamos com a Pinacoteca, que tinha uma visita mensal. Só que daí é uma coisa distante porque as meninas são hiperativas então não adianta você ficar falando sobre uma obra de arte sendo que de repente elas gostam de trabalhar com o manual. Então foi meio que repensando algumas coisas, entendo também que às vezes tem uma oscilação devido ao próprio temperamento da pessoa naquele dia, às vezes não tá bem devido a uma medicação, devido a uma relação, devido a uma condição financeira, então tinham algumas oscilações. Então tudo que meio é pré-estabelecido, mas aí você trabalha nessa questão muito do dia de entender. Hoje temos uma visita na Pinacoteca ou surgiu uma visita no Tomi Othake, então eu faço convite extensivo, vai ter uma apresentação de teatro, que daí são coisas pontuais, quando alguém faz o convite ou quando a gente sabe que tem alguma coisa gratuita estabelecemos o contato e vamos até o local, tentando estabelecer essa parceria. Mas pontual mesmo era mais Pinacoteca e Arte Sacra.

Há preocupação com aspectos pedagógicos no desenvolvimento das ações? Se SIM, em que consiste? Se NÃO, por quê?

Sim. Por isso que até quando eu fiz a leitura voltada a Pinacoteca e museu Arte Sacra, inicialmente quando a gente trabalhou um pouco da questão dos direitos humanos que até tem alguns cartazes na parte externa da casa, foi nessa leitura também da concepção do que eu sou, do que eu quero e aonde quero estar, quais os processos da minha vida. E até mesmo você lidar um pouco com outros questionamentos que você faz de si e que você faz da sociedade como um todo. Então meio que nessa bilateralidade de entender o universo e você ter uma compreensão mais plena de si mesmo, então acho que todos os momentos, todas as ações que acontecem, ela parte pra esse pressuposto pedagógico que

você acaba trazendo não enquanto articulador mais tendencioso, mas se torna um pouco natural, você conseguir fazer um reflexão a partir desse campo pedagógico, né? A importância do conhecimento, duma leitura, ou da questão mesmo de escrita, a questão da informação seja através do filme, entre outras coisas, entendeu?

03 - Qual avaliação você durante todo esse período em que essas práticas ocorreram na CAE Florescer? Por quê?

Então como existe uma, não digo uma rotatividade muito grande, mas tem uma oscilação, então é tudo muito novo pra algumas que chegam, porque pra uma pessoa que nunca entrou num espaço de cultura ou de lazer, de repente eu nunca pratiquei uma atividade esportiva, como que é isso pra mim. Remete a se auto reconhecer, então é meio sempre um início de um processo, a gente tá sempre começando, então acho que o principal é assim, você se descobrir, no caso delas se descobrirem esse outro lugar e entender que o lugar é de acesso de todos, então eu acho que se torna positivo porque quem já teve esse contato acaba de certa forma disseminando a importância daquele local em determinado momento da sua vida.

04 - A partir da questão anterior, quais são os resultados que podem ser apresentados?

Ah, vários, assim... eu acho que o acesso de forma mais... presente a esses locais, de repente eu posso passar no teatro municipal e assistir a uma peça gratuita, eu posso ir na Pinacoteca, eu posso ir no Tomi Othake, eu posso ir no Itaú Cultural que tá tendo uma exposição, eu começo a entender que eu posso fazer parte desse processo enquanto cidadã, cidadão, enquanto ser humano. E a mudança do comportamento, quando você começa a se relacionar com a arte e você começa de repente a trazer a reivindicação ou mostrar de fato quem você é através de uma poesia, através de uma aquarela, através de uma performance corporal. Então acho que esses impactos eles começam a imergir a partir do momento que você começa a entender que existem diversas formas de expressar e você começa a se auto reconhecer seu corpo.

05 - Para você essas atividades da CAE Florescer colaboram para mudanças de atitudes das TT's? Se SIM, por quê? Quais? SE NÃO, por quê?

Sim, porque eu acho que a gente, nós como todo, ficamos muito condicionados a questão imediata. A questão imediata pra uma população que tá num centro de acolhida é alimentação, que é...alguns casos é questão de higiene porque muitas pessoas se adaptam a não de repente fazer sua higiene pessoa e se auto reconhecer, a partir do momento que você tem acesso aos outros lugares, você tem uma mudança, como eu disse, de comportamento, de vestuário. Não se adequando ao modelo do outro que é pré-estabelecido, mas se adequando ao modelo que você começa a se reconhecer de forma diferente. Então os impactos que qualquer menina que passe por aqui, através do acesso a isso, é uma mudança bastante drástico, que eu digo, de você conseguir compreender que você pode dialogar em diversos espaços de forma diferente, sendo quem você é, sem se esconder.

Achei legal que você até falou da higiene, né? Elas começam a olhar as outras pessoas nesses espaços e a partir daí...

Sim. Porque de repente no começo, você se preocupa, por exemplo, eu posso ir com um chinelo no shopping, você fala posso, mas eu tenho que estar com uma boa assepsia nos meus pés. Que não é vergonha, de repente, tá na moda colocar uma calça jeans e um chinelinho, mas assim, eu tenho que estar com os pés bem limpos, higienizados. É um processo natural de você descobrir isso de novo que, de repente, você adormeceu em algum momento da sua vida.

06 - De todas as práticas, qual ou quais você considera que resultaram positivamente para a vivência das TT's? E qual ou quais você considera negativa?

Oh, o melhor eu acho, que mais impactante, foi no teatro oficina. Eu acho que o teatro oficina ele traz toda uma história, né? Ele traz todo um contexto desse corpo, que encarna esse personagem nu, que transcende, que lida com vários aspectos que a gente desconhece, eu não sou formado em arte, mas eu digo quando você vai você já sente um determinado impacto. Então a ida das meninas até o teatro oficina inicialmente pra ver Bacantes e depois pra se apresentarem, foi um impacto porque geralmente você é escoraçada, você não tem esse seu momento de diva, de glamour, mas de você ser aplaudida, se tá acostumada com as pedradas que a vida lhe dá, com as vaias e quando você vê as pessoas de certa forma te acolhendo de uma forma diferente, te trás um impacto, então acho que isso foi muito positivo e a ida até assistir Bacantes, é entender uma compreensão de todo aquele universo em que todo mundo é importante, seja o cara do som, seja o contrarregista, seja o iluminador, os atores, o diretor, o público que

interage, as meninas todas interagindo, então acho foi uma construção de compreender um corpo nu, mas de uma esfera maior, que transgride a tudo que a gente idealiza enquanto sexualidade, enquanto corpo e aí entra num processo desse corpo que transcende pra arte.

Teve alguma experiência que você achou que não foi positiva, foi negativa?

Não, não teve nenhuma assim. Até mesmo uma que foi um pouco mais difícil, foi quando teve, que a gente faz oficina de yoga, que daí na verdade é você sentir esse seu corpo, né? De forma diferente, com sua mente. E é difícil, porque muitas vezes as pessoas não começam a se olhar, né? Sentir a sua respiração, então é um exercício de você meio que sair desse corpo e sentir seu sangue pulsando, sentir as suas articulações, então é um processo um pouco mais delicado, então inicialmente tinha a questão de saber de lidar com o entorno, que de repente tava tendo uma música, eu tenho que começar encontrar na minha concentração, então um processo que foi um pouquinho mais difícil, mas no final, digamos que 80% de 20 meninas que participaram estavam dormindo, então teve esse encontro. Mas inicialmente devido até a própria característica, de você não conseguir ter essa tranquilidade, você não conseguiria entrar dentro da ação concreta.

07 - O acesso ao lazer e aos espaços turísticos têm importância na inserção social das TT's atendidas pelas políticas públicas? Se SIM, de que forma? Se NÃO, por quê?

Sim, com certeza. Porque você começa de fato a cobrar desses outros órgãos e a sensibilizar as meninas que enquanto cidadã elas têm direito a acesso a tudo. Então eu tenho que entender que aquele local, me pertence também, eu tenho direito a ter a informação que está contida naquele lugar. Tem uma experiência de uma menina que a primeira vez que a gente foi no teatro municipal, ela falava tipo assim “eu passei várias vezes aqui, mas porque eu dormia aqui na frente, então eu acordava com pessoas me enxotando de certa forma e hoje eu estou dentro do teatro municipal, então era o meu sonho estar passando por este tapete vermelho, subindo essas escadarias”. Então você vê uma elevação da auto estima, um empoderamento e uma representatividade, tudo junto e conseqüentemente, você começa a mostrar pra própria, os colaboradores daquele local, os orientadores, as pessoas que, também o público presente, que são pessoas normais, que elas têm direito como qualquer um. Então esse impacto, acho que, enquanto sociedade, projeto social, você começa a gerar essa outra possibilidade pra

essa pessoa que é atendida pela casa, entendeu? E pelos outros serviços, que é justamente isso, acho que, você saindo um pouco do seu nicho e pegando outros, você consegue captar ferramentas melhores pro desenvolvimento do seu trabalho.

08 - Existem limitações dessas práticas enquanto elemento transformador das TT's? e a proposta da CAE Florescer? Se SIM, quais?

Existe, porque vai muito do entendimento de algo que é muito novo pra mim. Eu nunca, de repente, fui num museu. O que que o museu trás? Eu desconheço. Eu não conheço a história, eu não conheço a minha história, eu não conheço a história do local onde eu moro, do meu território, do meu estado, do meu país, eu desconheço. Então de certa forma existe uma limitação porque você lida às vezes com pessoas que não são alfabetizadas e que não tem uma compreensão plena da arte. Mas cada um tem um olhar, às vezes você acaba se auto sabotando, ou talvez criando um certo problema interior, porque você se julga menor do que o outro, enquanto dinâmica isso não existe, existem interpretações diversas sobre aquilo que a gente tá vendo ou tá lidando, então enquanto casa, a gente tenta trabalhar na perspectiva que assim, independente do seu conhecimento, acho que tudo planta-se uma semente, né? Pra você começar a ter uma outra leitura daquilo que é novo pra você e você conseguir talvez ter uma compreensão, talvez seja mínima, de o tão quanto aquilo é enriquecedor pro seu próprio eu e te fortalece enquanto um dos pilares essencial pra sua existência.

Assim, o que seria possível fazer pra superar esse obstáculo, que é essa mudança interna, esse reconhecimento?

É justamente essa articulação de todas as políticas públicas, porque uma sozinha muitas vezes eu falo... vamos falar das mais próximas... é saúde, educação, trabalho e moradia. Eu quero ter um trabalho, mas de repente eu não tenho uma escolaridade. Eu quero ter um trabalho, mas minha saúde mental e física não é tão equilibrada. Quando eu falo trabalho, eu quero ter uma moradia, mas como vou subsidiar essa minha moradia enquanto alimentação e dentro desses espaços existem esses outros lugares que ocupa que é esse acesso à cultura, ao lazer entre outras coisas, então o que eu digo, eu acho que a política ela precisa ainda avançar muito e entender que essa relação ela tem que ocorrer o tempo todo, porque em algum momento nesse cruzamento você vai conseguir mostrar pra pessoa que você está atendendo ou que é beneficiária de algum tipo de projeto, de programa, o tão quanto aquilo, de repente, é algo que é muito importante pra

sua existência, entendeu? Então eu acho que o principal é essa relação das políticas públicas mesmo de fato, em plena execução.

09 - A descontinuidade de gestão na prefeitura municipal de São Paulo alterou/afetou o desenvolvimento da política pública, em especial a de lazer e turismo da CAE Florescer? Se SIM, de que forma?

Não, assim, não teve nenhum problema. Porque na verdade eu acho que assim, a gente tem que pensar numa maneira de ser autossustentável. Talvez não seja ainda financeiramente, porque você tem que trabalhar com uma mão de obra mais qualificada, mas enquanto existência, é você se fortalecer com a rede que tem próximo de você e através dessa rede que tem próximo você consegue ocupar outros espaços, porque a ideia do espaço vai sendo disseminada, e você vai construindo, conseguindo desconstruir um perfil que é estabelecido por outros de preconceito, de julgamento, mas muitas vezes é por falta de informação e conhecimento. Então, independente de gestão, eu acho que o trabalho ele tinha que continuar e o principal dado que eu acho que traz enquanto reflexão é o papel um pouco mais humano de aproximação, da busca dessa identidade e o autocuidado com a sua saúde.

Mas em termos de recursos...

Não. Em termos de recursos não tem problema nenhum.

A casa recebe muito apoio de pessoas físicas...

Ainda é um número um pouco pequeno, porque eu queria mais, não vou mentir. Porque a gente tem muito mais coisas a fazer, mas eu não posso dar um passo maior que a minha perna, então quando eu consigo agregar alguém que conheça um pouco a realidade, não perante ao meu olhar, mas perante a dinâmica da vida das meninas, entendendo as limitações, os percalços que vão ocorrer durante os processos e começam a somar, você começa a fazer algo diferente, entendeu? Acho que isso é o principal mecanismo, que não é talvez o financeiro, eu acho que é esse humano que de repente vem e soma e tá junto ali gerando uma outra possibilidade, eu acho que o dinheiro vem como consequência, pra você fazer outras coisas, quando vem bem, quando não vem amém, a gente tem que agradecer da mesma maneira, o importante é não desistir é continuar o trabalho.

Cargo: Técnica social.

Nível educacional: Graduação em psicologia.

Responsabilidades/demandas/funções atribuídas: Acho que o primeiro momento é acolhimento de quem chega, aí a gente vai vendo as demandas, dependendo, né? Cada uma tem uma. Às vezes chega sem documento, sem, né? Desde o básico, assim, de encaminhamento pra defensoria pública pra pedir o registro que vem do sertão do Ceará. Até às vezes já chega mais organizada com essas questões, a gente encaminha pra escola, para as políticas públicas tipo Transcidadania, saúde, sempre que chega a gente pergunta, né? Essa questão da saúde como tá, muitas soropositivo, né? Então a gente vê se tá fazendo tratamento, se não tá. Os CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) pra dependente químico, escola, Transcidadania... enfim, chega a gente acolhe faz esses encaminhamentos e depois vai acompanhando, como tá, como tá indo, esses... acho que isso é o básico.

01 - O acesso às atividades e/ou espaços de lazer e turismo por parte das mulheres trans/travestis em situação de vulnerabilidade atendidas pela CAE Florescer foi pensada antes do início das atividades da política pública em 2016? Se SIM, quais eram os objetivos, a intenção? Se NÃO, quando surgem essas práticas? Por quê?

É, aí eu não sei. Eu imagino... eu imagino que vai indo junto, né? Eles devem ter pensado um monte de coisa que foram vendo que não era. Tipo eu quando cheguei também. Pensei que poderia ser de um jeito assim, essa... aí é de outro.

02 - Como são escolhidas as atividades de lazer e os espaços de turismo que são acessados pelas TT's atendidas pela CAE Florescer? Existe um planejamento, uma intencionalidade? Se SIM, qual?

Ah, eu acho que... tem uma intencionalidade no sentido de proporcionar pra elas, né? acesso a espaços de cultura, enfim. E daí um pouco dessa preocupação de aonde a gente vai levar se não é um lugar muito intelectualizado e que o papo não vai atingir, assim. Eu acho que tem muito disso, eu já fui com elas em muitos lugares que até... elas não tem repertório de vocabulário, às vezes básico, esses dias uma veio pra mim e falou “Ah Luiza, eu não sei, eu não gosto de participar dessas coisas que você leva, esses saraus, essas coisas, porque eu não sei, eu não entendo o que eles estão falando, porque me perguntaram esses dias, minhas características. Luiza, eu não sabia o que era característica, eu não sabia que era falar que eu era magra, alta, legal, chata”. Daí tipo,

ela aprendeu que era... então, tem que ter esse cuidado, né? Até um cinema, por exemplo, se a gente leva pro cinema, tem que ser um cinema de filme nacional porque elas não acompanham legenda, então acho que tem que ter esse cuidado, né? E eu acho que a intenção nesses passeios é de tá ocupando os espaços de cultura, de lazer e que elas não conhecem mesmo, assim, né? Quando eu fui no Municipal a primeira vez com elas, uma delas falou “Nossa, eu morava aqui na frente, aqui ó” e mostrava onde dormia “e eu nunca entrei aqui”. Mas é isso, a gente foi ver uma dança linda, maravilhosa, o balé da cidade, foi lindo e acho que elas se sentiram à vontade.

Há preocupação com aspectos pedagógicos no desenvolvimento das ações? Se SIM, em que consiste? Se NÃO, por quê?

É, eu acho que é meio que isso, esse cuidado de onde a gente tá levando. Que lugar que foi uma vez, que a gente foi, foi super incômodo, fiquei super incomodada? Todo lugar eu vou e fico, né? Bem como medo, assim, porque tem lugar que a gente vai, super olhada assim, elas são super olhadas, super... acho que esse cuidado tem que ter. Esse né? De que espaço a gente tá indo, se elas vão se sentir acolhidas e vão entender o que tão fazendo ali, minimamente, né? Acho que... a Pinacoteca é um lugar que a gente vai todo mês, mas às vezes é meio... desde a entrada, né? Que fica passando por aquele “pi-pi-pi” que elas não entendem que o cara não sabe muito abordar, o que é que faz... esse “pi-pi-pi” quando elas passam já é a primeira “pá”, né? Já é estranho, mas daí foi muito legal porque a educadora de lá falou “Luiza, eu vou conversar pra que elas não passem pelo detector” porque já é um lugar, né? Que elas estão entrando e esse detector pra quê? Já não pode entrar com bolsa, elas não vão estar com uma arma na cintura, enfim. Ela tentou ver com a direção se elas poderiam passar batido pelo “pi-pi-pi” ali, pelo detector.

03 - Qual avaliação você durante todo esse período em que essas práticas ocorreram na CAE Florescer? Por quê?

Como assim avaliação? Se foi positivo?

Você acha se teve algum resultado, como você avalia isso? Se houve alguma alteração na forma das meninas se enxergarem?

Ah, eu acho que com certeza sim. Às vezes eu acho que é bem sutil e a gente deixa passar, né? Porque pra gente é tão comum ir num teatro... foi muito legal um dia, uma delas veio pra mim, a gente tava indo lá pro feira plana, você foi nesse Sarau?

Não

A gente tava indo pra esse sarau na feira plana e ela começou a chorar. O que tá acontecendo? “Ai, eu não consigo, eu não consigo conversar com as pessoas, é um...” Ela é uma menina de 26 anos que desde os 15 está na prostituição e daí a única coisa que você sabe fazer é seduzir um cara na rua, né? Ficar o tempo todo dublando e tendo que ser alguma coisa e daí quando você sai da prostituição pra tentar entrar no mercado de trabalho, pra tentar entrar numa roda de conversa com pessoas que não são clientes à noite, nem são suas amigas travestis que tão trabalhando com você, ela não sabe, não sabia conversar, atropelava, a gente sentiu que ela tava meio eufórica e daí ela começou a chorar e eu não estava entendendo muito, daí ela começou a dizer disso assim, “pra mim é muito difícil tá, eu tô insistindo eu gosto quando você me chama pra ir pra esses lugares”, ela chama de palestra, “eu gosto quando você me chama pra ir nessas palestras, eu gosto quando vem gente na casa, de empresa e quer conversar com a gente, porque eu acho que...” falei “é isso!” e você vai, né? Juntando esse monte de conversas e aí você vai criando um repertório pra poder conversar, você tá aprendendo mesmo, como se tivesse aprendendo, né? A conviver em sociedade fora daquele lugar que você sempre esteve que é na noite, na prostituição, conversando com cliente, sabe assim? Então, acho que nisso é muito interessante de perceber, assim, que elas às vezes querem conversar com as pessoas nos lugares de uma outra maneira, às vezes repete um pouco, né? A gente chega numa peça de teatro, já fica toda, né? Querendo dar aquela conversada, aquela enganada, aquela coisa. Que é isso, elas vão repetindo o óbvio, porque é o que elas sabem fazer, mas também tem esse lado de querer conhecer outras coisas e ter outros repertórios. É bem positivo o feedback delas, eu tava indo mais antes, né? Mas, a gente foi a pé uma vez numa peça de teatro ali nos porões do Cambridge, sabe aquela ocupação? Foi super legal, depois elas quiseram ir de novo, elas foram de novo sozinhas, que era aquele pague quanto puder, a galera do teatro foi super legal com elas, então eu acho que é bem positivo, assim.

04 - A partir da questão anterior, quais são os resultados que podem ser apresentados?

Eu acho que é isso, né? Você ter... não sei, acho que elas... acho que de aprendizado de conhecimento do novo, acho isso super... e de repertório de outras coisas, acho que, né? Elas veem outras possibilidades, outras formas de se relacionar com o mundo. E fora que às vezes rola uns contatos, elas conhecem gente.

05 - Para você essas atividades da CAE Florescer colaboram para mudanças de atitudes das TT's? Se SIM, por quê? Quais? SE NÃO, por quê?

Acho que sim. Sim. E é bonitinho que às vezes elas vão se corrigindo, sabe assim? “Olha Luiza, não sei quem tá...” a gente chega no museu, né? Sei lá, numa Pinacoteca, que é lá, a gente baixa o tom de voz, a postura é outra e acho que tem um pouco disso sim, que você tem que se adequar, né? Sua postura em determinados ambientes são diferentes da postura na rua, daqui, que é essa gritaria. E tem umas que não tem essa sacada, assim, né? E elas mesmas vão assim, “viu? Olha não sei quem. Fala mais baixo, mana! Não sei o que...” sabe assim? É bonitinho, acho que elas vão meio que aprendendo assim, né? Que a se portar... aprendendo, acho que é uma palavra ruim, mas enfim.

06 - De todas as práticas, qual ou quais você considera que resultaram positivamente para a vivência das TT's? E qual ou quais você considera negativa?

Acho que tiveram duas peças que foi com a Leona, maravilhosa, foi o “Assassinato do presidente” e uma outra que chama “Ópera Urbe” que a gente foi lá no SESC Parque Dom Pedro, foi muito legal e muito emocionante, acho que vê outra travesti, outra trans ocupando esse espaço, fazendo arte, né? Uma peça... e as peças trazem esse tema, essa temática, trazem esse tema, né? Essa temática da transexualidade, do lugar que elas são colocadas na sociedade, acho que foi muito legal, todas nós saímos chorando, foi lindo, foi bem bonito e daí elas ficaram assim “Não! A gente tem que seguir a Leona, a gente precisa ir em todas as pelas que ela estiver” foi bem legal, foi o mais emocionante, impactante. Negativo? Eu não tô lembrando, mas teve alguma coisa que a gente foi que eu falei “nossa...”, acho que foi um filme na Reserva Cultural, super cult, nossa, foi uó...(risos). Bem cultzão assim e acho que era legendado também, foi um fiasco, fiquei super mal, aí é isso, chega na Reserva Cultural, tá, a gente tem o ingresso grátis, mas não vai comprar uma pipoca? Vai comprar uma coisinha pra comer, é dezoito reais. Tanto que eu quero ver de fazer parceria com a Caixa Belas Artes, a gente podia... dá pra ir a pé, subir a Consolação! E lá eu sei que tem parceria, porque tem parceria com a prefeitura.

07 - O acesso ao lazer e aos espaços turísticos têm importância na inserção social das TT's atendidas pelas políticas públicas? Se SIM, de que forma? Se NÃO, por quê?

Acho que total, né? Acho que é um pouco disso tudo. Eu acho que pensando... eu tô até vendo, né? Essa coisa delas ficarem socias de clube da cidade, que é muito legal, porque são espaços que são públicos, mas que públicos mais ou menos, né? Eu fui ver no Pacaembu, elas conseguem com a declaração de endereço daqui, mas o Pacaembu ainda é longe, né? Pra ir pra lá, o acesso é bem difícil, mas também é um ambiente super elite que frequenta. Imagina, chega uma travesti de biquíni na piscina (risos). Tô louca pra ir com elas! Tem o clube aqui, Tietê, que alguma delas frequentam, tem a biblioteca do Parque da Juventude, aqui. Estar inserido nesses espaços faz delas cidadãs, né? Porque elas têm direito de estar nesses espaços e tem que tá. É isso, na teoria, e daí tem que ter todos esses cuidados porque não é só enfiar lá, né? Tô, é direito seu, tá no Municipal, tá na Pinacoteca, mas tem que assim, por exemplo, toda terça, né? De graça na Pinacoteca e é aqui do lado e não é assim, então, tem que ensinar mesmo, você vai, você tem que chegar. É muito, é muito anterior assim, todo trabalho aqui, de tudo, às vezes, é isso, é ensinar que característica significa tal coisa, ensinar que quando você chega num lugar, né? Numa Pinacoteca, ali você retira o ingresso, ali você deixa a bolsa, ali você... que é todo muito hostil e as pessoas entendem que todo mundo já sabe disso, né? Porque a gente desde pequeno tem acesso a isso, então, pra elas tem que ser ensinado, então a importância do Florescer nesse, né? É inserir elas nisso pra que depois elas façam sozinhas, né? Desde o ensinar aqui fica tal lugar, aqui a gente tem que chegar de tal jeito, pedir de tal forma, às vezes eu acompanho elas pra aprender a mexer na máquina do banco, sabe? Quando elas ganham o primeiro salário, abrir uma conta na Vivo porque elas não sabem falar “ai, não entendi, vai tomar no cu sua maricona” não tem recurso, então é um trabalho muito muito pedagógico, né? Assim, de ter todo esse olhar e esse cuidado, de a gente faz assim, começa assado e vai ensinando igual criança porque elas não tiveram acesso a isso, elas saíram da escola cedo, elas foram pra rua, foram pra prostituição e não sabem fazer isso, não sabem, não sabem, não sabem, tem coisa que você fica chocado assim.

Seria uma espécie também, de ensinar que ela tem a possibilidade de acessar o lazer em primeiro lugar porque elas nem sabem que existe?

Exatamente. “Ah, eu quero computador”, então, no Parque da Juventude tem computador, “mas como faz?”. Algumas ainda tem um pouco mais de recurso, mas

algumas não tem nenhum, então é isso, às vezes eles, né? Falam pra mim “ah, você fica tutelando, você fica levando...”. Não! Tem gente que eu entendo assim, né? Que eu avalio, eu entendo, que eu preciso ir lá junto, tipo acompanhando e mostrando, ó, você vai chegar aqui, aqui tem recepção, você vai deixar seu documento, aí você vai ter acesso ao computador, às vezes no computador mesmo elas não sabem fazer uma arroba, tem que, é muito assim. Às vezes sé muito anterior porque não tiveram acesso. Tem umas que ficaram presas 15 anos, foi o tempo que bombou isso de celular e internet, elas saem da cadeia e de repente tem um celular que você encosta e... então é muito.

08 - Existem limitações dessas práticas enquanto elemento transformador das TT's? e a proposta da CAE Florescer? Se SIM, quais?

É, eu acho tem, não sei se entendi a pergunta, mas eu acho que tem espaço que sim, que pode ser transformador e tem espaço que nem adianta levar, que acho que ainda não, sabe assim? Que ao contrário, vai segregar mais, sabe? Vai mostrar que realmente aqui não.

Mas mesmo quando ele gera essa consciência cidadã, até onde vai isso, né? Qual é o limite dessa ação?

Ah sim, precisa de outro. Isso é UM recurso, né? Lógico, total, de toda história de vida dessa pessoa, é micro, assim. Todo trabalho aqui que a gente faz, que a gente acha que é grandioso e por isso se você vier com muita expectativa, frustra muito, porque eu lembro quando eu fiz supervisão quando entrei aqui e minha professora que eu amo disse “Luiza, você pode isso (movimentos com braços sinalizando algo grandioso) que às vezes vai mudar um tiquinho na vida dessa pessoa, meu, tudo o que elas já passaram, tudo que elas já viveram é que constituiu elas, né? Então não adianta, assim, acho que sim pode ser transformador, mas é muito no micro, muito. Porque é isso, ela vai lá, oh vivenciei, acessei esses espaços de cultura e lazer e de não sei quê, mas ela volta, ela continua num albergue, ela sai na rua ela continua sendo xingada, ela ainda lembra, que né? Que ela foi estuprada pelo primo, que ela fugiu de casa, que ela, sabe assim? Tem toda uma história que ainda tá. Ela inda vai bater na empresa e não vai ter nem escola pra conseguir trabalho. É isso assim, né? Precisa de muuuuito... é um recursozinho. Que é isso, né? Todos são pequeninhos, mas a gente tem que estar insistindo, que é nosso papel.

Você diria que é necessário várias frente de trabalho: os acessos aos espaços, um trabalho psicológico, um trabalho...

Que às vezes não muda nada. Pode ter alguma menina que muda total e que UAU! Ter tido acesso, assisti tal filme e foi transformador e não sei o quê na minha vida e pode ter uma que a gente tente de tudo e não rola. E é isso, né? É achar muito que o que a gente faz, nossa! Nossas ideias vão transformar a vida de uma pessoa.

09 - A descontinuidade de gestão na prefeitura municipal de São Paulo alterou/afetou o desenvolvimento da política pública, em especial a de lazer e turismo da CAE Florescer? Se SIM, de que forma?

Agora eu não sei muito como tá. Nossa, eu sonhei ou falaram... eu sonhei, cara! Que falaram que “ah, tem um Centro de acolhida pra travestis, mas não precisa disso!”, alguma coisa do Bolsonaro, olha que louco. É, eu acho que agora vai ficar mais difícil, tem um... tô vendo umas coisas, né? De que essa coisa de nome social vai acabar. Eu acho que desde que eu entrei a gente só tava vendo progresso, assim, nesse sentido. O Transcidadania, também se manteve, da mesma maneira que na gestão Haddad, eu não cheguei na gestão Haddad, né? Da gestão Haddad pro Dória continuou o Transcidadania, todos os espaços públicos, tudo que era público tem que ser respeitado o nome social como lei, né? Acho que muitas empresas estão..., mas eu não sei como vai ser daqui pra frente. Essa mudança de, né? Assim que o Bolsonaro ganhou o primeiro turno e que tava até agora assim, aumentaram as agressões que ela vem sofrendo na rua à noite, sim.

Você acha que o cenário federal tá afetando...

Com certeza, né! Porque é um retrato da nossa sociedade, assim. Ele foi eleito, né? Muita gente votou nele. Ai, que nojo, me dá ânsia só de pensar.

ENTREVISTADA 1

Ocupação atual: agente administrativa na área de saúde.

Ocupação anterior: passei por uma fase de catadora, materiais recicláveis, também fui auxiliar de limpeza e bem lá pra trás já fui garota de programa.

Nível educacional: ensino médio completo (terminou em 2018).

01 - Como você se define (sexualidade/corporalidade)?

Mulher trans.

O termo travesti é um termo pra você...

É pejorativo, esculachado, sabe? Eu acho que quando você fala esse nome, uma palavra muito forte que tem uma vulgaridade, muito vulgar, muito... não gosto.

Por quê?

Porque o travesti tem aquela fama de ser barraqueiro, de ser ladrão, ser drogado. Então esse nome fez aliança, esses defeitos, né? Se aliou com esse nome travesti, então quando você fala travesti você só consegue ver essa imagem.

02 - As relações com as políticas públicas voltadas para as TT's.

Bom, eu não posso ser mentirosa e dizer que elas já me ajudaram muito, né?

Mas quais você já participou?

Sim. Eu já participei do projeto Transcidadania que me ajudou muito.

Por quanto tempo?

Eu fiquei quase dois anos, que era o tempo máximo. Também já fiz cursos em alguns cursos como o Centro de Cidadania LGBT, o CRD, também utilizei a Casa Florescer, né? Que não deixa de ser um espaço LGBT. E foram esses lugares que eu utilizei e hoje em dia ainda utilizo o CRD.

03 - O acesso a essa(s) política(s) pública(s)? Como você chegou na CAE Florescer?

Você ainda é atendida por outra política pública direcionada para a população trans/travesti? Qual/Quais?

Na verdade, eu cheguei lá transferida de outro centro de acolhida que eu já morava, né? Antes, né? Por situação de... com drogas, prostituição, eu cheguei a ficar na rua, né? Fui acolhida por um espaço, depois de algum tempo desse espaço, inaugurou a Casa Florescer e aí eu fui transferida pra lá.

Qual é o espaço que você foi atendida antes?

Nova Vida. Centro de acolhida Nova Vida.

04 - Suas vivências nos espaços de lazer e turismo da cidade.

Na verdade, muito pouco, né? Quase não adentrei esses espaços, até por falta de oportunidade mesmo, falta de ter companhia pra ir nesses lugares, né? Mas foi muito pouco, acho que eu conheço só o teatro oficina.

E mesmo... você acha a companhia de uma pessoa que não é trans ajudaria você a acessar, a ir nesses lugares?

Com certeza. Com certeza tendo uma pessoa cis do lado fica mais fácil, né?

05 - Suas experiências vivenciadas dentro dessas políticas públicas? Os Lugares visitados, as atividades realizadas. Como foram essas experiências? O que trouxe de experiências positivas e negativas usufruir desses locais como uma turista?

Eu conheci o teatro Oficina. Foi o único lugar que eu adentrei pela casa. Foi muito boa, foi muito gratificante, foi válida, sabe? Fiz um show lá, fiz uma apresentação. Foi legal, foi válida.

Você conhecia um teatro igual aquele antes? Ou outro?

Não. Nunca tinha ido.

E você vê algo de positivo e algo de negativo ou só positivo?

No teatro?

É

Ah, eu achei super positivo. Tudo de bom.

O que você gostou do teatro, o que foi bacana?

A, eu gostei das apresentações, do show da plateia. Achei legal, interessante.

E os ensaios?

Os ensaios também foram legais.

Você não tinha noção antes, né? De como se posicionar na luz...

É porque na verdade pela televisão a gente só via esse lugar cheio, a gente nunca vê vazio.

06 - Os acessos aos espaços de lazer e turismo tiveram importância na sua trajetória de mudança de vida? De que forma?

É, na verdade a pessoa trans quando acessa esses lugares ela começa a ver tudo de um novo jeito, começa a entender que ela pode tá ali, né? Que ela é capaz de tá ali. Na

verdade, ela tem que enfrentar o preconceito, né? Porque sempre vão ter olhares e chacotinhas só pelo fato dela ser trans e estar ali. Mas muda um pouco a visão sim.

Mas eu queria que você me falasse um pouquinho mais disso. Por que você acha que acessar esses lugares que antes não eram fáceis de chegar, pode ajudar você a ter uma mudança na vida, nessa trajetória que a gente pensa na CAE Florescer de meninas em vulnerabilidade, meninas em situação de rua, como que isso ajuda? A acessar esses lugares.

Na verdade, você começa a ter hábitos diferentes, né? Começa a ver que... geralmente as pessoas trans elas vêm do hábito da noite, né? Tem hábitos assim que uma pessoa do dia que frequenta esses lugares, tem um modo de falar, um modo de se comportar, um modo de se vestir, então você começa a entender que você tá sendo diferente, né? Você não tá seguindo os padrões, né? Apesar de você ser trans, você tem que ter aquela postura, tem que saber se comportar, falar. Então você frequentando esses lugares você começa a ter essa visão, né? Acho que é isso.

07 - Sua visão como atendida da CAE Florescer

Bom, é, apesar de tudo a Casa Florescer me ajudou muito, né? Foi um espaço que me acolheu, né? Foi feito pra isso, claro. Me acolheu, morei durante um tempo lá, deu tempo de eu me organizar, de realizar algumas coisas que eu tinha vontade, de construir minha autonomia, cada dia é uma construção, na verdade nunca para, né? Isso porque só o fato de ser trans você tá por um fio, né? Então você tem que trabalhar isso todo dia. Ah, foi legal, foi válido.

08 - Aspectos positivos e negativos nessas atividades

Vou falar (risos). Na verdade, né? Aquelas reuniões, aquelas palestras, sempre a mesma lenga lenga, né? E que se a menina que tá ali sentada, ouvindo, dando ouvindo aquela palestra, realmente se ela não tiver um foco, aquelas palestras não acrescenta em nada, né? Não acrescenta porque ela não sai daquela roda de que você é trans, que você é mulher, isso que todo mundo já sabe. Mas é isso, se a menina não tiver um foco, um objetivo, aquilo não muda nada na vida dela.

Se ela tiver um foco?

Ah, acho que aí nem precisa daquelas palestras, ela mesmo consegue.

Tá... você acha que as atividades da Florescer só dão um impulso pequenininho...

É coisa mínima, não acrescenta muita coisa.

Se você pudesse dar uma dica para o que melhorar, o que você falaria?

Eu acho que eles poderiam procurar maneiras, né? Atividade, sei lá, ou internações, tirar primeiro essas meninas da drogadição, né? porque a gente sabe que a mulher trans, a travesti, ela já aprende isso já na rua, né? A partir do momento que ela cai na prostituição e o que é oferecido pra ela só é droga, marginalidade, prostituição. Então acho que eles poderiam arranjar uma estratégia, né? Pra melhorar primeiramente isso, né? Daí depois dá seguimento, né? Com oportunidade de escola, oportunidade de trabalho, pra poder elas conseguirem sua autonomia.

Você acha que a escola é importante na mudança de vida?

Muito, muito importante. Eu desde que eu comecei a estudar eu vi que é muito importante, muito legal, que eu poderia melhorar mais e não paro, sabe? Sempre fico procurando melhorar mais porque eu sei que o estudo é o caminho.

ENTREVISTADA 2

Ocupação atual: Agente de saúde há um ano e cinco meses.

Ocupação anterior: vendedora da Riachuelo.

Nível educacional: ensino médio completo.

01 – Como você se define (sexualidade/corporalidade)?

Travesti.

O que é ser travesti?

É nascer com o órgão masculino e saber lidar com isso, entendeu? Por mais que se sinta uma mulher, com algum... como que fala? Com algo a mais, né? Então assim... é saber lidar com aquela situação. Transexual ela nasce com órgão masculino e não sabe, muitas vezes se mutila por causa desse órgão masculino, eu sei lidar com meu órgão masculino e por isso que eu me considero travesti, entendeu?

E pra você qual a diferença entre travesti e trans?

Então, a travesti aceita o órgão sexual masculino, sabe lidar, não tem aquela coisa assim, ah vou arrancar fora, eu preciso operar, ela se sente mulher, só tem um órgão masculino e ela sabe lidar com isso, transexual, ela nasce com o órgão masculino e ela não sabe lidar com isso, muitas vezes há mutilação, entendeu? E muitas vezes há falecimento.

02 – As relações com as políticas públicas voltadas para as TT's.

Eu participei do Transcidadania.

Quanto tempo?

Um ano e sete meses.

Você já acessou o serviço do Centros de Cidadania LGBTI's?

Já, já acessei psicólogo, advogado, assistencial também, já.

Você foi encaminhada pelo Centro de Cidadania para a Casa?

Não. É uma história muito assim, interessante, porque há três anos atrás quando cheguei aqui em São Paulo, meu primeiro centro de acolhida foi o Portal do Futuro, onde a Edilene e o Beto tomava conta, a Edilene era assistente social e o Beto era gerente da casa. Daí eles comentaram do projeto Florescer, né? Vai abrir uma casa que só vai atender transexual e travesti, você se interessa? De participar desse projeto? Eu falei sim, com certeza, né? Eles explicaram que era um centro de acolhida que era só pra transexual e travesti que funcionava 24 horas, teria todas as refeições e assim no

momento, como eu já tava participando do Transcidadania pra mim era interessante porque eu poderia fazer minha lição, meu dever de casa e se alimentar e repousar também, entendeu? Então eu aceitei vir pra cá por causa disso.

Você chegou pelo Beto e pela Edilene...

Eu vim na verdade, eles estavam no Portal do Futuro, onde foi meu primeiro centro de acolhida em São Paulo e eu praticamente vim com eles pra cá, entendeu?

Quando você entrou aqui, você lembra?

Assim, foi em 2016 pra 2017, mas eu não lembro a data.

Então foi quase quando abriu, então, né?

Sim, foi quase quando abriu. Fui umas primeiras.

Quanto tempo você ficou aqui.

Fiquei oito meses aqui.

04 - Suas vivências nos espaços de lazer e turismo da cidade. (como mulher travesti).

Alguma dificuldade? Como é que era? Você frequentava os lugares, os teatros, os parques, os museus ou você nunca teve essa aproximação...

Assim, eu fui sempre boêmia, né? Então nunca... é... eu não acho... é cultura, uma coisa assim que vai acrescentar pra nossa vida, mas assim, museu e teatro eu nunca frequentei, eu frequentei cinema... cinema, mas assim... eu não ligada muito nessa situação, entendeu? Eu acho assim, eu quando fazia programa, porque eu dependia do programa pra viver, eu não aprendi essa cultura, então não tive esse costume, então assim eu sou meio... muito povão mesmo, entendeu? Eu sou assim, o máximo que eu fui é cinema.

Mas esses espaços de lazer como mulher travesti, os bares, por exemplo, essas casas de show era tranquilo frequentar?

Não, tranquilo, tranquilo. É que sou acostumada mesmo com barzinho, com cinema, não sou de frequentar, porque assim... é difícil assim a gente mudar uma pessoa que vem da rua, mudar assim... é, e frequentar cinema, é, teatro, museu, é difícil, entendeu? A gente é acostumado de uma certa maneira, então é muito difícil ter esses gostos pra teatro e museu.

Você acha que mesmo que você quisesse na época, você acha que o acesso a esses lugares seria tranquilo?

Não, não porque aí a sociedade é muito hipócrita, né? Tipo assim, ah, é legal eu aceito, né? Mas longe de mim. Então assim, é muito hipócrita, quando mexe dentro da casa da pessoa, uma transexual se aproxima muito...causa um incômodo. Ah, eu aceito, eu apoio, mas longe de mim, entendeu?

Tá. Tem lugares que a travesti pode entrar, como um bar e uma casa de show, mas outros...

O teatro e o museu sempre olhavam, porque assim é de classe média A, né? Então eu sempre via aqueles olhares assim, sabe? Que me incomodava, não precisava falar uma palavra, mas que me incomodava. Então é aquele olhar de desprezo e de afastamento, assim, eu fui nunca senti tratada igual.

Discriminação, né? preconceito...

É. A gente sempre assim... a gente. Eu falo por mim, eu não posso falar pelas outras, mas eu (nome da entrevistada) sempre me senti um animal num zoológico, todo mundo vê, aprecia, mas assim, ah, deixa ele lá.

05 - Suas experiências vivenciadas dentro dessas políticas públicas? Os Lugares visitados, as atividades realizadas. Como foram essas experiências? O que trouxe de experiências positivas e negativas usufruir desses locais como uma turista?

Eu era muito assim tímida antes. Eu não estaria falando com você, não estaria dando essa entrevista se não fosse o desafio que eu coloquei de participar do Divas Florescer, porque eu falava assim, ai, é, como eu sou tímida, como que eu não sei encarar multidão, eu vou fazer esse teste, pra de repente encarando o meu medo, que é o público, eu poderia, de repente, é, trabalhar... me expressar melhor com as pessoas, né? Então, e o primeiro show foi assim maravilhoso, eu falei Meu Deus, sabe aquele frio na barriga, aquela tremedeira, eu falei “meu Deus eu não vou conseguir” e quando aquele sino bateu, eu falei “porra é agora, é agora ou nunca” e eu dei o meu melhor, entendeu? Então... eu fui a primeira Divas Florescer, umas das primeiras Divas Florescer, participei do primeiro, segundo e terceiro. Então assim, cada dia eu fui me descobrindo mais, fui pegando gosto pela situação, entendeu? E tipo, eu vi que trans e travesti não é só uma avenida, não é só se prostituir, mas a gente pode ser uma diva, né? Então isso daí me levantou meu ego, falei “eu posso mais, eu quero mais, eu mereço mais”.

Você chegou a frequentar outros espaços com a Casa, nessas saídas que tem? Tem pro Hopi Hari...

Sim, eu fui pro teatro...

Municipal?

Não, teatro oficina, não é teatro oficina, é aquele que tem no Vale do Anhangabaú. Aquele grande.

É o Municipal.

Teatro Municipal. É... fui pro cinema, né? Fui pra vários lugares, assim, é que no momento eu não recordo, né?

Mas você acha que essas experiências são válidas e importantes?

São válidas, são ricas, assim, porque assim a gente ganha cultura, né? Uma coisa assim que a gente não... nunca... como que a gente pode falar? A gente, eu mesma, eu porque eu me assumi desde os meus 15 anos, tive que trabalhar na rua pra, porque meu pai faleceu quando eu tinha 13 anos, minha mãe tinha esclerose múltipla, então tive que ir pra rua, então há 15 anos atrás eu me assumi transexual, travesti. Então eu nunca imaginava que eu poderia chegar nesses espaços e eu cheguei, entendeu?

06 - Os acessos aos espaços de lazer e turismo tiveram importância na sua trajetória de mudança de vida? De que forma?

O Florescer é um sonho. Eu me emociono de falar do Florescer porque... (choro)... só quem passou por aqui e passou por tudo que a gente passou nessa vida e quando chegou, ah, um espaço de vocês, pra vocês, é uma conquista, porque assim a gente sempre foi apedrejada pela sociedade, entendeu? Nunca teve esse acolhimento, nunca teve esse carinho. E de repente falava assim, a Casa Florescer é pra travesti e transexual, gente, é uma vitória, até então a gente não se via... a gente era pessoas, ser humano, mas assim, as pessoas muitas vezes fazia a gente se sentir como um lixo, entendeu? Como se não tivesse direito a nada, pior que uma merda na rua. E esse espaço assim, é um sonho realizado.

Foi graças ao Florescer que hoje você atribui você ser agente de saúde?

Sim, sim, assim, aqui no Florescer assim, eu cheguei no extremo. (choro) É onde que eu tive a consideração do meu sonho, que é ter um trabalho, né? É, poder cuidar de pessoas. (choro) É aonde eu fiquei sabendo que minha mãe tinha falecido (choro) e, é o extremo. Desde o êxtase até a minha depressão eu fiquei aqui, porque a minha mãe falou e meu pai também... estude. Podem arrancarem tudo de você, menos a sua capacidade intelectual, menos a sua capacidade de estudo, menos seu conhecimento. Então hoje, nenhum dos dois está aqui comigo (choro), mas eu sei que eles estão muito orgulhoso por saber onde que eu tô. Eles estão muito...eles estão assim, eu acho que é a

vontade deles, eu acho foi por isso que eles lutaram a vida inteira e isso eles queriam. E por mais que eu esteja com os dois eu sei que a missão que eles me deram de estudar... não é uma missão é uma coisa que é pra mim também, né? Mas assim, o que ele impôs pra mim, eu cumpri.

E assim, o meu maior desejo era ver o meu pai, minha mãe quando eu recebesse meu diploma da universidade, porque eu falei, eu ia poder falar “é pra vocês. Na hora que eu cheguei, eu penei, eu passei por apuros, cheguei aqui, mas graças a vocês que me deram a vida e me deram a educação que eu tenho hoje”. Só que eu não vou poder fazer isso mais, mas assim, sei lá, onde eles estiverem eu sei que eles vão estar satisfeitos.

07 - Sua visão como atendida da CAE Florescer

A pergunta número 07 foi respondida anteriormente.

08 - Aspectos positivos e negativos nessas atividades

Eu acho assim, enriquecedor, sabe pelo que? Porque assim, muitas pessoas, muitas trans e travestis que vem pra cá elas só conhecem a avenida, elas só conhecem a rua e elas só conhecem os clientes que pagam ela por apenas 10, 20 minutos de prazer e mostrando esses lugares pra elas, espaços de teatro e museu, eu sei que elas vão sentir igual eu senti, que elas valem muito mais e merecem muito mais do que isso. Então assim, é babado.

E negativo, não tem nada?

Não tem negativo nenhum porque assim uma pessoa, né? Porque muitas assim é jogada desde os 12, 13 anos, 14 anos na rua, mostrar você pode frequentar esse espaço que a gente, eu mesma olhava o teatro municipal eu falei, olhava há 4 anos atrás, 3 anos atrás quando cheguei aqui “gente, eu nunca vou poder entrar nesse lugar, olha o tamanho desse lugar, só gente rica que mora aí”, entendeu? E entrar dentro, como a Casa Florescer oferece, entrar dentro do teatro municipal e falar “eu posso estar aqui nesse local”, gente, é demais! A gente, muitas vezes, a gente apanhou no meio da rua, por ganhar assim, o que? 20, 30 reais? E mostrar que a gente pode participar do teatro municipal, ser bem recebida. A gente se sente gente, a gente se sente valorizada, entendeu? Tipo assim, eu tô satisfeita onde que eu cheguei, por mais assim que eu, por mais que eu tive o motivo que eu saí da casa Florescer foi o, foi por um abuso assim, de um ex companheiro meu, foi por motivo assim de agressão, por motivo assim de preservar minha integridade física, eu poucos a poucos assim eu vou, tá entendendo? É,

assim eu conheci um companheiro assim, que é trabalhador, que ele é companheiro, posso bater no peito e falar assim “ele tem um cuidado comigo, ele tem um carinho comigo” como que o outro não tinha, entendeu? Então, até a saída do Florescer foi uma conquista.

ENTREVISTADA 3

Ocupação atual: trabalhando com arte, teatro, performances, curta metragem (Corpos invisíveis), Clipe da cantora Ana Cañas.

Ocupação anterior: Bike Itaú (responsável por analisar roubos e furtos das bicicletas) e estudante do curso técnico do IFSP (telecomunicações), não finalizou.

Nível educacional: Ensino Médio completo.

01 – Como você se define (sexualidade/corporalidade)?

Mulher trans e heterossexual.

Muita gente tem dúvidas e eu tenho uma visão acadêmica disso, qual que é a diferença da mulher trans para a travesti? Eu queria saber de você.

Ah, sim. É, eu acredito que a diferença, a maior diferença na questão da linguagem da mulher trans pra travesti, da vivência que ela teve, é... e não sei, acho que tem a questão da disforia porque a maioria das mulheres trans elas meio que tiveram aceitação da família, elas conseguiram ter acesso, a oportunidade de transição fácil rápido e não passaram no histórico que geralmente a travesti passa que é a prostituição, a drogadição, que é a rua, que isso a maioria das travestis passam, então realmente o nosso contexto é totalmente diferente, sabe? Eu me considero uma mulher travesti quando eu vou pra rua e vejo outra travesti eu falo “inhaí”, começo a falar no pajubá, aí já se identifica, agora quando você vê outra trans, você não pode nem falar um pouco mais grave que ela se sente incomodada, ela tem medo de ser percebida enquanto uma mulher trans, quer ser passada como uma mulher cis. É, a questão da disforia, não aceitação de certas formas, a mulher trans tem uma grande não aceitação e a travesti tem mais uma aceitação porque meio que ela foi impulsionada a ter que lidar e aceitar diversas questões.

02 – As relações com as políticas públicas voltadas para as TT's.

É, então, eu morei no centro de acolhimento especial para mulheres transexuais, eu tô morando numa república também que ela tem um quarto só para mulheres trans, eu tô fazendo terapia hormonal acompanhada pelo SUS, faz o que? Faz um ano e pouquinho, mas sempre parando porque sempre falta remédio e agora sexta-feira eu vou entrar na fila pra cirurgia, pra cirurgia pra implante de mamas, de próteses de mama e não sei se vai ter pra feminilização facial e outros tipos de cirurgia, vou entrar na fila.

E quem encaminhou você foi o Centro de Cidadania LGBTI ou não? Foi direto com o SUS?

Então, eu não sabia que tinha cirurgia de implante de mamas no SUS até recentemente, até um mês atrás, eu fiquei sabendo por meninas que falaram que tinham colocado prótese lá e aí eu perguntei pra endócrino do Santa Cruz e nem ela sabia direito, ela sabia que eram dois anos que eu tinha que ficar fazendo tratamento com psicólogo, psiquiatra e terapia hormonal, mas ela não sabia como eu teria que fazer isso, como que eu teria que entrar na fila, quanto que é o tempo. Inclusive eu liguei pra lá hoje, um cara escroto, totalmente leigo do assunto, falou um monte de bosta, sabe, até perguntou se a gente queria tirar o peito. Oi? Perguntou umas coisas nada haver e aí ele não informou nada direito, eu vou precisar ir lá, eu combinei com a minha amiga de ir essa sexta-feira, mas realmente tem a cirurgia e também de feminilização e de redesignação, só que tem um tempo e eu preciso entrar na fila pra mim poder estar participando.

03 - O acesso a essa(s) política(s) pública(s)? Como você chegou na CAE Florescer? Você ainda é atendida por outra política pública direcionada para a população trans/travesti? Qual/Quais?

É, pelo Florescer a gente tinha acesso a terapia hormonal, eles tinham, tem uma equipe lá que cuida da microrregião, né? De agente de saúde, tal, eles cuidavam do centro de acolhimento Casa Florescer ali, então meio que eles informavam as meninas sobre quando tinha exame, quando tinha que fazer mamografia, hemograma, passar na endócrino, todo processo pra você conseguir pegar hormônio pelo SUS, só que foi muito demorado e hoje com a minha autonomia eu consigo ver que é muito mais fácil. Eu demorei cinco meses pra conseguir passar na endocrinologista.

Mas como você chegou na Florescer?

Ah, eu cheguei na Florescer tipo eu tinha sido expulsa de casa e aí foi a única opção que tinha. Ou pra rua e eu descobri que tinha esse centro de acolhimento e eu fui lá, eu fui visitar e eu já fui em seguida morar.

Então você foi expulsa de casa, já ficou sabendo...

Sim

Através de quem?

Eu procurei saber. Eu mesma. Eu tava numa situação muito difícil, muito depressiva, a minha mãe tem um monte de problema de saúde e eu esperei até por um tempo, sabe? Eu esperei, segurando pra mim poder falar pra ela, eu tava numa fase insuportável, falei e aí ela me expulsou, ela não aceitou, meu pai também tentou me matar na hora e eu tive que sair de casa.

04 - Suas vivências nos espaços de lazer e turismo da cidade.

A pergunta 04 foi substituída pelas perguntas abaixo.

Por você ser muito jovem (entrevistada: a lôka) e seu transicionamento, que pode se dizer assim, você se assumiu faz muito pouco tempo, você não tem uma vida longa... como é que foi assim, as suas experiências como uma mulher trans nos espaços de lazer e turismo antes da CAE Florescer?

Nossa, é... parece que é pouco tempo, mas a gente vive muita coisa, muita coisa, é muita informação, é muita coisa assim, sabe? Durante a Casa Florescer ou depois?

Você pode falar antes, tem uma pergunta sobre depois, como foi.

Antes eu morava na Cidade Tiradentes, é... o que tinha de acesso aos espaços públicos de cultura, lazer, etc era muito difícil. Eu fazia um curso de teatro e através desse curso de teatro, tipo, era uma oficina, a gente explorava lugares e aí meio que eu conseguia ter acesso, isso me ajudou bastante também, a professora meio que me levou pra espaços que eu não conseguia perceber, que as pessoas são diversas e que eu não era uma pessoa louca, perturbada e que eu tava doente, foi muito bom. É, depois da Casa Florescer, meio que também eles encaminhavam, a Luíza (psicóloga) tinha todo um trabalho pra levar a gente pra eventos e tal, meio que participar mesmo, era toda essa preocupação, e nesse processo todo a gente consegue enxergar que o olhar é da mesma forma, primeiro que a gente não se sente confortável, parece que a gente não tem direito de tá ocupando aquele espaço e a gente não tem acesso a... onde frequentar, se é possível ou não, se é pago ou não e as pessoas meio que olham pra você mesmo, olham pra você com estranheza, parece que você é uma pessoa anormal ali, elas não disfarçam o olhar delas, então acho que isso é a pior parte porque você só tá ali pra frequentar o espaço por algum motivo, você não tá ali pra ser olhada, observada o tempo todo, ser julgada, apontada, acho que essa é a pior parte que tem.

05 - Suas experiências vivenciadas dentro dessas políticas públicas? Os Lugares visitados, as atividades realizadas. Como foram essas experiências? O que trouxe de experiências positivas e negativas usufruir desses locais como uma turista?

A pergunta 05 foi substituída pela pergunta abaixo.

É que você já falou das suas experiências. Você pode falar assim, os lugares que você já visitou junto com a CAE Florescer, as atividades que eram realizadas,

aquela que vem na sua memória, que você tem como positivo e você falar um pouquinho dessas experiências positivas, a negativa você já falou.

É, aí o bom era como eu te falei, a Luiza, ela organizava tudo isso direitinho, então ela via quando tinha uma programação gratuita e tal, quando tinha alguma, sei lá, alguma questão envolvida trans, ela impulsionava a gente a ir, eu lembro que eu participei de uma oficina de fotografia no Itaú Cultural, ela me levou, ela levou as meninas, é prum... ela levava pra assistir filme lá no... cinema na Avenida Paulista, às vezes, ela levou também pra teatro, pra espetáculo, pra exposição na Pinacoteca, nossa pra tanta coisa. Também teve um passeio também que a gente conseguiu e tal pra Paranapiacaba, foram várias coisas assim que a Casa meio que foi conseguindo. A Luiza ela tem uma preocupação com essa questão da gente frequentar os espaços e a gente conseguir meio que se sentir digna de tá ali. Sabe? É uma coisa tão simples, mas... às vezes eu ainda tenho isso preso dentro de mim “nossa, será que algum dia eu vou entrar ali dentro?”. Eu olhava pra isso daqui (aponta pro IFSP), quando eu entrei, eu imaginava exatamente isso, dentro da minha sala de aula eu não me identificava em nada, só tinha menino tipo, da minha idade que saíam e iam pra porta do Instituto Federal com seu carro, pra sua casa, pra sua mansão, ou sei lá que bosta e eu ia a pé pro centro de acolhimento de noite e os caras me parando na rua porque ali na Avenida do Estado tem um ponto de prostituição, né? Os caras me paravam na rua pensando que eu fazia programa e era uma situação totalmente diferente, eu me sentia totalmente fora de contexto aqui e eu tentei ficar ao máximo, tentei me sentir confortável ao máximo, mas chegou num nível que parece que conhecimento deles, mesmo tendo a idade que eu tenho, era totalmente diferente, eles eram muito mais. Eu cresci na periferia, eu estudei em escola pública o tempo todo, o conhecimento que eu tinha em física era quase nada, porque eu não tinha professor de física. E os caras chegam manjando e tudo, e você se esforça dez vezes mais e aí tem material pra comprar, você se inscreve pra programas de auxílio e tal, mas demora pra caralho pra cair o auxílio, metade no ano, você tem que comprar um monte de coisa senão você não ganha nota e aí não tem como você manter. Não tem como você continuar, você vem, vem, vem, se esforça, mas se você não fazer os trabalhos, não ter o conhecimento mesmo, não tem como você ficar. E aí realmente eu cheguei num ponto, terminei o primeiro semestre e aí no segundo como eu tava com um monte de, de...fodida. Eu acho que reprovei, aí sei lá, em um monte de matéria, e aí eu falei, não sério, não tô gostando, tô me sentindo desconfortável, teve até um dia que a Beatriz, você lembra da Bia? Uma pretinha de cabelo afro também só que o dela era ruivo. É, ela

tava sofrendo transfobia na sala, os meninos comentando dela e tal, foi engraçado que teve um dia que ela levantou e falou assim “professor (batendo palmas) escuta aqui, fala pra essas gay aqui que eu não brinco de boneca” e saiu. “Eu não brinco de boneca!”, eu fiquei nervosa, cheguei no professor falei “professor, vou dá uma facada nesses puto aqui, se eles não respeitar minha amiga aqui, vou dá uma facada nesses nojento! Que eles têm medo, né? Eles falam aqui, mas eu quero ver lá fora se eles são homem! Quero ver!”, Aí eu fiquei nervosa também nesse dia, ficou maior climão e eu ficava meio que afastada, ficava ali no meu nicho, com umas três pessoas no máximo conversando e tentava estudar, tentava estudar e dava o meu melhor, mas realmente não era para mim.

Só um parênteses aqui, tem o NUGs, né? Que é o Núcleo de Estudos de Gênero e Sexualidade, que eu fiz parte, mas... eu super te entendo porque já tive uma discussão com o próprio NUGs dizendo que a gente precisava ter um trabalho aqui nesse Instituto...

Sim, sim.

...porque ele não é acolhedor para as T's. Não é! Eu conversei com a presidente da NUG's, a gente tem que fazer um trabalho com todo mundo, com os funcionários porque até a portaria trata mal as T's porque eu já vi.

Sim, sim. É tudo, desde quando você passa na portaria e olham seu RG, eles ficam fazendo perguntas besta, quando você vai se inscrever ali na, como é o nome? É dona Branca, né? Que ela vai e fala “ai, mas isso e aquilo?”, fica toda atrapalhada, não sei o que e não sabe, quando vai colocar o nome social, quando não vai, todo esse processo... a única pessoa assim que eu me senti confortável e que ele me auxiliou da melhor forma possível foi o assistente social, o Erivelton, acho o nome dele, né?

Eu não o conheço.

O assistente social daqui é uma pessoa incrível, uma pessoa maravilhosa, ele para o trabalho dele pra ir descer e tomar café com você e conversar, perguntar se você tá bem. É uma pessoa que sério, te dá todo apoio aqui, uma pessoa trans que passa por aqui precisa passar por ele pra conseguir ter psicológico. É uma pessoa maravilhosa. Sério, se não fosse por ele aqui eu teria saído muito antes. É que eu gostava de tipo frequentar aqui o espaço e tal. Era muito legal a convivência, eu até fazia um cursinho de sábado de preparação pro ENEM e tal, porque realmente era muito legal aqui, ficava o dia todo nesse cursinho, sabe as pessoas, tem pessoas que são legais, são alto astrais, pessoas que, sabe? Chegam e conversam e não tão nem aí. Mas no contexto geral os olhares, sabe? O público aqui no contexto geral mesmo, essas pessoas parece que não sabem

lidar com a diferença, acha que todo mundo tem que ser igual e assim nas suas caixinhas e principalmente no andar, nesse andar aqui de noite que eu estudava não tinha nenhuma pessoa trans, eu conheci depois, houve umas meninas trans que tinham lá em cima e a Carol que estudava acho que lá em baixo.

Ah, a Carol...

A Carol é maravilhosa, né?

É

Ela “aqui tem umas festas babado” que aqui tem umas festas de Halloween que esses bofes, sabe esses bofes que ficam passando aqui com a gente? Eles dá o cu pra gente. Eu já conheci horrores de histórias, esses caras ficam olhando assim, eles pegam nossa calcinha e quer vestir. É, pois é querida. Eu não participei de nenhuma...eu só participei de festa junina, mas do Halloween não participei não.

Vou anotar essas informações importantíssimas!

Ah, babado! Mas na festa junina já deu pra perceber um pouquinho já. Inclusive nem entrei pra pagar, eu pulei ali que tem um espaço ali que... eles fecharam tudo aqui assim (e aponta para próximo dos prédios) pra ninguém entrar aqui pra festa, a festa tava aqui, sem pagar, aí eu fui lá no cantinho, desci, dei a volta e entrei, nem paguei.

Na entrada de carro ali, né?

É. O segurança tava de costas, eu e mais duas amigas chegô linda! Que loca! Babado.

06 - Os acessos aos espaços de lazer e turismo tiveram importância na sua trajetória de mudança de vida? De que forma?

A pergunta 06 foi substituída pela pergunta abaixo.

A importância na sua trajetória, nessa mudança de vida, né? Mas meio que você já falou um pouquinho: você se sentiu estimulada pra vir pra cá estudar, então o acesso aos espaços turísticos te deu uma segurança de poder acessar os lugares, não é isso?

É basicamente isso. A gente meio que é forçada a procurar por espaços que estão procurando pela gente, porque a gente sempre acha que vai ter uma resposta negativa nos espaços. Qualquer espaço que seja, inclusive muito na questão de mercado de trabalho, eu sempre tô procurando até... eu tô tentando arrumar outro trabalho, tal, mas eu tô sempre procurando tipo vaga no transemprego, porque eu sei que ali a empresa vai ter o mínimo de noção do que é uma pessoa trans e não vou ter problema, então assim por exemplo, até na Pinacoteca tava abrindo vaga, nenhuma pessoa trans, a mulher

falou, nenhuma pessoa trans se candidatou, aí ela colocou a vaga no transemprego, entrou em contato com a Luíza e com o Transcidadania e pediu para as meninas se inscreverem, como a gente meio que se sente segura, porque a gente sabe que eles vão ter esse conforto, etc, a gente se candidatou e as meninas fizeram entrevistas, inclusive tem umas meninas trabalhando lá e meninos também agora, né?

Eu conheço a Demilly...

Tem uma ruiva, uma mais velha e acho que tem um menino lá, eu não me lembro com que foi, eu já conhecia eles nos processos seletivos e tal. E aí tem essa, como a gente sempre ouviu não, sabe? Sempre as pessoas julgam, sempre te colocam pra baixo, então a gente tenta ao mínimo, frequentar espaços diversos. Todos os espaços.

Então de alguma forma esses espaços ajudam na construção de uma autoestima, uma segurança...

Sim, sim! Porque pelo menos a gente sabe que vai ter uma outra menina ali, que a gente vai se sentir confortável, não vai ter nenhum problema, sabe? Nenhum cara te olhando, nenhum cara te parando, te falando bosta, perguntando pergunta idiota ou falando, sabe? Pelo menos a gente vai ter certeza que não vai ter. Sempre quando a gente vai frequentar algum espaço, a gente fica meio que na incerteza, principalmente espaço novo, de lazer, etc. Geralmente, tipo teatro tal, a galera é mais mente aberta, mais fácil, mas mesmo assim a gente fica meio que num desconforto, porque a gente não sabe o que vai acontecer ali, o que vai nos esperar, então geralmente a gente tenta frequentar esses espaços com uma amiga ou com... sabendo que ali tem outra menina trans, que ali é LGBT, fica muito mais fácil e confortável mesmo.

Então o trabalho junto com a Casa facilita esse processo, né? Porque ele faz essa intermediação.

Sim, pra ensinar para as meninas que independente se ali é... não tá subscrito “olha trans, entrem aqui” a gente tem direito de entrar e as pessoas tem que aprender com a convivência e a circulação das trans, que independente da pessoa ser trans, ela vai circular ali, ela vai ter o direito de estar ali e as pessoas tem que aprender a conviver, a passar na rua e não ficar olhando. Acho que é isso.

07 - Sua visão como atendida da CAE Florescer

Ah, que babado. Olha, tem um lado muito bom, né? Porque tem todo um trabalho feito ali e é uma casa que foi formada pelo Fernando Haddad, né? Ela tem um trabalho pra poder, de uma certa forma, se menina quer, entrar no mercado de trabalho e conseguir se estabilizar na vida. Eles dão esse apoio, claro que eles não vão falar, olha vai ter vaga

tal dia, vai lá e faz a entrevista, não vão fazer isso. Não vão. Se eles falar “ah, a gente prepara as meninas pra não sei o que, não sei o que”, mentira! Mentira, até vaga de agente de saúde eles não vão simplesmente falar “olha, tal, tal” Não! Você tem que correr atrás, mas o espaço em si, ele te dá todo o apoio, você tem onde dormir, você tem onde comer, você tem onde descansar, você tem onde lavar as suas roupas, você tem onde tomar seu banho. Você vai se estabilizar ali e a partir da sua estabilidade você vai buscar por oportunidades, buscar pra evoluir na vida, pra crescer na vida. Ele é muito importante porque não tem outro espaço pra gente, eu conheci outros centros de acolhimento, é uma realidade completamente diferente. Tinha um ali na Bela Vista como se fosse um CTA, era um amontoado de gente e o banheiro, tinha um banheiro especial para LGBT, era ao mesmo tempo banheiro pra pessoa deficiente, então imagina você tinha que ficar segurando, tinha gente ali LGBT segurando a necessidade pra esperar um deficiente utilizar o banheiro enquanto tinha três, quatro banheiros pra homens e três, quatro banheiros pra mulheres; ficar segurando a necessidade enquanto tinha um deficiente ali que tava demorando por alguma questão e tal e aí você tem que ficar segurando ali, aí eu fico imaginando como deve ser a vida dessas meninas, se é que só aqui em São Paulo que existe essa casa, né? Em outros lugares, em outras cidades ainda, deve ser uma coisa horrível totalmente crítico, terrível, então realmente ali é um espaço onde a gente tem o nosso poder de poder encontrar nossas coisas, de poder se estabilizar, não tem outro lugar que tenha isso. Não tem. O Portal é uma bosta, o Zaki Narchi é uma bosta, qualquer lugar que tenha um quartinho, um espacinho separado pra trans é tudo uma bosta, ninguém quer tá, todas as meninas que eu conheci sempre queria tá no Florescer e aí por consequência de mau comportamento e tal eram encaminhadas para outros lugares porque realmente ali é um trabalho exclusivo pra gente e a gente consegue progredir na vida se a gente quiser.

08 - Aspectos positivos e negativos das atividades de lazer e turismo oferecidas pela Casa, principalmente pela Luíza, como está falando bastante dela ...

Ah, maravilhosa! Êh, Luiza você vai ver isso daqui gata! Eh, realmente a Luiza faz todo esse trabalho pra inclusão da gente nesses espaços, se tiver um ponto negativo desse trabalho dela, eu acho que dessa questão dela fazer essa ponte não tem ponto negativo porque é uma coisa que a gente, sabe, não tem noção nenhuma e ela tá incluindo a gente nisso, da melhor forma possível, buscando por eventos, etc e tal. Acho que não tem nenhum ponto negativo nisso. Não, talvez ela... tá até sobrecarregado pra ela e tal, tá

bem, né? Mas não tem um ponto negativo nesse processo; a visitação ao espaço pode ocorrer sim, já aconteceu de olhares, é seu RG e tal, que é muito chato, essa questãozinha que é do próprio espaço mesmo, acho que o ponto negativo seria... o maior ponto negativo na Casa Florescer é que as pessoas elas vem visitar a Casa sem conhecimento, então isso fode muito, a Luiza até tentou fazer um textinho bonitinho falando “olha, trate as pessoas assim, são todas elas, não pergunte do nome civil e tal” mas meio que ficou em off porque entra e sai pessoa e nem a Luiza sabe quando vai entrar e quando vai sair a pessoa e aí, essa era a coisa mais foda, sabe? Você chegar e a pessoa falar “ah, que não sei o que” e todo santo dia você tem que falar “olha, não falo com a minha mãe, fui expulsa de casa, eu me drogo, eh, eu fiz prostituição”. Todo santo dia isso, você falar isso, é meio que chato, cansativo, é acho que esse é o ponto mais negativo, não sei tem a ver com o turismo, acho que tem um pouco a ver porque as pessoas vão visitar a casa, né? Então elas vão como turistas, acho que tem esse aspecto aí. Mas é, o processo, o trabalho que ela fazia quando eu estava na casa pra levar a gente pra esses espaços era muito bom, porque tipo, eu morava na periferia eu não sabia que existia Pinacoteca, eu não sabia que existia Teatro Municipal, eu não sabia que existia, é sei lá, o cinema na Avenida Paulista, umas coisas assim que eu não tinha noção de nada... Itaú Cultural, eu não sabia de nada disso, não sabia de nada, não tinha noção de nada, foi um choque de cultura pra mim e eu acho que foi da mesma forma pra essas meninas que vieram da rua, de outras cidades.

E o que você vê de positivo, esse choque, de você conhecer esses lugares, esses espaços?

Ah, é muito bom porque a gente aprende, a gente cresce, a gente começa a se auto afirmar mais, a gente tem mais autoconhecimento, mais auto aceitação, as pessoas estão ali, aquele espaço, sabe? Ali pra acrescentar no seu conhecimento e tal, elas estão pra falar “você é assim mesmo, tal, continue assim, você não é diferente, você não é anormal”, esses espaços assim geralmente como eu te falei que as pessoas tem mais a mente aberta, elas vão te impulsionar porque elas enxergam a sua situação e aí você também aprende muito, conhece muito, é uma área que eu realmente eu amo, a arte, muito, então, por exemplo, essa oficina de fotografia foi muito legal, a gente chegava lá e a gente fazia decoração de roupa do jeito eu a gente queria, a gente aprendia com eles como que era fazer isso, como que era fazer aquilo, a gente fez uma sessão de fotografia no final, lá no topo do prédio, nossa foi horrível, porque era muito alto e dava um frio na barriga. Babado! Mas a gente aprendia, a gente meio que sentia confortável nos

espaços e sentia feliz estando ali participando e tal, a gente se sentia inclusa, não se sentia uma pessoa estranha ali, sabe? Isso é muito legal, parece que é um choque, sabe? Você chega numa realidade que você, parece que é surreal, nossa existe isso? Existe um espaço que oferece isso? Nossa, mas isso tem isso? Nossa, mas que interessante que tem isso, uma coisa muito linda, né? Uma coisa muito nova. Você fica assim, abalada, inacreditável, sabe? E é muito bom a gente ter acesso a esses espaços, parece que você se sente mais bem, mais livre, mais leve. É muito melhor do que você tá vivendo numa rua fechada, ali, com um monte de drogado, um monte de bêbado, um monte de cachorro correndo atrás de você e um monte de pessoa dizendo que você é um lixo e que você vai pro inferno. É isso.

ENTREVISTADA 4

Ocupação atual: encarrega de auxiliar de limpeza no CT – Comunidade Terapêutica.

O que seria essa comunidade? Seria uma clínica de tratamento terapêutico com dependentes de álcool e droga.

Ocupação anterior: auxiliar de limpeza no hospital das Clínicas.

Nível educacional: sexta série.

01 – Como você se define (sexualidade/corporalidade)?

Travesti.

O que é ser uma travesti? O que define uma travesti?

O que define uma travesti não é corporal, o que define é a suas buscas, o seu caráter, as suas ideologias consigo mesmo, né? E o que mais define a travesti é o respeito da sociedade para conosco. É o que nos dá mais força e mais resistência para estarmos no meio de uma sociedade que nos dia de hoje, entre aspas, tem uma certa visão, um certo conhecimento, mas antigamente, anos atrás, a gente era mal vista, éramos vistas com olhos maldosos, que a travesti só roubava, só roubava droga, hoje não, hoje a travesti ela ingressa até no mercado de trabalho, assim como muitas de nós, então eu acho que ser travesti não é você ser uma coisa esquisita, é vocês ser diferente da opinião dos outros.

02 – As relações com as políticas públicas voltadas para as TT's.

Eu acessei muitas delas, né? E uma delas muito fundamental que é o CAE Florescer, que é a Casa Florescer, que acolhe mulheres trans, transexuais e travestis e foi onde eu tive todo um apoio, um alicerce, uma estrutura pra eu conseguir uma autonomia, uma coerência, um padrão na minha vida; tive através do Centro POP também (Centro de referência especializado para população em situação de rua), né? Tive também sobre, é... eu tive vários acessos entre muitos, mas os que mais me ajudaram foi mesmo o CAE Florescer, né? E o CRATOD (Centro de referência de álcool, tabaco e outras drogas) também, né? Que é uma coisa muito importante e faz parte hoje da minha vida, assim, o trabalho tudo, né? Enfim, vários.

03 - O acesso a essa(s) política(s) pública(s)? Como você chegou na CAE Florescer? Você ainda é atendida por outra política pública direcionada para a população trans/travesti? Qual/Quais?

É... vamos começar pelo chegou. Eu cheguei destruída, né? Eu vou usar esse termo, eu cheguei destruída da destruição porque fora da Casa, sem ter o conhecimento da Casa, do trabalho, das participações e etc, eu estava destruída porque eu estava num mundo perdido, discriminada, né? Muitas das vezes em uso contínuo de várias substâncias e sem expectativa de vida, né? Então eu fui assistida pelo CAE Florescer, passei pelo processo, que é o processo de acolhimento, fui muito bem acolhida, muito bem recebida, né? Então a equipe a assistente social em si com a gerência começou a trabalhar a minha vida, o meu caso com um lado humano, pessoa, não mais uma travesti que acolhemos, mas mais uma pessoa necessita do nosso trabalho, né? E ainda continuo sendo assistida e faço participação não só em ser assistida como faço parte disso que é na Comunidade Terapêutica Estância Primavera, que é uma comunidade na qual eu trabalho, né? E que também assistem outras travestis, outras identidades de gênero, por ser uma comunidade, então abrange todo esse contexto e eu ainda continuo sendo assistida, né? Hoje sim como funcionário, né? Mas passando um exemplo de tudo aquilo que eu alvejei, consegui e as minhas experiências, de onde eu vim, as minhas origens, de onde eu vim, onde eu cheguei, onde estou e aonde eu quero chegar ainda.

Você foi encaminhada por alguma outra instituição ou você já sabia desse espaço e veio pra cá?

Não, eu não sabia do espaço eu vim encaminhada pelo espaço Boracéia, né? Que é um Centro de acolhida masculino, né? Onde eles obrigatoriamente me acolheram porque não poderia negar vaga, eles não podem negar vaga, por mais que seja travesti, use roupas de mulher, ela vai ter que suportar lá dentro com eles, né? Então eu vim de lá transferida para o Florescer.

04 - Suas vivências nos espaços de lazer e turismo da cidade.

Eu não tive. Eu não posso te relatar isso porque eu não tive porque a nossa vida sem um acompanhamento, sem um acompanhamento que abrange uma autoestima, que levanta nossa autoestima, é uma vida vazia. Então, ninguém vai levar uma travesti de rua pra um entretenimento, ninguém vai querer dar uma atenção pra uma travesti de rua porque vai enxergar ela com outros olhos, vai enxergar ela como uma ladrona, como uma usuária de droga, enfim outras coisas, então até o momento de eu não chegar no CAE Florescer eu não tive essa vivência, só tive por conta própria que foi coisas rotineiras causada por lugares, ambientes e pessoas.

O que seria, por exemplo?

Uso contínuo de alcoolismo, droga, frequência nesses ambientes.

05 - Suas experiências vivenciadas dentro dessas políticas públicas? Os Lugares visitados, as atividades realizadas. Como foram essas experiências? O que trouxe de experiências positivas e negativas usufruir desses locais como uma turista?

Sim, sim. Cheguei sim, a gente visitou vários lugares, o Museu da Diversidade, a gente visitou o Teatro Municipal, a gente visitou também aquele mosteiro que tem lá na Tiradentes, a gente fez parte também do show Divas Florescer, que é muito polêmico, é uma coisa histórica na nossa vida, né? Uma coisa histórica na Casa Florescer, então pra mim isso foram coisas boas, coisas que me levantou, que me abrangeu ver o mundo com outros olhos, de saber que tem entretenimento pra mim, tem expectativas de lugares e pessoas diferentes daquilo que eu vivia, tem pra mim, então eu tenho que absorver-me disso e foi o que eu fiz e deu um ótimo resultado.

06 - Os acessos aos espaços de lazer e turismo tiveram importância na sua trajetória de mudança de vida? De que forma?

Sim, teve uma grande importância de eu auto me reconhecer perante o meio da sociedade e ter o respeito de quem me recepcionou, de quem, sabe, esperava pela gente, né? Esperava pelo grupo. Teve importância pela valorização humana, né? Que é muito pouco hoje em dia, da gente se ver, se falar, a gente mesmo ainda assim se vê, mas é muito pouco e em poucos casos, né? Mas teve uma grande importância porque pra mim isso é cultura, cultura é lazer, como todo entretenimento, aqui na Casa eu participava de todo entretenimento, entretenimento que eu mais adorava era o vôlei, sempre tava jogando vôlei com as meninas, a gente sempre se deslocava daqui pro parque, sabe? Foi muito entretenimento. Hoje, a minha presença na data de hoje fazendo essa entrevista com você é uma coisa muito marcante porque eu sinto saudades das pessoas daqui, eu sinto saudade e eu não nego as minha origens, hoje eu tô bem graças a Deus, hoje eu conquistei a minha autonomia, tenho o meu trabalho, tenho o meu emprego, minha responsabilidade, hoje eu tenho a minha vida comigo e partiu daqui, né? Partiu daqui porque foi aqui que partiu a porta, aqui, o Florescer me deu a esperança de viver novamente, eles me deram oportunidade não de só me auto reconhecer, mas de florescer lá fora e abranger outros espaços.

07 - Sua visão como atendida da CAE Florescer

Ótima, maravilhosa, pra mim é muito bom e eu recomendo quem não conhece, conhecer, né? E tá sempre assim participando pelas redes sociais, né? E é uma casa de abrigo um questionamento muito importante que é a transexualidade, hoje no mundo. Vamos se dizer no contexto do mundo, porque isso já saiu pra fora do mundo, né? E a Casa Florescer nos traz a oportunidade de sermos pessoas, de sermos quem somos e não sermos quem querem que sejam que somos, as pessoas querem que a gente seja aquilo lá pra eles, é daquele jeito, eles querem que a gente vai ser e não vai ser dessa forma. A gente é o que é, não nega nossas origens e pra mim é muito satisfatório.

08 - Aspectos positivos e negativos nessas atividades

De negativo eu não tenho nada pra falar. De negativo eu tenho não pra falar, eu tenho pra brincar, que foi aquele momento de espera, né? Aquele momento de poxa, não dá logo a hora, não chega logo o dia, ansiedade e isso é uma negativa porque a gente sabe que em saúde mental a ansiedade, ela nos leva a um transtorno e faz mal pro corpo e pra mente também. E positivo foi tudo de bom, foi maravilhoso, sabe? Você sair de um lugar, se deslocar para outro, conhecer pessoas novas, ser bem recebida, sabe? Você ser bem apresentada, estar lá no meio daquelas pessoas, coisas que você nunca imagina, você nunca vai imaginar que você vai estar dentro do Teatro Municipal e um dia aconteceu! E você nunca se imagina que um dia você vai estar dentro do museu e um dia aconteceu, então é algo muito positivo, muito bom e eu só tenho a agradecer.

ENTREVISTADA 5

Ocupação atual: líder de equipe numa loja de sorvetes importantes.

Ocupação anterior: cuidadora de uma idosa por alguns meses.

Nível educacional: ensino médio completo.

01 – Como você se define (sexualidade/corporalidade)?

Sou bem definida, sou uma mulher trans.

O que é ser uma mulher trans?

A mulher trans é você se sentir bem consigo mesma, com sua roupa que você gosta de usar, eu gosto de me vestir de mulher, eu sou uma mulher espiritualmente, corporalmente, fisicamente, mentalmente. Tô começando a fazer meu tratamento hormonal, entendeu? Eu me sinto bem assim, é o jeito que eu sempre quis ser, tratada como uma mulher, entendeu? E eu gosto, então sou muito feliz assim.

Qual a diferença na sua visão entre a mulher trans e a travesti?

São poucas diferenças, né? A travesti também ela tem muita coisa... é, tem pessoas que conhece mulher trans como se fosse uma operada e não é a realidade, uma mulher trans não é uma operada, uma mulher trans ela já tem o psicológico completo já, de ser uma mulher trans, entendeu? Não uma mulher, uma mulher trans. O travesti, é, ele pode se encaixar nesse gênero também, nesse quadro porque a travesti ela se veste como uma mulher, mas tem algumas que só à noite, tem algumas travestis que só se vestem à noite como uma mulher, eu já não, eu gosto de me sentir de mulher da hora que eu acordo até a hora que eu durmo.

02 – As relações com as políticas públicas voltadas para as TT's.

Hoje em dia tem bastante, né? Alguns órgãos, né? Que ajudam muito esse nosso gênero, né? Mas coisas que há muitos anos atrás não tinham, hoje tem muitas rendas que muitas procuram, eu ainda não tenho ainda, até porque quando a pessoa já trabalha, já não tem tantos benefícios assim que o governo possa dar, até porque eles dão alguns benefícios pra quem tá num estado que não tá trabalhando, que tá precisando tanto.

Quais que você acessou?

Por enquanto nenhum, eu já tentei, já procurei me informar sobre o Transcidadania, mas eu não me encaixava devido eu ter meu ensino completo.

Os Centros de Cidadania LGBTI's que fazem encaminhamento...

Eu não cheguei a ir, nem a frequentar, ainda não.

03 - O acesso a essa(s) política(s) pública(s)? Como foi o acesso a Política Pública que você utiliza que é a Florescer, né?

Ah, foi muito importante pra mim, esse dia eu não vou me esquecer nunca mais, eu tava em Sorocaba, fiquei dois meses em Sorocaba, saí aqui de São Paulo e fui pra Sorocaba, fiquei dois meses lá. Aí tava num abrigo lá, né? Centro POP, fiquei um mês lá nesse abrigo, aí eu tava tendo um companheiro e devido ao companheiro meu ter aprontado lá, ele foi dormir na rua e eu acabei indo junto com ele, dormir na rua, fiquei mais três semanas dormindo na rua, até que tivemos uma briga e eu dei um ponto final nessa relação. Aí foi quando amanheceu, no outro dia perguntei pra assistente social como faria pra mim chegar pra São Paulo de volta, ela me forneceu a passagem e eu cheguei de volta pra São Paulo e desci direto ali na Santa Cecília e já fui lá, procurei uma assistente social lá e fui conversar pra ela tudo que eu tava passando, as três semanas, quase um mês que eu tava dormindo na rua lá em Sorocaba, contei um pouco da minha vida e do meu projeto pra ela e me informei pra ela se tinha uma casa onde tinha uma acolhida só pra trans, né? Eu já tinha escutado já, sobre essa casa, mas eu não sabia, não tinha ideia onde era, de como era, aí até que a mulher falou assim “vou ligar lá pra ver se tem vaga, mas é difícil, né?”, eu falei “tá bom”, aí eu fiquei aguardando, aí quando ela ligou, aí eu fui pra... ela me deu encaminhamento e falou “você teve sorte, pode ir pra lá que tá tendo uma vaga”, aí me fez um encaminhamento, aí eu cheguei com as minhas malas aqui na Casa Florescer, fui muito bem acolhida, entendeu? Tô até hoje aqui na Casa, eu sou muito grata a equipe técnica que tem aqui na Casa, a psicóloga, a assistente social, a gerência, faxineiros, educadores... sou muito grata, entendeu? Aqui começou a dar início a eu voltar a ser quem eu era, a viver novamente na sociedade, a ser respeitada, entendeu? Foi através dessa Casa que me fez ter aquela vontade de viver e tô bem. Tô feliz.

Você deu sorte, né? Na primeira tentativa.

Foi na primeira tentativa, assim que eu cheguei de Sorocaba, eu consegui uma vaga, assim que eu cheguei. E ela já tinha me explicado lá, a assistência social, ali do Centro POP, que é difícil as vagas aqui, aí daquele dia em diante, só pelo fato de eu ter conseguido a sorte grande de eu ter entrado na Casa, daquele dia em diante eu nunca mais vou esquecer. Foi aonde me levantou, onde me reergueu, aonde eu voltei a sorrir, entendeu? A tá de volta, a resgatar aquilo que eu era algum tempo atrás e eu tinha apagado um pouco da minha vida.

04 - Suas vivências nos espaços de lazer e turismo da cidade, como uma mulher trans, antes de entrar na Casa.

Eu não tinha tantos lugares assim, que eu frequentava muito não, mas hoje em dia eu frequento lugares normalmente, entendeu? Às vezes dependendo de como a gente sabe se vestir, se comportar, respeitar as pessoas, você é aceita em qualquer lugar, entendeu? (pessoas atrapalhando a entrevista)

Antes de você entrar na Casa, então você não acessava os espaços de...

Não! Era muito difícil ir, não tinha tanto tempo e mesmo quando eu tava vivendo na rua a gente já não tinha esse encaminhamento de você “ah, vou num teatro, num espaço cultural, num parque”, não. Já não tinha aquela vontade da vida pra isso, tinha apagado um pouco isso da minha vida, é de frequentar lugares, shopping, o que seja, entendeu? Já não frequentava tanto, era mais aquele mundo da rua mesmo, de ficar na rua, que não era o meu mundo, né? Não me pertencia aquilo, mas eu tava passando por aquilo e tava vivendo aquilo, então eu já não tinha tantos acessos a isso, pelo menos alguns meses atrás, agora, alguns anos atrás eu já frequentei muitos lugares, entendeu? Parques, lanchonetes, bares, restaurantes, em tudo.

Como uma mulher trans?

Como uma mulher trans.

05 - Suas experiências vivenciadas dentro dessas políticas públicas? Os Lugares visitados, as atividades realizadas. Como foram essas experiências? O que trouxe de experiências positivas e negativas usufruir desses locais como uma turista?

Sim, até hoje eu participo. Eu sempre quando eu tô de folga, tem alguma atividade, eu gosto muito de participar. É, foi uma experiência muito boa, eu me lembro que eu fiz, a gente tem um quadro, um planejamento, ali um quadro mensal, que quase todos os dias tem algum evento na Casa, aí eu me lembro quando eu fiz, a primeira vez que eu fiz uma aula de yoga, nossa eu amei, aquilo ali pra mim ficou marcado na minha vida, faço hoje um tratamento dermatológico, entendeu? Através da Casa, gratuito, de uma pessoa, a Dra. Amanda, ela veio aqui, ela é uma dentista, formada em dentista e se formou também com dermatologista, ela tá fazendo tratamento, ela me convidou gratuitamente, entendeu? Pra mim fazer, já fiz a minha primeira sessão e vou continuar fazendo com ela ainda, teve amais o que...tratamento hormonal, fiz meu exames de sangue, isso tudo com acompanhamento, aí vou agora com a Dra. Glauce mês que vem já tenho uma

consulta com endocrinologista, pra mim não mais me auto medicar com hormônios e na farmácia comprar hormônio, não. Agora fiz exames detalhadamente até pra saber o tipo do hormônio que eu posso tomar pra que não cause nenhum dano a minha saúde.

E você lembra de algum lugar visitado, que você foi com a Casa?

Teatro, eu fui na Assembleia Legislativa dar uma entrevista sobre...o que teve agora, a visibilidade trans, foi na Assembleia nunca tinha ido pra lá e normalmente vem várias visitas aqui né? Que também recebi vários convites até pra frequentar campus de faculdade.

E o que traz de experiência positiva e negativa você usufruir, visitar os lugares como turista?

Negativa não tem nenhuma. Mas positiva tem bastante, tanto pro meu conhecimento até pelo fato da gente tá no meio da sociedade, falar com as pessoas, as pessoas conhecer um pouco mais do que é uma trans, entendeu? Ou do que é uma travesti, até porque pro mundo existe a marginalidade, né? Da a noite e eu não sou assim, eu gosto de trabalhar, então isso é muito bom, a gente tá no meio da sociedade, a gente ser aceita, a gente ser respeitada e até mesmo pro conhecimento, né? A gente aprender as coisas, né?

06 - Os acessos aos espaços de lazer e turismo tiveram importância na sua trajetória de mudança de vida? De que forma?

Tem, tem uma grande diferença. Eu comparo há quatro meses atrás, que eu não tava trabalhando e tava morando numa calçada, vivendo na rua e frequentava um órgão durante o dia, né? E de noite dormia na rua. Hoje em dia as pessoas da onde eu trabalho, com quem eu trabalho jamais iriam conversar comigo ou ia ser convidada, pela grande diferença de eu tá morando na rua, mas sendo a mesma pessoa, mas pelo fato de você estar numa rua, as pessoas te enxergam de uma maneira bem diferente, já te olham de uma maneira diferente, hoje em dia não, hoje em dia eu trabalho com pessoas, num nível mais alto, né? Com um público também alto, aonde eu trabalho, pessoas que passam “Oi Duda!”, dão um bom dia, um boa tarde, um boa noite, entendeu? Senta comigo pra degustar um sorvete ou pra ir numa lanchonete almoçar, coisa que há três quatro meses atrás não iria fazer isso comigo, vendo eu na rua.

Você acha que você conseguir acessar esses espaços te levantou de alguma forma?

Muito. Muito a minha autoestima. É... isso levanta muito qualquer pessoa, entendeu? Se você tá na rua uma pessoa passa e não olha nem pra você, aí hoje em dia eu tô num trabalho, sou líder de equipe num trabalho, as pessoas passam e te cumprimentam, você

faz uma comparação: essa pessoa que tá me cumprimentando hoje, há quatro meses atrás num ia passar, não ia nem olhar na minha cara, não ia nem soltar umas moedas ou um dinheiro pra mim. Hoje não, hoje somos convidadas pra almoçar, jantar, entendeu? É muito importante isso, a nossa autoestima, né? Aumenta um pouco mais, é muito bom isso pra pessoa.

07 - Sua visão como atendida da CAE Florescer

Aqui da Casa Florescer? Ah, da Casa Florescer eu só tenho que agradecer, porque eu resgatei a minha vida, o meu projeto de vida através da Casa, entendeu? Aqui eu tive uma acolhida muito importante, me abraçaram muito bem, me ajudaram muito na área da saúde, do psicológico, encaminhamento pra esse trabalho onde eu tô, tô nesse trabalho graças a Casa Florescer, né? Foi através do Beto aqui que ele mandou um currículo meu e eu consegui esse emprego, então tá sendo muito importante na minha vida, eu tô muito feliz com meu trabalho, eu tô feliz, eu só tenho que agradecer mesmo muito à Casa Florescer, já até comentei que eu acho que essa Casa Florescer, ter pelo menos devia ter uma em casa estado do país, entendeu? Até porque tem pessoas, tem mulheres trans e travestis que não quer só a rua e a prostituição quer se encaixar na sociedade, quer ser respeitada, quer um trabalho, entendeu? Quer uma escola, quer viver socialmente igual a todos porque não somos diferentes, somos iguais, entendeu? Podemos ter gostos diferentes, mas somos ser humanos como qualquer um outro.

08 - Aspectos positivos e negativos nessas atividades

É o que eu te disse, negativo a gente não teve nenhum. Eu particularmente não tenho um negativo porque uma visita, até uma pessoa que vem fazer uma doação na Casa, é... você sai ganhando. Você tá ganhando roupa, você tá ganhando conhecimento, contatos pra futuramente você ganhar um curso, um tratamento estético, um tratamento odontológico, então tudo isso é tudo forma positiva, entendeu? Eu soube e ainda sei aproveitar da maneira correta todas as visitas que vem na Casa, eu fiz amizades com pessoas que formaram agora, há pouco tempo atrás em psicologia, da Universidade de Guarulhos, foram me visitar lá no meu trabalho, a gente se comunica até hoje, a gente se fala, sempre tá curtindo uma foto um do outro, então isso aí é importante, é gratificante, entendeu? Eu só tenho coisas positivas da Casa, não posso falar nada negativo e ainda queria muito que existisse mais Casa Florescer por aí.

Mais alguma coisa pra acrescentar, Duda?

Agradeço a essa entrevista também, sua que é muito importante. Eu gosto de falar um pouco sobre mim, falar um pouco da minha história, tem uma parte ruim que eu prefiro pular, né? Que não faz parte, eu gosto de falar doo atualmente e dos planos pro futuro. Olhar pra frente, pra trás, já foi.

ENTREVISTADA 6

Ocupação atual: atualmente desempregada.

Ocupação anterior: mas a minha última ocupação foi como assistente administrativo, no RH (foi demitida mais ou menos um mês 17 de janeiro).

Nível educacional: técnico em química com ênfase em açúcar e álcool.

Você fez onde? CETEC e algumas especificações de açúcar e álcool eu fiz na UNESP.

01 - Como você se define (sexualidade/corporalidade)?

Na sexualidade heterossexual e na corporalidade mulher trans.

O que é ser mulher trans na sua definição?

Na minha definição, é a pessoa que nasceu no sexo oposto que se identifica hoje e que não se identifica com o sexo do nascimento, né? E ao longo da vida faz alterações e por exemplo, vai além de nome, né? Passa pelo corpo, pra tentar adequar essa realidade da mente no corpo.

02 - As relações com as políticas públicas voltadas para as TT's.

Eu acessei a política referente ao acolhimento, né? Durante em média 7 meses e pra mim ainda, na minha visão, ainda é um pouco tímida, essas políticas públicas nesse sentido em São Paulo, no Brasil, né? Mas em São Paulo é o que temos de mais avançado se for ver nesse sentido, porém ainda é um pouco tímido, mas foi algo muito importante em uma fase da minha vida.

03 - O acesso a essa(s) política(s) pública(s)? Como você chegou na CAE Florescer?

Então, eu cheguei lá após ficar desempregada na época e eu já conhecia o trabalho da Casa e tinha o contato com um dos gerentes e no momento que eu precisei eu pedi essa ajuda, passei por uma assistente social, né? Pra ter esse acolhimento, aí verificaram a situação que eu estava, eu estava em situação de vulnerabilidade mesmo, não tinha onde ficar e foi o lugar que me acolheu.

Você fazia que trabalho antes de ir pra Casa, quando você ficou desempregada?

Então, na época, o último antes de ir pra casa eu trabalhei na empresa Atento como atendente de telemarketing, era pro banco Itaú na época.

Você é atendida por outra política pública?

Sim, após sair do Florescer fui pra uma república social, né? Que é uma república que acolhe pessoas que já estão com emprego ou que tem condições de pagar uma taxa mínima pra permanência ali até se estruturar e poder pagar um aluguel e seguir com autonomia.

É mantido pela prefeitura de São Paulo...

Pela prefeitura.

Você mencionou que buscou os Centros LGBTI's, né? Pra uma assessoria, um suporte jurídico.

Sim, então, né? No momento que eu busquei esse suporte eu tive uma negativa logo de cara por já, que era um processo de retificação de nome, por já estar, por ter aberto um processo na época, eles não quiseram aí assumir frente, né? Então eu tive que assumir, arcar com as minhas condições. Nesse sentido não me foi útil.

04 – Suas vivências nos espaços de lazer e turismo da cidade.

Ah, hoje, né? Depois que eu comecei a trabalho o único centro e cultura e lazer que eu costumo frequentar, SESC's da cidade de São Paulo, no momento acho que só, museus eu costumo ir também quando tenho tempo, MASP por exemplo, né? Tem o dia gratuito lá, as vezes eu vou, o que mais? A Pinacoteca. São esses os lugares que eu tenho ido ultimamente de lazer e turismo.

05 - Suas experiências vivenciadas dentro dessas políticas públicas? Os Lugares visitados, as atividades realizadas. Como foram essas experiências?

Vamos lá, por partes. Eu participei de algumas vivências com psicólogos lá, que foram importantes no momento que eu tava vivendo e que precisava desse diálogo, além desses diálogos participei também de algumas oficinas, tinha esporte na Casa, né? Por exemplo, uma vez por semana tinha o vôlei, eu participava. Participei também da oficina de artes, uma época do museu da diversidade desenvolveram lá um trabalho de arte eu participei também, foi muito bacana, uma outra que eu tenha participado... ah, participei também de uma oficina pra empregabilidade, foi muito importante e teve testes, além de orientação e tudo mais tiveram testes psicológicos pra definir aquilo que eu tinha mais aptidão pra fazer. Então, essas vivências foram as que eu participei que foram importantes assim.

As saídas você participava também?

Sim, também tiveram muitos passeios, hã... na própria Pinacoteca, assisti filmes, né? No cinema, era sempre que a gente ia.

Que cinema que era?

Era o Espaço Caixa, né? Caixa, o nome do cinema que a gente costumava ir, ali na Paulista. E o que mais? Passeios...ah, fizemos também um passeio pra cidade, que eu lembro, pra cidade de... (pausa e mão na cabeça).

Paranapiacaba?

Paranapiacaba! Eu sempre esqueço! E foi super divertido e foi um momento de vivência bem legal com as meninas. Deixa eu ver... bom o que eu me lembro os passeios culturais geralmente eram em museus, né? Ah, o Teatro Municipal também, eu lembro que eu, nós fomos assistir uma peça e um musical, super legal também. Foram esses.

O que trouxe de experiências positivas e negativas usufruir desses espaços através da Casa?

Positiva foi ocupar esses espaços, né? Que muitas vezes a gente acaba não ocupando pela questão do preconceito pela questão de “n” fatores que a gente acaba não indo, né? Acaba evitando estar nesses lugares. Então a Casa, é, querendo ou não foi um lugar que proporcionou pra mim estar nesses lugares e vivenciar esse tipo de passeio, então isso foi muito positivo nesse sentido.

Negativo?

Em relação a essas atividades? Desenvolvidas ali na Casa eu acredito que não, né? Eu participei só daquilo também que eu queria participar, então...

Foi tudo ótimo!

Foi tudo ótimo! Tinham coisas que eu acho, na minha visão eram um pouco, não ia trazer tanta... não ia trazer nenhum retorno praticamente ali, que às vezes acaba sendo desenvolvido, é, eu lembro que eu não participava, participava daquilo que eu queria participar. E foi ótimo.

06 - Os acessos aos espaços de lazer e turismo tiveram importância na sua trajetória de mudança de vida? De que forma?

Tiveram, tiveram. É... na forma de encarar com mais tranquilidade os ambientes: corporativo, o ambiente cultural, é... com mais naturalidade, acho que a Casa me ensinou a enxergar que estamos ali pra ocupar mesmo, isso é natural, as pessoas precisam ver a gente ali, então nesse sentido.

07 - Sua visão como atendida da CAE Florescer

Minha visão? A minha visão é de esperançosa em melhorias, claro, porque como eu falei ainda é muito tímido esse tipo de trabalho em São Paulo e é uma visão de gratidão pelo todo tempo que eu permaneci lá e pude ter esses acessos, essa ajuda, né? Se não tivesse ali, não sei como seria hoje, né? O que eu teria feito, não sei. Então fica aquela incógnita, então é uma visão de gratidão e também de esperança pra que melhore esses serviços.

08 - Aspectos positivos e negativos nessas atividades.

Ah, eu vou começar então pela positiva... positivas, acho que é mais ou menos o que eu falei, né? A questão de ter mostrado pra mim uma naturalidade em relação aos lugares, espaços, isso a Casa me ajudou bastante a entender e foi muito positivo. Esse auxílio, é, com oficinas que foram realizadas na Casa e... teve também, eu não falei agora eu tô lembrando uma oficina de moda que foi bem legal, a gente realizou e eu, coisas, por exemplo, costurar que eu não sabia e aprendi um pouquinho, então nesses aspectos foram muito, são os aspectos positivos assim, que eu vejo. Agora negativo... na Casa... foi desenvolvido alguma coisa negativa...

Algum aspecto da atividade, né? Às vezes eu vejo meninas reclamando que tem muita atividade, ou sei lá, algumas que não planejadas de forma adequada, estou dando umas ideias pra pensar.

É eu acredito que existem atividades, por exemplo, atividade de moda, né? Você precisa ou querer aprender ter a habilidade e não é todo mundo, né? Eu acho que isso poderia ser planejado de uma forma melhor, né? De acordo com a aptidão de cada menina ali dentro e não jogar um curso aleatório e falar “vai lá e faz” isso porque é o que temos pra oferecer e todo mundo e bijuteria, por exemplo também, eu acho que você precisa ter uma noção de... não é todo mundo, eu por exemplo não gosto, não curto porque realmente tem que ter habilidade e algumas coisa que requer habilidade e os cursos são mais voltados, a maioria das oficinas hoje, desenvolvidas pela Casa e pelo Centro de Políticas LGBT’s são atividades que demandam essas habilidades, né? E isso é muito vago, não são todas as meninas que têm a mesma habilidade, que tem a mesma vontade de fazer um curso “x”, então o negativo é essa falta de outras opções, né?

Você tinha comentado, só pra retomar aqui a questão da educação, é um negócio deixado de lado, né?

Sim, por exemplo, existe o Transcidadania, né? Que a visão maior aí é auxiliar com uma bolsa, né? A pessoa trans que está ali terminando os estudos, que não terminaram os estudos, né? Então não é voltado para o nível técnico, para o nível superior, é voltado exatamente para as pessoas que não terminaram os estudos, mas ainda há falhas, né? Nesse sistema pelo que eu vivenciei com as meninas, o que eu ouvi das meninas é de que há muito descaso, né? Dos próprios professores que dão essas aulas, é do próprio conteúdo que é passado, não acaba sendo um conteúdo como deveria ser, né? Você terminar um Ensino Médio de fato, as pessoas acabam ali cumprindo horário, né? Na maioria das vezes pra pegar um diploma, terminar os estudos e só. Com essa visão, não com a visão de sair dali e conseguir um emprego e tá qualificada pra conseguir esse emprego, entendeu? Essa é a visão que eu tive dessas políticas voltadas pra educação e principalmente do público LGBTI, ainda tá muito defasado na minha opinião.

ENTREVISTADA 7

Ocupação atual: agente de saúde.

Ocupação anterior: estudante do Transcidadania.

Nível educacional: cursando nível superior (Serviço Social).

01 – Como você se define (sexualidade/corporalidade)?

A sexualidade ela foi assim, durante muito tempo ela foi meio perturbadora pra mim, assim, eu sou, eu me defino assim, é mais uma palavra né? Porque eu fico entre transexual e transgênero, então eu prefiro falar que eu sou transexual, né? Que é mais conhecido e quando perguntam é mais fácil de explicar, mas pra mim é só uma palavra porque eu ainda não sei, eu sei que sou diferente de homem e de mulher, mas transexual.

Tem uma pergunta que não está aqui, mas tenho feito: pra você, qual a diferença da transexual, trans e travesti?

Ó, travesti assim, eu aprendi assim, né? Na minha época era só travesti, quando eu era adolescente era só travesti, então não importava se você fizesse plástica, colocava peito, se você se vestia de mulher só a noite ou só final de semana, era tudo travesti. Mas travesti é isso, quando uma pessoa fisicamente masculina e se traveste com roupas femininas ou vice-versa, uma pessoa fisicamente feminina que às vezes se traveste com roupas masculinas.

02 – As relações com as políticas públicas voltadas para as TT's.

As políticas públicas eu acho que quase todas. Você vai ter que me ajudar agora.

O Transcidadania que você falou agora há pouco.

O primeiro lugar que eu fui quando eu decidi que ia parar de me prostituir, né? De fazer programa, primeiro foi uma ONG, foi uma ONG Tulipa, não sei nem se existe mais que foi em Santo André, né? Foi por lá que eu tentei fazer alguma coisa que eu queria voltar a estudar, eu queria voltar a estudar e porque eu nunca me identifiquei muito com fazer programa, né? Então precisava voltar a estudar, aí eu fui nessa ONG e até então eles não tinham, eles podiam ajudar assim, nada era reconhecido, isso há muito tempo. Aí depois de um tempo eu procurei uma outra ONG que é ali pertinho da Rego Freitas, eu acho que é o CRT (na realidade o CRT é o Centro de Referência e Treinamento DST/AIDS ligada à Secretaria de estado da saúde), aí dali eles foram me orientando, foi o primeiro serviço que eu procurei.

O Centro de Cidadania LGBTI que surgiu na gestão do Haddad você acessou também?

Eu acessei o Transcidadania.

Você foi encaminhada pelo Centro?

Não, eu fui pelo jornal, né? E fui procurar saber, aí eu fui nesse centro que eu te falei, que eu já conhecia.

Ah, o CRT.

O CRT, eu já conhecia. Quando eu vi no jornal, peguei o jornal e fui até lá, aí eles me orientaram pra ir em tal lugar e procurar tal pessoa, que foi a pessoa que me ingressou no Transcidadania.

E você acessou a Casa Florescer também, né?

A Casa Florescer eu acessei alguns anos depois.

03 - O acesso a essa(s) política(s) pública(s)? Como você chegou na CAE Florescer?

A Casa Florescer foi através do CAPS, serviço de prevenção de álcool e drogas, foi pelo CAPS, a assistente social do CAPS, porque eu tava em situação de rua e eu queria sair da rua e não sabia como, aí eu falei assim “gente, eu vou ter que procurar de novo uma assistência”, aí eu falei “eu vou pro CAPS, vou fazer um tratamento de droga, porque meu problema até então era com drogas, aí eu fui até o CAPS e aí a assistente social do CAPS me encaminhou pra lá.

Você ainda é atendida por outra política pública direcionada para a população trans/travesti? Qual/Quais?

Sim, sou. Atendida pelo... eu não sei, é política pública, né? Onde eu trabalho, né? Que tem uma cota pra transexuais, né? E onde eu moro também que é uma república social que também tem uma cota pra transexuais.

E que lugar que você trabalha?

Eu trabalho em UBS (Unidade Básica de Saúde), eu trabalho no consultório na rua, a Bompar (Centro Social Nossa Senhora do Bom Parto) e a prefeitura com uma entidade católica.

04 - Suas vivências nos espaços de lazer e turismo da cidade.

Ah, eu frequento, esse aqui é um lugar que eu frequento (Parque da Juventude, onde se localizava o antigo presídio do Carandiru), eu gostaria de frequentar mais, mas eu não posso. Então eu frequento assim, dia de sábado às vezes eu vou em praça, né? Eu vou na

praça da República, eu vou onde mais? Eu vou no parque da Luz e venho no parque da Juventude.

Quando você estava no processo de transição ou quando você estava nessa situação mais vulnerável trabalhando na prostituição, você tinha acesso a esses espaços também?

Acesso eu acho que a gente tem, a gente não frequenta, né? Eu não frequentava por conta do serviço mesmo, né? É muito desgastante, tem poucas horas de lazer e nas poucas horas de lazer a gente faz o que? Tem que se cuidar, né? Tem que ir no salão, tem que fazer serviço de casa, mas eu ia, não muito, mas eu ia raríssimo, eu ia com algumas amigas minhas a gente saía, mas era muito pouco e a gente saía pra lugares mais longe. A gente ia pra represa, assim, lugares mais assim, porque o convívio social, quem tá fora do convívio social pra conviver, é como se você colocasse um animal selvagem no meio de um monte de animal domesticado. É verdade, a gente fica meio arisca, sabe? O pessoal pode olhar pra gente, que a gente acha que é por algum motivo e não é assim, então quando a gente tá fora do convívio social, a gente procura as nossas áreas de lazer, então são meio afastadas mesmo.

05 - Suas experiências vivenciadas dentro dessas políticas públicas? Os Lugares visitados, as atividades realizadas. Como foram essas experiências? O que trouxe de experiências positivas e negativas usufruir desses locais como uma turista?

Ah, positivo trouxe bastante coisa. Agora, é porque o lado negativo eu vejo ele assim, uma coisa que dá pra ser mudada, entendeu? Sempre quando eu via alguma coisa assim que eu falava “gente, isso não é legal”, mas isso vai mudar. Sempre, né? Mas assim, eu conheci inúmeros lugares, fui em vários lugares, né? A Luiza levava a gente pra sair, sempre tinha algum evento, eu ia em todos, eram poucos que eu não ia. Cinema, teatro, passeios, né? Muita coisa legal. Ah, você pode repetir a pergunta?

Ah, então eu queria que você falasse como fora essas experiências de chegar nesses lugares, por exemplo, no teatro, no cinema?

Ah, muito legal. Sempre tive vontade de ir no teatro, né? Sempre. A primeira vez que eu fui no teatro foi pela Casa Florescer, aí um sonho que eu tinha era conhecer o Teatro Municipal, aí a Luiza me levou pra conhecer o Teatro Municipal, muito legal, foi esplêndido.

Essa questão negativa que você falou, o que seria que precisa mudar?

Ah, eu acho que é a relação social, as relações sociais, sabe? Não é só assim o social, eu acho que são relações humanas mesmo, né? É claro que com a gente transexual é um pouco mais complicado, mas eu vejo que as pessoas... elas têm pouca integração, assim.

Ah, sim. É como se existisse uma separação sem barreira?

Então, as tribos eu acho que elas deveriam ser um pouco mais maleáveis.

06 - Os acessos aos espaços de lazer e turismo tiveram importância na sua trajetória de mudança de vida? De que forma?

Sim, claro, mudou bastante, completamente. Da maneira que eu esperava que influenciasse mesmo, né? A convivência, eu já sabia que muda, conhecimento muda as pessoas, né? Isso pra mim já era esperado e mudou meu jeito de conversar com as pessoas, de eu me comportar, porque eu tinha uma outra ideia, né? Mas depois quando você tá lá e tem alguém que te encoraja junto, aí você percebe que não é tudo aquilo que você, não é aquele monstro que você imagina que é, fica mais fácil, você chega lá...

Mas basicamente o que você está me falando, você vivia em mundo à parte, né? Com suas amigas trans, da prostituição e acessar a sociedade normatizada te permitiu compreender como se comportar, observando, acessando esses lugares?

Sim, eu aprendi assim, que eu não preciso ter uma regra de comportamento porque eu fui educada, eu sei me comportar assim, né? Eu sei assim, até mesmo, a gente vai observado, a gente vai se identificando com certos tipos de comportamento, né? Eu percebi que não precisava ser, quando eu ia nos lugares sozinha ou com outras amigas minhas que não tinham convívio social a gente fica muito retraída, né? A gente vai mais assim, como é que eu vou te explicar? Eu percebi que não preciso ser diferente de mim, eu posso ser eu mesma, entendeu? Isso foi muito legal pra mim.

Te trouxe uma segurança?

Me trouxe uma segurança, isso mesmo.

07 - Sua visão como atendida da CAE Florescer

Ah, pra mim a Casa Florescer foi super positivo, tem algumas falhas, que eles falharam comigo, né? Mas tudo bem, ninguém é perfeito. Mas assim, eu só saí de lá com positivismo, sabe? Muitas ideias boas, a Casa tem um, como eu vou te falar? A Casa tem um serviço muito bom, tem coisas que precisam ser mudadas, mas a gente não pode cobrar de quem já se dá por inteiro, né? Acho que tem que cobrar das políticas públicas mesmo.

Você disse que ela tem uma importância na mudança na vida de meninas vulneráveis.

Tem, tem bastante porque eu vim de situação de vulnerabilidade, né? Eu vim de situação de rua, eu vim de situação de drogadição e assim, aí eu mudei, a Casa fez... não é que eu mudei, eu consegui, né? Estou conseguindo o que eu procuro, o que eu procurava eu fui alcançando a medida do tempo que eu fui buscando, né? Fui alcançando e quase ao mesmo tempo, antes assim, eu... algum tempo atrás, antes da Casa Florescer, porque com a Casa Florescer a gente não só conhece as políticas públicas, porque você pode conhecer, mas você pode não ter o acesso e é como você disse, na Casa Florescer a gente consegue os acessos, porque antes eu conhecia mas não tinha acesso, é muito difícil quando você chega num lugar, você vai num serviço, precisa do serviço e você não tem uma referência, então fica muito complicado pra você conseguir o serviço e a Casa Florescer ela te dá esse suporte.

08 - Aspectos positivos e negativos nessas atividades

(risos) Ah, é complicado, isso é difícil de falar porque pra levar tipo assim, pra levar pro cinema, pro teatro, né? Pra alguma atividade num parque assim, é complicado assim porque, gente como eu vou falar? Porque nem todas estão preparadas, é aquele momento, às vezes eu quero ir e não é o meu momento, mas não podem falar “não vai” porque aí acabou a minha vida, se não é o meu momento e você falar pra mim “você não vai porque não é o seu momento”, não vou entender isso, eu quero ir e pronto e o legal da Florescer é que “vai, quer ir, vai”, né? E depois se você... não é o seu momento, não foi legal aí depois isso vai ser conversado, a Luiza conversa com a gente, mas assim, às vezes a gente vai nos lugares e nós vamos algumas vezes não com o comportamento certo, com a roupa certa, sabe? Eu acho que isso tem que ser trabalhado também, mas cada coisa tem o seu momento.

E de positivo? O que você diria que é mais de positivo dessa atividade?

Ah, é a construção, né? A construção da pessoa, a construção da pessoa humana, né? Na educação, na convivência, no querer, né?

ENTREVISTADA 8

Ocupação atual: Coletivo de arte e faço outras questões como outras transexuais fazem, mas talvez minha vulnerabilidade seja menor diante da realidade de outras meninas, mas às vezes eu faço alguns programas.

Ocupação anterior: Agente de saúde, quando saí da Casa Florescer eu era agente de saúde.

Por que você deixou de ser agente de saúde? Eu me lembro de você começar a comentar na sala do gerente de serviços.

Eu deixei de ser agente de saúde, um pouco por irresponsabilidade minha, mas eu não posso me culpar porque eu fui um tanto quanto vítima também e teve questões pessoais minhas também, né? E aquela coisa, não vai ser eu que vai mudar o mundo, mas eu sou do tipo de pessoa que tem opinião própria, entendeu? Se você me disser uma coisa eu posso acreditar, mas pra mim acreditar eu vou ter que ver com os meus olhos que é aquilo mesmo, caso contrário, pra mim você vai estar apenas falando e muitas coisas eu não concordava e era um teatro de insanidades que acontecia lá dentro de questões de funcionários e essa questão dessa relação desse corpo trans dentro dos espaços, né? É, a gente tem aceitação, mas ainda há muitas barreiras a ser derrubadas, né? E esse corpo ser essa carta aberta, eu não conseguia lidar muito com isso assim com isso, eu por exemplo, eu levei três meses pra usar o banheiro feminino da UBS, você tá me entendendo? Tive acolhimento? Tive, né? Mas a sociedade precisa estar mais aberta ainda, não é fácil esse contato apenas com os colegas de trabalho, tem a questão dos clientes, tem a questão dos pacientes, tinham as outras questões e tinham as questões sociais também que eu não concordava.

Nível educacional: tenho ensino fundamental completo.

01 – Como você se define (sexualidade/corporalidade)?

Olha, eu tenho uma alma muito feminina, tenho um corpo bastante feminino também, já quando eu tava trabalhando eles estavam conseguindo uma vitória na minha vida que era a questão da retificação do meu nome, que também por decorrer desse caminho, eu falei gente eu acho que tenho outras vitórias também maiores na minha vida do que simplesmente ser reconhecido como uma mulher, do que simplesmente ter esse nome feminino, eu simplesmente quero ser respeitada como ser humano, sabe? Independente de ter que me colocar como uma mulher e aí nesse período eu queria muito ter feito a cirurgia, tal, e aí eu também não fiz e aí enfim. Eu me sito uma mulher, mas antes de

tudo eu me sinto um ser humano, né? Que lateja, que sente a vida, que chora, que caga, que mijá.

02 – As relações com as políticas públicas voltadas para as TT's.

Então, na verdade essa questão dessa política pública LGBT, eu concordo com alguns projetos, não concordo tanto assim com outros, né? Eu tive oportunidade de passar pela Casa Florescer que me acolheu, né? Tenho tantas minhas outras críticas enquanto ao projeto Transcidadania, o Transcidadania nunca me ajudou em nada, em nada, entendeu? E essa questão de políticas TT, na verdade a gente tem que formar uma sociedade forte, né? A gente precisa ter um porquinho mais de união entre a gente, conversa, diálogos e formar também uma sociedade, a gente não aprendeu, a gente enquanto LGBTTT e outras siglas, a formar essa sociedade e ser essa sociedade de verdade, com integridade, ter compromisso, ter verdade, ter autenticidade, sabe? E ter opinião própria, que a gente já tem né? A gente já nasce nesse mundo, eu por exemplo, sou travesti mesmo, quero usar calcinha e poucas entendeu? Então, assim comigo não tem muita palhaçada, ou é oito ou oitenta e às vezes se não é oito ou oitenta é cinquenta também, né bem?

Mas os Centros LGBTI's você chegou acessar? Que fazem encaminhamento, que dão cursos?

Então, eu cheguei a fazer um curso sim, me desculpa, corrigindo o que eu tinha falado, eu cheguei a fazer um curso com a Vanessa de Sena que é uma trans que me deu uma aula de arte maravilhosa inclusive, lá no Transcidadania, então não foi nada assim, eu tive um acolhimento sim lá no projeto Transcidadania, mas eu digo assim, em relação a esse projeto, eu não tive acolhimento no sentido de que eu não terminei meus estudos, não tô com essa bolsa que iria me ajudar muito também e que bom que outras meninas está também, não é porque eu não estou é que não é bom. Pra mim não serviu.

03 - O acesso a essa(s) política(s) pública(s)? Como você chegou na CAE Florescer? Você ainda é atendida por outra política pública direcionada para a população trans/travesti? Qual/Quais?

Eu tive uma passagem de dois anos no Florescer e eu cheguei no Florescer e eu tava morando na rua, né? Essa questão do crack, várias questões de vulnerabilidade, aqui eu fui empoderada de que eu posso, de que eu entendi o espaço eu ocupava, de quem eu era legitimamente, de que antes de ser uma mulher eu sou um ser humano, então eu

também não tenho essa necessidade de auto me afirmar enquanto mulher, eu quero me auto afirmar como uma pessoa que quer o espaço porque afinal de contas o sol nasce pra todos, né? Então, eu não sei se respondi a sua pergunta, a lôka.

É o que você falou, você estava em uma condição de vulnerabilidade...

Eu morava na rua, eu morava na rua, até então eu morava em casa de cafetina, da casa da cafetina eu não aguentei mais, essa questão de fazer esse programa, naquele período até então, e eu saí e fui morar na rua, aí eu fiquei na rua, fiquei na Cracolândia, até que dia 29 de maio, na data do meu aniversário inclusive, desculpa, 29 de maio não, 30 de maio, num dia muito frio cheguei aqui na Casa Florescer e foi um dia assim mágico pra mim, que eu não esqueço, me emociono sempre, essa questão dessa casa assim, pra mim é revolucionária, né? E tem que ter existir mesmo assim, não só pra trans, mas pra mulher que sofre violência, enfim, esse projeto precisa ser ampliado, desse acolhimento, que é um acolhimento muito bom assim, eu tive na época, eu tô falando de mim, eu na minha época eu tive um acolhimento excelente, excelente durante esses dois anos, arrumei três trabalhos, voltei a estudar, consegui... enfim. Eu tive essa base que a minha família não me deu, que a rua não me deu, eu tive aqui, né? Que foi a Casa Florescer e que me deu essa estrutura psicológica, física e emocional e me colocou em um palco e me mostrou que eu posso cantar, eu posso dançar, que eu posso pular, que eu sou normal como qualquer outra pessoa também, a convivência com as outras meninas da Casa também, delícia.

04 - Suas vivências nos espaços de lazer e turismo da cidade.

Ah, eu tinha noção, um pouquinho de noção de cultura, mas eu fui me aproximar com a arte aqui no Florescer.

Mas até então você não tinha acesso a esses lugares?

Não tinha, não tinha, imagina. Nunca tinha entrado num teatro municipal, por exemplo, a primeira vez que eu entrei fiquei encantada, emocionada, entendeu? Quis entrar nesse espaço, quis entrar naquela área onde se come aquele bolo inglês e dá pra tomar uma cerveja e é um espaço bastante elitizado também, onde muitos corpos não alcançam aquele espaço, tive esse contato com museu, tive esse contato com pessoas de classes sociais diferentes, voluntários da Casa, psicólogos que frequentavam a Casa, faziam a minha escuta, profissionais da arte também, né? Essa desse, quando eu digo artista, não é o artista, não é o global, né? Não é esse cara não. Quando eu digo artista é o cara que

tá ralando ali na vida e poderia tá protagonizando também na vida, mas não, tá preferindo fazer arte e arte dele é cantar, é dançar, é viver, tá entendendo?

05 - Suas experiências vivenciadas dentro dessas políticas públicas? Os Lugares visitados, as atividades realizadas. Como foram essas experiências? O que trouxe de experiências positivas e negativas usufruir desses locais como uma turista?

Então, eu visitei na Casa a Pinacoteca, o Teatro Municipal, o Teatro Oficina; eu não estava sentada na plateia do Teatro Oficina, eu estava protagonizando um papel no Teatro Oficina no mesmo ano que eu morei na rua, no mesmo ano que eu fui parar na rua, que eu tava lá na Cracolândia e biriri bororó, eu tava protagonizando a Whitney Houston no terceiro andar do Teatro Oficina, com aquele canhão de luz, assim na minha cara e aquecendo o meu corpo e mostrando que eu não era essa moradora de rua, de que eu não era essa travesti de rua, que eu não era nada daquilo e aquilo ia ser desconstruído na minha vida, não que necessariamente eu ia... mas que eu tava sentindo a vida ali de novo e eu via, eu conseguia me identificar, me identifiquei muito com aquilo ali. Aí esses dias me perguntaram assim, achando assim, “ah, uma vez que fui me apresentar no Oficina e assim...” me contando a história como seu eu nunca tivesse me apresentado, “eu já me apresentei no Oficina três vezes”. Pra mim é um orgulho, pra mim é um orgulho, eu sei da minha história de que essa questão é muito forte, no mesmo ano de eu ter morado na rua eu tá lá no terceiro andar assim, Whitney Houston, porra, que mais o que?

E você acha que existe algo de negativo nesses acessos pelas meninas, nos espaços de lazer e turismo?

Imagina, de forma alguma. De negativo? Nunca, nunca, imagina, a arte é a manifestação da expressão do ser humano, né? Pra mim assim, né? De qualquer ser humano, você sobreviver atualmente no Brasil ou no mundo é uma arte, é massacre, é isso, é aquilo, você tem que ser um artista bem, pula daqui, pula dali, faz isso, faz isso, faz aquilo, você tá me entendendo? Então acho que não prejudica não, imagina, não prejudica, ajuda, o contato com outras pessoas, de outra classe social, as meninas socializam, as meninas entram num ambiente que muitas das vezes de início não vai ser muito confortável, nem pra ela, nem pra sociedade, meu amor, mas é necessário. É necessário, de início pode gerar um desconforto de você estar com uma pessoa de uma outra classe social que fala totalmente diferente de você, que é uma pessoa extremamente egoísta, que nunca sofreu na vida, porque nunca passou fome na vida, que nunca precisou chupar um pau ou dar o cu pra comer uma marmitex, mas eu tive que passar por isso,

nem por isso eu vou sair condenando todo mundo ou querendo matar todo mundo porque eu tive que chupar e dar o cu pra poder sobreviver. Muitas não passaram por isso, mas eu posso trocar experiência com essas pessoas, você tá me entendendo? Eu pude me ligar que os cara não é só violento com travesti não, bem. Os caras não é só violento com travesti, os cara é violento até com mulher, amor. Mulheres bonitas. E não é só uma violência de meter a porrada, violências psicológicas assim, absurdas e quando a gente se junta, a gente se une, rico, pobre, mulher, preto, branco, a gente só tem a ganhar, né bem? Então assim, a entrada nossa, do corpo transexual nesses espaços de arte, que são elitizados, é fundamental, né?

06 - Os acessos aos espaços de lazer e turismo tiveram importância na sua trajetória de mudança de vida? De que forma?

Ah sim, transformou. Eu era uma pessoa vítima do sistema, eu era uma pessoa que eu tinha opinião, mas não tinha coragem de falar e não sabia como falar e até hoje não sei, mas tô nesse caminho de querer aprender e me ligar e cada dia falar mais e cada dia falar mais e cada dia falar mais. Gravei aí um CD no coletivo dizendo assim “quem foi que falou que bicha preta favelada, ela não fala?”. Ela fala, uma fala silenciada, bicha preta favelada assassinada. Mas ela fala e eu gravei isso, enfim, é um trabalho que a gente entregou lá pro Ministério da Cultura, da Prefeitura de São Paulo e meu, ali tá dizendo tudo, né? Quem foi que falou, a gente fala, a gente tem voz, só que as pessoas não querem dar voz pra gente, né? Quem tá interessando em ir lá no teu teatro e falar “não, vamos ver a questão social das travestis”, meu, as pessoas não se interessam, as pessoas não se interessam mais umas pelas outras, não é só travesti, as pessoas não se interessam mais uma pela vida do outro, as pessoas não tem mais o amor, o olho no olho, não dão mais bom dia hoje em dia, o que dirá as travesti, né bem? Vai se lascar mesmo.

07 - Sua visão como atendida da CAE Florescer

Nossa, do meu acolhimento? Nossa, mil, mil, mil, mil, mil. Você sabe que eu queria ter conhecido o Florescer com quinze anos de idade? Eu queria ter conhecido o Florescer, mano, com dez anos de idade. Eu queria ter dez anos de idade e minha mãe falar “vai pro Florescer”, porque eu tenho certeza absoluta que eu teria tido outras oportunidades, eu teria com certeza trilhado outros caminhos na minha vida através da cultura, através da arte, através da educação, na verdade esse projeto Florescer não deveria ser só pra

meninas com dezoito anos de idade, esse projeto Florescer deveria ser ampliado nessa questão de terrorismo de gênero que existe no Brasil e no mundo, mas o Brasil é negócio cabuloso, que é a questão da hipocrisia no Brasil, né? Porque comer todo mundo quer comer, gozar todo mundo quer gozar, comer cuzinho todo mundo quer, as bicha bonita, as bicha lindo, é só elogio pra cima e pra baixo e oportunidade ninguém quer dar, não tô entendendo, então é hipocrisia, porque se quer comer, quer beijar, quer transar às escondidas, meu amor, e assumir não quer? Só quer comer a carne e roer o osso ninguém vai roer? Não, quem come a carne vai ter que roer o osso também e o meu acolhimento no Florescer foi excelente, excelente, excelente, maravilhoso, um dia de frio. Tô viva, tô viva até hoje graças ao Florescer, vivi um relacionamento abusivo com um pilantra, que quase roubou até a minha alma, só que assim, tô bem, tô de pé, tô firme, você tá entendendo? Tô firme, tô de cabeça em pé, graças a esse acolhimento que eu tive em 2015 aqui na Casa.

08 - Aspectos positivos e negativos nessas atividades

Eu acho que assim, essa questão do lazer no Florescer eu acho bastante reduzido, que eu digo lazer é levar as meninas pra um clube, uma praia, você tá me entendendo? É só espaços culturais, no meu tempo tinha muitas oficinas, tô dando uma sugestão pra melhora pras meninas distrair, qual o passeio que as meninas têm? Tem bastante oficina na Casa, mas meu bem, a travesti vive um contexto social, meu amor, que oficina pra ela é coisa de outro mundo, o cara faz um elogio pra ela dentro da casa e ela acha que o cara tá tirando ela porque a vida inteira é só tiração, quando a pessoa te faz um elogio de verdade você vai achar que a pessoa tá te tirando também, então o contexto social que a travesti vive é um contexto social muito diferente de qualquer outra pessoa e muitas das vezes essa pessoa não é mais uma criança, essa trans, já não é tipo, não tem mais dez anos de idade, tem opinião própria, mas foi vítima de um sistema maldito, de um terrorismo trans na sua infância, tá ligado? Então como lidar com isso? Depois de adulto? O que fazer com essa trans? Meu amor, ela não vai querer fazer oficina mesmo, ela aprendeu a fumar pedra com quinze anos de idade, foi pra casa de cafetina com quinze anos de idade, tem umas com treze já tá fazendo chupetinha. Por que quis? Na cabeça de muitos, sim. Quem não entende o que é ser o ser da alma, o que vem de dentro de você e tem essa opinião de ser o que você é, independente da opinião da sua mãe ou do seu pai, que tem opinião própria, viver, viver e não sobreviver e ser o que você é, não tem preço. Então, às vezes, pra mim poder ser aquilo que eu quero ser, a

única opção que me deu essa renda e esse poder ser foi a prostituição, naquele momento, há anos atrás, quinze anos atrás, quando eu tinha quinze anos. Então essa questão que você falou dessas atividades, eu acho que a questão do lazer poderia, é, aumentar, né? Essa questão desse passeio, talvez de levar num SESC pra nadar realmente numa piscina, levar até a praia, não sei como, criar um meio de levar essa menina até a praia, nem que for um bate e volta, num clube, num chalé... será que é demais? Será que as bichas tão querendo muito? Não, não tá não. Porque essa bicha, essa travesti, essa pessoa, esse ser não teve o pai, não teve a mãe, não teve a família pra levar pra esses lugares, porque afinal de contas, travesti, meu amor, só serve pra fazer o povo gemer, porque ninguém quer ficar desfilando com a bichas, assim, pra cima e pra baixo, achando bonitinha, ninguém quer, meu amor. É pra fazer um programa é “vai na frente que eu tô indo atrás” ainda se você for bonita e se tiver paizão, senão não serve, você tá me entendendo? Então cara, é como eu falo, é um crime contra a vida, é um crime que a sociedade comete contra a vida das pessoas, de roubar o lazer, de roubar, mas as oficinas do Florescer é muita oficina de cultura, é bom isso também, mas porra, a travesti veio lá da Cracolândia, veio lá da rua, veio lá do Jóquei, quando veio do Jóquei tá muito, vem dos piores lugares que você imaginar de boca de lixo de rua, a bicha veio, entendeu? E lógico que essa menina logo de cara não vai querer fazer oficina cultural, bem, ela não sabe nem que é o Leonardo Da Vinci, ela não sabe nem quem é Tarsila do Amaral, ela não teve tempo de aprender quem era, muitas das vezes. Ah, menina vai querer ir lá no museu, fazer o que no museu, tá entendendo? Acho que assim, como sugestão, pra mim foi ótimo ir, porque eu já tive, eu tive família que fala “não, você vai pra aqui, você não vai ficar o tempo...”, eu não me dei com a minha família quando eu tive que sair fora mesmo, né? Eu tive, tava com dezesseis anos e eu queria ser essa mulher e eu assumi essa Tatiane maravilhosa que eu sou hoje e esse espaço se reduziu na minha família, né? Ficou pequeno, mas até então, até quando eu era criança, minha família era pobre, mas assim, era ir na liga das senhoras católicas, vai pra escola, na escola eles ensinavam o que era Tarsila do Amaral, levavam no museu, ensinava a história da capoeira, o que é capoeira, o que é liberdade, o que é escravidão, então tive todo esse acesso, do que é essa injustiça desse sistema maldito, desse sistema, dessa política da migalha, da miséria total, onde o rico fica cada vez mais rico e o pobre cada vez fica mais pobre e hoje em dia nem é mais pobre, é miserável, você tá entendendo? Eu pude entender isso, então pra mim foi ótimo, mas a realidade de muitas meninas não é essa, elas vem lá do nordeste e tal, e se submetem a “n” questões do

submundo e elas têm várias sequelas, né bem, lógico que vai trazer essa agressividade, é lógico que ela não vai querer ir pra oficina de cultura, é lógico que ela não vai querer fazer roda de conversa, é lógico que ela vai achar tudo isso chato porque ela nunca presenciou isso, bem, não teve alguém que pegou na mão dela e falou “vamo lá”. Mas pode trazer essa menina pra oficina como? Com um vínculo, aqui da Casa é ótimo, o vínculo dos funcionários com os conviventes é ótimo, mas eu acho que na verdade essa questão dessas atividades poderia ser realizada atividades não só esportivas que também é interessante, mas atividades que encheriam os olhos dela, porque a travesti gosta de tomar uma marquinha de sol, toda mulher gosta de tá bonita, travesti mais ainda, entendeu? Então leva a bicha pra dar uma voltinha no SESC, conversa com o SESC, marca um dia, não sei como, o SESC tem essas questões dessas ações sociais, como a gente faz pra fazer essa ação, não precisa ser um dia fechado, o dia que tiver mais gente leva as bicha lá pra tomar banho de biquini, pra elas pegar marquinha e a sociedade vai ter que chupar essa manga e eu tenho certeza que elas vão ficar muito feliz, você tá entendendo? Aí teve essa atividade legal, agora vai ter uma oficina de cultura, então isso são melhorias, né? No meu tempo tinha muita oficina de cultura e arte, pra mim foi ótimo, pra mim serviu, abracei. Hoje em dia eu faço parte de um coletivo que me... não vou falar assim que, mas eu tiro, eu consigo tirar uma renda também disso, não é só assim, eu vou fazer o coletivo e... o coletivo me dá também um retorno, você tá me entendendo? Eu consigo pagar algumas contas com essa grana, me ajuda e vem da arte, das minhas expressões do que eu acho. Se é certo ou errado, só o tempo vai dizer, né bem, pra gente, mas eu acho que o único que nos pode ajudar realmente é Deus, se é Deus realmente que tá governando esse Brasil, o único que vai falar enquanto Deus, é Deus, o homem não tem esse poder, nem Bolsonaro, muito menos ele. É isso, caralho.

ANEXO A – PLANO DE AÇÃO DA CAE FLORESCER

PLANO DE AÇÃO

Proponente

Nome: Coordenação Regional das Obras de Promoção Humana

Endereço: Rua Padre Azevedo, 120 - CEP: 02049-120.

Bairro: Jardim São Paulo

Município: São Paulo - Região: Norte

Telefone: 2283.4494 - Fax: 2979.7241

E-mail: croph@uol.com.br

CNPJ: 43.473.487/0001-32 - Validade: ativo

4. Descrição do Serviço

4.1 Nome: Centro de Acolhida Especial 24hrs para Mulheres Transexuais

Endereço: Rua Prates, 1101 a - CEP: 01121-000.

Bairro: Bom Retiro

Município: São Paulo – Região Central

Telefone: 3228 0502

E-mail: cadiversidade@gmail.com

CNPJ: 43.473.487/0032-39 - Validade: ativo

Desde que foi criado em primeiro março de dois e mil e dezesseis tornou-se um serviço de referência para acolhimento à população Travesti e transexual.

1. Oferece apoio psicossocial individual e coletivo aos usuários;
2. Promove a convivência em comunidade e fortalece a autoestima das atendidas.
3. Encaminhar sempre que necessário para os serviços públicos de proteção social e instâncias de defesa a preservação de direito.
4. Atende casos de violações de direitos e violências cometidas contra a população T, prestando orientações e encaminhamentos.
5. Realiza oficinas, capacitação profissional, cultura, lazer, inclusão na educação e promoção da saúde.
6. Viabiliza a inserção em programas de transferência de renda sempre que a atendida tenha direito ao benefício.
7. Identifica necessidades e motivações, para desenvolvimento de novos projetos de vida;
8. Propicia vivências, valoriza as experiências, estimula a autonomia, as escolhas e decisões.
9. Contribui com o esclarecimento e a conscientização sobre os direitos do público T.
10. Atua na garantia do direito à saúde, na defesa do atendimento integral à saúde.

4.2. Objetivo Geral:

Construir o processo de saída das ruas, respeitando-se as modalidades de atendimento ou da situação da população atendida. Contribuir para restaurar e preservar a integridade, autonomia e o protagonismo da população em situação de rua; promover ações para a reinserção familiar e comunitária, possibilitar condições de acesso à rede de serviços socioassistenciais, benefícios assistenciais e demais políticas públicas, promover ações para a reinserção familiar e comunitária, construir o processo de saída das ruas, respeitando-se a modalidade de atendimento ou da situação da população atendida resgatar a autoestima na perspectiva da referencia, identidade e reconhecimento da cidadania, proporcionar a socialização e fortalecimento de novos vínculos sociais.

Objetivos Específicos:	Resultados Esperados:
Acolher e garantir a proteção integral	Contribuir para a reinserção social;
Ofertar convívio com atividades direcionadas e programadas para o desenvolvimento de sociabilidades	Contribuir para qualidade de vínculos interpessoais, comunitários e familiares, que oportunizem a construção de saídas qualificadas com vistas à inserção social;
Garantir o acesso à Rede de serviços, cadastro único, benefícios assistenciais, programa ACESSUAS Trabalho /Curso Profissionalizantes e demais Políticas Públicas;	Efetivação da inserção nos programas sociais e no mercado de trabalho;
Contribuir para restaurar e preservar a integridade, a autonomia e o protagonismo das travestis e transexuais;	Travestis e transexuais com a integridade, autonomia e protagonismo resgatados e preservados.
Fortalecer os processos de vínculos, interpessoais e comunitários;	Fortalecer em sua identidade pessoal, familiar e social.

Contribuir para a inclusão das pessoas nos sistema de proteção social e no serviço público, conforme a necessidade;	Inserir nos sistema de proteção social e no serviço público, conforme a necessidade;
Estimular a auto-organização e a socialização por meio de atividades socioeducativas, culturais, lúdicas e de lazer programadas;	Travestis e Transexuais estimuladas e organizadas para vivenciarem experiência de autonomia, no meio social, integrando-se nos recursos da rede sociocultural.
Construir o processo de saída, respeitando-se as especificidades do atendimento;	Travestis e transexuais potencializadas para manter condições básicas de convivência e inclusão na rede socioassistencial;

4.4 Público Alvo:

Destina-se a população travesti e transexual sem distinção de orientação sexual, raça, cor, etnia e religião, entre outras configurações a serem avaliadas pelo Centro Pop Barra Funda que estejam com direitos violados e em situação de vulnerabilidade e risco social. Com capacidade de atendimento para 30 pessoas.

4.5 Forma de Acesso:

As travestis e transexuais em situação de vulnerabilidade serão encaminhadas prioritariamente pelo Centro POP Barra Funda com primazia aos casos da região de abrangência da Supervisão Regional de Assistência Social Sé.

4.6. Metodologia:

O serviço funciona Ininterrupto, 24 (vinte e quatro) horas diárias.

Esse serviço promove o fortalecimento bio-psico-social e econômico das pessoas vinculadas. Por meio de oferta de acolhida e convívio social na perspectiva de reconstituição de vínculos e desenvolvimento de capacidades e habilidades. As ações focais se contemplam por meio de Elaboraões de Planos de Atendimento e de práticas em equipe. Orientar a construção de políticas públicas de inclusão social e de combate às desigualdades para a população T, primando pela intersectorialidade e transversalidade na proposição e implementação dessas políticas. Promover os direitos fundamentais da inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, dispostos no art. 5º da Constituição Federal. Promover os direitos sociais, especialmente em situação de risco social e exposição à violência. Combater o estigma e a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero.

Deve garantir a proteção social, por meio de conjuntos articulados de ações, que perpassam pela segurança de acolhimento institucional, da articulação da rede socioassistencial garantido a inclusão dessa população em serviços/programa/projetos, da inclusão no CADÚnico, inclusão em programas garantido de forma integrada, com as demais políticas públicas a inclusão na rede formal de ensino, no serviço de saúde, atenção básica, saúde mental e em curso de requalificação profissional com a garantia da empregabilidade aos responsáveis.

Essa metodologia exige a definição das especificidades e das responsabilidades dos diversos órgãos envolvidos, tanto os governamentais como os não governamentais, para determinar a hegemonia no direcionamento das ações. As reuniões sistemáticas e periódicas se constituem em ferramentas que permitem uma atuação compartilhada por todos resultados efetivos.

Ressaltamos que as ações serão desenvolvidas neste serviço de forma integrada as demais políticas públicas, essa integração deverá proporcionar a promoção de direitos e impactos efetivos e eficazes, para que de forma mais autônoma a população atendida construa saídas alternativas.

O desenvolvimento das atividades devesse respeitar as características dessas conviventes as forma e modos de agir de cada pessoa, valorizando a

historia individual e social de cada uma, em consonância com o fomento a convivência pacífica, aos limites necessários à preservação do respeito a si e a outrem, e de forma a estabelecer relações sociais e harmoniosas, produtivas e de preservação ao espaço e equipamentos do serviço. A execução do trabalho deverá ser processual, numa relação dinâmica, contínua e dialógica, proporcionando a participação do sujeito na construção de um projeto de vida ética, político e coletivo.

Deverá criar ofertas diversificadas, que possibilitem a essas pessoas, o retorno ao mundo sócio-familiar e afetivo, do trabalho, dos direitos e da cidadania. O foco se constitui no fortalecimento dos vínculos, comunitários e sociais, na defesa dos direitos, no fortalecimento das potencialidades e na prática dos valores dos cidadãos.

A luta pela garantia da cidadania de uma população em estado de vulnerabilidade social num cenário macrossocial privatista e conservador requer ações de visibilidade e publicidade. Os órgãos estatais e de prefeituras trabalham com números e estatísticas, além da representatividade pública dos fenômenos. Assim sendo, campanhas, eventos, e articulações midiáticas podem ser pensadas e articuladas em conjunto de equipe para evidenciar o trabalho social.

Neste conjunto de ações também se contemplam diálogo com a academia. Isto é, fomentar discussões por meio de promoções de palestras em espaços aberto à comunidade e até mesmo a representação dentro do espaço de universidade, pode reverberar estratégias de parcerias institucionais. Representar o Centro de Acolhida Florescer e evidenciar seu trabalho constitui-se como prática e mobilização social do espaço. A assistência social e a Psicologia têm muito a representar, neste sentido. Levar essas discussões ao espaço acadêmico pode trazer parcerias à instituição

As ofertas do serviço deverão ser executadas por profissionais capacitados, por meio de atividades socioeducativas que compreendem o desenvolvimento integral do cidadão, garantindo a defesa e afirmação dos direitos, inclusão social, desenvolvimento do protagonismo e da autonomia

individual e coletiva. A grade de atividade socioeducativa deverá ser pautada nos seguintes eixos:

- Acolhida / recepção;
- Auto-cuidado;
- Benefício Assistenciais;
- Saúde;
- Mercado de trabalho
- Convivo / Sociabilidades / Atividades culturais / esportivas;
- Direitos e Cidadania;

A SMADS deverá juntamente com os executores desse projeto, manter a qualificação e formação continuada de todos os profissionais atuantes no mesmo.

Grade de Atividades

Atividades	Objetivos	Dias de Funcionamento Carga Horária	Responsáveis	Participação
1. Acolhida/ Escuta	Recepcionar, esclarecendo e orientando os direitos, deveres e funcionamento do Centro de Acolhida.	Diário – sempre que necessário	Orientador e Equipe técnica	Todas
2. Atendimento	<p>Iniciar o preenchimento do PIA, estabelecer metas, intervenções e encaminhamentos de acordo com as demandas;</p> <p>Avaliação mensal continuada para saída qualificada;</p> <p>Acompanhamento individual dos casos;</p> <p>Desenvolver grupos;</p> <p>Encaminhamento para CRAS / Centro POP,</p>	Diário – sempre que necessário	Equipe técnica	Todas

	Rede de Ensino, Saúde, Trabalho, curso profissionalizante, documentação e apoio Jurídico;			
3. Discussão de Caso	Discutir em Equipe interdisciplinar os casos acompanhados;	Semanal – 2h Mensal – 3h	Equipe técnica Equipe técnica e Orientador/Socio Educativo	-
4. Reunião de Equipe	Alinhar a rotina de funcionamento do Serviço e organização da rotina, dentre outros com reuniões gerais, equipe de orientadores, operacionais e cozinheiras, e equipe técnica;	Mensal – 4h	Gerente de Serviço	-
5. Grupo de Saúde	Discutir e refletir temas específicos de saúde e Estimular autocuidado; Tratar de assuntos de Gênero.	Esporadicamente – 2h	Com convidados da saúde	Todas
6. Grupo de Oportunidades	Desenvolver as potencialidades artísticas cognitivas e habilidades; Criatividades; Interação; Coletividade; Projeto de vida	Quinzenal - 1h30min	Orientador Socioeducativo	Todas
7. Grupo AVD	Convivência; Mediação de conflito; Cidadania – Direitos e Deveres; Higiene e Limpeza; Motivacional; Orientação Profissional; Gênero/Diversidade;	Quinzenal - 1h30min	Equipe técnica	Todas
8. Processo de	Acompanhar a família no seu processo de			

saída.	autonomia na busca de recursos que correspondam as necessidades. (aluguel, moveis, transporte e etc.) E dando suporte sempre que necessário durante 6 meses.	Sempre necessário	Equipe técnica	Todas
9. Roda de conversa	Orientação sobre a demandas do cotidiano	Semanal -1h	Orientador Socioeducativo	Todas
10. Oficinas Culinária Artesanato Beleza	Despertar o interesse pelo trabalho manual. Estimular o desenvolvimento de habilidades, potencialidades e sociabilidade.	Semanais – 2h	Orientador Socioeducativo Oficineiro Voluntario Equipe Psicossocial	Todas
11. Datas Comemorativas	Comemorar os aniversariantes do mês e/ou datas festivas; Buscar elevar a auto-estima; Propiciar espaço de descontração.	Mensal – 2h à 4h	Equipe técnica Orientador Socioeducativo	Todas
12. Assembléia / Geral – antil	Discutir assuntos específicos do Serviço: situações internas, sugestões das famílias, divulgação de oportunidade (cursos, programas sociais, trabalho, etc.); Estimular a participação em atividades internas e externas.	Mensal – 2h	Equipe técnica	Todas
13. Grupo de Entretenimento	- Favorecer a integração e relacionamento interpessoal; - Propor espaço para	Semanal – 2h	Equipe técnica	Todas

Cinema	lazer através de atividades esportivas, música, vídeos, jogos e teatro.		Orientador Socioeducativo	
14. Passeios Culturais	Despertar o interesse pelas diversas formas de cultura; Visitar pontos turísticos de São Paulo. Realizar a inclusão sociocultural das famílias.	Mensal – 3h	Equipe técnica Orientador Socioeducativo	Todas
15. Formação Continuada com Profissionais	Desenvolver um processo de formação continuada na perspectiva de discernimento e estruturação das potencialidades profissionais no âmbito do trabalho com Famílias com histórico de situação de rua.	Mensal – 2h	Gerente de serviços com a Equipe técnica	Funcionários

4.7 Metas:

Temos a capacidade de atendimento em média de 50 pessoas mensais

Nº no plano de ação: 30
Nome: Mulheres Transexuais
Nº de atendimentos a serem realizados por ano: 30
Nº de usuários a serem atendidos por ano: 30

4.8. Impacto Social Esperado:

Trabalho social e socioeducativo a ser desenvolvido

Tem a finalidade de assegurar acompanhamento especializado com atividades direcionadas para o desenvolvimento de sociabilidades, resgate, fortalecimento e reconstrução de novos vínculos interpessoais e ou familiares, tendo em vista a

construção de novos projetos e trajetórias de vida, que viabilizem o processo de saída. As atividades deverão estar voltadas para promoção de vivências que favoreçam o alcance de autonomia, estimulando, além disso, a mobilização e a participação, convívio grupal, social e o desenvolvimento de relações de solidariedade, afetividade e respeito. O serviço deve dispor de registro próprio dos dados das atendidas, visando um melhor desenvolvimento do trabalho social. Quando necessário deverá promover também o acesso à documentação pessoal.

O trabalho técnico visa ofertar análise da demanda , acompanhamento especializado e trabalho articulado com a rede socioassistencial e prioritariamente com a Saúde/Educação/Habitação/Trabalho e das demais políticas públicas e órgãos de defesa de direitos, de modo a contribuir para a inserção social e proteção social para as famílias atendidas. Para materialização deste trabalho se faz necessária à construção e acompanhamento do Plano Individual de Atendimento – PIA.

4.9. Instrumentos de Monitoramento de Desenvolvimento do Serviço junto aos Usuários:

1. Ficha de acolhimento
2. Regimento Interno
3. Ficha cadastral
4. Plano Individual de Atendimento – PIA
5. Relatórios
6. Sistema de Informação e Atendimento aos Usuários - SISA
7. Livros de Registros;
8. Controle de Presença;
9. Declaração de Endereço;
10. Encaminhamentos;
11. Plano de Ação do Trabalho Técnico;

- 12. Relatório de Atividades Socioeducativa;
- 13. Controle de Entrega de Produto de Higiene e Limpeza;
- 14. Avaliação continuada

4.10. Recursos financeiros a serem utilizados

Pessoa Jurídica %	Pessoa Física %	Verbas Públicas %
0%	0%	100%

4.11. Infraestrutura

Itens	Quantidade
Almoxarifado	5
Banheiros	8
Biblioteca	1
Copa-Cozinha	1
Enfermaria	0
Espaço para animais de estimação	0
Espaço para Guarda de pertences	1
Instalações Elétrica e Hidráulica	3 caixa energia e 02 caixa de água
Jardim/Parque	1
Lavanderia	1
Quadras esportivas	1
Quartos coletivos	4
Quartos individuais	0
Recepção	1
Refeitório	1
Sala de Atendimento em Grupo/ Atividades Comunitárias	1
Sala de atendimento individual	2
Sala de Repouso	0
Salas exclusivas para administração, coordenação e equipe técnica.	3

Vestuário	1
Sala de Material Pedagógico	0

4.12. Recursos Humanos Envolvidos

Função	Formação	Vínculo	Nível de escolaridade	Carga Horária
Gerente de Serviço	Serviço Social	CLT	Superior completo	40 horas
Técnico Psicólogo	Psicologia	CLT	Superior completo	40 horas
Técnico Assistente Social	Serviço Social	CLT	Superior completo	30 horas
Orientador Socioeducativo Diurno - 05	Nenhuma	CLT	Ensino médio Completo	12x36
Orientador Socioeducativo Noturno - 03	Nenhuma	CLT	Ensino médio Completo	12x36
Cozinheiro - 02	Nenhuma	CLT	Ensino Fundamental completo	12x36
Agente Operacional para cozinha -04	Nenhuma	CLT	Ensino Fundamental incompleto	12x36
Agente Operacional para Limpeza	Nenhuma	CLT	Ensino Fundamental incompleto	12x36/ 40 horas
Estagiários - 5	Psicologia	Voluntário	Superior Incompleto	

4.13. Articulação com a Rede para Execução do Serviço Oferecido:

Considerando o princípio da intersetorialidade e a perspectiva de completude das políticas públicas, para alcançar o objetivo de promover a autonomia e o protagonismo por meio do acolhimento e da atenção às famílias e indivíduos atendidos é fundamental a articulação e consolidação de uma rede integrada de

proteção que promova ações intersetoriais planejadas de acordo com as necessidades de cada uma das atendidos e das especificidades do território em que estão inseridos.

As situações das pessoas transexuais em situação de vulnerabilidade são heterogêneas e suas questões apresentam enorme complexidade. Assim, nenhuma ação isolada teria a possibilidade de abranger e esgotar a variedade de aspectos que esse grupo apresenta já que suas necessidades são compostas de aspectos multidimensionais. Sendo assim, o atendimento prestado a este grupo deve ser tendo em vista a integração das ações tanto da Assistência Social quanto de outras políticas em acordo com as realidades que se apresentam.

Tem sido um desafio enfrentado diariamente o trabalho integrado com outras políticas, principalmente com as Políticas de Saúde, Habitação e Trabalho. Nesse sentido se faz necessário à implementação de protocolos e fluxos intersetoriais que venham favorecer o atendimento dessa população por outras políticas em conjunto com a Assistência Social. É vital para a eficácia das ações, compartilhar responsabilidades no atendimento das demandas sociais desse grupo. Com uma visão global sobre o sujeito a ser atendido promove-se articulações possibilitando a construção de novas estratégias e respostas.

Rede Socioassistencial

Dependendo da estruturação da política de assistência social no território, a supervisão do serviço de acolhimento institucional para transexuais e indivíduos em situação de rua poderá ocorrer por meio do Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS ou do Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – Centros Pop.

Objetivando um trabalho abrangente e integrado na garantia de direitos socioassistenciais é imprescindível à articulação destes serviços com as demais unidades de assistência social, diretas (Centro de Referência de Assistência Social – CRAS) ou indireta (demais serviços conveniados) com acesso prioritário aos programas, serviços (Centro para Criança e Adolescente - CCA, Centro para Juventude - CJ, Centro de Desenvolvimento Social e Produtivo para Adolescentes, Jovens e Adultos - CEDESP,

Núcleo de Apoio à Inclusão Social para Pessoas com Deficiência – NAISPD, etc.) e benefícios (bolsa família, renda mínima, etc.).

Saúde

Encontram-se pessoas com demanda de saúde, que podem estar relacionadas ao contexto de insegurança e insalubridade a que estão expostas cotidianamente, ou decorrerem de doenças crônicas, que necessitam muitas vezes de pronto atendimento e de acompanhamento posterior. O mesmo ocorre nos casos de transtornos, uso de álcool e drogas que pessoas nas ruas estão cometidas e que sem tratamento/acompanhamento médico, muitas vezes nem aceitam o acolhimento. Faz-se necessário a devida articulação formal entre a rede de saúde de atenção básica e de saúde mental e Assistência Social.

O Decreto nº 53.795 de 25 de março de 2013 institui o Comitê Intersetorial da Política Municipal para a População em Situação de Rua – Comitê Pop Rua, coordenado pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania; entre suas atribuições está “assegurar a articulação intersectorial dos programas, ações e serviços municipais para o atendimento da população em situação de rua”, e “assegurar o amplo acesso, simplificado e seguro da população em situação de rua aos serviços e programas que integram as políticas públicas de saúde, educação, previdência, assistência social, moradia, segurança, cultura, esporte e lazer, trabalho e renda”.

Educação

Estabelecer articulação com as unidades de educação do território, a fim de promover o direito ao acesso à educação e o retorno à escolarização formal aos adultos, há também a possibilidade de inserir as famílias e indivíduos em programas específicos da educação, como o CIEJA que visa à conclusão do ensino fundamental.

Habitação

A mesma articulação e construção de fluxos e protocolos deve-se dar com a Política de Habitação, tendo em vista tratar-se de público que não dispõe de moradia convencional.

As pessoas em situação de rua devem “ter a oportunidade de serem encaminhadas para a inserção em programas inerentes a esta política, como parte de

um processo de saída da situação de rua, que envolva a articulação também com os serviços de acolhimento, quando for o caso” (BRASIL, 2011).

Trabalho

A articulação com as ações da política de geração de trabalho e renda pode contribuir, para a construção concreta de possibilidades de saída da situação de ruas. Assim deve-se manter articulação com os diversos recursos dessa política, como programas que ofertem preparação/capacitação profissional, projetos de inclusão produtiva, cooperativas sociais, agências de encaminhamento para postos de trabalho, dentre outros.

Cultura, Esporte e Lazer

Para assegurar a garantia de direitos, da convivência comunitária e o exercício da cidadania, deve-se estabelecer a articulação no território com os demais serviços das demais políticas públicas: Cultura, Esporte e Lazer, dentre outras, e da mesma forma com a rede privada, considerando além dos direitos, as necessidades, interesses e potencialidades das pessoas atendidas.

4.14. Detalhamento das Atividades de Capacitação dos Trabalhadores

Processo de Formação continuada contemplando todos os profissionais da equipe (Técnica, Orientadores Socioeducativos, Cozinheiras e Operacionais), organizada a partir das experiências vividas no contexto do trabalho e da relação com as conviventes.

Os encontros são realizados mensalmente, num período de 4h para toda equipe e semanalmente por equipes período 1 hora.

Tendo em vista especificidades de cada segmento profissional, os encontros são intercalados, contemplando grupo específico de Operacionais e Cozinheiras e grupo de Orientadores Socioeducativos, bem como, coletivo, englobando toda equipe/plantão.

Participação em todas as capacitações da SMADS, CROPH a fim de fortalecer.

4.15. Abrangência Territorial

Prioritariamente travestis e transexuais encontradas em situação de vulnerabilidade social na área de abrangência da SAS Sé / ou em território Municipal.

SÃO PAULO, 25 DE ABRIL DE 2017

Mulheres Transexuais

Rua Prates, 1101- A, Bom Retiro -SP- Fone: 3228 0502 - e-mail: cadiversidade@gmail.com

ANEXO B – AUTORIZAÇÃO PLATAFORMA BRASIL

USP - ESCOLA DE ARTES,
CIÊNCIAS E HUMANIDADES
DA UNIVERSIDADE DE SÃO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Políticas Públicas em São Paulo: lazer e turismo como instrumento de inserção social de travestis em situação vulnerável.

Pesquisador: FLAVIO DAIJI KISHIGAMI

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 03962818.1.0000.5390

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.074.873

Apresentação do Projeto:

Este estudo será elaborado por intermédio da combinação de pesquisa bibliográfica, documental e empírica, introduzindo o pesquisador no grupo investigado. O trabalho de campo procurará observar a prática do turismo e lazer que tenham relação com as políticas públicas voltadas para as travestis e transexuais em situação de vulnerabilidade no município de São Paulo. Para instrumentalizar a pesquisa, serão adotadas as seguintes técnicas:

- i) Pesquisa bibliográfica: levantamento de obras relativas ao lazer e ao turismo de experimentos que ocorreram no Brasil e obras relacionadas a corporalidade e a sexualidade. Estudos que essencialmente objetivam um propósito social, educativo e cultural. Segundo Gil (1991), a vantagem da pesquisa bibliográfica é permitir um maior alcance do fenômeno estudado, principalmente se o problema da pesquisa possui dados geograficamente dispersos. "Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários" (GIL, 1991, pág. 50);
- ii) Pesquisa documental: tratamento analítico dos documentos relativos às políticas públicas que possuem ligação direta com as ações de lazer e turismo voltadas para as travestis e transexuais (TT's) em situação de vulnerabilidade, que podem ser reelaborados de acordo com o objetivo da pesquisa (GIL, 1991).
- iii) para a pesquisa empírica:

Endereço: Av. Arlindo Bettio, nº 1000

Bairro: Ermelino Matarazzo

UF: SP

Município: SAO PAULO

CEP: 03.828-000

Telefone: (11)3091-1046

E-mail: cep-each@usp.br

USP - ESCOLA DE ARTES,
CIÊNCIAS E HUMANIDADES
DA UNIVERSIDADE DE SÃO

Continuação do Parecer: 3.074.873

a) entrevista semiestruturada: dialogar com as profissionais que estão diretamente ligadas ao desenvolvimento e a prática das ações de lazer e turismo social atreladas às políticas públicas direcionadas às TT's vulneráveis.

b) entrevista centrada: dialogar com as mulheres travestis ou transexuais, que foram atendidas por uma ou mais políticas públicas que envolveram ações da prática de lazer e turismo.

Critério de inclusão: a entrevistada deve necessariamente ter vivido uma situação de vulnerabilidade social antes de vivenciar essas intervenções e hoje possuir um trabalho formal e autonomia econômica. Os dados serão analisados por meio da triangulação de métodos: 1 – avaliação aplicada a programas, projetos, disciplinas, entre outros.; 2 – coleta de dados e 3 – análise de informações coletadas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral:

- analisar de que forma o lazer e o turismo podem ser pensados como forma de inserção social das travestis e transexuais marginalizadas e vulnerabilizadas.

Objetivos secundários:

a) identificar quais as ações de lazer e turismo desenvolvidas como um instrumento de resgate e inserção social das TT's vulnerabilizadas.

b) analisar quais são os elementos pensados e desenvolvidos nas diferentes ações desenvolvidas.

b) subsidiar a discussão do lazer e o turismo, enquanto inserção social, sob a perspectiva do grupo atendido, discutindo os possíveis avanços e limites das ações desenvolvidas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O benefício relacionado à participação será o de aumentar o conhecimento científico para as áreas das Ciências Sociais, Turismo, Geografia e de outras áreas interessadas em compreender a relação entre a população travesti de São Paulo, o acesso do participante aos espaços públicos da cidade e as políticas públicas voltadas para esse grupo social.

Esta pesquisa pode envolver risco de constrangimento ou risco de dano emocional por razão de alguma pergunta feita durante a entrevista.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A relevância da pesquisa consiste em abordar as travestis e transexuais como participantes de conhecimento e não apenas como geradores de dados. Pesquisa relevante para a área de Ciências sociais.

Endereço: Av. Arlindo Bettio, nº 1000

Bairro: Ermelino Matarazzo

CEP: 03.828-000

UF: SP

Município: SÃO PAULO

Telefone: (11)3091-1046

E-mail: cep-each@usp.br

USP - ESCOLA DE ARTES,
CIÊNCIAS E HUMANIDADES
DA UNIVERSIDADE DE SÃO

Continuação do Parecer: 3.074.873

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos estão de acordo com a Resolução 466/2012 relacionado à Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde e estão anexados na Plataforma Brasil.

Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Parecer aprovado, pois os termos estão de acordo com a Resolução 466/2012 relacionado à Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde e estão anexados na Plataforma Brasil.

Considerações Finais a critério do CEP:

Parecer aprovado, pois os termos estão de acordo com a Resolução 466/2012 relacionado à Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde e estão anexados na Plataforma Brasil.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1269731.pdf	03/12/2018 16:17:42		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TLCE.docx	03/12/2018 16:17:02	FLAVIO DAIJI KISHIGAMI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.pdf	03/12/2018 16:16:47	FLAVIO DAIJI KISHIGAMI	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	03/12/2018 16:16:21	FLAVIO DAIJI KISHIGAMI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Arlindo Bettio, nº 1000
Bairro: Ermelino Matarazzo CEP: 03.828-000
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3091-1046 E-mail: cep-each@usp.br

USP - ESCOLA DE ARTES,
CIÊNCIAS E HUMANIDADES
DA UNIVERSIDADE DE SÃO

Continuação do Parecer: 3.074.873

SAO PAULO, 11 de Dezembro de 2018

Assinado por:

Beatriz Aparecida Ozello Gutierrez
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Arlindo Bettio, nº 1000

Bairro: Ermelino Matarazzo

CEP: 03.828-000

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-1046

E-mail: cep-each@usp.br

ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você foi selecionada e está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada “**O corpo travesti: a ocupação do espaço turístico de São Paulo como forma de reinserção social**”.

Meu nome é **Flávio Daiji Kishigami**, sou mestrando no **Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de São Paulo (USP)** e esta pesquisa está sob orientação do Prof. Dr. Edmur Antonio Stoppa.

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em **duas vias** de igual teor. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

Em caso de **dúvida sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato comigo pelo e-mail **kishigami@ifsp.edu.br** ou pelo telefone **(11) 99357-4557**. Você será **esclarecida** sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar.

O **objetivo** desta pesquisa é estudar o acesso e ocupação dos espaços turísticos da cidade de São Paulo por parte de mulheres travestis que estavam em situação de vulnerabilidade social, através das políticas públicas do município voltadas para essa população e como essas experiências nesses lugares influenciaram de forma positiva a resignificação do corpo e da vivência travesti.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em relatar sua biografia, direcionadas com perguntas motivadoras realizadas pelo pesquisador, **numa técnica chamada história de vida**. A entrevista não tem um tempo de duração determinada, pois dependerá do que você está disposta a falar sobre suas experiências, podendo ser dividida em quantos encontros forem necessários ou possíveis, de acordo com sua disponibilidade; é de grande valor para essa pesquisa caso você se dispuser a apresentar outros registros ao pesquisador para colaborar com o seu relato, como fotos e documentos, por exemplo. A entrevista será gravada para posterior transcrição e após a transcrição, as suas vivências serão organizadas de acordo com a sua narrativa e serão apresentadas a você para validá-las.

Sua participação é **voluntária**, isto é, você não terá **nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras** por participar desta pesquisa.

O **benefício** relacionado à sua participação será o de aumentar o conhecimento científico para as áreas das Ciências Sociais, Turismo, Geografia e de outras áreas interessadas em compreender a relação entre a população travesti de São Paulo, o seu acesso aos espaços públicos da cidade e as políticas públicas voltadas para esse grupo social.

Toda pesquisa possui riscos mínimos potenciais. Esta pesquisa pode envolver risco de constrangimento ou risco de dano emocional por razão de alguma pergunta feita durante a entrevista, portanto, a qualquer momento você poderá **recusar-se** a responder qualquer pergunta ou **desistir** de participar e **retirar seu consentimento**. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição na qual você trabalha.

A pesquisa terá **duração** de 6 meses, com o término previsto para novembro de 2018. O pesquisador se compromete a deixar uma **cópia do resultado final** da pesquisa para você, caso se interesse.

Você pode **permitir ou não permitir** o uso de seu nome ou material que **identifique sua participação** nesta pesquisa, assinalando uma das opções abaixo:

- ☐ Permito ser identificado como participante desta pesquisa.
- ☐ Permito que apenas as iniciais do meu nome apareçam nesta pesquisa.
- ☐ Não permito ser identificado nesta pesquisa, solicitando que meu nome seja substituído por outro, de forma aleatória.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento. Recebi uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

São Paulo, _____ de _____ de 2018.

Participante da pesquisa

Assinatura: _____

Responsável pela pesquisa

Assinatura: _____

Impressão Digital: